

Itaytera

NÚMERO 26

ANO 1982

"FENELON BOMILCAR DA CUNHA, descendente dos famosos Pereira da Cunha, estabelecidos no fim do Século 17 no Boqueirão do baixo-Jaguaribe... era filho de João da Cunha Pereira, por autonomasia, João Branco e sua mulher, não tendo o cognome Bomilcar nenhuma significação genealógica, sendo adotado por Fenelon consoante a moda do seu tempo" (Hugo Victor Guimarães, in "Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará").

"O Partido Liberal sofreu um rude golpe, perdendo esse lidador incansável, fiel e paciente. Como homem de Província, era um dos mais notáveis da atualidade. Escrevia primorosamente e reunia a um estilo elegante e corretíssimo, um propósito admirável, bom senso e critério nunca desmentido" (Gazeta do Norte, Fortaleza, Julho de 1884).

FENELON BOMILCAR DA CUNHA

N. 04.06.1836

F. 07.07.1884

"Homem sóbrio, de fé e de cultura
Jornalista e poeta comedido
Exemplo de honradéz e compostura
Viveu e quiz viver como esquecido"

(Lápide no túmulo desse ilustre filho do Crato, no
Cemitério S. João Batista, em Fortaleza)

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI • CRATO - CEARÁ

AGRADECIMENTO

Tomaram possível a presente edição de
ITAYTERA as empresas, Bancos
e repartições abaixo relacionadas,
às quais externamos nosso sincero
agradecimento :

Banco do Brasil S/A

Banco do Nordeste do Brasil S/A

Prefeitura Municipal do Crato

Superintendência de Desenvolvimento do Ceará - SUDEC

Cia. Açucareira Vale do Salamanca - AÇUSA

ITAYTERA

ORGÃO OFICIAL DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Nº 26

— CRATO - CEARA —

1982

Presidente do ICC: Prof. Plácido Cidade Nuvens

Diretor de ITAYTERA: J. Lindemberg de Aquino

Redação: Praça Juarez Távora, 950 — CEP 63.100 — CRATO (CE).

Os artigos, estudos e conceitos aqui publicados são de responsabilidade dos autores.

Aceita-se permuta com publicações congêneres.

Os originais não serão devolvidos.

DIRETORIA DO ICC

Período de Outubro de 80 a Outubro de 82

Presidente	— Plácido Cidade Nuvens
Vice Presidente	— Vago
Secretário Geral	— José Huberto Tavares de Oliveira
Secretário	— Jurandy Temóteo de Souza
Tesoureiro	— Antônio Correia Coelho

Comissão da Revista ITAYTERA

J. Lindemberg de Aquino
F. Huberto Esmeraldo Cabral
Raimundo de Oliveira Borges
José Peixoto de Alencar Cortez

Comissão de Ciências, Letras e Artes

Eloi Teles de Moraes
Eneas Fernandes Braga Vieira
Pe. Antônio Teodósio Nunes
Rônal de Figueiredo Albuquerque

Comissão de Sindicâncias

Bernardina V. Alencar Costa
José Vanderley Landim
Jósio de Alencar Araripe
Antônio Nirson Monteiro

CADEIRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

SECÇÃO DE LETRAS

- Nº 1 — PATRONO — Pe. José Antônio Maria Ibiapina
OCUPANTE: João Lindemberg de Aquino
- Nº 2 — PATRONO — Bruno de Menezes
OCUPANTE: Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- Nº 3 — PATRONO — José Alves de Figueiredo
OCUPANTE: Pe. Nery Feitosa
- Nº 4 — PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar
OCUPANTE: Edméia Arraes de Alencar
- Nº 5 — PATRONO — Mons. Pedro Esmeraldo da Silva
OCUPANTE: Vaga
- Nº 6 — PATRONO — Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
OCUPANTE: Pe. Antônio Gomes de Araujo
- Nº 7 — PATRONO — Antônio Barbosa de Freitas
OCUPANTE: Vaga
- Nº 8 — PATRONO — Álvaro Bomilcar da Cunha
OCUPANTE: Dr. José Newton A. de Souza
- Nº 9 — PATRONO — Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE: Prof. Rubens Gondim Lóssio
- Nº 10 — PATRONO — Pe. Emidio Leite Cabral
OCUPANTE: Tomé Cabral dos Santos
- Nº 11 — PATRONO — Raimundo Gomes de Matos
OCUPANTE: Pedro Gomes de Matos
- Nº 12 — PATRONO — Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE: Gen. Raimundo Teles Pinheiro
- Nº 13 — PATRONO — Dr. Otacilio Macedo
OCUPANTE: Dr. Cláudio Martins
- Nº 14 — PATRONO — Manoel Rodrigues Monteiro
OCUPANTE: Francisco de Souza Nascimento
- Nº 15 — PATRONO — Dr. Leandro Chaves de Melo Ratisbona
OCUPANTE: Gen. Joaquim Pinheiro Monteiro
- Nº 16 — PATRONO — Pe. Francisco Pitta
OCUPANTE: Aécio Feitosa
- Nº 17 — PATRONO — João Brigido dos Santos
OCUPANTE: Nertan Macedo de Alcântara
- Nº 18 — PATRONO — Raimundo de Monte Arraes
OCUPANTE: Vaga
- Nº 19 — PATRONO — José Alves de Figueiredo Filho
OCUPANTE: Mozart Soriano Aderaldo
- Nº 20 — PATRONO — Senador José Martiniano de Alencar
OCUPANTE: Vaga

SECÇÃO DE CIÊNCIAS

- Nº 1 — PATRONO — Dr. Barreto Sampaio
OCUPANTE: Dr. Napoleão Tavares Neves

MAIS UM NUMERO DE "ITAYTERA"

Circula mais um número de ITAYTERA.

A luta, iniciada pelo Instituto Cultural do Cariri, vem tendo continuidade, não obstante as mais variadas dificuldades, de toda ordem, a começar financeiras, pelas quais passa a nossa instituição cultural.

Cremos ser desnecessário dizer-se, por ser óbvio, como é difícil manter uma entidade de cultura no interior do Estado, notadamente quando este Estado é pobre como o nosso.

É se difícil é manter a entidade, mais difícil manter o órgão oficial dessa mesma entidade, do porte da nossa revista ITAYTERA.

Atingindo o vigésimo sexto número, ela mantém o mesmo volume dos anos anteriores e opulenta-se com rica e variada colaboração, documenta fatos, valoriza o folclore, difunde os poetas, enaltece os estudiosos da nossa história e, enfim, cumpre, fielmente, a sua missão.

Há quase um decênio perdemos o nosso inolvidável líder, prof. J. de Figueiredo Filho, que era alma e espírito de nossa revista.

Mas ITAYTERA sobrepujou todas as dificuldades e continuou a jornada, vencendo os óbices naturais e assinando, a cada ano, mais uma expressiva vitória, pelo reconhecimento obtido em todos os segmentos culturais da Nação, onde ela chega e é bem recebida e exaltada.

Isso é gratificante para nós.

Estimula-nos para continuar a luta iniciada em 1955, quando saiu o primeiro número.

Se os recursos são poucos, temos recorrido, sem constrangimento, aos empresários, aos Bancos, aos administradores, aos amigos, a todos, enfim, para que, com a ajuda de cada um,

não falte a base financeira para que a revista não morra.

Causa extrenheza, certamente, uma revista do porte da nossa, com finalidades culturais, abrigar em suas páginas anúncios comerciais.

Outra não poderia ser a saída, nestes tempos difíceis, para a sobrevivência da ITAYTERA, que não é custeada na sua publicação, pela Imprensa Oficial do Estado, Universidade Federal ou outro órgão público. Se não gozamos dessas benesses o caminho a seguir tem sido este, sem prejuízo naturalmente, das finalidades da publicação.

Não perde a ITAYTERA o seu valor, por ver, em meio aos estudos e matérias de relevante interesse, que publica, a divulgação de mensagens comerciais, antes, sim, mostra a consciência cívica da comunidade, que vem sendo, paulatinamente, despertada para acudir às iniciativas de ordem intelectual, tão necessárias ao nosso embasamento cultural.

Resta-nos, tão somente, agradecer a esses comerciantes e industriais, às classes liberais, instituições bancárias e agentes do poder público, o apoio demonstrado para com ITAYTERA.

De nossa parte, mantemos acesa a chama, numa caminhada que já vai se aproximando do terceiro decênio.

ITAYTERA é assim.

Como fênix, que se reaviva e renasce a cada ano, mais vigorosa e atuante, em benefício da documentação histórica e literária da região.

Outro não poderia ser o seu destino. Outra não poderia ser sua missão.

Malgrado os problemas e dificuldades, vamos vencendo e nos impondo, na observância fiel das finalidades para as quais a revista foi criada.

1.º Ano do BNB em Crato

O BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S. A., entidade criada por força da Lei nº 1.649, de 19 de julho de 1952, estará brevemente comemorando seus 30 anos de constituição.

A frase eleita como slogan foi a seguinte: "A ORDEM É PROMOVER O PROGRESSO". Isto vem sendo alcançado em decorrência da participação do BNB em todos os setores da economia nordestina.

Com efeito, no final de dezembro de 1981, o saldo das aplicações do BNB era de Cr\$ 260,2 bilhões de cruzeiros, verificando-se um incremento nominal de 147,9%, equivalente, em termos reais, a 27%, descontada a taxa de inflação de 95,2% no ano de 1981.

Cada dia que passa a presença do BNB na Região vai-se intensificando com a expansão das atividades das agências já instaladas, como é o caso da do Crato, e de outras que entrarão em funcionamento no final do primeiro semestre do ano em curso, quando devemos contar com 145 unidades operadoras e 30 postos avançados de crédito rural.

Esta nova mas pujante unidade operadora, que chegou ao Crato em 20 de março 1981, inaugurada festivamente com a presença das mais altas autoridades do nosso Estado, pertence ao terceiro maior Banco do País em volume de empréstimo, superado apenas pelo Banco do Brasil e o BANESPA.

Sabem os senhores que esta Agência fora criada em decorrência, sobretudo, de exaustivo trabalho de influentes líderes locais, alguns deles aqui presentes, e de entidades de classe desta cidade, sonho acaalentado pelo menos há duas décadas.

A concretização desse ideal, permitam-me os senhores ressaltar, deve-se, também, à pertinácia do presidente do BNB Dr. Camilo Calazans de Magalhães — nordestino de alta visão administrativa — que não mediu esforços nem sacrifícios para que, como ressaltou em seu discurso de posse, fosse paga "à comunidade do Crato uma dívida há muito vencida".

Esta dívida, ressalta-se, fora paga com juros e correção monetária, graças aos resultados obtidos no primeiro ano de atividades da Agência, além das animadoras perspectivas de crescimento em futuro próximo, sem prejuízo, diga-se de passagem, do bom desempenho de sua co-irmã de Juazeiro do Norte.

Em apenas nove meses de funcionamento o lucro da Agência ultrapassava a casa de Cr\$ 32 milhões, superando as previsões mais otimistas.

Hoje, dia do seu primeiro aniversário, a posição é a seguinte:

- a) Créd. Rural .. Cr\$ 146,6 milhões
 - b) Créd. Ind. .. Cr\$ 84,8 milhões
 - c) Créd. Geral .. Cr\$ 181,7 milhões
- Cr\$ 413,1 milhões

Como se nota, a maior expansão ocorreu-se no sub-sistema de Crédito Geral, mediante o desconto de legítimos efeitos comerciais, onde se verificou intensa rotatividade de recursos.

O sub-sistema de Crédito Rural teve, também, expressivo incremento, com tendência a ultrapassar todas as demais linhas de crédito, dentro de curto lapso de tempo, em função da potencialidade da micro-região do Cariri onde a agropecuária pontifica como a atividade de maior expressão econômica. O posto Avançado de

Crédito Rural de Farias Brito, vinculado a esta Agência, apresentou bom desempenho e detém cerca de 20% das aplicações de crédito rural destinadas aos mini e pequenos produtores sediados naquele município.

O Crédito Industrial teve o menor crescimento, pois 70% das aplicações foram transferidas da nossa similar de Juazeiro do Norte. A pouca demanda foi um reflexo da crise que atingiu o setor secundário da economia no ano passado, como é do conhecimento geral.

Resultados dessa natureza levamos ao convencimento pleno de o BNB haver chegado aqui "de corpo e alma", como fora previsto, e recebido a franca acolhida de todos, mormente daqueles que desejam, com ardor, o desenvolvimento e o progresso desta tradicional e hospitaleira cidade do Crato.

Neste momento de intensa alegria para todos nós, agradecemos, de modo particular:

- ao Presidente Dr. Camilo Calazans — que por motivo superior não pôde aqui comparecer —, o apoio sempre recebido nos momentos mais difíceis;
- aos empresários e clientes — aqui representado pelo que há de mais expressivo —, pela participação

Um Cearense para a Academia Brasileira de Letras

cresce a cada dia o movimento em prol da candidatura do escritor cearense FRAN MARTINS à Academia Brasileira de Letras, na vaga aberta com o falecimento do outro grande cearense, o acadêmico R. Magalhães Júnior.

Fran Martins, descendente de tradicional família do Cariri, nasceu em Iguatu, é escritor de nomeada e professor universitário.

O ICC se regozija com esse fato.

ITAYTERA

nos negócios da Agência e lhanza de trato com que nos têm distinguido;

- à imprensa — sempre amiga e fidedigna — pelas informações difundidas sobre nossa atuação;
- aos nossos diletos funcionários e colaboradores na Administração da Agência —, pela dedicação, lealdade e amor ao trabalho;
- a DEUS — por nos haver dado forças para enfrentar com amor e coragem o labor cotidiano.

Por fim, agradecemos a presença de todos, esperando continuar trabalhando com vocês, lado a lado, de mãos dadas, pelo engrandecimento cada vez maior desta querida Agência que brevemente terá sua sede construída à Praça da Sé, no coração da Cidade.

Era o que tínhamos a dizer...

(Discurso pronunciado quando da solenidade comemorativa do 1º aniversário da Agência do BNB/Crato, em 20.03.82)

Instituto Cultural do Cariri

O poeta Batista de Lima, um dos fundadores de "O CATOLÉ" foi indicado por unanimidade para Sócio Correspondente do Instituto Cultural do Cariri. Os que fazemos "O Catolé" ficamos, realmente, orgulhosos. A vitória é nossa. É uma forma de prestigiar o nosso jornalzinho. O ICC foi, realmente, muito feliz na indicação.

O jornalista J. Lindemberg de Aquino envia o nº 25 da revista Itaytera. 25 anos cumprindo o seu grande destino: preservação do patrimônio histórico e documental na região cariariense. Nossa admiração a tanto entusiasmo, boa vontade e dedicação dos que fazem Itaytera que é, sem dúvida, o testemunho da riqueza cultural do Cariri e da fecundidade artística da região.

O CATOLÉ, Abril 1981

Vaga a Cadeira N.º 7 do Instituto Cultural do Cariri

A Diretoria do ICC considerou oficialmente vaga a Cadeira nº 7, da nossa instituição, com o falecimento do seu primeiro ocupante, Major Otacílio Anselmo e Silva, ocorrido em Fortaleza em 12 de Janeiro último.

Morre em Fortaleza Otacílio Anselmo

Faleceu, no dia 12 de Janeiro de 82, na capital cearense, o Major reformado do Exército, escritor e historiador, Otacílio Anselmo e Silva uma das mais luminosas inteligências cearenses. Residiu por muitos anos em Crato, onde foi dos fundadores do Instituto Cultural do Cariri e ocupava uma de suas cadeiras.

Otacílio Anselmo e Silva era natural de Brejo Santo, Ceará, onde nasceu a 11 de Dezembro de 1909 e residia à Rua Vicente Leite, 2360, Fortaleza. Foram seus pais João Anselmo e Silva e Josefina Magalhães Silva. O sepultamento foi realizado no Cemitério Parque da Paz.

Otacílio foi dos fundadores do Lions Club do Crato-Centro, ao lado de Quixadá Felício, Ernani Silva e outros.

No Crato residiu em duas casas: na esquina da José Carvalho com Rua Araripe, em frente ao Pe. Lauro e na

Rua Monsenhor Assis, quase esquina com Nelson Alencar.

Aqui se notabilizou logo com sua inteligência, tendo participado do programa de televisão mais famoso do País — "O CEU É O LIMITE", na TV Jornal do Comércio, do Recife, respondendo sobre a vida e a obra do Pe. Cícero, onde ganhou o grande prêmio. Todas as semanas saía do Crato com essa missão.

Otacílio Anselmo foi dos fundadores da revista Itaytera, onde escreveu substanciais trabalhos. Foi nela que publicou o seu estudo sobre a Revolução de 30, dela participando como integrante do 23 BC. Posteriormente, ampliou esse estudo e fez um livro.

Foi Otacílio Anselmo o autor do Livro, "Pe. Cícero, Mito e Realidade", de mais de 700 páginas, editado pela Livraria Civilização Brasileira. É a obra mais completa sobre a vida do Pe. Cícero. A Ação — 16.1.82

LEMBRANÇA DE OTACÍLIO ANSELMO

J. Lindemberg de Aquino

O lacônico comunicado de uma coluna de óbitos, no O POVO, me trouxe a notícia do desaparecimento de Otacílio Anselmo e Silva, na edição do dia 12.01.82. Embora já o esperasse, pela doença que há muito tempo o prendia ao leito, em casa, a notícia foi surpresa. Se os amigos comuns, como o general Teles e o F. S. Nascimento me tivessem avisado a tempo, teria ido, inclusive acompanhar o amigo morto até aos umbrais da última morada.

A minha amizade com Otacílio Anselmo vinha dos anos 50, quando foi

fundado o Instituto Cultural do Cariri e ele foi dos pioneiros, ao lado de tantos outros desaparecidos, como Irineu Pinheiro, Duarte Júnior, Celso Gomes de Matos...

Militar, cheio de vida, de cintilante inteligência, redatoriu a Itaytera e foi fundador, também, do Lions Club do Crato. Era de uma palestra admirável...

Ainda vivendo em Crato, seja na casa esquina da Rua Araripe com José Carvalho ou na 579 da Monsenhor Assis, sua casa era aberta aos amigos, dentre os quais o nosso tam-

bém saudoso Dr. Quixadá Felício.

Foi daqui que começou a sua fama. No programa *O céu é o limite*, da TV Jornal do Comércio, do Recife, abocanhou o prêmio maior, por semanas a fio, respondendo invariavelmente certo, sobre a vida e a obra do Pe. Cícero, indo todas as semanas à capital pernambucana.

Isso lhe inspirou, pelo conhecimento da vida do sacerdote, a escrever a obra máxima sobre o Taumaturgo: *Pe. Cícero, mito e realidade*, irresponsável, consumada, definitiva. Por conselho da editora e para evitar gasto maior, ainda teve de reduzir quase 400 páginas do seu livro. Daria outro volume.

A nossa revista Itaytera está cheia de bons estudos seus, um sobre o esboço histórico de Brejo Santo, sua terra natal onde nascera a 11 de dezembro de 1909 — emocionou o Cariri e um outro sobre o Ceará na Revolução de 30, transformado em livro de validade para nossos estudos históricos.

Lembro-me de Otacílio quer nas rodinhas do café matinal da Isabel Virgínia, onde se reunia a nata inte-

lectual do Crato, ou na roda de conterrâneos da ex-Livraria Renascença, onde pairava o espírito superior de Luís Maia.

Visitei Otacílio muitas vezes, em sua casa, na Vicente Leite, conjunto Passo da Pátria, em Fortaleza, assistindo-lhe a permanente agonia e a caminhada inexorável para a morte. Nossos encontros eram sempre pautados de alegres lembranças mas, saía dali, de cada vez, mais desencantado com sua recuperação.

O Leonismo em Crato deve-lhe grande impulso, bem como a vida cultural da cidade, que ele animou com seu espírito e sua cultura.

Crato haverá de guardar dele boas lembranças, pelo bom cidadão, pelo correto exemplo de esposo e pai de família, pelo militar honorabilíssimo, pelo escritor de nomeada.

A morte é assim. Vai semeando a vida da gente de saudades, numa estrada que vai ficando cheia de cruces. Cada dia choramos mais as saudades dos que se foram. E as saudades de Otacílio Anselmo abrem mais um suco profundo em nossas almas.

(O Povo — 24.1.82)

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO

LEI Nº 1.149/82

De 5 de Abril de 1982

EMENTA: Dá o nome de "Rua Otacílio Anselmo" a uma das ruas da cidade e adota outras providencias.

O Prefeito Municipal do Crato,

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono:

Artigo 1º: Fica denominada de "Rua Otacílio Anselmo" a rua do Bairro Vilalta, primeira à esquerda da rua Presidente Kennedy, começando na Avenida do Contorno, em toda a sua extensão.

ITAYTERA

Artigo 2º: A colocação das placas denominativas fica de responsabilidade da Prefeitura Municipal do Crato.

Artigo 3º: Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal do Crato, em 05 de abril de 1982.

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

N. R. Essa Lei foi resultante de um projeto de autoria do vereador Francisco Ailton Esmeraldo, na Câmara Municipal do Crato, aprovado por unanimidade.

BARÃO DO CRATO

Benardo Duarte Brandão, Barão do Crato, nasceu no Icó, a 15 de julho de 1832. Hoje, quase totalmente esquecido, apesar da grande contribuição à política cearense, ao tempo do não menos prestigioso barão e depois visconde do Icó, Francisco Fernandes Vieira.

Riquíssimo proprietário de terras na ribeira do Icó, militou na política liberal do gabinete Zacarias de Góis e Vasconcelos, em oposição aos seguidores do Senador Pompeu.

Por sua nunca desmentida lealdade, o poderoso chefe cearense foi agraciado com o baronato, a 14 de setembro de 1860.

Incontestemente no seu prestígio, o Barão do Crato, cada vez que podia, desfecava rudes golpes nos seus adversários, chegando a transferir, do Icó para Lavras e Telha (Iguatu), o coronel Francisco Manoel Dias comandante superior da Guarda Nacional.

O jornal de oposição, entretanto, da

ala conservadora, não tomava chegada para jogar lama na reputação do barão e seu séquito. Segundo suas páginas, o barão casava e batizava, e todos diziam AMEM, desde a polícia, passando pelo delegado, até o juiz de Direito, nem que o crime fôsse confessado pelo réu.

Bernardo Duarte Brandão, (seu Dú, na intimidade), formou-se na celebração da Academia de Olinda, na turma de 1854. Sempre solteiro, em companhia de sua irmã D. Maria do Rosário Augusta Brandão, veio a falecer na Europa, para onde frequentemente se deslocava.

Os DUARTE BRANDÃO tinham assente o seu solar, na legendária cidade do Icó. O velho avô do barão foi o primeiro senhor e possuidor da fazenda "Cachoeira", que passou depois às mãos do Dr. Tomás Acioli, por razões de entrelaçamentos matrimoniais.

Em torno do sobrado do Barão, no Icó, formaram-se numerosas lendas, baseadas em sonhos de dinheiro enterrado, levando os ambiciosos a furar-lhe as paredes, escavar o piso, sem na realidade mais encontrar do que areia e terra. Áreas disfarçadas, habilmente, funcionavam a modo de esconderijo, nas horas de perigo. O sobrado não fora construído pelo barão, mas, por seu pai, de igual nome, acumulador de grandes fortunas, famoso pela esperteza com que sabia multiplicar seus haveres, correndo a respeito anedotas de gostosa malícia, em que o povo descarregava seus acumulados ressentimentos contra a classe dominante.

Faleceu Bernardo Duarte a 19 de junho de 1880, em Paris, vítima de congestão cerebral.

Que tal uma rua no Crato com o seu título?

MEU PAI

Dandinha Vilar

(Para meus netinhos: Rogério, Gerardo Filho e Hina Mirella)

Na minha vida tão ingênua e pura
De criança feliz e descuidada
Tive ao meu lado um anjo de ternura
Em cuja segurança eu me abrigava.

Era meu Pai. Tão boa criatura
Que de amores por mim se desdobrava.
Seu perfil, seu olhar, sua escultura
Tão bonita e alegre eu adorava.

Só uma vez, meu Pai, eu te vi triste!
Calado, serio... E foi quando partiste
Pra nunca mais voltar a vir me ver.

Não sabes tu, Painho, esta tristeza
Que eu vi no teu semblante, com certeza
Foi maior para mim por te perder.

Pe. Neri Feitosa empossado na Cadeira N.º 3 do Instituto Cultural do Cariri

Foi bastante expressiva a solenidade de posse do novo ocupante da Cadeira nº 3 do Instituto Cultural do Cariri, o Rvmo. Pe. Neri Feitosa, sacerdote, orador sacro renomado, conferencista, jornalista e escritor. O Pe. Neri é o atual Vigário da Paróquia de Madalena-CE.

S E S S Ã O

A sessão solene do ICC — que, igualmente, foi a da posse da nova Diretoria — ocorreu na sede da entidade, às 20 horas do dia 16 de Outubro de 1980. Foi presidida pelo então Presidente J. Lindemberg de Aquino e entre os que compuseram a Mesa, o Sr. Benedito Fernandes Portela, Gerente do Banco do Brasil em Crato, o Sr. João Rodrigues Ferreira, Prefeito de Santana do Cariri, Dr. Jéfferson de Albuquerque, novo Presiden-

te do ICC e Dr. Nirson Monteiro, Juiz de Direito de Santana do Cariri e da nossa Diretoria.

Representações do Rotary Club do Crato, da Paróquia, da Prefeitura e da Câmara de Santana do Cariri, das diversas entidades de classe do Crato e familiares do Pe. Neri, lotaram completamente o salão.

O Dr. Nirson Monteiro fez a saudação oficial ao recipiendário, que passou a ocupar a Cadeira que tem como Patrono José Alves de Figueiredo e como último ocupante foi o Dr. José Alves de Figueiredo Filho.

Depois, Pe. Neri pronunciou a sua oração de empossado.

Da sessão solene divulgamos as peças principais, a seguir:

O currículo do recipiendário, a saudação do Dr. Nirson Monteiro e o discurso do novo ocupante da Cadeira nº 3 do ICC.

CURRICULUM VITAE DO PADRE NERI FEITOSA

- nascimento: 05 - 04 - 1926, em Arneiroz, então distrito de Tauá;
- primeiros estudos: com o pai — José Júlio Feitosa que era então Professor concursado; depois com a Professora diplomada Dolores Petrola na Escola Mista de Arneiroz;

1937 — matriculado no Colégio Diocesano de Crato, quando pretendia seguir a carreira de médico; passava o tempo do estudo para a Catedral, ajudando missa e novena; aos 12 anos recebeu a fita azul de Congregado Mariano, na Congregação presidida pelo jovem José Newton Alves de Sousa;

1938 — levado ao Seminário São José por Mons. Antônio Feitosa, então simplesmente: Padre Feitosinha; nos seis anos e meio que aí estudou só perdeu o 1º lugar no 1º semestre de 1938, por causa de um repetente — Sebastião Feitosa, de Caririçu; nos últimos anos de estudo no Seminário São José também lecionava, por iniciativa do Reitor Mons. Pedro Rocha

1945 — estudos superiores no Seminário da Prainha; eram muitos os seminaristas em Arneiroz e com o Padre Teodósio Nunes fundou a Biblioteca dos Seminaristas de Arneiroz; estudante em Fortaleza, rascunhou seu primeiro livro nunca publicado — sobre Santa Teresinha; em 1948 teve uma contenda com o mais rígido Reitor de todos os tempos — Pe. Josefino Cabral; foi expulso do Seminário, mas não saiu; disse ao Reitor que levasse o caso ao Bispo do Crato e este o despediria: o caso nunca chegou aos ouvidos do Bispo, porque o Reitor não tinha razão mesmo;

1951 — 1º semestre — Vigário Cooperador de Umari, ajudando ao velho Mons. Manoel Carlos de Moraes;

2º semestre, até 1953 — Cooperador do Padre Francisco das Chagas

Barros em Missão Velha, onde animou a Cruzada Eucarística infantil que teve uma vida extraordinária;

1953 — 1960 — Professor de Latim e Grego no Seminário do Crato; Assistente do Círculo Operário de Crato que passou de 300 sócios a 3.000; Capelão do Ginásio Santa Teresa e do Noviciado das Filhas de Santa Teresa, onde promoveu a Adoração Dominical ao Santíssimo Sacramento e reformou a Pia União das Filhas de Maria; Diretor do jornal A Ação: uma vez retirou o nome do quadro do jornal porque Dom Francisco deu ordens contraditórias a ele e ao tesoureiro do jornal — Manoel Batista Vieira;

1960 — 1º semestre — Vigário de Araripe;

1960 — 1973 — Vigário de Jamacaru, onde:

- comprou três porções de terra e aumentou de outro tanto o lugar;
- fez o prédio do Educandário Padre Amorim, um quarteirão completo, entregando pela chave, com lugar para acomodar uma Congregação Religiosa;
- fez Casas para as Professoras e para os Pobres;
- comprou uma Ambulância;
- ampliou o terreno da Casa Paroquial;
- encanou água do sítio Terra Dura para os sítios Varzinha, Salobra e Ladeira Vermelha, numa extensão de 6 kms.;
- reformou a Capela de Gameleira, fez a Capela de Jenipapeiro e a de Coité; fez Casa da Juventude junto a todas as Capelas: Jamacaru, Jenipapeiro, Gameleira, Aleixo e Terra Dura;
- fundou o Museu de Fósseis, depois de muita correspondência com o Ministério de Minas e Energia, incluindo uma viagem ao Rio para contactar com este Ministério;

- perfurou um poço profundo em Jamacaru, com cata-vento;
- abriu estradas novas em vários pontos da Paróquia;
- 1973 — 1978: não tendo possibilidades de estudar fora do País, passou 5 anos estudando in loco as experiências pastorais mais salientes no Brasil: passou um ano em Itapipoca, coordenando a Pastoral e fez Curso de Coordenação de Pastoral no Rio, junto ao INP; fez curso de recitação teológica em Recife; passou um ano em Fortaleza, como vice-reitor do Seminário Regional N E II e como Vigário de Mondubim, estudando a pastoral de periferia em cidade grande; passou 3 anos na Paróquia de Madalena, diocese de Quixadá, experimentando o tipo de trabalho paroquial com Conselhos de Comunidade.
- 1978 — Vigário de Santana do Cariri

OBRAS LITERARIAS:

- Luzi, Mártir no Ceará, monografia, Crato;
- Aos Jovens Rurais, Vozes, 2ª edição
- Pastoral, disposições, ação, experiências, Loyola
- Trabalho em Paróquia com Conselhos de Comunidades, Vozes
- Catecismo de 1ª Comunhão, ajuda aos pais da zona rural, Vozes, 2ª edição
- Formação para o Homem do Campo, Vozes
- No prelo — Festas Religiosas e Arrecadação de Dinheiro
- Livro de Novenas

MONOGRAFIAS E ENSAIO

- Poliantêia, Mons. Joviniano Barreto
- O Fenômeno da Devoção ao Padre Cícero e a Pastoral Diocesana
- Por uma Solidariedade que leve a uma Pastoral Orgânica.

DISCURSO DE RECEPÇÃO PROFERIDO PELO DR. ANTONIO NIRSON MONTEIRO NA POSSE DO PADRE NERI FEITOSA NA CADEIRA Nº 3 DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI CUJO PATRONO É O POETA E ESCRITOR CRATENSE JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO, EM 16 DE OUTUBRO DE 1980

Senhor Presidente.
Senhores Membros desta Casa.
Autoridades Presentes.
Rvdmº Padre Neri Feitosa.

Honosramente indigitado em data do mês de setembro passado pelo ilustre Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Jornalista J. Lindemberg de Aquino, como incumbido da alta missão de saudar o Rvdmº Padre Neri Feitosa, que ora ingressa neste sodalício, senti-me deveras esvaecido da magna missão.

Habitado por quase dois lustros com a oratória de improviso, mercê da profissão de causidico nos auditórios do Cariri e vizinhas regiões, penoso me foi trasladar ao papel estas

idéias que o momento exige especiais.

O eminente Ministro Geraldo Bezerra de Meneses, jurista e literato de mérito nacional e que se declara cearense de coração pelas suas raízes cratenses do tronco comum do Brigadeiro Monteiro, de quem também descendo eu, pelo lado paterno, com subida honra e pouco mérito, bem saiu-se em oportunidade assemelhada, ao saudar na Academia Fluminense de Letras, o recipiendário Lyad de Almeida, em 16 de outubro de 1963, há dezesete anos hoje, exatamente. Construiu sua oração aos moldes de um decisório, começando pelo relatório, expende seu voto apreciando preliminares e mérito e concluindo pelo acór-

dão de seus membros, sem divergência, *nemine discrepante*, em conceder a admissão ao candidato.

Assim, foi-lhe de sobremaneira facilitada a tarefa, resultando em peça brilhante e de raríssima forma na espécie porquanto trilhou o usual de sua diuturnidade no *jus dicentis officium*.

Mas, senhores, passemos ao homem e ao caso.

O Instituto Cultural do Cariri recebe hoje sob seu teto, para enriquecimento maior de seu patrimônio cultural, o Revdm^o Padre Neri Feitosa. Conhecendo-o desde minha infância em Crato, de nome, tive a gratificante honraria de avizinhar-me dele na real Comarca de Santana do Cariri quando para ali fui empossar-me no cargo de juiz titular da Comarca. Ele ministriava pelo sacerdócio a cidade sede da Comarca onde eu envergava pela judicatura. Tornamo-nos vizinhos como vizinhos somos de Senhora Santana, a diletta padroeira daquele bom povo, pois nossas casas situam-se no largo da matriz.

Temos, por seu opulento *curriculum*, que o mesmo é filho de Arneiroz, cidade do sertão dos Inhamuns, onde nasceu em 05 de abril de 1926. Estudou no Colégio Diocesano nos anos de 1937 e 1938, vindo de tão longe no meio de carga, atravessando inóspitas regiões povoadas naquele tempo por grupelhos facinorosos. Travessias sem conta onde até a água era escassa. Depois de penosa jornada de dias e dias aportava em Crato, naquela época como hoje, a capital pensante do Cariri, com colégios florescentes e principalmente pelo seu portentoso seminário já funcionando há mais de cinquenta anos, vez que nasceu em 1875. Era o velho seminário, como seu nome bem define, a sementeira interiorana que fez surgir e desabrochar para a vida cultural do Nordeste tantas figuras de clérigos que marcaram seu destino e sua vocação de santidade aliada à cultura humanística.

É pena vê-lo hoje, centenário e sózinho, quando a messe é grande e os operários são em número diminuto. O casarão da Rua São José, meio abandonado só não ruiu ainda pelos que heroicamente marcam ali sua presença. Dois ou três sacerdotes que ali residem, quando já foi viveiro de adolescentes e futuros homens para Deus e para o próximo. Quando ali chegou, o padre Neri, menino sertanejo e trazendo nos alforges não só queijo e carne seca dos Inhamuns, mas, também, o ideal maior de uma entrega definitiva aos desígnios do Supremo, vinha muitas vezes febril pelo dispêndio de energia da longa e estafante jornada sertão em fora. Perseverou e em 1945 transmutou-se para Fortaleza onde deu ingresso no Seminário Maior perlustrando-lhe os bancos até 1960 quando ordenou-se.

Sua primeira missão no mundo leigo foi a cooperação no vigariato de Umari e depois em Missão Velha nos seus três primeiros anos de Ministro eclesial. Nesta paróquia escreveu sua primeira obra intitulada "LUZI, MÁRTIR DO CEARÁ" onde retrata a vida ativa e de luminosa vivência cristã da mártir LUZI COELHO, imolada em sítio daquela paróquia, reproduzindo os passos finais de Santa Maria Goretti, ela que levou para o céu a túnica inconsútil da pureza d'alma pela morte violenta, a fim de não entregá-la ao seu algoz. LUZI COELHO ainda vive na memória do povo da paróquia e é fruto da veneração os frequentes nomes de LUZI encontrados naquela e nas paróquias vizinhas em filhas de paroquianos cristãos. Missão Velha tem a sua Santa.

Após estes primeiros tempos, Padre Neri passou a prestar seus serviços no Seminário do Crato, de 1953 a 1960. Foi professor na velha casa de formação e cultura, das línguas *mater*: — Latim e Grego.

Para ele, sem favor, justo é repetirmos o que disse Antonio Feliciano de Castilho, o clássico português, ao

escrever "VIDA E OBRAS DE MA-MUEL BERNARDES", em alusão aos estudos de Latim do excelso mestre da pena Português e virtuoso sacerdote: — "Colhendo e enfeixando ca-ladamente no ânimo, como hoje pode-mos conjectuar, as flores que de tão formoso idioma deviam vir enfeitar o nosso."

Isto porque, senhores, o recipien-dário já foi considerado por jornalista da capital como o escritor mais fe-cundo do Cariri, pelo contexto de seus temas e pelo número de obras dado a prelo. De verdade, possuidor do que é difícil na maioria dos escritores, Padre Neri Feitosa detém a versatilidade na abordagem dos temas, di-rigido pela necessidade de abrangência do seu ministério sacerdotal.

Se por um lado escreveu "Aos Jovens Rurais" — já em 2ª Edição, Vozes, 1973, por outro escreveu para sacerdotes e muitos há por estes Brasis, cultos, sábios e santos. Escreve e não separa a palavra da vivência e da meditação.

No seu modesto paróquiato, no dia após dia em contacto com o homem do campo, pela visita pessoal e através dos seus caros Conselhos de Comu-nidade, sem publicidade e sem posição de moderno executivo de empresa, ab-surdo em que caiu o clero cearense de certo tempo para cá, vivendo para seu ministério como lhe confere o cha-mamento de Deus que não o quer executivo, mas, sacerdote, Padre Neri Feitosa tem como Editoras de suas obras casas de renome nacional tais como VOZES e LOYOLA. Cumpre assim a expressão bíblica de Jeremias: "No crescer silencioso das amendoeiras o senhor vigia o cumprimento de suas palavras." Enquanto colegas seus vivem as fulgurações de estrelas ca-dentes, vive ele frutificando para seu povo na sua missão, produzindo a obra imorredoura do espírito evangélico. A obra que fica para Deus.

Vive ao lado do homem rural. Com ele pensa, com ele medita, participa

da sua mesa e do seu pão por vezes magro. Não os impregna de revolta a alma, mas, faz com eles colocações conscientes de vida e questionamentos sadios para a verdadeira paz entre todos. Não lhes prega a insatisfação estéril contra a ordem e os poderes constituídos. Não faz o jogo corrosivo do marxismo visionário e intempestivo que pensa dar solução para a vida em sociedade, mas, dela anda tão longe como um batráquio que se quisesse conubiar com luminosa e fugidia estrela do Triângulo Austral.

Neste viver, neste ministério au-têntico, nesta vocação que o Padre Neri trouxe em seus alforjes dos ser-tões dos Inhamuns, largando o bacamarte "boca-de-sino" pela reza do Breviário, ele produz obra que há de ficar.

Entre seus primeiros trabalhos escritos encontra-se, editado por Cader-nos do Cariri, rica coleção de estudos regionais, um perfil do Mons. Joviniano Barreto.

"Aos Jovens Rurais" — 2ª Edição — 1973 — Ed. Vozes. Nesta obra Padre Neri tece comentários dentro dos mais diferentes aspectos da vida. Religião, Vida Doméstica, Vida Social, Vida Política, Vida Profissional, etc. O linguajar é de perfeita autenticidade e identificação com o jovem do campo. Une-se a utilidade e a informação como tal. Sobre a pastoral, trabalhou e viveu, produziu "Pastoral — Dis-posições, Ação, Experiências" — 1977 — Edições Loyola. A temática é riquíssima e a comunicação é sugestiva: "Todo Padre é ordenado para ser mestre de santidade.. (pág. 33).. Quantos há esquecidos deste canon evangélico..

Publicou ainda por VOZES "Trabalho em Paróquia Rural, com Con-selhos de Comunidade" — 1978. Esta obra resultou de observações do autor a trabalhos deste tipo em São Paulo, Rio, Minas e Ceará, em período pas-sado ausente, sob licença de senhor Bispo, em paróquias distantes. Foi ver

e aprender para aplicar com adaptação aos lugares onde paroquiasse. Foi um período de renovação e enriquecimento, como costuma dizer. Durante cinco anos, duro aprendizado. Resultado: — este livro valioso. É a base para quem queira saber o funcionamento ativo e frutífero dos Conselhos de Comunidade. Escreveu mais "Espiritualidade para Vigários" — publicação da Universidade de Caxias do Sul. É obra de meditação para seus pares.

Sempre tendo em vista a educação religiosa da zona rural de suas paróquias, publicou por Vozes "Preparação Para a PRIMEIRA COMUNHÃO" — já em terceira edição.

É o catecismo do padre Neri. Trabalho para os pais da zona rural. Maneira simples de uma assimilação dos mistérios da fé cristã para os pequeninos. Há doutrina e há orações para este mister: — preparar a criança para o grande mistério da comunhão dos Santos.

Escreveu e encontra-se no prelo de VOZES um estudo sobre o Dízimo, onde nova orientação é dada a este mandamento eclesial. Experiência nova ou novo hábito que já implantou em sua paróquia. Afirma que os frutos poderão vir daqui a dez anos, não importa, não há mesmo necessidade de imediatismo nas coisas de Deus.

Ao invés da arrecadação dos dinheiros nas festas anuais de padroeiros, pelo modo tradicional e ainda encontradiço em nossas paróquias do nordeste, pelos leilões, barracas onde reina a pinga, quermesses e tertúlias dançantes e outras reações, tenta implantar um sistema civilizado na arrecadação do dízimo segundo o costume novo. O dízimo consciente. A colaboração do cristão a sua Igreja sem prejuízo da espiritualidade. Não festas de padroeiros onde o tinir do metal é mais alto que a palavra de Deus. Ricas festas em rendas e paupérrimas de presença divina. Tais manifestações pagãs Padre Neri execra onde possa valer sua autoridade de

pároco. Isto lhe tem rendido dissabores e incompreensões. Também sofre o povo habituado no costume velho. Mas, responde o padre que para se criar hábito novo custa caro. Daí acreditar em frutos que virão tarde mas, não tardios.

No início deste ano Padre Neri escreveu um opúsculo de grande valor e atualidade. "O Fenômeno da Devção ao Padre Cicero e a Pastoral Diocesana." — Tipografia e Papelaria do Cariri — Crato-Ceará. O autor resolveu abrir um claro na cortina de fumaça que se criou como barreira de omissão pelos padres da Diocese. Afinal sempre pareceu a todos uma inexplicável omissão do clero o não se definir acerca do fenômeno religioso-místico que cerca a figura do patriarca de Juazeiro.

Assunto estopim, melhor lhes parecia um silêncio omissivo sobre o tema. Mas urge uma definição da pastoral diocesana. O fenômeno ocorre em sua jurisdição. É de sua competência absoluta enfrentá-lo e procurar dirigi-lo à luz da sã doutrina.

Como fato histórico o Padre Cicero já está bem explicado. Sacerdote virtuoso, porquanto cumpriu sua missão a melhor modo e soube enfrentar com dignidade as perseguições inquisitoriais que lhe moveu o clero cearense de seu tempo. Sofreu com resignação cristã e paciência evangélica todas as medidas injustas contra si tomadas por superiores teleguiados por interesses escusos. Movia-lhes, hoje não se discute, a força motriz e corrosiva da inveja pelo pároco sertanejo a quem o povo venerava e acreditava na palavra que lhe vinha da boca como lenitivo. Foi objeto de exploração de políticos do tempo, que garimpavam nas águas turvas, em busca do voto que os fizesse poderosos. Por conta disto muitas foram as injustiças praticadas por estes abutres contra o povo. Mas, padre Cicero não comun-gava com tais rapinantes. Mas, decorrido quase meio século, qual a po-

sição da Igreja e principalmente da Diocese do Crato? — E sua devoção? — É válido combater ou é mais válido dar sã orientação ao povo, sabendo-se que a repressão exacerba o sentimento de presença do santo nordestino? — Afinal o fenômeno é de massa e tende a aumentar. Urge uma posição honesta do clero diocesano. Condenar o povo pela sua devoção não é de bom alvitre. Deixar que os políticos explorem o povo com manobras eleitoreiras, é omissão deplorável. E isto é o que se observa tanto no que tange ao Padre Cícero como ao missionário italiano Frei Damião.

A Igreja tem necessidade da verdade e esta sede de verdade está no Evangelho.

No seu trabalho Padre Neri dá uma resposta singela e consabida. Manda refletir e o faz dizendo: "O exame de consciência deve ser feito à luz do Evangelho."

É preciso muita caridade e espírito despreendido para uma abordagem isenta.

Do contrário cair-se-á nos erros do passado. Daí entendermos que o trabalho do Padre Neri é de inestimável valor e coragem. Necessita ser assimilado e desenvolvido.

Hoje será lançado, do recipiendário, "FORMAÇÃO PARA O HOMEM DO CAMPO" — Ed. Vozes — 1980, em parceria com Simone Rocha, moça que o auxilia na catequese, na pastoral e nos serviços burocráticos de escrituração dos livros paroquiais. Como o título elucida e a apresentação não engana, "visa fornecer assuntos para conversas e trocas de opinião nos grupos e na família do meio rural." Para o homem que labora na agricultura este livro foi meditado e escrito. Não tem como outros, vãos mais altos. Nele há capítulos como Direitos Humanos, Segurança Nacional, Poder Judiciário, Contrato Civil, dentro da temática Formação Cívica.

Entre muitíssimos temas importantes encontra-se Formação Sanitária,

Religiosa, Sacramental, Moral, Comunitária, Política, etc.

Há uma constante de conscientização do homem do campo de tonalidade sem demagogia nem desvios capciosos de doutrinação esquerdizante. Não há pieguismo e pode ser lido por homens letrados ou simples com bom aproveitamento. Se fala em direitos humanos, bem fala em deveres humanos. Não há ódio nem preconceito. Escreveu ainda Padre Neri folhetos e ensaios de raro valor e oportunidade.

Temos: "POR UMA SOLIDARIEDADE QUE LEVE A UMA PASTORAL ORGANICA" — (CRATO). Nele reivindica maior união entre os padres da Diocese de Crato, maior convivência e entrosamento e solidariedade como sugere o título. Como resultado a pastoral teria uma unidade orgânica com maiores frutos para o povo e para a obra de Deus.

Publicou, para servir de orientação ao velho e salutar costume do Nordeste, principalmente do Ceará e com especialidade do Cariri, que é a entronização do Coração de Jesus e sua Renovação anual, um folheto em parceria com Francisco Barbosa jovem que o auxilia no paróquio, intitulado "ENTRONIZAÇÃO DO CORAÇÃO DE JESUS" — ed. Dom Bosco. Neste folheto além das orações de entronização e devocionário próprio das Renovações, juntou os hinos religiosos para tais momentos de devoção. As Renovações, para quem conhece o Cariri, revestiram-se do caráter próprio do nosso povo. Não há casa da zona rural do Nordeste, mesmo de proprietários abastados, que não tenha seu dia consagrado a esta devoção ao Coração de Jesus. É a Renovação da Entronização do Coração de Jesus na casa e no lar do sertanejo, ou simplesmente Renovação. É festa grande no lar cristão mais humilde. Daí o sentido valorativo deste opúsculo.

Modestamente, embora, ao meu modo, aí está a saudação, senhores,

ao ilustre recipiendário desta noite. Sintomaticamente Padre Neri Feitosa toma assento na cadeira que tem por patrono a figura excelsa do genitor do fundador desta casa, o poeta e escritor José Alves de Figueiredo.

O seu ocupante anterior e que o recipiendário fará a sua homenagem é o fundador do Instituto Cultural do Cariri, J. de Figueiredo Filho, falecido em 29 de agosto de 1973. Foi por sua mão bondosa que entrei a fazer parte do I. C. C. Tive a insigne honra de assumir sua Diretoria interinamente em 1975, tendo passado por outros cargos que muito me envaideceram.

Nesta casa grandes nomes das letras cearenses têm lugar reservado e que muito os honra. Também para gáudio de seus pares nomes importantes da ciência e arte literária formam o seu corpo. Entre estes quero, senhores, vos lembrar o *EMBAIXADOR* do Instituto Cultural do Cariri na nossa capital, o General de Divisão Raimundo Teles Pinheiro, titular da cadeira nº 12 que tem por patrono o não menos renomado cratense e parlamentar do Império Dr. Leandro Bezerra Monteiro.

Assim, senhores, esta data é a um tempo festiva e grata ao coração de todos que fazem esta instituição maior das letras do Cariri.

Festiva pela presença de um valor que se adentra para somatório de seus lauréis.

Grata ao nosso coração pela homenagem que se presta, justa o oportuna ao Professor J. de Figueiredo Filho, na sua própria casa.

Encerro minha tarefa, senhoras e senhores, declarando em nome de todos os membros do Instituto Cultural do Cariri, e por sua anuência, a satisfação de ter entre seus pares o Rvdmº Padre Neri Feitosa. Aproveito para agradecer com toda força do meu coração ao jornalista J. Lindemberg de Aquino a inigualável honra que me conferiu de saudar o grande e culto Sacerdote que ora é recebido de coração às escâncaras na casa de J. de Figueiredo Filho.

Seja benvindo Padre Neri Feitosa, *AD MAJOREM DEI GLORIAM* e da cultura da terra Caririense.

Muito Obrigado.
Crato, Ceará, 16 de outubro de 1980.
Antonio Nirson Monteiro

JOSÉ DE FIGUEIREDO FILHO (— FF): UM HOMEM BOM E UM CARIRIENSE CEM POR CENTO

Senhoras e Senhores

Agradeço ao Instituto Cultural do Cariri, mormente ao seu Secretário Geral e Presidente em exercício, J. Lindemberg de Aquino, a ocasião que me dá de tomar a cadeira que tem por Patrono José Alves de Figueiredo.

* *
* *

Estou em apuros, quando me oferecem a cadeira nº 3 do ICC. Estou em apuros por ter que fazer o elogio do Dr. José de Figueiredo Filho, por cuja morte vagou a cadeira.

O meu aperto é real, não é oratório, e toca as raias do constrangimento, porque, por formação, detesto ser omisso: e ao elogiar FF eu sou obri-

gado a ser omisso. O Prof. Eugênio Dantas já começou a intimar-me a ser omisso, quando escreveu, por ocasião da morte de FF, que o curriculum vitae do ilustre desaparecido não cabe em artigo de jornal (II).

Quando a gente vai fazer o elogio de uma pessoa minguada, o pouco que se diz é muito e é tudo, porque a pessoa é esgotável. Quando, porém, se deve fazer o elogio de uma pessoa inesgotável, qual é o caso de FF, o muito que se diz é pouco e é omisso, e falta fôlego para ousar dizer tudo.

FF é uma figura humana polimorfa e dodecaédrica e multifacetada. Sua atividade parece um céu estrelado: é incomputável e inexplorável.

Sou obrigado a ser omissivo exatamente para não dizer o principal, porque o principal em FF é coisa demais e bagagem muito grande para nossa travessia desta hora.

Não tenho tempo de dizer que FF foi Farmaceutico formado e profissional, escritor fecundo de livros tirados em editoras, jornalista prá tudo quanto era imprensa falada e escrita, professor, conferencista, criador de entidades culturais, descobridor e mecenaz dos valores culturais populares.

Não posso citar nem os títulos de sua obra literária:

- "Renovação", Editora Odon, 1937;
- "Cidade do Crato", Ministério de Educação e Cultura — Rio;
- "História do Cariri" — 5 vols., Faculdade de Filosofia do Crato;
- "Meu Mundo é uma Farmácia", Editora Ipê, São Paulo;
- "Engenho de Rapadura do Cariri", Serviço de Informação Agrícola;
- "O Folclore no Cariri", Imprensa Universitária do Ceará;
- "Folguedos Infantis Caririenses", Imprensa Universitária do Ceará;
- "Patativa do Assaré", Imprensa Universitária do Ceará;
- "No Asfalto e na Piçarra", em colaboração com dona Zuleika Pequeno de Figueiredo, sua esposa; Tipografia do Cariri, Crato.

É angustiante nesta hora não poder citar todas as associações de que FF participava com inteiro princípio de colaboração:

- Sócio efetivo da Academia Cearense de Letras, Cadeira 34;
- sócio da Academia Piracicabana de Letras, Cadeira 35;
- membro da Sociedade Geográfica Brasileira, com sede em São Paulo;
- membro da Diretoria da Associação Brasileira de Professores Universitários de História, de São Paulo;

- sócio da Associação Brasileira de Folclore, São Paulo;
- sócio da Academia Uruguaiana de Letras, do Instituto Histórico Uruguaiano;
- sócio efetivo do Instituto Arqueológico Histórico de Pernambuco;
- sócio da Academia Nacional de Farmácia, com sede no Rio;
- sócio correspondente da Academia Sobralense de Letras;
- sócio honorário do Rotary Clube do Crato;
- Presidente do Instituto Cultural do Cariri;
- Vice-presidente do Instituto do Ensino Superior do Cariri.

Em face desta imposição de ter que ser omissivo, proveniente da própria vastidão da personalidade de FF, detenho-me a contemplar apenas duas Constelações no céu estrelado de sua vida:

- 1º — FF foi um homem bom;
- 2º — FF foi um amante do Crato.

Fazendo assim eu alevanto bem alto duas bandeiras de lições que nos dá a história de FF: duas lições aos homens da administração, aos homens das Faculdades, aos homens públicos, aos pais de família e à Juventude decente do nosso Crato.

1ª lição — FF foi um homem bom.

Sei que ele foi um homem bom, porque todo mundo disse; e sei porque vi.

Os testemunhos: ao entregar a Deus sua alma grande e carismática, explodiram os testemunhos:

- "morreu um homem justo, morreu um homem bom, morreu um homem santo" — Antônio Vicelmo (15);
- "Era simples, honesto e bom para com todos" — Antônio Berredo — A Ação de 29.09.73;
- "Ouvia ao caboclo dos pés de

serra, ao pobre do bairro cratense, quando o procuravam para requerer sua intervenção junto às autoridades, no sentido de resolver os problemas que os atentavam. Prontamente se fazia o porta-voz dos desgraçados" — Joaryvar Macedo — A Ação 1º.12.73;

- "humilde, pacato e por todos amado, / fiel, esforçado, gelando a cultura, / aos moços mostrando carinho paterno, / num gesto fraterno de paz e doçura" — Patativa, 03.09.73;
- "um homem simples, muito simples, de qualidades personalistas excepcionais, teve o condão de transformar-se em figura paradigmática, para quantos o conheceram na sua missão de esposo, pai de família, educador, comerciante e apóstolo instintivo do bem" — Correia Coelho, (40);
- "criatura humana de virtudes acrisoladas, amigo sincero" — Correio do Ceará, 1973;
- "um homem de fé que sempre teve atitudes de fé" — Padre Gonçalo Farias Filho (16);
- "A Juventude há de sentir a falta de seus conselhos" — Kleber Callou;
- "A pobreza já começa a sentir a falta de suas crônicas sempre ao lado dos humildes" — Antônio Vicelmo (15).

Mas eu conheci FF e sei de experiência que ele era amigo — amigo da juventude, socorredor dos pobres, direito e piedoso, "porta-voz dos desgraçados", servidor desembaraçado.

Com a mesma prontidão com que estava em Ribeirão Preto — S. Paulo, participando de uma Semana de Cultura Cearense; com a mesma prontidão com que foi proferir duas conferências no Congresso Eucarístico de Sobral, FF, já velho e repuxado pelas enfermidades, magro e locomovendo-se com dificuldade, foi a Jamacaru, a convite

meu, falou — falou para quem? — falou para os estudantes primários daquele pé de serra, sobre o cuidado com os fósseis encontradiços naquelas alturas.

Um escritor, Joaquim Caliope desceu mesmo a lembrar o sorriso de FF. E quem pode esquecer o sorriso e a risada de FF? Era a pessoa dele toda que ria, porque ele era alegre mesmo. Só pode rir como FF quem é otimista e realizado, espontâneo e comunicativo.

2ª lição — FF foi um amante do Crato.

Todos nós sabemos disto. E também já foi dito por escrito.

- "um caririense cem por cento" escreveu Abelardo Montenegro, Correio do Ceará, 11.09.73;
- "um homem que se doou a sua terra natal" — Prof. Pedro Felício;
- "Lutador intemerato, sua pena esteve 55 anos a serviço da terra, na causa da terra, em defesa da terra, projetando-a, elevando-a, dignificando-a, exaltando-a, na mais honesta, na mais sincera, na mais produtiva folha de serviços que um homem pode emprestar à sua terra" — Crônica de J. Lindemberg de Aquino (17-18).
- "FF foi um escravo do Crato e morreu algemado ao cratense" — Antônio Vicelmo (15);
- "conhecia-lhe, de há muito, o talento intelectual e admirava-lhe, sobremodo, a particular dedicação com que sempre se ocupava das coisas do Cariri" — Sousa Menezes, O Povo 8.9.73;
- "preferiu continuar visceralmente ligado a sua terra, dedicado, integralmente, a inolvidáveis campanhas inspiradas e objetivando modificar as superadas estruturas que vêm sendo desnordeadas a custa de inauditos esforços de uma comunidade evoluida" — Ulysses Viana, Recife 29.08.73;

- “com FF desaparece, creio, o maior filho do Crato, terra e gente que amou desmedidamente” — Ribeiro Ramos, Correio do Ceará, 15.09.73;
- “fez da caneta a sua arma para conduzir o bem da terra, alertando através de suas crônicas e de artigos em jornais o verdadeiro caminho que devemos seguir para que alcancemos o êxito desejado” — Pedro Esmeraldo, Crato 31.08.73;
- “emudece a voz do maior divulgador da nossa terra, dos nossos costumes, da nossa gente” — Geraldo Macedo Lobo. A Ação 15.09.73;
- “o Cariri emudeu, pelo menos até que o exemplo de J. Figueiredo Filho se manifeste em alguém que tenha aprendido com ele a lutar pelo Crato, a lutar pelo Cariri de tanta história e de muitos heróis” — Tribuna do Ceará, 31.08.73.

Eu era sabedor de que FF “estava pronto para fazer o possível e o impossível pelo Crato” como escreveu o Dr. José Newton, mas eu não estava acordado para o fato de que FF pelo Crato perdia a calma e brigava, foi o mesmo Dr. José Newton Alves de Sousa que me conscientizou para isto, quando lembrou por escrito:

“agredia, algumas vezes. Contra Quixadá Felício que, por um modo um tanto “escandaloso” de amar o Crato publicara, na imprensa de Fortaleza, artigo julgado ofensivo aos brios de nossa urbs, saiu FF a campo, de pena em riste, sua poderosa arma. Na última campanha política do Município, que tão negativamente repercutiu fora do Crato, tomou partido, lutou e fez lutar com envolvente paixão” (41).

O próprio FF, mais de uma vez, publicou sua consagração ao Crato:

- “faço o possível para que minha terra seja conhecida por aí afora, notadamente no sul do País e justamente entre professores universitários de história e meios cultos” — última crônica na Rádio Educadora do Cariri, 15.08.73;
- “não sou filho de grande centro citadino, nem tão pouco fui transplantado, com raízes e tudo, para a orla do oceano. Nasci e cresci ouvindo a canção nostálgica dos tangedores de bois, montados nas almanjarras dos engenhos de rapadura, diverti-me com o matraquear dos cacetes no “maneiro-pau”, e puxei alfinim junto à bagaceira. Só não fiz beber cachaça, ao pé dos alambiques caririenses, com aquele aljofre fechado, tão ao gosto dos cabras e de certa gente mais graúda de minha terra. Tomei banho nas nascentes e no Poço da Escada, de Crato. Sou impregnado das coisas do Cariri” — assim começou o discurso de posse na Cadeira 34 da Academia Cearense de Letras.

Peroro meu elogio, mas deixo erigidas as duas bandeiras que alcei em forma de lição: um homem bom — um consagrado ao Crato.

Ninguém arreie estas bandeiras!

Continuem elas tremulando para todo cratense!

Continuem elas ensombrando o Crato e seus filhos!

Continuem elas no alto: falando, gritando, ensinando, apelando e impedindo o Crato para os cimos da cultura e do desenvolvimento, da beleza e da glória!

Santana do Cariri, abril de 1980
Padre Neri Feitosa, Cadeira 3 do ICC

Nota — os números entre parênteses indicam a página da Revista Itaytera, nº 18



PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO

Administração :
ARIOVALDO CARVALHO

Nossa palavra de incentivo ao **Instituto Cultural do Cariri** e aos que fazem ITAYTERA, nessa demonstração contínua de esforço e de dedicação ao patrimônio histórico-cívico-cultural da terra cratense. Mais uma vez o nosso apoio a essa realização, que tanto honra a intelectualidade caririense.



ALMIRANTE ALEXANDRINO DE ALENCAR

Carlos Ramos de Alencar, o General do Exército há poucos meses promovido pelo Chefe da Nação, é neto, por via paterna, do notável vulto da nossa Marinha de Guerra, cujo nome serve de epigrafe às presentes linhas. Estudiosos que somos, de longa data, de assuntos relacionados com a genealogia da família que pertencemos, — eu, por via paterna, e, minha esposa, por dupla ascendência, — servimo-nos da oportunidade do registro da elevação ao generalato do militar indicado para enunciar alguns esclarecimentos sobre a forma por que se desenvolve a vinculação do mesmo ao clã alencarino.

Do tronco mais próximo da família Alencar, constituído pelo casal Joaquim Pereira de Alencar, Teodora Rodrigues da Conceição, provêm, entre outros filhos, os de nomes: Bárbara, Leonel e Inácia. Casou-se, esta, em primeiras núpcias, a 8 de junho de 1802, na então Vila Real do Crato, com João Pereira de Carvalho, de igual progênie, nascendo, de tal consórcio, João Pereira, Maria Arsênia e Arcanja, por sinal tratada em família, por "Canginha". É esta, sobrinha-neta da heroína Bárbara Pereira de Alencar, a esposa de Pedro de Melo Labatut, com quem teve, entre outros filhos, Ana Amélia, que se casou com Tristão Antunes de Alencar, e é bisavô do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, e Alexandrino de Melo Alencar, objeto de referência especial feita em carta de autoria de seu neto, o ministro Armando Alencar, ao dirigir-se ao filho, também Alexandrino, elevado ao oficialato da Marinha de Guerra do País: "De seu segundo avô, capitão Alexandrino, falecido aos 38 anos de idade de moléstia contraída na campanha contra o ditador Rosas,

disse o General Osório, quando lhe apresentaram o teu avô, então primeiro-tenente: "lembre-se sempre que é filho de um bravo e perfeito soldado, que tanto concorreu para a vitória de nossas armas na campanha de 1831". (Jornal "A Nota", do Rio, de 27.9.1937).

Depois de aludir ao fato de o almirante Alexandrino de Alencar "haver nascido de mãe rio-grandense, tendo por pai um bravo oficial do Ceará, que prestou serviços os mais relevantes ao Brasil na guerra do Paraguai", assinala o diretor do "Unitário" (ed. 26.04.906) que "o general Tibúrcio falava dele com admiração".

É de notar que, a propósito da identificação de Pedro de Melo Labatut, inexistem informes precisos. João Brígido o dá como oriundo de "Província estranha" (Unitário, N° 72, de 12.12.1903), o engenheiro João Nogueira o julga "filho de pernambucano", Joaquim Torcápio Ferreira, em notas deixadas, o situa como descendente do Almirante britânico e Marquês do Maranhão Lord Cochrane, cujo nome está imperecivelmente ligado à luta pela independência do Brasil.

Partilha dessa última opinião o vice-almirante Dr. Rufino Alencar, também descendente de d. Inácia (veja-se "O POVO", de 12.12.48, e "Centenário do Almirante Alexandrino de Alencar e a Imprensa", edição da Imprensa Naval — 1949, pg. 72).

O capitão Alexandrino, ao retornar do Paraguai, fixou-se, com o primo Manuel Pereira de Alencar (filho de Leonel, portanto, sobrinho de sua avó d. Inácia), na cidade de Rio Pardo, do Rio Grande do Sul. Aquele ali celebrou núpcias com Ana Umbelina Faria de Alencar, constituindo-se, afinal, pais do almirante Alexandrino. Na

mesma cidade também se casou o primo Manoel Pereira com Flora de Faria, da mesma linhagem familiar e sobrinha do Dr. Antonio de Faria, titular de uma das pastas no governo do presidente Campos Sales. Desse casal ficaram diversos filhos, cujos descendentes na maior parte adotam os sobrenomes de "Alencar Azambuja" e "Coelho Borges". O almirante Alexandrino nasceu a 12.10.48, e faleceu 20.6.1926, tendo-se casado, em Montevideu, com Amélia Santos Alencar, uma "linda e primorosamente educada americana (vice-almirante Dr. Rufino, cit), ou seja, no registro de João Nogueira, "norte-americana de Baltimore". Desse casal são filhos: Evangelina, casada com o Dr. Amarello Vasconcelos; Amélia, casada com o Dr. José Ferraz de Vasconcelos, e Armando. Do casamento deste, que foi Auditor de Guerra, Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio e Ministro do Supremo Tribunal Federal, com Alice Ramos (sobrinha do prócer da política nacional Silveira Martins), procedem vários filhos (cremos que 8), entre eles: o primogênito Alexandrino, juramentado como Oficial de Marinha a 9.5.26, Carlos aspirante a oficial do Exército a 28.1.37, e José Ramos de Alencar, Coronel da mesma arma.

Uma cerimônia de alto teor patriótico, de que dá pormenorizada notícia o diário "A Nota", cit., sob o título "Culto da Pátria em Família de Soldados", e subtítulo "As tradições do bisavô, herói da guerra de Rosas, do avô, organizador da Marinha Brasileira, transmitidas aos netos quando são sagrados Oficiais da Marinha e do Exército", — realizou-se no recesso do lar do ministro Armando Alencar que, na oportunidade, evocou os termos da carta-testamento por ele dirigida, a 9.5.36, ao filho primogênito, para ler e entregar ao primeiro irmão que receber a espada de oficial brasileiro, recomendando-lhe transmitir, nas mesmas condições, aos demais que escolherem a carreira das armas. E as-

sim, conclui a recomendação paterna, "sucessivamente, aos de outra geração que se seguir para que o nome de "Alencar" de nossa estirpe jamais desapareça das classes armadas do Brasil, como era do maior desejo de teu avô e é o meu". Cientificados que fomos da realização da cerimônia cívica em apreço congratulamo-nos com o êxito de tão feliz evento, obtendo, em resposta, o cordial despacho telegráfico expresso nos seguintes termos: "Os Alencar do sul desvanecidos gratos aos do Ceará, berço dos ancestrais comuns, sentem-se felizes, honrados expressiva mensagem dos caros parentes". (Ass. Armando Alencar).

O almirante Alexandrino de Alencar, além de Senador da República, foi Ministro de cinco Presidentes da Nação — Afonso Pena, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Venceslau Braz e Artur Bernardes. Ninguém no regime político dominante no país ocupou, por tanto tempo, um posto de governo. Nomeiam-no, testemunhos idôneos, com subida razão, como o mais brilhante, o mais realizador, o mais operoso e o mais dedicado chefe da nossa Marinha de Guerra." Dele disse Getúlio Vargas, como deputado federal, ao pedir à Câmara um voto de pesar por seu falecimento: "Desde a campanha do Paraguai, onde a nossa Marinha de Guerra tantas vezes se cobriu de glórias, até o momento presente, já na ancianidade, quando a maioria dos homens procura a tranquilidade e o repouso, ele, por um milagre de fé, sacrificava nas aras da Pátria as suas últimas energias".

OS FRANCA ALENCAR

Entre os componentes da progênie da família Alencar avultam os que adotam os sobrenomes acima expressos. Constituiu-se a ramificação do clã em apreço por força do casamento de D. Inácia Pereira de Alencar (filha de Joaquim Pereira de Alencar e Teodora Rodrigues da Conceição, irmã da heroína D. Bárbara, e desposada, em

primeiras núpcias pelo primo João Pereira de Carvalho) — com Antonio Lião da Franca, rebento da chamada "Família do Pau Seco" de que tratamos em trabalho inserto na "Itaytera" v VI, pgs. 190/196.

Dos primeiros esposais acima aludidos provêm os filhos: 1) Maria, casada com Nicomedio de tal; 2) João Pereira Filho casado com Ana Maria; e 3) Arcanja, casada com Pedro Rodrigues de Melo (O Labatut), com quem teve, entre os filhos: a) Alexandrino de Melo Alencar, bravo do Paraguai, genitor do almirante Alexandrino Faria de Alencar, figura eminente da Marinha Nacional, à frente de cujos destinos esteve, com muito destaque, em vários períodos administrativos b) Ana Amélia Pereira de Alencar, casada com Tristão Antunes de Alencar, de cujo consórcio provém Adelaide ascendente do Presidente marechal Humberto, e Georgina, esposa do general Francisco Cabral da Silveira.

Do primeiro enlace de D. Inácia com Antonio Lião nasceram: 1) Antônio da Franca Alencar 2) Francisco Lião da Franca Alencar, 3/4) padres Antonio e Joaquim Pereira de Alencar, aquele deputado provincial, vereador, professor do Liceu, 5) Reynero da Franca Alencar, pai de Ana Antunes do Monte, tratada por Naninha esposa de Fenelon Bomilcar da Cunha 6) Luiza Jaste e 7) Sinphorosa. Do consórcio do "velho Franco", assim chamado, em família, ao atingir a maturidade, o primeiro rebento do supra-indicada tronco de família, com Praxedes Felismina de Alencar, nasceram: Maria, Leonel, Nila, Meton, Elisa, José Antonio, Adelaide, Ana Elisa, Urbano e Edmundo.

Nessa linhagem dos Franca Alencar ocorreu a circuntâncias de três dos seus componentes — pai, filho e neto — terem tido o mesmo nome (Meton) e adotado igual profissão (médico). O primeiro dos tais três médicos enunciados, nascido a 7.9.43 e falecido a

22.2.93 foi, ao seu tempo, luminar de ciência, com projeção invulgar no seio de sua classe. Incorporando-se ao número dos voluntários da guerra do Paraguai, prestou, então, ao Corpo de Saúde do Exército, mormente no campo da cirurgia geral e especializada, inestimáveis serviços dali voltando com as honras de capitão e a Medalha da Campanha. Atribuem-se-lhe os primeiros ensaios, no Ceará, quiçá, na América do Sul, a respeito da transusão de sangue. Fez parte de várias instituições científicas e representou o Ceará no parlamento nacional. Casado com D. Clotildes Alves de Alencar, deixou os seguintes filhos: Francisco, Diva, Meton, Edmundo, Júlia, Clotildes, Antônio, Telina, Clovis, Stela e Maria.

A Meton, o velho reportam-se as "Efemérides" de "O Estado de S. Paulo" de 21.2.1976 com base no trabalho "Galeria Nacional" — Vultos Proeminentes da História Brasileira onde se salienta "Sem nunca ter recorrido à prática nos grandes hospitais estrangeiros, só com os livros e com sua habilidade imanente resolvia os mais difíceis casos".

O Dr. Meton, o "moço", chefiei, no Rio, a clínica do grande oculista Dr. Moura Brasil e, exercendo a profissão em Fortaleza e em Juiz de Fora em Minas, celebrou-se como exímio e humanitário oftalmologista, de quem guardam imperecível memória quantos participaram de seu convívio.

Ao se dar o trágico passamento do mesmo, como ao ocorrer a data da passagem do centenário de seu nascimento, o registro feito, em tal sentido pela imprensa ("Gazeta de Notícias" de 6.2.1932 e O POVO de 21 e 22.75) evidencia o alto grau da reputação por ele auferida.

Do casal Meton/Hortência procedem: Meton, Aluísio, Leilah, Murilo, Hortência e Neite. O médico Dr. Meton Alencar Neto, filho do precedente, integrante do corpo clínico da Beneficente Portuguesa, no Rio, e di-

retor do respectivo Serviço de Assistência a Menores, perdeu, em circunstâncias trágicas a 19.3.1944, seu único filho, o estudante Meton, que viria a ser, não fosse outro o destino, o quarto discípulo de Hipócrates da ramificação familiar de que procedia.

Sobre os netos de Antonio da Franca filhos do famoso cirurgião Meton, o velho, observa-se: a) Diva, casada com o capitão Antonio Eugênio Gadelha, deputado estadual, pais de: Meton, Lair, Dery e Mario, b) Edmundo, casado com Semirames Leonel de Alencar. Filhos Helena, Praxedes e Ana, c) Júlia, nascida a 15.11.1881 e casada, em 1897, com o major Julio Pinto do Carmo. Filhos: Meton, Carlos, Renato, Fernando (recentemente falecido), Julio, Benjamim, Aluisio e Danilo (dados do engo. João Nogueira) Telina, casada a 9 de junho de 1902 com o Dr. José Pompeu Pinto Acioly. Filha única: Iolanda.

Francisco Lião da Franca Alencar, Capitão da Guarda Nacional e senhor de engenho, em Lameiro, Crato, o segundo rebento do primeiro enlace de D. Inácia, casou-se com a piauiense Maria Leopoldina do Monte e faleceu, em Crato a 12.6.1881, quando, em dias de setembro, se iniciou o respectivo inventário, em que figuram, além da viúva da inventariante os filhos 1)

Sócrates, falecido, representado pelos netos: Adilia e Alzira, 2) Nelson da Franca Alencar nascido a 11.8.1845 e falecido a 13.9.1933 em seu tradicional solar do Lameiro, onde tanto resplandeceu durante dezenas de anos, o halo de sua irrefutável honorabilidade 3) Bárbara Leopoldina de Lima, casada com Ernesto Amâncio de Lima ascendente do conhecido empresário desta e de outras praças do país J. Aquino Alencar, 4) Abdon e Sinem, gêmeos, aquele, pai do médico e deputado estadual, no R. G. do Norte, Dr. Raul da Franca Alencar, e a irmã genitora do ex-prefeito de Crato José Horácio Pequeno 5) Hortalan casada com Felismino Peixoto, pais entre outros, do Pe. Joaquim de Alencar Peixoto homem de letras de muita projeção no Cariri.

Aqui fica, por hoje, os presentes apontamentos sobre a descendência de D. Inácia Pereira de Alencar (irmã da heroína Bárbara, e como ela, uma das figuras centrais do tronco da família Alencar) na qual estão compreendidos um Presidente da República, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, um Ministro de Estado e Senador Federal almirante Alexandri- no Faria de Alencar e dois destacados empresários cearenses: Fernando de Alencar Pinto e J. Aquino de Alencar.

Alencar Araripe será empossado no I C C

O ex-deputado federal Antonio de Alencar Araripe, um dos maiores estudiosos do Nordeste, será o primeiro ocupante da Cadeira nº 2, da Secção de Ciências, do Instituto Cultural do Cariri, que tem como Patrono o escritor José Carvalho.

A destinação da Cadeira do Setor de Ciências para José Carvalho deve-se ao fato de haver sido ele um dos maiores folcloristas cearenses, e a ciência se situa hoje em primeiro plano nos meios culturais.

José Carvalho nasceu em Crato a

11 de Fevereiro de 1872 e faleceu em Fortaleza em 15 de Dezembro de 1932 — há meio século, portanto. Era filho de Manoel da Cruz Rosa Carvalho e Maria da Glória de Carvalho Brito. Ligado aos Alencares, nasceu na mesma casa que foi de sua tetravó, a heroína Bárbara de Alencar.

O Instituto Cultural do Cariri se enriquecerá com mais esse ocupante em suas Cadeiras, pois Alencar Araripe é um digno e perfeito representante da nossa cultura e profundo conhecedor dos nossos fatos históricos.



CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO

O Poder Legislativo Cratense congratula-se com a intelectualidade cariense pelo lançamento de mais um expressivo e valioso número de ITAYTERA, órgão representativo do nosso adiantamento cultural e cívico.

José Valdevino de Brito
Presidente



Dr. Orestes Guedes

CARDIOLOGIA — MEDICINA INTERNA

CICLO-ERGOMETRIA E AVALIAÇÃO
DA CAPACIDADE FÍSICA

Atende nos Hospitais: São Francisco, Manoel
de Abreu, Monsenhor Rocha e São Miguel

Atendimento no Consultório, com hora marcada
ou em regime de espera, das 9:30 às 12 horas
e das 14:30 às 17 horas.

TELEFONES { Consultório: 521-1908
Residência: 521-1561

RUA TRISTÃO GONÇALVES, 536 - CRATO-CE.

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

(DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI)

“Confissão” do Coronel Belém a Antonio Luiz

Em recente visita que fiz em Caririáçu ao “Museu” José Nogueira de Melo”, ou José Pereira, como era ele também conhecido, deparei-me, na sua Arquivologia, com uma pasta que contém correspondência e documentos curiosíssimos, com base nos quais não seria difícil ao pesquisador reconstituir e esclarecer alguns pontos ainda hoje controvertidos sobre a rebelião de Juazeiro, bem como sobre outros acontecimentos que tão profundamente agitaram o Cariri naquela época sob o domínio da política dos coronéis.

Mantinha ele assidua correspondência com os chefes do Crato e de Fortaleza, seus correligionários, integrantes do Partido Rabelista, condição essa que lhe valeu tenaz perseguição por parte dos sediciosos, para escapar dos quais teve que se refugiar no vizinho Estado de Pernambuco por muito tempo.

A primeira função pública que José Nogueira de Melo exerceu em Caririáçu então São Pedro, distrito do Crato, foi a de Juiz de Casamentos, em 1903, nomeado pelo Presidente Dr. Pedro Augusto Borges, assessorado pelo Secretário do Interior e Justiça Antonio Sabino do Monte, através do seguinte ato:

“O Doutor Pedro Augusto Borges Tenente Coronel do Corpo de Saude do Exercito Presidente do Estado do Ceará, etc. Nomeio o Cidadão José Nogueira de Melo para o cargo de Juiz de Casamentos do Distrito de São Pedro do Crato, Comarca do Crato. Palacio da Presidencia do Ceará em 29 de Janeiro de 1903. Dr. Pedro Augusto Borges Antonio Sabino do Monte. Registrado às folhas 116 do Livro competente 2ª Secção-Secretaria de Justiça do Ceará, em 30 de Janeiro de 1903”.

ITAYTERA

Depois, exerceria outros cargos, como o de Inspetor Escolar, Vereador e Intendente (Prefeito), prestando assim no desempenho de tais funções inestimáveis serviços à sua terra.

Homem de poucas letras, José Pereira era no entanto dotado de grande inteligencia.

Comprova a assertiva essa sua preocupação de conservar documentos, objetos e tantos outros utensilios de uso comum à época e que viriam no correr do tempo representar como ora representam precioso acervo cultural.

Nessa fonte é que fui encontrar a “Confissão” de Belém a Antonio Luiz, repertório de fatos narrados em versos rústicos, mas que bem retratam na sua nudez a realidade de uma das mais tumultuosas fases por que passou a historica cidade do Crato.

A titulo de curiosidade transcrevo. *ipsis literis*, a “Confissão” que colhi naquele arquivo, sem assinatura.

“O Belém arrependido
Dos crimes que cometeu,
Procurou Antonio Luiz
Para ser confessor seu.

Ajoelhado a seus pés
Com arrependimento e dor
Mandou o chefe que este
Rezasse o pecador.

Eu, assassino e perverso me confesso a vós Antonio Luiz todo poderoso criador da paz, da liberdade e da Bemaventurança e sempre firme conspiração no Crato, ao Bemaventurado Snr. Miguel Frazão, ao Bemaventurado Snr. João Evangelista, aos conspiradores Pedro Peixoto, Paulo Sisnando, e todos os conspiradores e a vós Toinho, que matei, furtei, surrei muitas vezes por pensamento palavras e obras; e a vós digo, minha culpa, minha

grande culpa, portanto peço e rogo ao Bemaventurado Snr. Miguel Frazão, ao Bemaventurado Snr. João Evangelista, aos Bemaventurados Snrs. Pedro e Paulo e todos os conspiradores, e a vós, Toinho, que rogueis por mim ao nosso Chefe Accioly, Amem.

Segue-se a "Confissão"

PERGUNTA : Descarregue sua consciencia
Não oculte um só pecado !

RESPOSTA : Toinho vá me perguntando
Que eu estou muito perturbado.

A. LUIZ : Seus pecados são horríveis
E amargam como fel.

BELÉM : Vou comessar pela surra
Que dei em Othoniel.

A. LUIZ : Acuse-se de todos elles
De mim vergonha não tenha.

BELÉM : Hoje estou arrependido
Do que fiz ao professor Penha.

A. LUIZ : Antes desta não havia
Questões velhas de outros anos ?

BELÉM : É verdade, desfeitei
Romeu e Domissiano.

A. LUIZ : Tantas prisões tantas surras
Por si e seus cangaceiros ?

BELÉM : Perdoai-me matei Camillo
E não foi este o primeiro.

A. LUIZ : Confesse todos os pecados
Nem um só não oculte.

BELÉM : Me lembro de uma morte
Feita em Joaquim Quidute.

A. LUIZ : São horrendo seus pecados
Não lhe acho arrependido.

BELÉM : Só nunca me arrependo
Da surra de João Garrido.

A. LUIZ : Este mesmo desfeitado
É seu correligionário

BELÉM : Da mesma forma tem outro
Que é o filho de Antônio Cezario.

A. LUIZ : E fazendo tudo isto
Esperava ter bom fim ?

BELÉM : Desgracei-me com a morte
Que fiz no sitio Crispim.

A. LUIZ : Eu ainda estava por ver
Um homem com tantas faltas

BELÉM : Reconheci minha desgraça
Na noite da serenata.

A. LUIZ : Entendia que com isto
Amedrontava a conspiração ?

BELÉM : Foi conselho dos amigos
Por mim só não mandava não.

A. LUIZ : Acuse-se de todos os crimes
Quero que não deixe ficar nada.

BELÉM : Dos pobres tomei as terras
De Serra Verde e Trapalhada.

BELÉM : Lá do Rio do Grangeiro
Todas as aguas tomei
Para regar na matinha
As canas que eu plantei.

BELÉM : Mortes, surras, prisões
Tudo eu mandei fazer
Pesso que me absolva
Mais nada posso dizer.

BELÉM : Coronel Antonio Luiz
Perdoai se mal vos chamo
Accuzo-me a ultima hora
Da surra de Luiz Ramo.

BELÉM : Os crimes que eu não me lembro
De vós espero o perdão.

A. LUIZ : Farei justiça a seus crimes
Reze o acto de contrição.

Acto de contrição —

Snr. meu Antonio Luiz, chefe e homem verdadeiro, aniquilador e possuidor meu, por serdes vós quem sois, bom e digno de ser amado, respeitado igualmente aos bons chefes, Peza-me, porque podeis castigar-me com a cadeia e livrai-me de nunca mais tornar a cer chefe e alcançai-me o perdão dos meus crimes com o seu digno chefe Senador Accioly amen.

Penitencia —

Pessa a Deus perdão de suas mizerias

Para ser feliz e depois será julgado pelo Jury."

Celso Gomes de Matos, em trabalho dado à publicidade em Itaytera, nº VII, pág. 129, alude a essa "Confissão", não declarando, porém, o nome do autor. Defende Antonio Luiz, mas considera em certas passagens injustas as acusações a Belém, ressal-

Ti - Ti / To - To — Seu Antonio

Minha avó, Hermengarda de Vasconcellos Passos entre outras estórias de sua vida em Campos, Estado do Rio de Janeiro, costumava repetir a curiosa experiência vivida por sua prima Maria Amélia, professora primária, que nas horas vagas, em casa, sem visar qualquer tipo de lucro, tentava enfiar o be-a-bá na cabeça dos criados.

Certa vez apareceu na chácara uma pobre menina que ali se empregara a troco da comida e de alguns mil reis. Tipo enfezado, arredio a qualquer aprendizado, dir-se-ia u'a menina fronteiriça.

Não obstante tanta deficiência mental, Maria Amélia, não poupou a moça da maçante cartilha, inevitável nos serões noturnos, num tempo em que a televisão não colidia com o Mobral doméstico.

Vale explicar antes de mais nada, que Maria Amélia era a única filha de uma irmandade de varões — Emanuel, Abelardo, Otávio, Tito, Antonio e Vicente.

Numa dessas noites de jornada alfabetizadora, Maria Amélia para facilitar as coisas resolveu trazer à baila o nome de um de seus irmãos, para que a menina soletrando acabasse por formar a palavra desejada.

E Maria Amélia martelava:

— T I é igual a que?

Depois de muita luta a menina respondia:

— Ti.

— E T O ?

Nova briga de foice para que a resposta viesse:

— To.

E Maria Amélia:

— Então, minha filha — Ti com To o que é que dá?

A garota nada.

A professora voltava com uma deixa:

— Lembra de um menino aqui de casa, um dos meus irmãos.

E a pobre coitada depois de imenso esforço mental arriscou:

— T I = TI; T O = TO — Seu Antonio.

*
* *
*

Esta quase anedota tem, mutatis mutandis, imensa relação com o status quo do ensino e do aprendizado no Brasil.

Em primeiro lugar, com raras exceções, não há mais aquela professora do tipo amansa burro, paciente e pertinaz, alma talhada para abrir cabeças boas ou más, espírito de sacerdote dedicado ao seu ofício, sem intenções fora de sua cátedra.

Atualmente o que se vê é o professor quase ao nível do aluno, no fundo e na forma. São peludinhos cheios de girias e de bossas, enturmados com a garotada, mitos bastardos, acanalhados pelo despeito e pela falência da autoridade e da hierarquia.

tando qualidades positivas deste na chefia do Crato.

Justas ou injustas, verdadeiras ou inverídicas as imputações feitas pelo menestrel matuto a Belém, o certo é

que os "versinhos" são contemporâneos dos acontecimentos que, jocosamente, registram, e, em historia os fatos se narram como ocorreram e não como gostaríamos que tivessem sucedido.

Além disso estão minados pelos interesses imediatistas — horas extras, promoções, chefias, contagens de tempo, aposentadorias o mais cedo possível.

O professor tornou-se um burocrata, transformando a escola num balcão e num trampolim para o ócio remunerado.

Como agravante, ele se deixou contaminar pela massificação e pelo consumismo da vida atual. Perdeu o seu lugar no quadro da legendaria elite pensante e se perdeu na massa boçal e amorfa. Em busca de um novo status, em oposição ao seu tradicional e consagrado, nivelou-se ao povileu materialista e amigo de aparências, repudiando o humanismo, abandonando livros, conferências, cursos, convívio com intelectuais.

O sacerdote sucumbiu ante o barnabé em trânsito para o esquema Maria Candelária.

Não mais Maria Amélia, que depois de um dia de corre corre pelas escolas campistas, ainda dispunha de tempo à noite, substituindo o seu lazer pela gratificante tentativa de meter na cabeça de sua empregada que Ti + TO é igual a Tito e não a seu Antonio.

Não mais Manoel Ambrósio, que em Januária, nas barrancas sanfrancescas do princípio do século, mantinha sua escolinha particular, mourendo até noite alta à luz de velas.

Não mais José Ferreira Landim, mestre de português, de literatura lusobrasileira e de matemática, responsável pela formação de gerações de fluminenses e cariocas.

Não mais Silvío Júlio, pedagogo nato, para quem a vida é uma aula permanente, transmissor gratuito de sua cultura assombrosa, adquirida em mais de setenta anos de estudos permanentes em extensão e profundidade, sem nunca haver descurado de seus compromissos docentes entre Rio e Niterói, a cinco mil reis a aula.

Se o professor fracassou, o aluno

se perdeu na sua própria ignorância, parecendo muita vez retardado. A empregada de Maria Amélia parece ter se multiplicado espantosamente.

Atuam, ainda sobre o aluno de hoje alguns outros fatores dignos de nota.

José Adolpho Abranches Fabris, foi aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, entre 1910 e 1920, no tempo em que aí pontificavam Maximino de Araujo Maciel, Salatiel de Queiroz e outros. Por motivos alheios à sua vontade teve que abandonar o colégio no fim do curso primário. Nunca mais estudou sistemática e metodicamente. Caiu no mundo para trabalhar e sustentar-se. Entretanto aqueles poucos anos numa das instituições padrão de ensino no princípio do século valeram-lhe mais que todo um curso universitário nos dias de hoje. Sobre escrever e falar um português impecável, sobre conhecer geografia, história, matemática, o Abranches é versado em Camões, Bocage, Eça de Queirós, e nos poetas do romantismo brasileiro.

Minha babá maranhense, Maria Teodora Guimarães, Dora na intimidade, aprendeu rudimentos de português em Palácio, já que afilhada do Presidente Luiz Domingues e orfã ainda em tenra idade, passou a infância no Palácio dos Leões em São Luis. Jamais a pilhei num erro de concordância, num deslize de regência verbal, num cochilo de pronúncia. Falava escorreito, escandindo as palavras como bôa maranhense, empregando termos clássicos hoje desaparecidos do nosso linguajar, tais como dantes, abecar, mouco.

Eu tive o privilégio de ouvir o canto do cisne.

Entre 1946 e 1956, fiz a minha formação no Colégio Padre Antonio Vieira, no Rio de Janeiro, responsável pelos destinos da "jeunesse dorée" carioca, daquela época.

Seguindo a sábia tradição francesa, aí completei o chamado curso de humanidades, guiado por d. Amélia Sallés, Décio José de Carvalho Werneck,

Thomaz da Câmara, Renan Reader, Germano Muller, José Gonçalves, Wilfried Hower, Antonio Veiga, Joaquim Menezes de Oliva, Olavo Pinheiro Guimarães, Yuda Siornai e outros.

Sai do Colégio para ingressar na Faculdade de Direito em 1957, com uma base em todas as direções de causar inveja a qualquer europeu. Não só eu, mas os meus colegas e os meus contemporâneos de outras escolas cariocas que rezavam no mesmo terço. Lembro-me que as exceções, hoje regra, eram os colégios pp — pagou passou. Recordo-me que eram três ou quatro, — Juruena, Guanabara, Brasil América —, em contraoposição ao Santo Inácio, Santo Agostinho, São Bento, São Fernando, Santo Antonio Maria Zacarias, Pedro II, Andrews, Melo e Souza, Bennett, Sion, Sacré Coeur de Marie, Sacré Coeur de Jesu, Jacobina, cujos corpos docente e dicente eram de primeira água.

Lembro-me que estudávamos literatura e lingua portuguesa, francesa, inglesa e latina como gente grande; que realizávamos batalhas de verbos; que recitávamos os clássicos luso-brasileiros; que analisávamos os Lusíadas; que fazíamos dissertações, cartas, ofícios, petições; que escreviamos longos e suculentos trabalhos de História em português impecável.

Foi justamente a partir da segunda metade dos anos cinquenta que o Brasil fez sua revolução industrial. Entrando nessa nova era com intenções revanchistas, isto é tentando recuperar o tempo perdido — cinquenta anos em cinco — o país não poderia quer materialmente, quer psico-socialmente suportar o gravame de um novo Status quo montado a trouxe e mouxe e a toque de caixa.

O afrontoso surto industrial trouxe no seu bojo a violenta evasão de mão de obra do campo, o inchaço das cidades, a proliferação das favelas, o aparecimento das megalópoles e a formação das grandes massas urbanas,

que o brasileiro passou a chamar de povão.

Em nome desse povão, como já frisara Ortega y Gasset examinando a rebelião das massas na Europa de 1930, passaram a ser tomadas atitudes oficiais e oficiosas, com uma característica fundamental — o nivelamento por baixo.

Como não poderia deixar de ser, a educação foi abarcada por esse processo de abastecimento nacional.

Em detrimento do humanismo, que dava conhecimento em extensão, propiciando as eventuais especializações sem prejuízo da visão global do mundo, agitou-se a bandeira do ensino profissionalizante, do conhecimento técnico, do currículo prático, da educação chã, distribuída em compactos industriais.

A propósito desse aviltamento do chamado "welteinshaun", escreveu com letras de ouro Ortega y Gasset em sua "Rebelião das Massas" edição do Livro Iberoamericano à pag. 84:

"Nas escolas que tanto orgulhavam o passado século, não se pode fazer outra coisa senão ensinar às massas as técnicas da vida moderna, mas não foi possível educa-las. Deram-se-lhes instrumentos para viver intensamente, mas não sensibilidade para os grandes deveres históricos; inoculou-se-lhes atropeladamente o orgulho e o poder dos meios modernos, mas não o espírito, e as novas gerações dispõem-se a tomar o comando do mundo como se o mundo fosse um paraíso sem rastros antigos, sem problemas tradicionais e complexos."

No Brasil de 1960 para cá essas observações de Ortega y Gasset calcadas em realidades europeias da década de vinte, bem podem ser alargadas maxime por força da enormíssima diferença entre Brasil e Europa e entre o Brasil pré industrial e este que se diz em desenvolvimento, ou que se intitula potência emergente.

Fomos o último país das Américas

a ter universidades, em contraposição aos de formação hispânica, que as conheceram desde o século XVI. Entretanto, hoje, talvez sejamos os campeões na área universitária. Não há Estado que não conte com pelos menos uma Universidade. Não há cidadezinha que não possua faculdades, algumas até de fim de semana.

Desenvolveu-se brutalmente a indústria do vestibular fazendo proliferar os chamados cursinhos, justificados pela mal encoberta ignorância dos alunos egessos dos colégios e pela desproporção entre o número de vagas oferecidas e postuladas por quantos pretendem o malversado título de doutor, o anel de grau e o certificado de preunção de saber chamado diploma.

Como a massa não podia esperar e também tinha que realizar o milagre de se educar no menor lapso de tempo possível, cresceu assustadoramente uma outra indústria bem rentável — a dos supletivos.

Para coroar o milagre educacional, deu-se mais velocidade aquilo que no passado constituía o curso básico de cada indivíduo, quer reduzindo-se os prazos da formação intelectual, quer suprimindo-se matérias julgadas desnecessárias dentro da mentalidade do ensino prático e profissionalizante.

E a ordem geral, para melhor facilitar o povão foi abrir as comportas, para que o acesso na escalada curricular não sofresse solução de continuidade, evitando-se ao máximo o desestímulo provocado pelas reprovações.

Um amigo meu, professor de certa faculdade carioca, foi chamado à secretaria do estabelecimento e intimado a modificar os seus critérios de dar nota, pois de acordo com os créditos atribuídos mais da metade da turma levaria pau.

Pena que tal fato não tenha ocorrido comigo, para que eu tivesse o prazer de dar com o cargo na cara do diretor. Ocorre que não me curvo à pecúnia nem prostituo o meu caráter

para ser agradável a nenhuma espécie de filosofia ou ideologia.

Toda essa parafernália educacional foi montada principalmente sobre uma sociedade emergente. De um lado os filhos daquela elite, daquela minoria seleta, fadados à degradação intelectual, quer pelas imposições do novo sistema, quer pela pressão das massas. Do outro os rebentos do povão, joguetes nas mãos de ilusionistas, de mágicos manipuladores de contingentes amorfos, de jovens infelizes, já candidatos a falsos sabichões nacionais, já em conflito com o seu meio de origem.

Implantou-se definitivamente o império da ignorância presunçosa.

Daí os resultados catastróficos dos vestibulares com um autêntico anedotário que já renderia obra em vários volumes. Daí o fracasso dos concursos públicos como este que ultimamente se realizou no Estado do Rio de Janeiro para preenchimento na carreira do magistrado, com um índice de reprovações de 99%. Daí a pletera de doutores com verniz de amanuense e polimento de servente. Daí, "os médicos, engenheiros, etc., os quais soem exercer sua profissão com um estado de espírito idêntico no essencial ao de quem se contenta com usar do automovel ou comprar o tubo de aspirina —, sem a menor solidariedade íntima com o destino da ciência, da civilização", conforme Ortega y Gasset.

Constrangendo as elites e dando à massa essa sensação ilusória do saber, não só ficou mais fácil aos detentores dos cordeis da vida nacional manter o clima de alienação, como também vender ao jovem a ideia de se projetar profissionalmente ainda que de maneira capenga e caolha, o mais rapidamente possível, para assim enriquecer depressa e em consequência consumir mais para manter a máquina industrial.

Fechando essa linha de raciocínio, incontestavelmente consentânea com a realidade de nossos dias, vale uma

vez mais trazer a estas páginas a palavra imorredoura de Ortega y Gasset:

"Diríamos, pois, que quando se volatilizam os demais prestígios, resta sempre o dinheiro, que, por ser elemento material, não pode volatilizar-se. Ou, de outro modo: o dinheiro não manda mais senão quando não há outro princípio que mande."

Então perguntar-se-á: Que outro princípio manda mais que o dinheiro nestes dias cansados em que vivemos?

* * *

Para melhor ilustrar tudo que ficou dito, vou aqui reproduzir a experiência que vivi em 1967, quando fui lecionar História Geral e do Brasil em Paracambi, cidade da baixada fluminense.

Josaphá Barbosa Victal, alagoano de Arapiraca, dirigia o Colégio Othon, que funcionava anexo à fábrica paracambiense do Grupo Bezerra de Melo. Numa visita informal que eu fizera à escola em julho de 1967, recebi o convite do diretor que aceitei prontamente, pois, como dizia Menezes de Oliva há três maneiras de aprender: lendo, escrevendo ou ensinando.

Não sendo a pedagogia objeto de aprendizado escolar, pois que é incontestavelmente dom abundante em alguns indivíduos, vasqueiro em outros, preferi me classificar entre os dotados e parti para a minha aula inaugural na primeira semana de agosto de 1967.

Escalou-me o Josaphá para professor das matérias aludidas no 1º ano do Curso Técnico em Contabilidade e nos 3º e 4º do ginásio.

Meus alunos eram rebentos locais, representantes dos vários segmentos da sociedade paracambiense. Quase todos adolescentes, alguns empregados no comércio e na indústria.

Sem perda do respeito eu me fizera em pouco tempo amigo dos alunos de modo a servir-lhes de muro de lamentações, de orientador em todas as direções.

Entretanto, os pobres coitados já estavam contaminados pela subversão

do ensino no Brasil e pelas mudanças estruturais na vida brasileira.

Ainda imbuido do espírito do Colégio Padre Antonio Vieira, decidi promover concursos, contemplando os vencedores com prêmios sempre alusivos às coisas da cultura universal.

No fim do ano ministrei prova escrita dando temas a serem desenvolvidos dentro de certos padrões que me permitisse aferir o grau de aproveitamento dos alunos.

Ao Curso Técnico em Contabilidade pedi que dissertasse sobre o "Sentido Econômico das Bandeiras". Entre onze alunos, as notas oscilaram de sete a três. Mas houve trechos de exposições que guardei com carinho para uma oportunidade como essa que ora se me apresenta. Ai vão eles: De Nanci Forrester da Silva:

"Em tese da diferenciação é válida e não há perigo algum em ser nomeada."

"Entretanto ao examinar-mos os dois ciclos veremos que as Bandeiras nos proporcionou mais lucros."

De Zulmar Franco:

"No princípio da vida do Brasil houve violenta inflação isto porque a Inglaterra através de assuntos econômicos."

"As Bandeiras contribuíram muito economicamente falando pois através delas que teve o início do ciclo do ouro no Brasil."

O terceiro ano ginasial dissertando sobre a fundação de Roma cometeu desatinos como esses:

De Maria Cristina Franco:

"Seu irmão Remo, não obedecendo tal ordem, atravessou o muro que ele proibira, sendo *exortado* e morto por desobediência ao seu rei que era Rômulo."

De Cheila Maria Barreto Pereira:

"Quando Amúlio soube do ocorrido mandou que joga-se no rio Tibre os recém nascido, mais um pastores acharam a criança e deixaram na floresta

e eles foram amamentados por uma loba."

De Eglê de Carvalho Victal:

"Na fundação de Roma teve muitos aspectos importantes."

"Tudo comessou quando Eneias vindo da guerra de Troia com seu pai Anquises e seu filho Ascânio ao Lácio região onde se habitavam os latinos."

"Mais quando já é trassado o destino e nada pode afungenta-lo as crianças foram encontradas por uns pastores que os amamentou por uma loba até que ficaram homens."

De Maria José Barbosa:

"Roma surgiu no monte Palatino pelos latinos, os palatinos sentiu necessidade de se expandir e assim com as guerras conseguiu ir a Septimontions que são sete montes Célio, capitalino, Veminal, Quinal, Avetino, Capitalino."

"Ascânio era filho de Aquiles com a princesa filha do rei de Sabina com ela se casou, seu pai Aquiles foi embora em gerras e... mais tarde teve uma filha Reia e esta contradizia o casamento, por isto foi ser uma Vestal."

De Neusa Maria Teperino:

"Como dizem vários historiadores

Roma nasceu do monte Palatino sendo de 7 montes. Quirinal, Célio, Aventino, esquirinal e outros as quais não me recordo agora. Sendo que foi dividida em três partes distintas Continental, Peninsula, Insular Norte e é recortada pelo rio Pô."

"A parte lendária é constituída de que quando Aquizes veio da guerra de Troia e teve com seu genro a qual tinha um filho Ascânio que se casou Lavinia, filha de um rei latino. Sendo que Ascânio fundou a cidade de albalonga."

A quarta série tocou um tema sobre Napoleão.

João Aquiles de Oliveira Neto brindou seu professor com este trecho:

"Napoleão foi um dos maiores Imperadores, Napoleão subiu ao trono em 1804 governou em regimes rigorosos, o exército de Napoleão em 1808 fez sua primeira conquista e assim por diante sucessivamente foram as suas conquistas, Napoleão assim queria ser coroado pelo Papa sugeitou, e tomou da mão de Vossa Santidade o Papa Pio XII a coroa, e ele mesmo coroou a si Napoleão Nasceu na Ilha da Córsega em 1769."

Será que os meus alunos teriam se deixado influenciar pelo samba do Crioulo Doido que afinal é contemporâneo desses fatos?

Em Circulação "OS BEZERRA DE MENEZES"

Está em circulação a interessante plaqueta, OS BEZERRA DE MENEZES, que aprofunda os estudos da genealogia dessa importante família cearense, e dá a conhecer o universo de sua atuação em todos os ramos da vida do nosso Estado.

O estudo, escrito a 3 mãos, reúne 3 capítulos diferentes: Os Bezerra de Menezes do Riacho do Sangue (zona de Solonópole) por Eduardo de Castro Bezerra Neto; Os Bezerra de Menezes

da Zona Norte, por Vinicius de Barros Leal, e Os Bezerra de Menezes do Cariri, pelo general Raimundo Teles Pinheiro.

A apresentação, pelo escritor José Denizard Macedo de Alcântara, com rara maestria, abre o livro, editado pela Tipografia Minerva, de Assis Bezerra, tendo o lançamento se verificando quando dos 90 anos daquela empresa gráfica, no início do corrente ano.

GAIBU AVENIDA

BAR - RESTAURANTE

CHURRASCARIA - BUATE

Ambiente Distinto e Acolhedor

Salão com Ar-Condicionado,
para Banquetes e Recepções

Cozinha de Primeira Ordem

Avenida De. Cicero

CRATO - CEARÁ

Clínica de Olhos

Dr. João Correia

Saraiva

Dr. João Correia Saraiva

Dra. Artemis de Luna Saraiva

**A mais moderna
Clínica Oftalmológica
do interior**

Credenciada pelo

Banco do Brasil,
Banco do Nordeste,
Banco do Ceará,
BRADESCO e INAMPS

Rua Bárbara de Alencar, 605 - CRATO - Ce.

A Viagem do Boiadeiro

Há um grande movimento na Fazenda Monte Verde, localizada a oeste do Estado de São Paulo. O capataz reuniu os peões boiadeiros e todos os responsáveis pelo transporte do gado, que irá viajar por terra.

Inicialmente, são reunidos vários sinuelos, gados mansos e treinados. Esses animais são amestrados, não se assustando facilmente e obedecendo sempre o toque do berrante.

A viagem é de 16 dias, com várias paradas em boas aguadas de 6 em 6 horas durante o dia. Não viajando à noite. Serão transportadas 500 cabeças de gados, por estrada já conhecida pelos boiadeiros. Serão utilizados 8 peões boiadeiros, constituídos de 4 peões simples, mas bons laçadores e que sabem derrubar o boi pelos chifres.

"OS PEÕES BOIADEIROS"

"Ponteiro" é o peão que vai à frente da boiada, esse homem é o olheiro da estrada, conhece-a de ponta a ponta, é o melhor berranteiro da turma e também o responsável pela segurança da boiada, "reprica o berrante para cada situação." Por exemplo: 1º toque, para afinar a boiada, é quando a estrada é estreita, necessitando alongar a boiada; 2º toque, para juntar o gado, quando a estrada é larga, sendo necessário manter o gado junto. Nesse caso a fila é curta, 3º toque, para avisar perigo, que é raro, porque o "ponteiro" já tem o percurso planejado com antecedência, 4º toque, para preparar o gado para descansar, quando estão no local de pouso.

"O COZINHEIRO E OS CARGUEIROS"

Outro peão de real importância, é ITAYTERA

o "cozinheiro", homem simples e solitário, viaja sozinho, montado no seu burro, acompanhado de dois cargueiros, que são os burros que levam em seu lombo duas bruacas uma de cada lado. Essa peça é uma mala de couro cru, para o transporte de alimentos: arroz, farinha etc. e vasilhames, caldeirão, panelas, bules etc. Ele viajará até encontrar a aguada para acampar e preparar o almoço dos colegas; para o gado e a tropa matar a fome e sede.

"O AUXILIAR"

O "auxiliar" do capataz é o segundo homem forte e autoritário entre as peãozadas. Ele transmite as ordens do capataz; possui uma índole pacífica, mas enérgica, quando impõe uma lei; é cumpridor de seus deveres, fazendo-se obedecer pelos seus comandados. Valente e destemido, mas honestíssimo com os demais boiadeiros. Raramente há desavenças entre os peões paulistas. Nas estradas ou na fazenda todos vivem como uma grande família.

"O CAPATAZ"

O capataz é a pessoa contratada pelo proprietário da fazenda. Ele controla a compra e venda dos gados e das tropas, contrata os melhores peões, faz o possível para manter a fazenda em ordem e procura ser amigo dos boiadeiros e suas famílias, conserva sempre em dia o livro de registro, onde são anotadas as altas e baixas das criações, o pagamento dos peões etc.

Quando está fiscalizando a fazenda, o faz sempre acompanhado de seu auxiliar. Na leva da boiada, quando em grande quantidade, faz questão de seguir junto com os boiadeiros,

cuja função é somente observar, contar as cabeças. É o único que viaja bem vestido, apesar de serem roupas de linhos próprios para enfrentar a poeira da estrada. Não tem lugar fixo quando viajando com a boiada, ora está na trazeira, entre o poeirão que encobre totalmente a visão, ora se encontra no meio dando ordem a um peão, ou então na frente junto ao ponteiro.

Seu cavalo de carreira sobrepõe-se em beleza, é de puro-sangue, pelos vermelhos, com largas manchas brancas no fronte acima das patas dianteiras até o pescoço. Cavalga orgulhoso ostentando seu largo chapéu de couro e um lindo lenço de seda no pescoço, tendo no nó central uma pequena cabeça de boi de marfim.

"A PARTIDA"

O galo cantou, a escuridão da madrugada começa a descompor, dando lugar aos primeiros raios solares, os galináceos saem dos poleiros e começam a ciscar alegremente o terreiro, os cachorros ladram.

Tudo está preparado para iniciar a longa viagem. As peãozadas acham-se reunidos em frente a "casa grande" junto com suas famílias. O capataz improvisa-se em padre e faz umas orações, pedindo a Deus a benção e a proteção do pessoal durante a viagem. Após a curta mas fervorosa prece, as lágrimas correm dos olhos das esposas e filhos dos peões, que desejam felicidades aos seus entes queridos. Os moleques montam no dorso nu dos cavalos e saem em carreira até a grande porteira, abrindo-a provocando o poético chiado da cancela.

Seis horas, o ponteiro reprica o berrante, começa a passagem dos grandes e pesados quadrúpedes pela porteira. As crianças trepadas nesta e nos cercados fazem grande alarido de despedida.

"A ESTRADA"

A paisagem é exuberante, a colina

eleva-se à esquerda da estrada poeirenta; à direita há um caudaloso rio de águas cristalinas e brilhantes; além de sua margem direita, dois quilômetros de campo divide o rio das altas montanhas.

Nas colinas pastam alguns gados que consomem os verdes pastos, há também as belas e frondosas paineiras que fornecem sombras agradáveis aos gados que a procuram para descansar e ruminar.

O silêncio é quase total, somente interrompido pelo cantar dos pássaros que sobrevoam alegremente o local, ou com os longos e cansativos rugidos de alguns quadrúpedes, que pacientemente abanam a cauda espantando as impertinentes moscas que não os deixam em paz.

O sol está a pino, o calor insuportável, somente refrescando com a agradável brisa que sopra de leste a oeste.

Um som mavioso vindo de longe, corta o silêncio, deixando atentos os animais que pastam modorramente. Na curva da estrada surge o ponteiro, entoando o berrante.

O gado caminha vagarosamente. Olhando-se os dorsos de centenas de animais, impressionamo-nos com aquela floresta de chifres e corcundas dos bois zebu em movimento, oferecendo um espetáculo maravilhoso. Os peões cavalgam cantando uma moda regional, triste, mas amorosa, lembrando sua amada, sua voz, em conjunto com o cavalgar das manadas e os relinchos dos cavalos, forma no espaço uma sonora e agradável melodia. Atrás, levanta o poeirão encobrendo totalmente a paisagem e o estradão que se afina no horizonte.

Em certo trecho a estrada penetra por um estreito desfiladeiro de 100 metros de distância, o ponteiro ressoa o berrante para afinar a manada, dois peões galopam morro acima, um de cada lado da elevação, e ficam postados no cume, vigiando o gado que atravessa a estreita passagem.

Após êsse difícil trecho, se descortina vasto e longínquo campo, e os peões cavalgam à distância, dando liberdade para o gado caminhar, comendo a vegetação rasteira, que é abundante.

"A FUGA DO ZEBU"

Cinco horas de viagem, o sol causticante, o gado começou a apresentar sinal de exaustão. Alguns dos animais já estão ariscos, em dado momento uns dos zebrus começa a criar pontas (procurando um meio para fugir da manada), de repente sai em desabalada carreira pelo campo afora. Um dos peões firma-se na sela, esporeia seu cavalo e dispara no encaço do boi enervado. Vendo que êste se dirigia para o matagal próximo, empregou mais velocidade no seu malhado, emparelhou o cavalo ao boi, desviou o cavalo para o lado contrário e com agilidade e sangue frio, saltou do cavalo, caindo de pé rente a cabeça do boi, em pleno movimento, o peão lançou rapidamente a mão direita nas ventas do boi e a segurou prendendo a respiração do animal e com a esquerda pegou firme em uns dos chifres e torceu o pescoço do boi para o seu lado, instante em que o pesado animal derrapou a pata dianteira, dobrando a trazeira, perde o equilíbrio e cai incontinente de lado, formando uma nuvem de pó em seu redor. Para mantê-lo no chão, o peão imediatamente coloca uma das patas dianteiras atrás do chifre, e assim o boi fica completamente imobilizado, momento em que o valente boiadeiro coloca a máscara de couro na carranca do zebu e o leva subjugado aos gritos do aboiado (aboiar-cantar) vitorioso para junto da manada.

"O ACAMPAMENTO"

À medida que se prossegue, o terreno se inclina em direção ao rio, que neste ponto cruza a estrada, tendo pouca profundidade neste trecho, oferecendo passagem para o gado em pé.

ITAYTERA

Transpondo essa aguada, a estrada continua paralela à correnteza: a vegetação torna-se mais vasta, formando floresta típica de pradaria, mas, próxima à margem se oferece um descampado com ricos pastos, que terminam no sopé das montanhas, situadas a poucos quilômetros. Devido o privilégio do terreno, êste ponto foi escolhido para acampamento dos boiadeiros.

Há pouco que o cozinheiro chegou com seus cargueiros e acampou, desatrelou os animais e os soltou a pastar, empunhou seu facão de picada e procurou as moradas das "térmitas" (formigas brancas que são abundantes em campo sem cultivos) improvisou o original fogão, com as casas dessas formigas, colheu gravetos e acendeu o fogo (folclore paulista-dança de São Gonçalo) e preparou a refeição.

O ponteiro avistou distante a fumaça, elevando-se no espaço, e deu o toque para preparar o gado para travessia do rio que estava próximo. Uma alegria invadiu as peãozadas, que já pensavam em descanso. O gado foi formado em fila, para cruzar a faixa aquática.

O local para acampamento sempre é próximo ao rio, porque boi não gosta de entrar n'água, assim sendo, os gados conservam-se juntos. Quando é preciso a boiada atravessar um rio, os boiadeiros precisam instigá-los para os bois não acuarem, e os ruminantes, sendo forçados, provocam grande confusão dentro d'água, e muitas vezes um animal sai com uma perna quebrada ou feridos pelas chifradas dos outros, momento em que os peões os matam e preparam a carne na charqueada, levando o couro para o patrão, provando o destino da rês.

No Folclore Catarinense há um trecho em Poranduba Catarinense de Lucas Alexandre Boiteux, que diz: O boi quando nada aperta o rabo; d'outra maneira se afoga.

"O ESTOURO DA BOIADA"

39

Os peões já haviam tomado suas refeições vespertinas e estavam saboreando o delicioso cafezinho. O cozinheiro estava preparando seus carqueiros para prosseguir viagem. O auxiliar lançou terra na chagueada para o sangue da rês sacrificada não atrair animais selvagens. O capataz e companheiros jogavam baralho, um peão de meia idade dedilhava a sua viola, tirando de suas cordas belas modas sertanejas:

Meu boi nasceu de manhã,
A meio-dia se assinou:
As quatro horas da tarde,
Com quatro touros brigou...

O gado pastava sossegadamente, dois peões faziam a ronda.

Em dado momento, os peões ouviram um barulho estranho, (José Alípio Goulart, no livro "Brasil do Boi e do Couro" — diz na pag. 150 — O boiadeiro tem olhos de lince e ouviu de tuberculoso não lhe escapando o mínimo ruído sequer.) Um dos homens que estava de ronda chegou a galope para o capataz, informando-o que uma pintada estava próxima ao acampamento. Puseram-se de prontidão e empunharam as carabinas, mas de súbito, eis que a onça aparece em cima d'uma árvore, preparando o bote em cima de uma rês, no exato momento que um peão a vê e atira, atingindo-a entre a pata e o peito, e esta cai fulminada. Mas, o inesperado: o tiro surdo e o baque do felino espantou a boiada e esta estourou, momento em que os quadrúpedes saíram em veloz e desenfreada carreira, de cabeças baixas, chifres em riste, cegos e furiosos, derrubando tudo que se apresenta em sua frente, trombando uns aos outros, pisoteando os mais fracos, caindo e atolando-se nos lamaçais do rio. Espetáculo desconumido: ver aqueles enormes e pesados animais desenvolvendo velocidade espantosa para seu porte gigantesco, produzindo o ribombar e estremecendo o solo.

O boiadeiro, homem de precisão e de extrema calma, sabe contornar situação dessa qualidade. Numa manada de 500 cabeças, saem em carreira os animais assustados, mas os sinuelos que são mansos e treinados, se mantêm calmos e os peões os usam para atrair os furiosos, cercando-os com 15 ou 20 sinuelos, conseguem juntar os bravos entrozando-os no meio dos domesticados, assim grande número de bois ariscos são trazidos para o acampamento.

Lá vai o peão, galopando a tóda velocidade, de laço em punho girando nos ares, solta-o todo, alcançando com precisão o pescoço do boi, cavaleiro e cavalo freiam-se súbitamente, o boi preso pelo laço interrompe de pronto sua corrida.

O peão ouve o mugido do boi, vê o zebu contorcendo-se, tentando safar-se do lamaçal. Jogou o laço entrelaçou o pescoço do animal atolado. O cavalo recuando puxava o ruminante, que saiu com as pernas trazeiras feridas.

De tóda parte chegavam peões às carreiras, trazendo animais de tóda maneira possível.

Quando tudo amainou foram contadas e selecionadas as cabeças que deveriam ser mortas devido aos profundos ferimentos, e as que seguiriam viagem.

As carnes foram salgadas e iriam ser vendidas nos açougues da próxima cidade.

Deixaram o acampamento, ficando somente as ossadas das rês mortas, que atraíam as aves de rapina e os animais selvagens que disputavam seu naco.

O peão, que abateu a pintada, enfeita a garupa de seu alazão com a bela pele do felino, e cavalga todo orgulhoso, planejando a história que irá contar para os amigos da cidade.

E vão-se lá, êsses destemidos e bravos homens, conduzindo pacientemente êsses preciosos gados, enfrentando tóda sorte de surpresa e contornando-as, até chegarem em seus destinos.



Prefeitura Municipal
de
Potengi - Ce.

Nossas congratulações ao
Instituto Cultural do Cariri e ao povo
do Crato, pelo lançamento do
26.º número da vitoriosa ITAYTERA.

Antonio Alves Rodrigues

PREFEITO MUNICIPAL

Construtora LEIMO

O conceito aliado ao
alto padrão de construir

Rua Senador Pompeu, 293 - FONE: 521-2754

CRATO - CEARÁ

REPULSA AO RECRUTAMENTO

O BRASILEIRO, graças a Deus, não é um povo muito marcial. Se gosta de uma bela parada de 7 de setembro não é senão como espectador sem compromisso. E isso o cidadão. Pois no interior, no campo, como se diz nas novas gerações doutrinadas num linguajar mais ou menos impreciso econômica e politicamente, isto é, nos sertões desta grande pátria, parece, a situação não se modificou grande coisa desde os tempos da Guerra do Paraguai. A condição de soldado, ou mais precisamente, o alistamento e sorteio para o serviço militar, mesmo depois da propaganda bilaciana, durante a primeira conflagração européia, nunca deixou de infundir um sagrado horror no homem do campo. Não se trata de sentimento cultivado pela pobre humanidade dos figurantes de Graciliano Ramos, essa espécie de covardia congênita ou atávica que parece antes provir da lamentação do lusitano expatriado ("Antes fosses pra soldado" etc.). É bem documentado hoje esse fato histórico, da oposição popular ao chamamento às armas no período imperial.

Aspectos, publicação da Secretaria de Cultura do Ceará, no seu número 2, inclui, entre matéria de diverso interesse, um estudo do Sr. J. de FITAYTERA

gueiredo Filho, sob o título "Repulsa ao recrutamento. Versos populares que o condenam". Refere-se o autor inicialmente "ao arrebanhamento à força de sertanejos para as guerras do Sul", chegando mesmo a represália popular a assumir proporções de revolta como aconteceu na Balaiada nas províncias do Maranhão e Piauí, e não se esquece de excetuar da regra o Rio Grande do Sul, onde por causa da situação de fronteira, sempre vicejaram os sentimentos marciais. Verdade é que o regime republicano, pretende o autor, instituindo as modificações sabidas no aliciamento militar (o próprio sortecio, os tiros-de-guerra, o serviço obrigatório mas regular e até as isenções para o trabalho rural) concorreu para suavizar a oposição do homem do campo ao serviço das armas. Mas, seja como for, o certo é que há ainda memória da calamidade que era o recrutamento para as armas imperiais. Refere o autor que o mais calamitoso para o Ceará foi o de 1825 que se destinava à guerra da Cisplatina: "...pegados a ferro e a fogo e embarcados, como bichos, sem assistência de qualquer ordem." De 2.150 cearenses morreram na viagem para a Corte 412 e 314 foram entregues aos hospitais, além de 58

extraviados. Não é sem razão pois o sentimento de horror que ainda se espelha no folclore em relação ao "reclutamento". Naqueles tempos o poder temporal e o espiritual davam-se as mãos para a maior glória de Deus e do imperador. As juntas e comissões de designação e recrutamento funcionavam nas igrejas. O que era semelhante ao que ocorre em todos os tempos é que os protegidos encontravam sempre meio de escapar do recrutamento. Era mesmo feição característica do domínio do partido que estivesse no poder (eram dois também) a vantagem suplementar de excluir os seus eleitores e amigos do serviço das armas.

O Sr. J. de Figueiredo pôde identificar um poeta popular, cujos versos ainda correm no Cariri e, de certo modo, exprimem sentimentos atuais. É José Francisco, do Crato, o qual sem cerimônia alguma canta a covardia. Seria hoje o que se chama em língua estranha um *conscience objector* ou um idioma pátrio uma testemunha de Jeová devidamente cassada. A estância ci-

tada pelo Sr. Figueiredo merece ser reproduzida :

*Não me levem para a guerra,
Não me façam essa surpresa,
Pois eu não tenho natureza
De ver meu sangue na terra.*

*Deixem que eu vá pra serra
Conviver com os macacos,
Dormindo pelos buracos
Sujeito à sede e à fome,
Depois escrevam meu nome
No livro dos homens fracos.*

José Francisco improvisou esses versos no xadrez onde o meteram, "recluta" para a guerra. Dispensaram o poeta do serviço e o soltaram, no que foi ele mais feliz do que Bertrand Russell na Primeira Guerra Européia. Desta vez ao menos, e com a antecedência de meio século, o Brasil deu à Inglaterra uma lição de pacifismo.

Extraído do livro "O Elmo de Mambrino", de Livio Xavier — Rio de Janeiro — 1975 — Livraria José Olympio Editora.

Falece General Pinheiro Monteiro

Já estávamos encerrando a nossa edição quando ocorreu o falecimento, em Crato, do General Joaquim Pinheiro Monteiro.

Era ocupante da Cadeira nº 15 do ICC que tem como Patrono Leandro Chaves de Melo Ratisbona.

Nascera em Crato em 27.09.1900 e faleceu na mesma cidade, no Hospital S. Francisco, em 31 de Maio de 1982.

Foi casado com a beletrista Olga

de Lacerda Pinheiro Monteiro, mineira, (N. 27.01.1902 e f. 16.03.1980) e deixou uma única filha, Ana, casada com Fernando Callou.

General do Exército Brasileiro, ex-Diretor do Hospital Militar de Fortaleza, ex-secretário de saúde da Prefeitura de Fortaleza, foi médico formado na Faculdade do Rio, em 1923.

Uma grande figura humana.

O ICC vai declarar, oficialmente vaga a sua Cadeira.



Prefeitura Municipal
de
Nova Olinda-Ce.

Nossa alegria por ver ITAYTERA
em novo número.

Ela é a grande mensageira das tradições
culturais e cívicas de toda a região.

Antônio Jeremias Pereira
PREFEITO MUNICIPAL

○
BANCO DO BRASIL S/A

congratula-se com o Instituto Cultural do Cariri e com a intelectualidade da região por mais este número da Revista Itaytera, símbolo vivo da capacidade cultural do povo do Crato.

Reminiscências da Revolução de 1930

Às 17:30 de 03 de outubro, há 50 anos, deflagrava a Revolução de 1930: cinquenta guardas civis chefiados por Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e o Cap. Argenor Barcelos Feio atacaram o Q. G. do Exército, enquanto elementos comandados por João Alberto Lins e Barros atacavam o Depósito de Material Belico do Morro do Menino Deus — a mais importante posição militar de Porto Alegre — onde foi abatido o Cap. Jayme Argolo Ferrão, que reagira de arma na mão. Às 14:00 horas do dia seguinte Porto Alegre estava totalmente nas mãos dos revolucionários, e, 24 horas depois, o mesmo ocorria de Santo Angelo a Uruguaiana, de Passo Fundo a Cruz Alta, de Alegrete a Rio Pardo, de São Borja a Bagé, de Pelotas a São Gabriel, de Vacaria a Cachoeira.

Em Minas Gerais a Revolução estourou também às 17:30 de 03 de outubro, mas, ao contrário do que se supunha, houve tenaz resistência do 12º R. I. sob a chefia do Maj. Pedro Leonarde de Campos e do Cap. Josué Freire, que resistiu ao canhão incessante dos atacantes durante 5 dias e 4 noites, e só se rendeu por falta de víveres e de água.

Na Paraíba, na madrugada de 04 de outubro, os Tens. Juraci Magalhães e Agildo Barata Ribeiro, acompanhados por outros oficiais e alguns civis, assaltaram o quartel do 22º B. C., morrendo em combate o Gen. Lavaneri Wanderley e outros oficiais legalistas; e no interior do Estado não houve qualquer resistência.

Ainda na Paraíba, na cidade de Souza, também na madrugada de 04, o 23º B. C., que lá estacionava, revoltou-se sob o comando do Ten. Carlos Cordeiro de Almeida com a

cooperação dos Tens. Ary Hugo B. Correia e Julio Veras, tombando sem vida em combate o comandante efetivo Cel. Pedro Angelo Corrêa; poucos dias depois o Dr. Matos Peixoto deixava o governo do Ceará, que foi assumido pelo Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, levado pelo Povo.

No Recife, enquanto Juraci e Barata dominavam a Paraíba, a população se colocava ao lado dos oficiais rebeldes e ocupava depósitos de armas; e os prédios do governo sob a omissão dos efetivos que os guardavam. Entretanto, o T. G. 333 encontrou feroz resistência no 21º B. C., de onde a luta se espalhou pelas ruas da cidade, obrigando Juarez a ir buscar reforços na Paraíba. Com a chegada de 680 homens mandados pelos Tens. Juraci e Barata, o povo já lutava nas ruas com as armas que o Cap. Muniz de Farias apreendera num depósito do Exército; na noite de 04 de outubro o presidente Estácio Coimbra fugiu do Palácio e a luta recrudescceu, os quartéis foram caindo sucessivamente, e o povo em festa levou Carlos de Lima Cavalcante para assumir o governo no Palácio das Princesas.

Enquanto isso, o Rio Grande do Norte, Sergipe, Ceará, Piauí e Maranhão passavam para o domínio dos Revolucionários, e, a 14 de outubro, tropas de Minas invadiam Espírito Santo e Rio de Janeiro sem resistências.

Nesse interim as tropas gauchas, chefiadas por Getúlio com a cooperação do Ten. Cel. Góes Monteiro, e as paranaenses e catarinenses avançavam sobre São Paulo, um dos poucos Estados que não haviam caído em poder dos revolucionários, juntamente

com o Pará, Bahia e D. F. e se preparava para detê-las na região de Itararé, cuja defesa foi entregue ao Cel. Paes de Andrade, apoiada por aviões da Força Pública...

Washington Luiz resistiu enquanto pôde, apesar da deterioração em todos os Estados: convocou reservistas, mobilizou suas forças políticas e militares, mas, pouco a pouco, o Exército e a Marinha se envolveram na conspiração. E, no dia 22 de outubro, foi redigida uma intimação ao Presidente da República e distribuídas funções: o Gen. Leite de Castro instalou seu Q. G. em Niterói; o Gen. Mena Barreto no Forte de Copacabana; o Gen. Firmino Borba em S. Cristovão, enquanto o Gen. Pantaleão Teles tentaria convencer a oficialidade da Vila Militar sobre a conveniência do afastamento de Washington Luiz, em face da possibilidade de uma luta fratricida iminente. Entretanto, somente às 23:00 horas de 23 de outubro, o Ministro Sigefredo Passos confirmou que estava em curso uma conspiração nos altos escalões do Exército, e o Presidente determinou a prisão dos conspiradores, que não foram encontrados nas suas residências.

Na manhã seguinte os revoltosos lançam de avião a Ordem de Operação nº 1 sobre o Rio e o Presidente Washington é levado para o Forte de Copacabana pelo Cardeal D. Sebastião Leme. Era o fim, e 24 horas depois tomou posse a Junta Governativa — Gens. Tasso Fragoso e Mena Barreto e Almirante Isaias Alves de Noronha — que entregaria o governo a Getúlio Vargas no dia 03 de novembro seguinte, e no qual se entronizaria até outubro de 1945...

Agora convém fazer-se rápida referência a fatos ocorridos nos anos vinte e constituíram-se fatores da Revolução que mobilizou inovações em todos os setores da vida pública brasileira.

Assim, sumariemos os principais acontecimentos que desaguarão no

movimento revolucionário de 30: surto da industrialização (em 1920 tinhamos 13.336 estabelecimentos fabris com mais de 150.000 operários e seus problemas), fundação do partido comunista e outros, contrato da Missão Militar Francesa, realização da Semana de Arte Moderna, fundação da Ação Católica, a farsa das eleições e diplomações, as cartas falsas, o tenentismo, a prisão do Marechal Hermes, a epopeia dos 18 do Forte (Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Newton Prado), e o levante da Escola Militar, a Revolução de 1924 (Joaquim Távora, Isidoro Dias Lopes) e Rio Grande do Sul, a formação e marcha épica da Coluna Prestes (Prestes, Juarez, João Alberto, Siqueira Campos, Cordeiro de Farias, Djalma Dutra), o estado de sitio, a intervenção nos Estados da Federação, o episódio de Princesa na Paraíba, a fraude nas eleições de Julio Prestes versus Getúlio, o trágico assassinato de João Pessoa, o crack da Bolsa de Nova York e a crise do café, etc. Todos esses fatos constituíram o caldo de cultura que cozinhou os elementos formadores da torrente revolucionária que nos trouxe muitos males, mas nos deu entre outras conquistas: o Código Eleitoral, o Código de Minas, o Ministério do Trabalho, a ascensão da classe empresarial e toda a legislação que nos rege nos atribulados tempos de hoje...

Para concluir esta arenga que já está longa, desejo prestar um depoimento despretençioso de fatos que presenciei ou nos quais participei: No dia 15 de fevereiro de 1930 matriculei-me na augusta Escola Militar do Realengo e no dia 20 de março, no Restaurante Sans-Souci, encontrei-me com o aluno da Escola de Aviação Militar Roswel Dutra Ramos, meu contemporâneo no Colégio Militar do Ceará, onde cantáramos a música "Seu Mé" em 1922, na frente do Palácio do Governo, sob o comando do instrutor Ten. Atualpa de Alen-

car Lima, e posteriormente elegeramos como heróis Siqueira Campos, Juarez, Eduardo Gomes, Joaquim Távora, Isidoro Dias Lopes, Ribeiro Junior e outros. Dizendo confiar em mim, posme a par de uma série de ocorrências que conduziam a uma revolução, e que eu, se concordasse, deveria procurar ligação com o cadete Olavo Albuquerque e Asp. Afonso de Albuquerque Lima. Fiz a necessária ligação com o 3º anista Olavo Albuquerque e aguardamos os acontecimentos, que pareciam arreferidos com o Manifesto do Getulio, e realmente os ânimos pareciam amornados, até que explodiram com o estúpido assassinato de João Pessoa no Recife, na tarde de 26 de julho de 30, e a apoteose do desembarque do seu corpo no Rio, em agosto. E os ânimos se exaltaram, voltando a esperança naqueles que, como eu, acreditavam que a saída do Presidente W. Luiz seria a salvação da Pátria e do regimen envilecido pela fraude eleitoral, pela degola, pelo coronelato, a corrupção e o suborno.

No dia 03 de outubro, consoante diário iniciado nesta data, em 1930, rebenta o movimento em Porto Alegre, a Escola é impedida e minada, enquanto incentivamos a nossa catequese e aceleramos a nossa conspiração, apesar da rigorosa vigilância. Logo no dia 04 de outubro o cadete Hermes Ribeiro de Freitas, julgado não contar com um terço dos cadetes, convida-nos para fugir e à custo conseguimos convence-lo da inconveniência da sua proposta; tambem no dia 07 o mesmo Hermes, o Pompeu Saboia e outros voltam a insistir na fuga; mostrei-lhes a inconveniência dessa atitude, de vez que as nossas ligações com o exterior eram deficientes, as noticias contraditórias e os boatos abundantes; conseguimos convencê-los e acertamos descer sôbre a Vila Militar no momento oportuno, combatendo-a, se necessário, e em seguida ligarmo-nos com a Escola de Aviação Militar, no Campo dos Afonsos. E

o nosso trabalho de catequese conseguia adeptos e mais confiança.

No dia 10 de outubro entramos em ligação com o Maj. Prof. Antônio José Osório, que se prontificou a comandar-nos, enquanto planejavamos como chegar ao Palácio do Catete, com a chusma de boatos, a periferia da Escola minada e cercada por soldados da Cia. Extra-Numerária, além dos postos de Cadetes na Biblioteca, no Rancho, na Sala de Modelos Uteis e na do Conselho; nessa data entramos, também, em ligação com o Cap. Elias Americano Freire, Comt. da Bia. de Artilharia, que se constituiu um poder moderador, e com o seu auxilio conseguimos ir contendo os mais pessimistas e exaltados. E seguiram-se dias de insônia, sem plano concreto com possibilidade de êxito, face à vigilância férrea e a carência de notícias verídicas do Sul e do Nordeste. No dia 22 de outubro já contávamos com a adesão de grande parte dos cadetes, foram organizadas Cias. de alarme, cresceu a ansiedade, aumentaram as sessões de cinema, etc. À noite desse dia sou designado para o posto da Biblioteca juntamente com o Benedito Diniz, o Tancredo Vieira, 2 companheiros dos nossos e 3 indefinidos, recebendo bastante munição para 3 F. M. H. e dos fuzis, todos sob o comando do Ten. cearense Anibal Barreto. Às 21:00 dirijo-me ao nosso alojamento, a fim de saber se os demais postos estavam ocupados pelos nossos, de vez que com o armamento e munição em nosso poder estávamos em condições de executar o nosso plano, custasse o que custasse. No alojamento encontrei apenas o Hermes e o Maciel que, eufóricos, sem me deixar falar, disseram-me haver-se revoltado o Gen. Leite de Castro, que o nosso Comandante Gen. Deschamps havia aderido ao movimento; que a Escola, com exceção do Cap. Lott, havia aderido; finalmente que o Gen. Leite de Castro viria buscar-nos na mesma noite para fazer o movimento

no Rio. Ouvida a exposição, discutimos detalhes da execução, inclusive da necessidade de eliminar o Cap. Lott, com o que sempre discordei, porque sempre reconheci nele qualidades de homem e militar de extraordinário valor.

Voltando ao posto, expus os fatos ao Benedito e ao Tancredo, combinamos como proceder nessa noite, retiramos os percursoros dos fuzis dos companheiros suspeitos e aguardamos o momento oportuno, que mais uma vez chegou.

Ao amanhecer de 23 vieram as explicações: o Gen. Leite de Castro fora a Macaé e quando regressar virá buscar-nos durante o dia ou á noite. Nesse dia conspiramos abertamente, sem temor de qualquer sanção, e á noite, de serviço no alojamento, passei até ás 24:00 aguardando um suposto ataque de cadetes da Engenharia contrários ao movimento; nesse momento passei a arma e o serviço aos gauchos e fui dormir exausto.

No dia 24 levantei-me com uniforme de campanha juntamente com outros companheiros e recebemos ordem, entusiasmados, para aguardar a hora em que deveríamos seguir para a cidade. Ás 08:10 vôa sobre a Escola um avião das forças revoltadas, faz algumas acrobacias sobre a cadetada vibrando de entusiasmo e deixa cair uma mensagem para o comando; sobrevoando a Vila Militar, informa sobre o nosso entusiasmo, e o corpo que ainda tinha duvidas adere.

Ás 08:30 tomamos conhecimento de que ás 09:00 horas será entregue ao Dr. Washington Luiz, pelo Cardeal D. Leme, o ultimatum para deixar o governo; ás 08:55 o Gen. Deschamps percorre sorridente os nossos alojamentos; ás 09:00 o cadete Rocha Maia vem ao nosso alojamento e comunica que o Cap. Elias Americano Freire não permite qualquer atentado á pessoa dos que não se revoltarem, bem como que lhes seriam dadas todas as garantias na Bia. de Artilharia.

Ás 09:10 vôa outro avião sobre a Escola e lança uma mensagem lastrada com todas as missões das tropas no movimento; a nossa, inicialmente, será guardar a Escola, a Fábrica de Cartuchos e estrada Rio-São Paulo. Há um surto de entusiasmo e o piloto deixa cair um gorro, que fica em poder do cadete Hugo Vilas Boas.

Ás 09:20 o mesmo avião voa novamente sobre a Escola, lançando uma cópia do ultimatum ao Presidente. E o nosso desejo é descer sobre o Rio, apesar da missão transmitida; e aos gritos de viva a Revolução, viva o Brasil livre, acatamos as ordens superiores.

Ás 10:05 sobrevôa a Escola uma Esquadilha de Bombardeio, que aumenta o entusiasmo da cadetada; e resolvemos descer para o Rio com ou sem comando e nos preparamos para tal; mas ás 10:25 acalma-nos a notícia de que o governo provisório está a caminho do Realengo, a fim de ser empossado na Escola, assinando nesse local os primeiros Decretos, após o que seria levado ao Palácio do Catete. Ao sobrevoar um outro avião a Escola, alguém levanta um pano vermelho no 3º pátio, e os cadetes de artilharia gritam "calma!". E principio a desconfiar que estamos sendo enganados, mormente depois que o Cap. Americano Freire manda pedir que mudemos o uniforme de campanha, para não alarmar, como pode!

Ás 12:25 recebemos a notícia de que o Dr. Washington Luiz havia renunciado, e o pessoal vibra nos gritos de viva o Brasil livre! Viva a Revolução! Viva Juarez! Viva Siqueira Campos! E a Escola aguarda a vinda do Governo Provisório, razão porque, diz o Ten. Taurino, não devemos sair para o Rio!

Ás 12:45 esperamos a confirmação da deposição do Presidente, enquanto procuramos sair para o Rio e lá empossar a "Junta".

Ás 12:50 a Escola em peso canta o Hino Nacional na galeria entre os 2º e 3º pátios; o Cap. Lott tenta fazer

calar a cadetada empolgada, procurando imprimir ainda a sua férrea disciplina; há quem empunhe revolver para nele atirar, mas o Ten. Taurino retirou-o com prudência do local, e a massa dirigiu-se para o 1º páteo aos vivas a Juarez e à Revolução; e eu, aproveitando uma pausa, dei um viva a Siqueira Campos, infelizmente falecido antes; o entusiasmo não tem limites: risos, abraços, lágrimas. Com a explosão de ódio do cadete Ary Lopes recebemos conselhos dos professores Maj. Osório e T. Cel. Duque Estrada e os ânimos pouco a pouco voltam à calma durante a tarde.

Às 20:30 a 1ª. Cia. de Emergência recebe ordem de deslocamento e a-pronta-se a fim de seguir para o Catete; constando que nos comandaria o Cap. Lott, o pessoal do 3º Pel. me avisou que não aceitaria o seu comando, nem o dos Tens. Anibal e Pulchério; fui com o Hermes ao Cap. Americano Freire e ele nos informou que não seria o Lott, mas pedia que aceitássemos o do Ten. Pulchério; então, eu, o Hermes e o Golbery convencemos aos companheiros que aceitássemos com a seguinte condição: se realmente viessem tropas de S. Paulo para depôr a "Junta", como se propalava, o Golbery (3º anista) assumiria o comando da Cia. e alunos do 2º ano, por nós escolhidos, assumiriam os comandos dos pelotões. Tudo combinado, embarcamos no trem às 23:00 horas, chegando ao Catete sem alteração aos 50 minutos do dia seguinte e substituímos tropa do 3º R. I. (Eu, o Tancredo e o Hermes Freitas saímos de bonde pela cidade até a Estação Pedro II, único local em que encontramos algumas pessoas).

No dia 25 de outubro às 10:00 disse-me o Cap. Av. Fontenele que estavam satisfeitos com a atitude da Escola; mas, depois do almoço, eu conversava com o Golbery na "gruta", quando fomos chamados para tomar conhecimento de graves notícias. Cerca de 100 metros para o lado da

Praia do Flamengo encontramos o Hermes, o David, o Ary Lopes, o Walter Paes, o Tancredo e outros, que conversavam exaltadíssimos, comentando que se dizia haver o Gen. Deschamps nos traído, em vista do que a nossa atitude teria sido dúbia, e por essa razão desejavam fazer novo movimento. Não concordamos eu e o Golbery e convencemos que se mandasse uma comissão à casa do Maj. Antonio José Osório a fim de ouvir a sua opinião. Aceito o nosso alvitre, deixamos o Catete às 15:00, tomando um automóvel para o Meyer: eu, o Hermes, o Tancredo e o "Tatu". Não encontrando o Maj. Osório em casa, deixamos um recado pedindo que nos procurasse no Catete; quando retornamos encontramos o pessoal temendo que a Junta traisse ao Juarez e ao Getúlio. Visto que já havia ordem para regressarmos a Realengo, o que realmente se deu à noite, recolhendo-nos à Escola onde chegamos às 24:00. E com um mundo de pensamentos pessimistas, julgando que a minha prudência esfriando os ânimos dos exaltados fôra um erro, dormi pouco e mal, com o sistema nervoso em pandarecos.

No dia 26 de outubro, pela manhã, fui à missa e depois desta, com o Hermes, o David e o Tancredo desloquei-me de trem para o Rio, havendo antes combinado com o Ary Lopes e o Tatu para encontrarmos-nos no Meyer. Aí chegados, tomamos destinos: eu, o Hermes e o Tancredo fomos à casa do Maj. Osório, enquanto o Tatu, o Ary Lopes e o David iriam à casa do Ten. Av. Melo. "Maluco", a fim de pedir que levassemos-nos à presença de Juarez na Bahia, com o objetivo de expor a nossa situação e as suspeitas com relação à "Junta". Na casa do Maj. Osório conversamos até 18.00, ficando estabelecido que, na hipótese de traição, ele assumiria o comando da Escola. Chegando na Estação Pedro II às 18:40, encontramos com o David

que ainda não falara com o Ten. Melo; então, aceitamos um seu convite e dirigimo-nos para a residência daquele aviador, que nos recebeu muito eufórico e, ciente da nossa missão, aconselhou muita calma, que empenhassemos o "Juizinho que Deus nos deu", aguardassem a deliberação dos verdadeiros revolucionários e que seríamos por ele informados. Em seguida voltei à Escola e dormi como um anjo.

No dia 27 às 10:30, sou chamado pelo Golbery para descermos com 1 Sec de Mtr., a fim de garantir o Telegrafo Nacional, sob a chefia do Cap. Napoleão Alencastro Guimarães; não consentindo o Gen. Aranha, que substituiu o Gen. Deschamps no comando da Escola, decidimos fugir; em consequência toda a Escola se armou e decidiu apoiar-nos. Quando já estávamos prontos para o embarque, falou-nos o Gen. Aranha pedindo calma e que aguardássemos a resposta de consulta feita ao Ministro da Guerra. Enquanto aguardávamos a resposta verificaram-se descatos lamentáveis por parte de alguns exaltados, que devem continuar sepultados na poeira desses 50 anos. Chegada a ordem para o embarque, voltou a sensatez aos poucos desatinados, e eu embarquei na primeira composição com destino ao Ministério da Guerra, onde ao chegar entrei de serviço nos fundos do Q. G. com o Paulo Holanda e o Breyer, até o alvorecer.

No dia 28 passei quase todo pa-

peando com os companheiros e dormitando pelo passadiço. Entretanto, às 22:00 conversávamos eu, Hermes, o Antônio Tinoco, o Pompeu, o David e outros, quando fomos chamados pelo Tn. Daemon, que determinou a seleção de 18 homens para cumprimento de uma missão de sacrifício; selecionado o pessoal (eu, o Hermes, o Antônio Tinoco, o José Saboia, o Daut, o Maciel, o David e outros cadetes), recebemos a missão: "Preparam uma contra-revolução para hoje, e vocês pernoitarão no pavilhão da 1ª. R. M., onde se acham os Gens. Leite de Castro e Firmino Borba; resistir sem ideia de recuo, em caso de ataque". Foi mais uma noite sem dormir! Apenas...

No dia 29 de outubro, pela manhã, sou mandado para o Palácio do Catete, onde apenas durmo, como com apetite, tomo banho de mar e recupero as energias gastas desde o início da conspiração. E no dia 03 de novembro, após a posse de Getúlio Vargas no Governo, regresso de vez à Escola, onde fico aguardando o embarque num "Ita" para o Norte, a fim de gozar férias no meu Ceará. E faço comigo o compromisso de jamais conspirar...

Fortaleza, 30 de outubro de 1980.
(Reconstituição da palestra proferida no Instituto do Ceará na sessão ordinária de 20 de outubro).
BIBLIOGRAFIA :

Diário datado de 03 de outubro de 1930, com a assinatura do autor e de mais 41 cadetes na sua abertura.

CRATENSE RECEBE O TÍTULO DE AMIGO DA CULTURA

O empresário Edmilson Alves de Sousa, natural do Crato, recebeu em 07.04.1982, no recinto da Biblioteca Pública Governador Meneses Pimentel, em Fortaleza, o título de Amigo da Cultura. Essa comenda foi outorgada pela Secretaria de Cultura do Estado, cujo titular, Dr. Eduardo Campos, traçou o perfil do homenageado, enalte-

cendo o seu jornal A FERRAGISTA, cujo trabalho de eficiente divulgação cultural por todo o país justificava a iniciativa. Mais de 150 pessoas assistiram a solenidade, que foi, ainda, coberta pela TV e jornais. Representando o ICC ali esteve J. Lindemberg de Aquino, Diretor de ITAYTERA, que fez parte, inclusive, da Mesa.



*Prefeitura Municipal
de
Milagres - Ce.*

Um Governo de realizações
a serviço de um povo ávido
de progresso.

Nossa saudação ao ICC por mais um
número de ITAYTERA.

Elisio Leite de Araujo

PREFEITO MUNICIPAL

Usina Bezerra

IRMÃOS BEZERRA DE MENEZES S. A.
COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Compra e Beneficiamento
de Algodão

End. Teleg.: BEMENEZES

TELEFONES: 521-2722 • 521-2843

Av. Teodorico Teles, 502

CRATO - CEARÁ

O CRIME DE CARIÚS

O Médico Nelson Carreira foi Diretor do Hospital São Francisco, em Crato, nos anos 30. O seu envolvimento no caso ora narrado, visto sob seu prisma, foi assunto dominante na sociedade cratense por muitos anos. Ao publicar esse depoimento, ITAYTERA o faz somente com o sentido de documentar fato marcante da vida da cidade, sem tomar partido. Contribuímos, assim, para que a posteridade conheça os aspectos dessa questão que agitou o Crato.

O Dr. Nelson Carreira faleceu em João Pessoa, há poucos anos.

A Redação

Obrigado a me submeter aos azares de novo julgamento, por decisão do Colendo Tribunal de Justiça do Ceará, tomei a deliberação de me dirigir aos que não me conhecem senão através de uma campanha desabusada e insolita contra mim armada pelo dr. Raimundo Gomes de Matos que só tem uma aspiração — aniquilar-me. Faz-se mister, pois, que a esses que não me conhecem, se dêem alguns esclarecimentos sobre a minha pessoa, a minha atuação social e profissional, a retidão da minha vida pregressa e os precedentes do crime, que me envolve e a outros, na responsabilidade de sua fria execução.

Conhecendo-se os traços mortais do meu caráter, a indole pacífica da minha família, em cujo ambiente se educou o meu espírito e, especialmente, a humaníssima profissão que exerço de garantir a vida aos que se acham em perigo de perdê-la, tudo isto fará de certo criar-se na consciência dos meus concidadãos, a convicção de que a autoria de um crime aberra dos meus sentimentos de cristão, de mé-

dico e de homem devotado ao bem do próximo, ao estudo e ao silêncio do gabinete.

Fui julgado e absolvido, por unanimidade, por não se encontrarem autos do processo, provas contra mim, num juri ruidoso, que se verificou em Fortaleza, em Março de 1946. Nesse memorável juri, o advogado e tio da vítima, esquecido dos mais comensinhos princípios de ética profissional e da majestade do lugar; abusando da situação de um réu inibido de revide, cobriu-o de injúrias, feriu-lhe os bríos e a sua sensibilidade moral, sem nenhuma atenção á presença da esposa do mesmo, que a tudo assistia, na atitude amargurada de quem cumpria o dever da edificante solidariedade ao infortúnio do marido.

A intenção que me impele ao trabalho desta exposição, escrito, sem recriminações, não é o de mendigar indulgência, mas a de esclarecer a opinião pública do Ceará sobre o crime, cujo processo vai, ainda uma vez, submeter-se a novo julgamento.

É necessário evitar-se que a ino-

cência, venha a sacrificar-se ao arbítrio da injustiça e da maldade.

Felizmente, não perdi de todo a fé na justiça humana.

MINHA HISTÓRIA

— Em Dezembro do ano de 1935, por motivos de ordem pessoal, que vem a propósito declarar, resolvi deixar a minha Paraíba, terra do meu berço, para ir residir na cidade do Crato, atraído pela fama das suas possibilidades. De fato, Crato é realmente uma bela cidade, progressista e cheia de muitos atrativos. Acolhido com generosidade pelos ilustres colegas que ali faziam sua clínica médica com eficiência e proficiência, assentei a minha tenda com o ânimo deliberado de longa permanência na metrópole cariense. Médico-cirurgião, encontrei clima propício à minha especialidade. Mas para o êxito da mesma, faltavam-lhe duas coisas imprescindíveis: ampliar o hospital dos pobres, obra do dr. Pinheiro Filho, acrescentando uma parte no mesmo para os doentes abastados.

Para preencher lacunas tão sensíveis, num meio adiantado como aquele, convoquei os habitantes da cidade, para num esforço coletivo, afastarmos a dificuldade com a urgência que o caso estava a exigir.

Apresentei um plano para a remodelação daquele instituto e, num instante a idéia tomou vulto, constituindo-se a aspiração comum de toda a população: foi a faísca que acendeu a chama do fervor dos bons empreendedimentos. O entusiasmo contagiou e empolgou todas as classes — sacerdotes, médicos, juizes, advogados, comerciantes, senhores de engenho, industriais, fazendeiros, agricultores e estudantes deram-se as mãos com o pensamento no mesmo sentido, dominados por um anseio comum. Então, de logo, se fundou uma sociedade beneficente, sob o patrocínio do preclaro bispo diocesano, D. Francisco

de Assis Pires e, lançadas foram as bases para a ampliação do hospital que tomou o nome de São Francisco. Aberta, porém, uma subscrição popular, as coletas não corresponderam à expectativa, por causa da crise do momento, decorrente de escassez do inverno que desorganizou a vida agrícola do município.

Não perdi o animo. Por minha conta, sob a responsabilidade do meu nome, adquiri na casa Lohner, do Rio, todo o aparelhamento indispensável ao funcionamento de um modesto núcleo de medicina e cirurgia, inaugurando ali um aparelho de Raio X, um dos primeiros do Ceará. Em seguida desci para Fortaleza, onde, me diziam, havia boas fortunas nas mãos de homens generosos, de coração aberto às expansões da caridade. Não me iludi. Procurei o jovem comerciante Fausto Cabral, hoje com justiça elevado à presidência de sua classe, um dos chefes da mais antiga e opulenta casa de Ferragens de Fortaleza, que nem de nome me conhecia e expôs-lhe o motivo de minha presença em seu escritório, para ouvir dos seus lábios palavras de incentivo e de apoio à iniciativa que não era minha, mas dos habitantes do pedaço mais fecundo do Ceará, de cujo seio uberrimo há saído uma pleiade de bravos que o tem coroado de glórias, em diversas etapas de sua história. Fausto foi da palavra à ação: pôs à minha disposição tudo quanto o hospital necessitasse para seu funcionamento, vendendo a crédito, sem a menor garantia, mais de trezentos mil cruzeiros, não disfarçando a satisfação e o desejo de cooperar em toda obra de assistência que se fundasse em sua terra. Não é exagero afirmar-se que, sem a colaboração eficiente de Fausto Cabral, Crato talvez ainda hoje não possuísse o H. S. Francisco com as suas instituições correlatas: maternidade, ambulatório para combate ao tracoma e à boubã; um instituto anti-rábico, uma sala de operações, das melhores do nordeste e uma casa de

Saúde instalada sob seus auspícios, pois ele influiu até na escolha dos azulejos a serem ali apicados. Por isto é que a pessoa moça de Fausto, alinha-se com a maior justiça, ao lado de outros esteios mortais e materiais daqueles notáveis empreendimentos, homens do porte de D. Francisco Pires; Waldemar Falcão, de saudosíssima memória; dr. Menezes Pimentel, monsenhores Vicente Sotter e Assis Feitosa, dr. Hermes Paraíba, então juiz de Direito da comarca e dos meus ilustres e dedicados colegas ali residentes.

Não foi, porém, sem esforços ingentes que se conseguiu construir um abrigo improvisado sob o qual se pudesse operar o primeiro doente; tratar o primeiro boubatico e o primeiro tracomatoso, para três anos após termos a felicidade de contar por centenas os que o tracoma deixara de cegar e vermos detida a boubia na sua marcha deformadora. Aqui vem a proposito, para a observação dos que se dão ao estudo da psicologia das massas recordar as cenas de exigências descabidas e os gestos de impaciência que se verificavam entre os doentes atacados desses dois males terríveis, que andavam de mãos dadas na zona cariense — tracoma e boubia.

Aqueles ulcerosos não atinavam no inestimável serviço que lhes era prestado. Não acreditavam que os remédios e injeções que lhes eram aplicados custassem dinheiro, nem que os médicos e enfermeiras lhes davam assistência, por caridade. E reclamavam, na convicção insinuada de que tudo aquilo era do governo e por isto lhes pertencia. Já era a perfídia que inaugurava sua ronda sinistra em torno da grande obra de assistência á pobreza, visando á pessoa do médico forasteiro que teve a ousadia de promover benefícios na terra alheia.

Está explicado por que, na campanha de descrédito que houve contra mim, o dr. Gomes de Matos, em uma das suas publicações afirmou que eu

me locupletára com os dinheiros adquiridos em benefício do hospital. Pura e perversa invencionice, muito fácil de desfazer-se. Primeiramente porque as esmolas e contribuições destinadas àquela casa de caridade, mal davam para as suas despesas; depois o hospital era dirigido pela "Beneficente", sociedade composta do Bispo Diocesano, do Vigário Geral da Diocese, do Prefeito, do Juiz de Direito, do Presidente da Associação Comercial, servindo de Tesoureiro, o mesmo do Banco do Cariri, tido como um dos melhores contabilistas do Ceará, o Sr. José Gomes da Cunha. Nenhum vin-tém passava por minhas mãos.

Por três anos seguidos operei diariamente, sem qualquer remuneração, a quantos batiam ás portas do hospital São Francisco; mandando, entretanto, aos que podiam, que pagassem as diárias e os remédios na tesouraria do instituto, a fim de manter abertas as portas daquela instituição de utilidade pública, porque até então, além das reduzidas contribuições dos associados da Beneficente, nenhuma subvenção federal ou estadual lhe era destinada. O hospital lutava com sérias dificuldades para se manter, e, desesperadora teria sido a situação se não surgissem dois abnegados cratenses, nas pessoas de José Honor, proprietário de um armazem de estivas e José Figueiredo, dono de uma farmácia, que lhe forneceram utilidades e medicamentos, abnegadamente sem a preocupação de saberem quando e como lhes seriam pagas as mercadorias que saíam dos seus estabelecimentos comerciais. O que eles desejavam antes de tudo era que não faltassem aos doentes o remédio, a dieta e o pão de cada dia. Tempos depois, teve igual procedimento o inesquecível conterraneo Edgar Falcão, então agente da Bayer, que também foi de um desprendimento inigualável, no fornecimento de medicamentos ao hospital.

Como ficou dito, o hospital, pelo

menos, no período em que esteve sob a minha direção, viveu a braços com muita dificuldade por falta de recursos. Naquele tempo foi oportuno o apelo que se dirigiu ao dr. Menezes Pimentel, chefe do governo estadual, que com a maior presteza o atendeu, concedendo á "Beneficente" um auxílio mensal que, deveras, concorreu para minorar as aperturas financeiras em que se debatia a benemérita instituição cratense.

A maternidade do Crato é um capítulo comovente da história do hospital São Francisco. Quando instalámos essa seção, abrimos-lhe as portas a todas as parturientes sem distinção de classe ou situação econômica. Às indigentes davam-se os dias de permanência necessários até se acharem em situação de voltar a seus lares. A mortalidade entre elas diminuiu, tendo concorrido para isso, a instalação de um econômico serviço de transfusão de sangue para os casos de hemorragia. Aqui é que aparece a feição comovente da história: os estudantes do Ginásio e os moços da Ação Católica, incorporados, foram pedir-nos os classificassemos como doadores de sangue nos casos de emergência.

Neste relato, é de justiça proclamar-se, para a maior glorificação da classe, a espontânea colaboração do corpo médico da cidade, composto dos humanitários colegas — Irineu Pinheiro, Otacilio Macedo, Fernandes Teles, Raimundo Siebra, Miguel Lima Verde, Pinheiro Filho, Mozart Alencar, Elísio Figueiredo e Leão Sampaio, que, de Barbalha, onde residia, por vezes, nos aparecia, conduzindo doentes que necessitavam dos benefícios do hospital.

Antes de terminar está rápida exposição, escrita ao vôo de pássaro, não devo esquecer que, ao lado das mencionadas secções de assistência hospitalar, figurava outra não menos humanitária, destinada á cura das pessoas mordidas de cão danado. Era-lhes aplicada a vacina específica anti-

rabica, lá mesmo preparada, naqueles confins do Ceará, a seiscentos quilômetros da sua formosa metrópole. E é preciso se registre que tivemos a satisfação de constatar a cura radical de diversas pessoas alcançadas pelo terrível morbus, a aplicação daquela vacina que a muitos parecia inoperante.

Ao Hospital São Francisco seja dada toda honra e toda glória por haver realizado, plenamente, o destino que lhe traçou a divina Providência. A minha missão estava terminada: Nada mais tinha a fazer no Crato: havia soado nos insondáveis designios de Deus a hora da retirada.

Atingido por uma bala traiçoeira que me varou um dos pulmões, logo que me vi em situação de viajar, depois de dias passados entre a vida e a morte, salvo, porém pela dedicação e sabedoria de caridosos colegas, arremei as malas e voltei á terra do meu nascimento, de onde jamais deveria ter saído.

O hospital florescia a olhos vistos. O governo estadual, sob a direção do dr. Menezes Pimentel já lhe havia proporcionado uma subvenção de cinquenta mil cruzeiros, enquanto o governo federal lhe fazia igual favor com a dádiva anual de cento e cinquenta mil cruzeiros, conseguidos pelo esforço do grande e inoxidável cearense, Ministro Waldemar Falcão, cuja memória nenhum cratense digno daquela terra, poderá esquecer. Ao mesmo tempo, alguns municípios circunvizinhos da região, começavam a compreender o elevado alcance social e humano da benemérita instituição, tão á mão para atender-lhes as suas mais prementes necessidades, se moviam para marcar-lhes auxílios dentro das possibilidades dos seus orçamentos. Por outro lado, a crescente prosperidade do hospital despertava em todos os seus cooperadores, mais gosto e estímulo para bem servi-lo. Já então existia um corpo de enfermeiras diplomadas pela escola instalada no pró-

prio estabelecimento que, pelo estudo e experiência no exercício diurno do ofício, tornavam-se dia a dia mais eficientes.

Ao deixar o Crato, o hospital me devia a pequena importância de oito mil cruzeiros que, parceladamente, adiantei à "Beneficente", em horas de aperturas. E, para ocorrer às despesas do meu exodo forçado, tive de sacrificar os móveis da casa e o piano das minhas filhas, objetos que levei da Paraíba. E ainda assim, o dr. Gomes de Matos afirma que eu me locupletara com as esmolas dadas para o hospital...

Peço venia para transcrever aqui o que a meu respeito, se consignou no Relatório da Sociedade Beneficente do Hospital São Francisco de Assis, publicado, em 1940 no Crato, no ano seguinte ao da minha retirada daquela cidade.

DR. NELSON CARREIRA

Pelo imperio das circunstancias, retirou-se para o seu Estado natal, deixando a nossa companhia e a direção sanitaria e cirurgica do nosso hospital, o ilustrado médico paraibano — Dr. Nelson de Queiroz Carreira. Dr. Ne!

DEPOIS

Dandinha Vila:

Tudo quanto esta vida em muitos anos
Me negou na mais triste atrocidade,
Tudo quanto pra mim foi desenganos
E que de amor não foi realidade,

Tu me deste ao chegar. E o doce engano
De ser feliz eu tive na verdade...
Momentos de ilusões, um sonho insano...
Utopias... dulçor... Felicidade...

Pra uma nova vida me acordaste
E acordada eu sonhei dormindo sempre!
Julgando ser feliz te acreditei...

Te amei por mim, por ti que não me amaste...
Pra depois perceber na minha frente
Quantas dores me deste que eu nem sei!

son — nosso presadíssimo amigo — que vinha acompanhando todos os passos do hospital, desde a sua fundação, ao lado do Dr. Pinheiro Filho — nosso 1º diretor e de outros não menos ilustres clinicos conterraneos, festejando conosco todas as vitorias alcançadas, é, sem favor, uma grande afirmação de clinico e uma verdadeira vocação para a ciência e arte da Cirurgia.

Sucedendo ao Dr. Pinheiro Filho, foi o nosso 2º Diretor até 15 de novembro ultimo, e nessa função revelou-se o perfeito conhecedor da vida hospitalar, o admiravel organizador e acionador de todos os serviços que criou e manteve, a despeito de todos os sacrificios, o da própria vida inclusive. Durante toda a sua gestão construtora, progressista, humanitaria e patriótica, viveu quase que exclusivamente para o hospital e seus doentes, inteiramente integrado no seu officio, desdobrando-se em multiplas atividades, devotando-se como um autentico apostolo do bem á causa dos pobres doentes.

Era o hygienista, o clinico, o gynecologista, o radiologista, o engenheiro construtor e sobretudo o notavel cirurgião. O nosso hospital teve a honra de ser o teatro de suas magnificas vitorias cirurgicas.

Era um dinamo em ação. Médico para grandes meios que lhe estimulem os invejaveis talentos e habilidades. Não se limitava ao hospital, nem ao Crato a sua ação. Na Capital do Estado, no Rio, junto aos governos e departamentos da publica administração, como junto o alto comercio, foi sempre o grande advogado, o amigo nº 1 do "Hospital São Francisco", sem um malôgro, sem uma decepção, na sua ansia de tudo alcançar e obter para a instituição que superiormente dirigia.

Era um gôsto vê-lo enfronhado no seu *metier*, todo entregue aos seus trabalhos. Aqui não me detenho em particularidades, em minudencias.

Seria pleonasmo e sobretudo enfadonho descrever aqui toda a sua ingente obra, toda a imensa e inconfundível copia de bons e reaes serviços prestados abnegadamente, porque já o decantam tantíssimas bocas, nas vozes da gratidão popular.

Era frequente dizer-se: O Dr. Nelson é o hospital. Isto só basta para caracterizar a primor, a passagem do grande médico em nossa terra, onde deixou um vasto circulo de radicadas amizades e um rastilho de luz inofuscável. No Crato ou fora do Crato, onde estiver, será sempre o amigo incondicional do hospital, como é um dos seus maiores benfeitores. Na Galeria de Honra desta Casa, como expressiva e perpetua homenagem, inauguraremos brevemente o seu retrato.

Ao querido e nobre amigo, a par da nossa forte admiração e das nossas imensas saudades, os maiores e melhores agradecimentos do hospital, da "Beneficente" e dos nossos pobres!"

Precedentes do crime, cuja autoria intelectual me é atribuída.

Certo dia, o Hospital São Francisco acolheu três pessoas, gravemente feridas: um policial, no braço, com fratura no osso, um estudante, no crânio; e outro moço, na coxa; vindas de Assaré, onde, por ocasião de uma solenidade religiosa em honra da Padroeira do lugar, se dera a cena de sangue, da qual resultou que as pessoas referidas fossem baleadas, num tumulto de que Carlos Gomes de Matos era o protagonista.

Recebidas as vítimas naquele nosocomio, cuidadosamente operadas e convenientemente tratadas, os ferimentos que eram graves, tornaram-se leves de maneira a atenuar a responsabilidade criminal do autor.

Ao Capitão Manuel Araújo, delegado de Polícia daquela cidade e, como tal acompanhava o desenrolar dos acontecimentos, fiz ver que aquele moço, descendente de familia tradicional e importante do município, quiçá do estado, merecia da parte de todos

a maior benevolência. O incidente ficou assim terminado. Carlos abandonou Assaré e Crato ganhou um elemento precioso que veio aumentar-lhe o comércio de drogas. E eu, um amigo que me havia de prestar relevantes serviços, como lhe prestei, enviando à sua Farmácia o receituário de minha clientela, que se tornava vasta, pela afluência de pessoas que procuravam os meus serviços médicos, oriundos de vários lugares do município. Carlos tornara-se meu amigo e se mostrava gratissimo pelo serviço que lhe havia prestado em tão delicada oportunidade. Era natural que, assim aproximado do meu farmaceutico, pudesse estudar os traços predominantes do seu caracter. Era, de fato, um homem de grande força de vontade, ativo, mas voluntarioso e profundamente emotivo. Depois verifiquei que a sua emotividade exaltada era consequência do uso que fazia da cocaina. Alem disto Carlos, dava-se a libações alcoolicas, embora com moderação, pois não era um viciado. Mas, um pouco de cocaina misturada com um pouco de alcool, no organismo, havia de mais cedo ou mais tarde, transformar-se aquele temperamento emotivo em perigosa neurastenia. Feito o perfil moral de Carlos, devo declarar, em bem da verdade, que nunca encontrei defeitos no aviamento do receituário confiado ao laboratório de sua farmácia. Um dia, porém, pela confiança da amizade que nos ligava, modifiquei o que, por mero engano, estava escrito no rótulo apostado ao vidro que continha uma poção por mim recitada: em vez de centímetros cúbicos, estava gravado ali uma grama. A dosagem estava em ordem, mas o meu temor era que, o reaviamento da mesma se fizesse, pelo rótulo e não pela receita. Então, aquela poção despachada pela letra do rótulo, poderia causar graves perturbações gástricas em quem a tomasse. O doente, percebendo a minha atitude, desconfiado como costuma ser todo sertanejo, correu a reclamar ao far-

maceutico o engano por mim verificado.

Veio daí a ira. Carlos não quis entender a minha reta intenção: "veio á minha presença saber em que estava errado o remédio por ele despachado. Não houve explicações que servissem. O seu estado de excitação era tremendo e mais tremendas as grosserias com que me agredia cruelmente. Àquella cena, cuja recordação ainda me causa horror, estava presente Monsenhor Vicente Sotter, sacerdote venerando pela idade, pelas virtudes e pelo elevado cargo que occupava no governo da diocese, não pôde, não teve força para acalmar o agitado moço. Carlos, no auge da cólera, atirou-me, á queima-roupa a pecha de assassino de uma prima, D. Maria, crime de que, posteriormente seu tio, o dr. Gomes de Matos me fez auto:, porque fui médico assistente da inditosa senhora, que morreu vítima de pesada dose de arsênico que tomou, em desespero, pelo desgosto que lhe causou a fuga de uma filha.

Os insultos atirados á face de um homem, que longe estava de merecê-los, a injustiça e a ingratião a serviço da insolência, transformaram, a meus olhos, o amigo em um monstro. De repente, fugiu-me a calma, perdi o controle e, num assomo de indignação irrefreável, appliquei uma bofetada na face do furioso antagonista. Todo mundo tem dentro de si um tigre dormindo. Os animos serenaram. Pareceu-me que o incidente estaria terminado. Ao contrário, aquilo foi o início da série de tormentos e contrariedades, que me tem envolvido, como num círculo de ferro. Á minha família, á minha esposa e ás minhas três filhas menores, aquelle incidente tem me causado tanto infortunio e tanta vicissitude, que, ás vezes, penso nunca mais a tranquillidade voltará á minha casa, outrora, ninho da mais completa felicidade.

Estou a crer que a perseguição á minha pessoa se faz capricho ou pela

vaidade de apontar assassino de Carlos, uma pessoa mais ou menos, de posição destacada, porque se afirma que o dr. Gomes de Matos, tio do morto, sabe quem o mandou matar e porque mandou matar. Vinte e nove dias se escoaram do incidente havido entre mim e Carlos ao momento da tragédia em que fui friamente ferido de morte. Naqueles dias passados, sob constantes ameaças, vivi assombrado, esperando a cada momento que as ameaças se concretizassem, porque todos quantos vinham á minha casa, preveniam-me do propósito em que se encontrava Carlos de tomar uma desforra. Não aceitava nenhuma proposta de reconciliação, e tal era o seu estado de exaltação, que até a barba deixou de fazer do lado em que recebeu a bofetada. Apelei para seu tio Celso, homem de letras, de hábitos moderados, que me parecia, o mais pacífico da família, a quem pedi fosse portador da proposta de reconciliação que fazia ao sobrinho, submettendo-me a um ato de retratação, dentro dos limites da dignidade humana, pesando-se de um lado, as injúrias que recebi: do outro, a violência por mim praticada. Celso assegurou-me que, diante da offensa recebida, Carlos mantinha-se irredutível no propósito de revidá-la com sangue. Não havia remédio: a melhor solução seria retirar-me daquele lugar em que corria perigo a minha vida. Dispunha-me a partir com a minha família aflitissima, quando tive os passos embargados pelo dr. Elisio de Figueiredo que, acommetido de súbita enfermidade — o estrangulamento de uma hernia — precisava dos meus serviços médicos. Urgia operar o dileto colega e amigo. Pois, na noite do dia em que operei o dr. Elisio, Carlos armou-me uma emboscada no caminho do hospital, sem medir as consequências reflexas na vida do querido enfermo, aliás seu primo. Avisado em tempo, pude evitar o golpe, mas só a noticia do atentado contra mim, que se frustrara, abalou

profundamente o estado de saúde do operado confiado a meus cuidados. As cenas de agressão se repetiam. Certa manhã, vi Carlos aguardando que eu abrisse a porta da minha casa para, de novo, haver-se comigo. Evitei o encontro. Dois dias, porém, após, saindo do cinema que ficava pertinho da minha residência, fui agredido à bala por Carlos que, por trás de um carro, entrincheirou-se para matar-me. Ouvi o estampido, e, logo forte pancada no torax. Estava mortalmente ferido — Levado para casa, em estado gravíssimo, tive a felicidade de ser socorrido por vários dos meus colegas, cujo número aumentava à medida que se ia espalhando a notícia do atentado.

Assim é que me prestaram serviços médicos, de maneira eficiente, os colegas Raimundo Siebra, Manuel Carlos de Gouveia, Mozart Alencar e Otacilio Jurema, médicos do Crato, Igatú, Juazeiro e Cajazeiras.

A bala me havia varado o pulmão e se alojara sob a espadua esquerda, onde ainda hoje permanece. O projétil, passando pertinho da aorta, foi humanitário e, só por intervenção divina, pode se explicar como uma bala descrevesse curvas dentro do pulmão de molde a não lançar-se numa artéria volumosa. As radiografias atestam o fenomeno. Escapei com vida. Estava lavada com o meu sangue a honra de Carlos.

Logo que meu estado me permitiu viajar, deixei a cidade de Crato. Tinha certeza de que a justiça repararia a sociedade ultrajada. A conselho e por decoro, constitui advogado na pessoa do meu velho amigo, dr. Zacarias Gonçalves, sem me preocupar o destino que estava reservado a meu cruel agressor. Longe do cenário onde derramei o meu sangue inocente, cada dia sentia que crescia em mim o desinteresse pelas cousas do Crato. A meu diligente advogado deixei de mandar o atestado do ferimento grave praticado em minha pessoa, que me

pediu para instruir o processo-crime, contra o assassino. Com a minha retirada, pensei que nada mais poderia existir entre mim e o meu contendor, cuja honra estava plenamente vingada. Restava-me apenas esquecer e perdoar. O atestado não foi. O Juiz, cumprindo rigorosamente, as determinações da lei, teve que considerar leve o ferimento, de maneira que a pena reduzida facilitou ao réu os favores de um "sursis".

E, no entanto, o ferimento degenerara em lesão pulmonar. Essa surpresa, que me foi tão dolorosa, obrigou-me a procurar um clima propício ao meu tratamento, na serra de Cuité, aqui na Paraíba. Dali, porque se agravara meu estado de saúde, rumei para o Rio com o intuito de submeter-me a um tratamento específico e, ao mesmo tempo estudar nova especialidade, por me haver convencido de que, com uma lesão pulmonar, não poderia exercer mais a cirurgia.

No Rio, já alguns meses, tive notícias de que Carlos ali chegara. Que é que eu poderia fazer? Entre a dúvida e a esperança, fiquei quieto, aguardando os acontecimentos. Fugindo do Crato a fim de evitar umas cenas de pugilato e outras complicações; correndo das atribulações para poder cuidar da minha vida, dos meus interesses e da minha família, da qual era, como sou, o único arrimo, tive verdadeira revolta contra a perversa teimosia com que Carlos, abusando da minha tolerância, exagerava seus brios. Afinal deu-se o encontro inevitável, que tanto procurei afastar: certo dia defronto-me com o meu impertinente agressor que, de revolver em punho, tenta assassinar-me, em plena Avenida Rio Branco. Não é verdade, como afirma o dr. Gomes de Matos que, naquela ocasião o sobrinho me arrancara a gravata, humilhando-me mais uma vez. Não houve tempo para nada disso. Pode-se avaliar o tumulto que se estabeleceu na multidão com a presença de um louco de arma em punho.

Carlos desarmado por um investigador, aproveitou a confusão para evadir-se. Voltei ao hotel com os nervos e a saúde profundamente abalados: o meu estado não me permitia qualquer esforço físico, nem fortes emoções. E nunca mais me encontrei com o meu algoz. E vem a propósito dizer que se me interessasse eliminar tão perigoso inimigo, o teria feito no Rio — o que aliás não seria difícil. Quem conhece de perto a grande Metrópole, sabe como se processam ali as tragédias dos crimes misteriosos. Não tenho, porém, vocação para malfetor. O que ali não fiz, não iria fazer no interior do Ceará, especialmente quando separado pela distância eu e o malogrado extinto, nada mais houve entre nós que me levasse ao exagero de preparar um verdadeiro complot, no qual estão envolvidas pessoas, das quais algumas não conhecia nem de vista, para eliminar um inimigo que o tempo, — pois já haviam decorrido três anos da bala que me varou o pulmão ao seu assassinato, — a reflexão e a distância o tornaram para mim inexistentes. O que acirra odios entre dois desafetos, é residirem na mesma localidade, provocados pelas intrigas tecidas pelos maus. Carlos trabalhava em Cariús, no interior do Ceará e eu fazia a minha clínica aqui em João Pessoa, na Paraíba.

Não tinha como não tenho interesses nesse estado, e se os tivesse a prudência aconselharia a abandoná-los.

Por isto, procure-se averiguar a verdadeira origem e causa próxima do assassinato de Carlos, dentro dos limites onde exercia as suas atividades e, por certo as suas imprudências. Desejo de coração poupar a memória do morto, como aconselha a caridade cristã; mas, em bem da verdade, é preciso que se levante a ponta do véu que esconde o mistério da sua morte...

Carlos costumava criar um número avultado de inimigos nos lugares por onde transitava, dado o seu temperamento irritadiço, ao uso do álcool por

ocasião de festas, e aos seus devaneios amorosos. Em Assaré, foi o terror das famílias. Muitas vezes provoca tumultos, em companhia de maus amigos, como aquele em que saíram feridas três pessoas que foram recolhidas ao hospital do Crato e tratadas por mim, caso já referido nesta narrativa. Essa desordem provou a sua retirada inopinada de Assaré. Ali mesmo fez uma agressão a uma senhora, casada com certo negociante da terra, que lhe provocou aborto imediato e quase a morte. Ainda mais concorreu para que um pai de família deportasse uma filha para o Rio, onde aliás, fez ótimo casamento. Ausente dos lugares por onde Carlos andava, era natural que não conhecesse fatos alusivos á sua vida e ao seu procedimento. Só depois da tragédia de sua morte, porque nela fui envolvido como um dos mandantes é que vim a saber de muitas de suas histórias, das quais, para ilustrar esta exposição, refiro algumas apenas, isto com o maior constrangimento, fazendo violência aos meus sentimentos de respeito aos mortos.

Contava-se que, em Cariús, fazia pouco tempo, Carlos tentara raptar uma jovem, cujo pai, para abafar o escândalo, mandara interná-la num colégio em Iguatú. E Carlos era casado... Ainda há, neste mundo corrompido, quem vingue com sangue a honra de uma filha.

Em Cariús, Carlos ameaçou de morte, um médico que ali clinicava e com o qual se inimizara. Todos estes fatos aqui relatados e outros que foram omitidos para não fatigar o leitor, constam do processo que se instaurou contra mim, referidos nas declarações de testemunhas fidedignas e insuspeitas. Porque é, então, que se vai procurar fora do cenário do crime, em outro estado, um homem para indicá-lo autor da morte de Carlos, o qual, apesar de ser um dos muitos inimigos do morto, não teria coragem de assumir tão grave, quão tremenda responsabilidade. Será porque, sendo eu mé-

dico, isto constitue uma glória para a família do morto? Pode ser: a vaidade humana é polifôrmica e não tem limites. A minha desavença com o extinto, teve início em Agosto de 1939 e o crime que se praticou em sua pessoa, foi no fim do ano de 1942. Será crível que, depois de três anos decorridos, sem causa atual, sem motivo determinante, eu me tenha resolvido a mandar matar meu antagonista pelo gosto de ser criminoso? Carlos seria cão sem dono? Não pertencia ele a uma família numerosa e tradicional no Ceará com ramificações em outros estados da federação?

Por ventura, a sua família deixaria impune o autor da sua morte? Porque iria eu expor-me aos incômodos e às incertezas de um processo ruidoso como é o em que eu me acho envolvido? Seria preciso que, antes de dar esse passo, tivesse perdido o juízo. No dia 31 de Dezembro do ano de 1942, véspera do Ano Bom, quando todos se preparavam para festejá-lo, em meio às alegrias que reinavam em nossa casa, recebi o telegrama de um amigo que me dava a notícia de que, em Cariús, um homem de nome Tranculino ferira mortalmente a Carlos Go-

mes de Matos e declarara que o fizera a meu mandado. Desta vez o golpe foi mortal, pois o ponto alvejado era um flanco vulnerável. Tudo me poderia acontecer ainda, resultante daquele ódio incansável, apesar da luta em que me empenhei para salvar a minha vida; mas que se me envolvesse no trama de um crime monstruoso, foi desgraça que, jamais, me passou pela mente, pudesse pesar sobre a minha pessoa.

A adversidade batia à minha porta, mas desta vez, de maneira inevitável. Preso em João Pessoa e arrastado à barra de um Tribunal inquisitorial em S. Mateus, fui submetido a interrogatório e tive a oportunidade de assistir aos que se faziam a outros indicados cúmplices no crime, e ao depoimento de muitas testemunhas, das quais, algumas, sentindo-se coagidas pelo aparato belico das audiências, quando não depunham contra mim, o faziam contra os outros. A presença do dr. Gomes de Matos com a sua arrogância e com a fama de sua proclamada influência nos meios forenses e perante a magistratura, cearense a que, por mais de uma vez, há injuriado, na pessoa dos membros mais conspícuos; o seu interesse de levar as cousas para seu lado, contando com a boa vontade do escrivão, seu parente, davam ao ambiente um aspecto de terror. Tive que observar uma circunstância, deveras notável: as pessoas envolvidas como cúmplices na execução do crime, não se conheciam mutuamente. Tranculino não me conhecia, nem eu, o tenente Queiroga, nem este a Celso.

E, no entanto, eramos comparsas. Enfim, depois de um inquérito tumultuário e tumultuoso, fui processado, denunciado e pronunciado e finalmente preso. Recolhido à cadeia de São Mateus, o Juiz do termo, temendo qualquer irregularidade por ocasião do julgamento final, requereu ao Tribunal de Justiça o desaforamento do processo para o da Capital. Ao aproximar-se a época da sessão do juri, fui trans-

S U P L I C A

Dandinha Vilar

Gotas sacras nascidas de meus olhos
Silenciosas, leves, cristalinas,
Refletindo o amargor dos meus escolhos,
Oh, minhas doces lágrimas divinas!

Brotai, correi em profusões, aos molhos,
De uma em uma a jorrar tão pequeninas...
E inundai o jardim dos meus abrolhos
Serenizando a dor que me domina.

Molhai pra germinar dentro em minh'alma
Infiltrando em meu peito a doce calma
Que minha dor reclama e não alcança.

Neste deserto atroz do amor perdido
Fazei brotar no peito ressequido,
O ausente verde da minha esperança.

portado de S. Mateus para uma prisão em Fortaleza, com a minha esposa e filhas, escoltado por soldados da força pública, de armas embaladas.

Julgado e absolvido pelo Tribunal do juri, a minha sorte ficou dependendo da apelação feita pelo advogado da acusação ao Tribunal de Justiça que houve por bem anular a decisão do juri. Da sentença do Tribunal de Justiça houve apelação para o Supremo Tribunal Federal cujo resultado é o que se vai ver: a minha presença novamente na cadeira de réu para gaudir do meu impenitente perseguidor.

Epilogo:

Pasme o leitor. Ao assumir o dr. Gomes de Matos, a Secretaria de Segurança Pública, no Ceará, na vigência da interventoria do dr. Benedito Augusto de Carvalho, no espaço de tempo decorrido entre a queda da Ditadura e a fase preparatória da reconstitucionalização do país, após cinco dias de sua posse no elevado cargo, deu-se a fuga de Tranculino da penitenciária. Tranculino, réu confesso, autor ostensivo da morte de Carlos Gomes de Matos, condenado a 30 anos de cadeia, — fugiu da prisão, estando na direção da Secretaria de Segurança Pública, um tio da vítima!!! Parece-me que a imprensa não teve conhecimento do caso. Pelo menos, a polícia, sob a autoridade do dr. Gomes de Matos, não se movimentou para recambiar o fugitivo à prisão de onde se evadira. Ainda hoje Tranculino anda solto, Deus sabe por onde. O certo é que, dias após, dois dos meus amigos, residentes em localidades diferentes, me avisaram de que o criminoso se dizia contratado pelo dr. Gomes de Matos, para matar o dr. Nelson Carreira. Aqueles amigos me afirmaram, que convenceram a Tranculino a desistir da sinistra empreitada. Tranculino se jactava de receber contantes visitas do dr. Gomes de Matos na prisão, além de presentes

e dinheiro. Não faço comentários sobre o fato, deixo-os ao leitor. Apenas guardo as provas do que me foi relatado para apresentá-las quando forem exigidas. É inexplicável a duplicidade de personalidade desse homem da Lei, pois, em Abril de 1945, num folheto acusatório publicado contra mim, á fs. 100, escreveu estas palavras:

"Nelson de Queiroz Carreira não mates mais. É proibido matar pela lei divina e humana. Lembra-te. Tem constantemente em recordação o compromisso solene que prestaste perante a Congregação da Faculdade que te conferiu teu diploma! Afirmaste que serias bom, humanitário, caridoso, solícito, procurando tratar com desvelo o rico e o pobre, o potentado e o humilde, teu amigo ou teu inimigo. Renuncia á crueldade, reconcilia-te com Deus, com a Lei, com a sociedade, com o gênero humano, útil á família e á sociedade, e até desconhecido para a maioria dos matadores".

E o mesmo homem enquanto me dirige tão bela exortação, entra em confabulações com o sicário — o assassino do sobrinho, cuja morte tanto deplora e procura vingá-la, assalaria-o, enche-lhe as mãos de dinheiro e manda matar-me.

O desejo de vingança do dr. Gomes de Matos é insopitavel. Desesperado com o insucesso da empreitada combinada com Tranculino, consegue que a policia do Ceará envie para a de J. Pessoa a denuncia de que eu fazia ligações entre os comunistas do Ceará com os daqui. Para me ver livre de maiores complicações, criada por esse terrivel inimigo, tive que recorrer ao comando da Guarnição Federal, sediada em João Pessoa, no sentido de se abrir uma sindicancia em torno da denuncia. E só assim pude reduzir a nada a malévola acusação.

Recuando ao inicio do processo, no qual funcionou, como escrivão do Termo, o sr. João Luna, parente e amigo

do dr. G. de Matos, afirmo que corri o risco de me ver, simultaneamente, processado por outro crime ocorrido naquela ocasião: João Luna aparecera morto e horrivelmente mutilado. Sua morte cercara-se de indícios tão claros no meio a circunstâncias tão graves, que a família e os amigos acharam mais prudente deixar as cousas ficarem como estavam. Mesmo assim, Gomes de Matos não deixou de aludir, no instrumento de apelação, ao mistério que envolvera a morte daquele pobre cidadão, levantando uma pontinha de dúvida, de maneira a facultar à justiça a suspeita de que me era atribuída a autoria de mais um crime. E, no entanto, em São Mateus, todos sabiam os pormenores da triste ocorrência tal como se passou.

José Amaro, autor daquela morte, estava recolhido à cadeia de S. Mateus, aguardando a época do júri a que ia responder por outro crime. Era casado com uma linda mulher, cuja beleza rustica era o assunto predileto dos apreciadores dos encantos femininos.

SONHO DE NATAL

Dandinha Vilar

Papai Noel, eu não te conhecia
Quando era pequenina e inocente...
Os sonhos de criança que eu vivia
Não permitiam te manter presente.

Depois, quando eu fui mãe, num belo dia,
Vivendo o amor materno, insano, ardente,
Entre os meus filhos eu te admitia
No prazer de ganharem teu presente.

Hoje cresceram. As ilusões passando,
Que venhas ou não venhas, pouco importa!
Só eu, pensando em ti, fico sonhando...

Ah, se eu pudesse! Iria abrir-te a porta
E abriria meus braços te abraçando
Se me trouxesses minha filha morta!

José Amaro era dos poucos presos que não trabalhavam fora do presídio, por isto ali permanecia dia e noite. Certo dia, devido ao seu estado de saúde, o juiz lhe permitiu que, naquela noite, dormisse em casa. Às tantas, João Luna, na ignorância de que ali estava o dono da casa, bateu à porta trazeira do casebre. Mas quem lhe abriu foi o próprio José Amaro que recebeu, no escuro, a inoportuna visita a golpes de machado, ora com a lamina ora com o dorso, do instrumento mortífero, fazendo que os miolos do cranio se esfacelassem e pela violencia atingissem os caibros da cozinha. Verificado o lamentável occorrido, porque o malogrado João Luna, um homem inteligente e culto servindo como escrivão na organização do processo instaurado contra mim, se mostrasse de uma parcialidade irritante, procurando torcer o sentido das palavras, com a habilidade incomum que todos lhe conheciam, os parentes e amigos do dr. Gomes de Matos, cujos nomes poderei divulgar se preciso for, procuraram o Sargento Arnaud Silvino Lopes a quem insinuaram abrir um inquérito contra o dr. Nelson Carreira, atribuindo-lhe coparticipação no hediondo crime. Queriam encobrir a verdadeira causa do assassinato de João Luna, disfarçando-lhe o escândalo e a humilhação para a sua desolada família, para torná-la honrosa desde que fosse um médico o autor intelectual de mesma, para arrancar-lhe das mãos o processo e o cargo de escrivão. E, ao mesmo tempo acirravam o ódio, estimulando o desejo de vingança contra mim. O sargento, homem de fibra, daquela que forra o carater do bom cearense, repeliu a insinuação que lhe ferira os brios, dizendo apenas:

Não compactuo com bandalheiras. Com isto, fica encerrado o primeiro capítulo dos meus sofrimentos. Aguardemos o segundo...

João Pessoa, Março de 1949

REVISTA

Como ITAYTERA, somos também, o melhor do Crato.
Produto da Terra para o BRASIL conhecer.



Nossa saudação aos que
fazem ITAYTERA por mais
um número em circulação.



Clube Recreativo Grangeiro
A SALA DE VISITAS DO CARIRI
CRATO — CEARÁ

THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S. A.

Comércio - Indústria - Agricultura

Rádios - Radiofones - Móveis - Material Elétrico

MATRIZ: Rua Dr. João Pessoa, 393/419
Telefone: 521.1304

FILIAL: Rua Bárbara de Alencar, 796
Telefone: 521.1022

Endereço Telegráfico: OSTERN

Caixa Postal, 16 - Crato - Ceará

Da Subversão ao Best-Seller

Os anos 80 no Brasil contam já com um espelho: Fernando Gabeira, o terrorista-escritor — aquele que traz os ventos das mudanças. Neste início de década operou-se no ex-guerrilheiro que participou do sequestro ao embaixador dos Estados Unidos, Charles Elbrich, em 1968, uma transformação lenta e gradual da prisão e exílio que o tempo amadureceu até chegar a ser a celebridade literária alcançada hoje em dia. Inicialmente com "O Que É Isso, Companheiro?" (1979), com que inaugurou um estilo vivo e emocionante de narrativa da luta na guerrilha urbana brasileira, em seguida Gabeira veio se firmar mais com "O Crepúsculo do Macho", líder absoluto em todas as listas de vendagem de livros em 80.

A importância deste fenômeno literário parece estar na legitimidade com que Fernando Gabeira relata sua experiência política, e sobretudo por contribuir para a busca de identidade de toda uma geração que mergulhou de cabeça na aventura da luta armada contra o regime. Ninguém mais autêntico para fazer a crítica da esquerda do que um de seus "heróis" mais engajados, principalmente quando e' tem a honestidade e mesmo vocação de escritor para colocar seu testemunho dos fatos da história recente mais marcantes na vida do País. O Brasil inteiro foi platéia (ou palco) dessa luta de equívocos como pressupostos, que custou tantas dores.

Gabeira representa a paixão e o ímpeto de uma geração que se lançou no desespero de participar da vida política da Nação. Nada mais justo que este anseio, porém o momento e o espaço para isso haviam sido blo-

queados pelo movimento de 64 e no ano de 1968 com o AI-5 taparam-se as brechas restantes. Em outra circunstância política e social onde houvesse canais de expressão para o descontentamento das minorias civis teria se evitado que a juventude caísse sob intensa saturação ideológica. Essa juventude investiu na política nada mais que a vida, optando por um caminho no qual as condições mínimas de crescimento do homem em condições pacíficas sumiram. Tudo então deu lugar a uma barreira repressiva cujo confronto, por falta de estrutura nos jovens, impedia qualquer amadurecimento psicológico, efetivo, até mesmo intelectual.

AVENTURA POLÍTICA SEM RETORNO

Todas as energias de uma juventude urbana classe média politizada foram investidas na "luta contra a ditadura". Um enfrentamento que para muitos no começo era unicamente verbal de reivindicações estudantis ou mesmo inocentes brados contra o império americano, tomou o pique da radicalização no assalto armado a um poder dotado de coesão disciplinar (ideologia da Segurança Nacional) e tecnologia de guerra interna.

Dá inquietação o flagrante da história captada pelo jornalista do JB que abandonou a profissão para entrar na clandestinidade. Esta decisão acompanhou-se de uma avaliação que subestimava a força do adversário e não queria ver o isolamento crescente em que entrava. Enquanto o afluxo da classe média nas grandes passeatas diminuía — mostra Gabeira — pois a repressão crescia, aquela minoria

mais politizada das organizações de partidos ia ficando cada vez mais sozinha. Para fechar o trágico do quadro, a resposta à situação foi a ingênua radicalização de estratégias: luta armada.

A mosca ainda zumbiu bastante enquanto o gato montava sua máquina repressiva sobre todo o tecido da sociedade brasileira abafando-a e inclusive desmantelando a organização das moscas. Gabeira abre uma janela para a vida absurda dos terroristas que acreditavam estar a bordo do maior transatlântico do destino histórico, e tanto sentido épico e certeza da vitória mesmo quando as organizações da esquerda armada agonizava. Esta fase da guerrilha — até sua prisão e deportação em troca do cônsul japonês sequestrado em São Paulo, está contido em "O Que É Isso, Companheiro?", estréia do escritor Gabeira, até então conhecido como soldado da sognada Revolução Brasileira. Antes disso, todos o tinham como redator brilhante que trabalhava no "Jornal do Brasil".

O ENCONTRO CONSIGO MESMO

"O Crepúsculo do Macho" trata de fase em que o ex-guerrilheiro resolve colher o saldo de tanto sofrimento por uma causa alheia a si, recuperando um ativo a seu favor. Aqui está também sua reflexão mais atual e desapaixonada sobre a militarização de uma geração em torno do fantástico projeto da tomada do poder, deixado de lado em troca de um hedonismo poético traduzido no gosto de viver. Gabeira aí faz o reencontro consigo mesmo para investir munido da lógica sobre as organizações partidárias que articulavam as lutas armadas contra o governo pós-64. Ele se depara com as pessoas concretas que lideravam ou seguiam em cega determinação os líderes — e procura ver nelas o lado humano quase soterrado por uma blindagem teórica. Gabeira não per-

tence mais ao rol dos que estão submetidos por mero espírito de obediência a um partido, seja de que corrente, cujo controle se estende aos mínimos detalhes da vida particular do militante.

Ao regressar em solo brasileiro, Gabeira ainda foi recepcionado por essa esquerda (carregaram-no sobre os braços no aeroporto) que ele via então como cinzenta, sem vida, autotorturada por uma sensibilidade de manuais completamente alheia à realidade. Havia-se acabado a crença no "sacrifício pelo socialismo". Ele estava mais interessado em gozar a vida, sem com isso deixar de tocar para a frente seu trabalho em literatura para dar às pessoas uma contribuição livre dos constrangimentos do preconceito ou rancores esquerdistas.

O revolucionário violento da guerrilha cedeu lugar ao artista, defensor da ecologia. Pelo próprio exemplo Gabeira defende sua política: por um relacionamento humano menos frio, pela existência do amor entre as pessoas, pela opção de morar fora dos grandes centros urbanos do País para desfrutar a paz da vida de Interior. Pela sinceridade.

Vê-se no autor dois modos possíveis de fazer política. O que ele não quis mais: O idílio político expresso na visão automatizante da vida nacional, dividida entre mocinhos e bandidos, como num filme de bang-bang, como num sonho pesado, resulta seriamente questionado com a leitura de Fernando Gabeira. Qualquer jovem que busque a compreensão do que acontece na realidade brasileira deve examinar bem esta sua experiência antes de tomar posição política apressada. O cuidado é de não esquecer de si sob a desculpa de "ficar grande de repente", ou seja, ingressar numa organização daquelas que representam o mais avançado destino histórico.

O ativismo político parece ser o lugar menos apropriado onde investir as próprias ilusões. Talvez participan-

do de atividades coletivas em que se consiga sempre ter o conhecimento de si e da realidade social seja possível tanto obter resultados mais sólidos, como também preservar certa organicidade como pessoa.

DO EXÍLIO AO INTERIOR BRASILEIRO

Ainda em "Crepúsculo do Macho" é relatada uma vivência pouquíssimo romântica do exílio. A transformação do guerrilheiro no ideólogo da política imediata — do querer derrubar o regime ao querer estar "numa boa" — não se deu tão rápido. Vê-se que o autor já no Brasil tinha percepção das falhas brutais do projeto em que estava metido. O distanciamento da estadia no Exterior veio permitir uma reflexão mais exigente, mas somente aos poucos ele pôde encontrar a inconsistência daquele tipo de esquerdismo.

O primeiro país onde pôs os pés recém-saído do avião que transportou os prisioneiros resgatados em troca do consul Japonês — a Argélia —, não o atraiu. Seus próprios colegas de guerrilhas sentiram-se aí chocados pelo fato de Gabeira namorar uma companheira que por conseqüências da

tortura andava em cadeiras de rodas, na primeira noite passada em Argel. Em seguida ele parte para a França de onde chega rapidamente a Cuba, a fim de participar de um treinamento de guerrilhas. Mas logo bate a vontade de cair fora da preparação militar e Gabeira aguarda o dia de ir para a Alemanha aperfeiçoar seus estudos. Daí, após anos cumprindo uma rotina severa de estudar horas diariamente, vai ao ponto de convergência para refugiados políticos do 3º Mundo na época: o Chile.

A essa altura ele não crê mais no processo chileno e sente a eminência do golpe, enquanto se repetem na conjuntura do país lances parecidos com o sucedido no golpe militar brasileiro. O radicalismo de esquerda se dá numa sociedade como pano de fundo bastante intolerante para com certas ameaças aos seus interesses e ótimas justificativas para o uso da força.

De volta à Alemanha, Gabeira segue caminho rumo a Estocolmo, onde permanece até o dia da anistia, trabalhando como porteiro de hotel, maquinista de metrô, e nos intervalos prepara na Universidade local sua tese sobre o caso brasileiro. Anistiado, regressa e é recebido como herói.

Num país carente de ídolos os meios de comunicação quiseram pegar Fernando Gabeira de qualquer forma para preencher essa lacuna de ser nosso herói da moda. Sua recusa foi categórica. Permaneceu no Brasil enquanto cuidava do lançamento de seu primeiro livro e daí volta ao Exterior, onde teve sossego para concluir "O Crepúsculo do Macho".

Hoje ele trabalha em alguma cidade do Interior do Brasil na preparação de um novo lance gabeiriano. No mais, aguardem o próximo livro "Estradas e Bandeiras" — onde um Gabeira na certa defenderá alguma estratégia apropriada ao momento brasileiro, evidentemente, fora de partidos. Qual será?

MEU PEDAÇO DE CÉU

Dandinha Vilar

Meu pedaço de céu de azul tão lindo
Orvalhado de luzes tão brilhantes,
Das noites no negror do espaço infinito
Recamado de estrelas cintilantes;

Meu pedaço de céu eu te venero
Quando o sol te ilumina na alvorada,
E muito mais eu te admiro e quero
Quando a lua te espelha extasiada.

Meu pedaço de céu que assim me cobres
Eu te bendigo em todos os instantes
Que me sorris em doce alacridade.

E adoro o silêncio em que encobres
As tristezas e as dores cruciantes
Que originam meu canto de saudade.

Francisco Zelo Filho

Material para Construção em Geral

Canos - Conexões - Torneiras
Material Sanitário - Azulejos
Cerâmica - Caixas D'Água
Tintas em Geral - Grampos
Telhas de Amianto.

Tudo para o bom acabamento de sua construção

Rua São Pedro, 794

TELEFONE: 511-2224

Juazeiro do Norte-Ceará

Poetas Sertanejos de Pio Nono

Isaque Jovino de Carvalho — neto do tenente Joaquim Antão de Carvalho, nasceu no lugar denominado Manga da fazenda Canabrava, município de Padre Marcos, do estado Piauí.

Em rapaz mudou-se para Pio IX e casou-se três vezes. A primeira esposa; Domiciana Alencar, filha de Isaque Antão, a segunda Julia Alencar, filha de Joaquim Antão de Carvalho e a terceira Rita Sá, da família piononense Sacamasso.

Homem de poucas letras, mas dotado de uma inteligência privilegiada, descreveu com grande realismo a seca de 1932 em Pio IX.

VERSOS SOBRE OS PASSADOS DO 32

De Isaque Jovino de Carvalho
O ano de 32

De tão cruéis desmudanças
Teu nome imortalizado
Fica sempre da lembrança
Para que todos lembrados
Trabalhem sempre animados
Com fé e perseverança.

I

De tão cruéis conseqüências
Deus nos livre desta hora.
E os teus duros efeitos
O pouco guarde em memória,
Como primeiro e segundo
Fique o teu nome no mundo
Nas páginas da história.

II

O trinta foi ano escasso
O trinta e um foi pior.
O trinta e dois vei matando
Foi mesmo com casca e nó
Foi escabelando todos
Do mais pequeno ao maior.

III

No trinta e dois eu vi muito
O povo se derramar
Ganhar a lapa do mundo
A fim de se recursar
E hoje os que estão voltando
É a ponto de se acabar.

IV

O povo todo em deliro
Sem encontrar remição
Se derramaram no mundo
Neste abismo de aflição
Foram procurar abrigo
No estado do Maranhão.

V

Uns sofreram mais do que outros
Porém todos padeceram,
E os que se retiraram
Feliz dos que não morreram
Que agora estão voltando
Pelos milagres de Deus.

VI

Desenvolve-se a epidemia
No estado do Maranhão
E no centro do Piauí
É cruel a situação
Tem para milhares de gente
Derribados de seão.

VII

E preste bem atenção
Do que estou dizendo agora
Os que não se retiraram
Estão contando a vitória
Estão lamentando a sorte
Do pouco que foi embora.

VIII

Quando Deus manda o castigo
Não temos para onde correr
Temos que abaixar a cabeça
E ali mesmo obedecer
E os que se desesperam
É fácil de enlouquecer.

IX

Olhe povo não esqueça
Os tormentos que passou
Os muitos paus ramalhados
Que pela raiz arrancou
Macambira e coroa-tá
Nem a semente deixou.

X

Do coroa-tá faziam o pão
Da mucunã o angú
Do pau-mocó a cangica.
Da macambira o beijú
A farinha do anário
E da batata do umbu.

XI

Meu povo olhe estas coisas
E tome muito cuidado
Veja que a justiça "come"
E quando pega descuidado
E o trinta e dois quando veio
Chegou sem ser esperado.

XII

Eu dou minha opinião
Para quem quiser tomar
Quem tem inimigos não dorme
Deve bem se acautelar
Como veio o trinta e dois
Pode logo outro chegar.

XIII

O trinta e dois nunca mais
Me sairá da lembrança
Eu o trago na memória
Com toda perseverança
Em potoca de projetos
Não tenho mais confiança.

XIV

Eu também no trinta e dois
Corri bastante apertado
Dei por uma ninharia
Um magotinho de gado
E era só quase o que tinha
Por tanto fiquei sem nada.

XV

Naquele tempo eu estava
Muito imaginativo
Trabalhei no trinta e dois
Porém foi tudo perdido
Sentia uma impressão
Quando imaginava nisto.

XVI

Mais hoje estou satisfeito
Pois sou muito conformado
Vou botar uma rocinha
E trabalhar com cuidado
Para ver se o trinta e quatro
Me deixa algum resultado.

XVII

Com paciência se vence
Todas as dificuldades
Trabalhando neste mundo
Com honra e honestidade
Trazendo sempre por diante
Fé, esperança e caridade.

XVIII

Uns dizem que eu me mude.
Outros dizem que é loucura
De maneira que
Meu juízo em tal altura
Que fico assim indeciso
Fazendo conjectura.

XIX

Nem tudo que tenho dito
Era preciso dizer
Pois todos testemunharam
Aquele imenso sofrer
Mais para compor a obra
Foi preciso descrever.

XX

Agora caros leitores
O versinho vou findar
E a todos peço desculpa
Do meu modo de pensar
Mais suponho que ninguém
Poderá se encomodar.

XXI

E quero deixar meu nome
Para ninguém se enganar
Escrito neste versinho
Que acabo de narrar
Como na última quadra
Os meus leitores verás.

XXII

Isaque é o meu nome
Que na pia me foi dado
Joviniano por sobrenome
Que de meu pai foi herdado
Carvalho seguramente
Vem dos meus antepassados.

João Jovino de Alencar (João Pereira)

Irmão de Isaque, depois de muitas lutas trabalhando em terras dos outros, conseguiu sua própria propriedade, já com a família criada com 83 anos revelou-se um grande poeta popular. Vai aqui uma amostra. LEMBRANÇA DO PASSADO.

DÉCIMA

PASSAGEM DE MINHA VIDA

João Jovino de Carvalho

Mote

Dos anos que já vivi
Até meus oitenta e três
Trabalhei, sempre venci
Com coragem e altivez.

As ofertas que Deus me deu
Foram tantas certamente
Que agradeço humildemente
O que ele me concedeu

1º E que em mim permaneceu
Pois sempre lutei e venci
Em Pio IX Piauí
Pelo que sei a razão
De falar com gratidão
Dos anos que já vivi.

AS BORBOLETAS

Dandinha Vilar

Vestidas das mais variadas cores
Tão leves como pétalas adejantes
Irrequietas, mudas, sem rumores
Extravasam amor, contagiantes...

Voejando os jardins multicolores
Sutis e buliçosas, doidejantes,
Uma a uma elas vão beijando as flores
Sugando o mel com os beijos delirantes

Fazem lembrar tão bem as ilusões
Que fervilham em nossos corações
Movendo-se confusas, erradias...

Perpassando por nós só por momentos!
E enganando nossos pensamentos
Se distanciam loucas, fugidias...

Fui pobre desde criança
Mas coragem sempre tive
Tanto é que obtive
Superar com confiança

2º O que muitos não alcançam
Pois o que Deus comigo fez
Me faz lembrar toda vez
Do que abracei por lema
De vencer todo problema
Até meus oitenta e três.

Agradeço ao criador
Pela família que tenho
Pois criei com tanto empenho
Como honesto agricultor
Nove filhos, sim senhor!

3º Foram frutos que colhi
Criá-los bem persisti
Como um guerreiro valente
Por isso digo contente
Trabalhei, sempre venci.

Hoje apesar da idade
Se não foi toda educada
Faltou-me oportunidade
Mas tive a felicidade

4º De educar ainda uns três
E os outros por sua vez
Vivem do trabalho honrado
E assim dei meu recado
Com coragem e altivez.

General Carlos Studart Filho

Faleceu em Fortaleza no último dia 07.04.82 o eminente escritor, historiador e militar cearense, o médico Carlos Studart Filho, general do Exército Brasileiro, Presidente Perpétuo do Instituto do Ceará. Um homem de notável contribuição à historiografia cearense. Os meios intelectuais do nosso Estado sofreram grande perda com esse desaparecimento, que desfalcou a cultura cearense de um dos seus mais legítimos representantes. O ICC se fez representar nos funerais pelo General Raimundo Teles Pinheiro.

Resposta ao "CRIME DE CARIÚS" O advogado e intelectual Luiz de Borba Maranhão analisa, a seu modo, as críticas do Dr. Nelson Carreira. Eis uma carta sua publicada em "O POVO", Maio de 1949:

Ineditoriais

O CRIME DE CARIÚS

Crato, 8 de julho de 1949

Dr. Gomes de Matos

Saudações.

As presentes linhas são as primeiras que lhe dirijo. Assim o faço para identificar melhor junto a você o principal autor do assassinio de Carlos Gomes de Matos — o médico paraibano Nelson de Queiroz Carreira.

Ademais, o publico de Fortaleza precisa ficar conhecendo a triste atuação desse criminoso na cidade do Crato, onde chegou, como disse solenemente o dr. João de Freitas, da tribuna do juri, corrido pelas autoridades da Paraíba. E explicou: dr. Nelson desvirginara uma menor, cria de sua própria casa, e matou-a depois, procurando, com uma intervenção cirurgica, ocultar o seu crime.

Aqui dr. Nelson abjurou suas idéias comunistas e transformou-se, por conveniência, em fervoroso católico.

Conseguiu infiltrar-se no Hospital S. Francisco de Assis, do qual hoje se proclama fundador, quando na verdade se sabe que o principal organizador dessa instituição foi o médico Joaquim Pinheiro Filho.

Certa vez dr. Nelson rasgou na tipografia do sr. Luiz Maia um artigo do saudoso prefeito de Crato, sr. Alexandre Arrais.

Viajava êle, de automovel, na serra do Araripe, com o meu cunhado dr. Antenor Gomes de Matos, quando o veiculo foi impedido na sua marcha

por uns animais de carga. Foi o bastante para que dr. Nelson, batendo mão ao revolver, injuriasse e humilhasse o pobre tropeiro, cobrindo-o de palavras do mais baixo calão.

Por motivo de simples namoro de um rapaz da sociedade de Crato, com uma de suas filhas, dr. Nelson agrediu o pai deste, sr. Alvaro Sampaio, não o esbofeteando por ter o mesmo conseguido fugir. Que tinha o sr. Alvaro com o namoro do seu filho?

Ao tempo da ditadura, dr. Nelson se houve, por causa de "jogo de bicho", com o delegado de Crato, sr. José Norões, o qual não apanhou por ter repellido com a devida energia a insólita agressão do dr. Nelson.

A vida desse médico aqui em Crato era alardear valentias, tendo dito ao meu cunhado dr. Antenor "que estava de braço doído de dar em cara de cabra sem vergonha".

Como clínico, era um verdadeiro desastre. Matou com duas doses de 914 nossa parenta Maria Gomes de Matos e ainda teve coragem de divulgar no seu infeliz folheto sobre o crime de Cariús que essa inditosa senhora se envenenara.

Nunca dr. Nelson teve espirito de caridade. Atesta-o o seguinte fato: dr. Nelson contratou por mil cruzeiros uma intervenção cirúrgica em uma filha do sr. Antonio Dias, atualmente residente em Araripina, no Estado de Pernambuco. Fez êsse preço porque

Caderno de Anotações

ITAYTERA. O Instituto Cultural do Cariri, com sede na cidade do Crato, é das mais ilustres instituições do Ceará. Integram-no intelectuais aplaudidos, estudiosos, que tanto enaltecem e divulgam a vida literária da região. Tem como órgão oficial a revista denominada ITAYTERA, que se publica frequentemente, revelando-se criteriosas manifestações de inteligência. Dela circulou agora o nº 25, em que se salientam trabalhos de teor variado: história, poesia, folclore, crítica, economia, sociologia, arte, tudo muito correto, em linguagem educativa. O Instituto Cultural do Cariri está de parabéns e merecendo aplausos. Da sua Diretoria participam Jefferson de Albuquerque e Sousa, Plácido Cidade Nuvens, José Humberto Tavares de Oliveira, Jurandy Temótheo de Sousa e Antonio Correia Coelho. Integram comissões Elói Teles

de Moraes, Eneas Fernandes Braga Vieira, Padre Antonio Teodósio Nunes, Ronald de Figueiredo Albuquerque, Bernardina Vilar de Alencar Costa, José Vanderley Landim, Jósio de Alencar Araripe, Antônio Nirson Monteiro. A revista ITAYTERA tem o comando de J. Lindemberg de Aquino, Francisco Huberto Esmeraldo Cabral, Raimundo de Oliveira Borges e José Peixoto de Alencar Cortez. Como se vê, os responsáveis por essa sociedade de valiosos serviços à gente cearense são pessoas que trabalham e produzem, alevantando bem alto o nome de sua terra. Daqui, deste pedaço brasileiro chamado Piauí, lhes mando congratulações, de modo especial a J. Lindemberg de Aquino, amigo fraterno e bom, meu companheiro também de Academia Piauiense de Letras.

"Jornal do Piauí — 31-3-81

a supunha pobre. No momento, porém, em que praticava a operação soube que a cliente era abastada e dirigindo-se aos parentes da mesma ali presentes disse que somente concluiria a operação se lhe pagassem CINCO MIL CRUZEIROS! Dias depois a operada morria e o marido da mesma quis matar o dr. Nelson, não o fazendo devido à intervenção de minha esposa.

Não refiro outros fatos para não me tornar extenso. Os que aí ficam servem para identificar o dr. Nelson às pessoas junto as quais êle procura se inocular e passar por cristão.

Um forte abraço do criado às ordens,

a) — *Luiz de Borbô Maranhão*.

(Firma reconhecida pelo tabelião Antonio Machado).

O C E G O

Dandinha Vilar

Quiz o destino infausto, meliante,
Do infortunio aos grilhões te acorrentar.
Negando-te o prazer tão fascinante
Do esplendor da luz admirar.

Nunca viste o piscar dos pirilampus
Nem conheces a alvura do luar.
Jamais da aurora contemplaste encantos
Nem tão pouco da flor o desbrochar.

Vagando a esmo o teu olhar distante
Buscas no vácuo, tropejando errante
Algo que não consegues descobrir.

Assim, sem ter Passado e sem Presente,
Na escuridão parado, tristemente,
Não guardas a esperança de um Porvir.

ASSOCIAÇÃO
DOS
CRIADORES
DO
CRATO

*Nossos efusivos cumprimentos ao
"Instituto Cultural do Cariri",
pelo lançamento de mais um
número de Itaytera.*

Todos estamos de parabéns.

*Raimundo de Oliveira Borges
Presidente*

Banda de Música de Crato

ASPECTOS PITORESCOS

De origem bastante antiga, a Banda de Música do Crato remonta aos tempos em que eram mestres da mesma Zé Chato e Zé Pereira. O maestro Zé Chato era exímio tocador de bombardino, mas executava na Banda qualquer instrumento, desde o contrabaixo ao tarol. No execução do maxixe "Flor do Abacate" Zé Chato era um fenômeno no bombardino.

x x x x x

Cumpre destacar que, certa vez estando em Fortaleza, a passeio, havia uma Companhia Dramática dando função. Necessitando a Cia., de um tocador de tambor para certo número, e estando na platéia, Zé Chato ofereceu-se e o fez de tal modo que recebeu uma verdadeira consagração.

x x x x x

Vale notar que tanto Zé Chato quanto Zé Pereira disputavam a primazia de serem os maestros da Banda naqueles idos tempos, nascendo daí uma terrível rivalidade entre ambos.

Para uma determinada festa de casamento, eles compuseram uma marcha nupcial, as duas músicas, de excelente qualidade. O importante era um não perder para o outro em nada que se referisse à Banda, tanto que acabaram loucos, dominados pela música que faziam.

Essas notas iniciais servem de preâmbulo à história da nossa Banda de Música. Já em 1904, dirigida pelo maestro João Alves, tocando num comício político em Barbalha, originou-se ali um tiroteio no qual houve mortes e feridos e as naturais correrias. Membrós da Banda envolveram-se no conflito, foram presos, a banda esfacelou-se, o maestro ferido. Depois da confusão, um influente chefe político do Crato de então, mandou buscar os músicos que continuavam detidos.

x x x x x

A Banda de Música Municipal de Crato, pelo seu valor incontestado, já ganhou merecida fama e, mesmo na Capital do Estado conquistou inúmeros 1^{os}. lugares em competições de âmbito regional, sendo considerada a "melhor banda de música do interior cearense".

x x x x x

Nos áureos tempos de nossa respeitável Banda de Música, era notória a execução de peças de real valor, como "Aquadaban", "Saudade da minha terra", "De volta do acampamento", "Dobrado 220", "Flagelado", etc, etc., bem como jóias musicais do quilate de "Duquesa do Bal Tabarin", "O Guarani", e outras não menos famosas.

Havia em meio a união dos componentes da Banda, muitas desavenças. Preparando-se para tocar na chegada do trem, que inaugurava a via férrea do Crato, o maestro João Alves entrou em litígio com alguns de seus músicos, havendo um começo de luta corporal entre ele e o trombonista Vicente Terto, logo apaziguada.

x x x x x

A banda tocava também em espetáculos circenses, sempre com geral agrado, além das populares retretas nas Praças Siqueira Campos e antiga 3 de Maio (hoje Juarez Távora). No tempo do cinema mudo, a banda tocava no desaparecido Cinema Paraíso: valsas, se a fita era triste — e maxixes apimentados, se era "cow-boy" ou "revistas".

x x x x x

Houve um tempo em que, pela falta de estímulo de seus dirigentes superiores, a Banda de Música dissolveu-se. Alguns anos depois, assumindo a

REALIDADE

Dandinha Vilar

Nascemos de uma dor que não sentimos
E desta dor partimos para a vida
Ignota, incerta, é a trilha que seguimos
A ir de encontro à morte estarecida

De um polo a outro nós evoluímos
Pelos tropeços de uma pobre lida...
Sem entendermos porque construímos
Só de espinhos o acesso da subida

E os anos correm aumentando as dores
E ha penhascos cruéis, feitos de horrores
Cujas garras tremendas nos afagam.

E ha sombras tão negras, tão escuras
Que nós premiam com as amarguras
De cicatrizes que jamais se apagam.

Prefeitura do Crato, dr. Miguel Lima-
maverde entrou em contato com o sr.
Deodoro Gomes de Matos (um dos
grandes idealistas em prol do progresso
musical do Crato) e conseguiu
reunir os antigos componentes. Alia-
dos aos novos integrantes, Deodoro
reorganizou a Banda, entregando a
regência ao Maestro Chico Baião, que
esteve à frente da mesma até 1942.
Retirando-se este, a Banda passou a
ser dirigida por Mestre Benício, que
a orientou por vários anos, sempre
com galhardia.

Grande entusiasta da nossa principal
corporação musical, foi Deodoro
quem mandou buscar no Pernambuco,
o clarinetista Manuel Augusto dos
Santos, o hoje conhecido maestro
Azul.

x x x x x

O maestro Azul vem dando à Banda
de Música de Crato uma conotação
jamais observada antes, recrutando
jovens para o aprendizado musical in-
dispensável e formando junto aos ve-
teranos um conjunto harmonioso in-
vejável.

No seu centenário, a Banda foi alvo
de merecidas homenagens, bem como
seu dedicado maestro, num justo preito
do seu reconhecido valor.

Ainda hoje a querida Banda de
Música vem brindando o nosso povo
com animadas retretas nos principais
logradouros e praças da cidade.

x x x x x

A história da Banda de Música do
Crato é longa e aqui estão apenas
dados esparsos de sua trajetória bri-
lhante no cenário musical do Ceará,
colhidos de fontes reais, para conhe-
cimento geral.

ALIANÇA DE OURO S. A.

Material de Construção e Material Elétrico

DISTRIBUIDORES DA :

Cia. Siderúrgica Nacional
Chapas Pretas e Galvanizadas

Cia. Goodyear do Brasil
Produtos de Borracha, Correias e
Mangueiras para todos os fins.

IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS:
Tratores e Motores AGRALE
Carretas - Arados - Sulcadores

MATRIZ :

Rua São Pedro, 379

FONES: 511-1888 • 511-1470 • 511-0344

FILIAIS :

Rua São Pedro, 839

FONE: 511-1709

Com MÁQUINAS OLIVETTI, Mecânicas,
Eletrônicas, para Escrever e Calcular,
MÓVEIS PARA ESCRITÓRIO, ETC.

Rua São Francisco, 311

FONE: 511-2753

Juazeiro do Norte-Ceará

MERCANTIL COMPRE BEM

≡ Eugenio Leite & Cia. ≡

Um mundo de utilidades para o seu lar.

Presentes, Perfumaria,
Comestíveis, Prataria, etc.



PREÇOS SEM COMPETIDORES

O maior e melhor Super-Mercado do Crato



Rua Dr. João Pessoa - (Galeria com a Santos Dumont)

CRATO —:— CEARÁ

MINHAS POESIAS - III

Páginas da conceituada revista ITAYTERA que seriam mais bem utilizadas por colaborações de outras penas mais abalizadas vão ser ainda ocupadas por meus pobres versos. Mas Deus fez o mundo para todos e cada um tem direito a uma restiazinha do sol. É isto que me anima a publicá-las, esperando sempre a complacência dos leitores.

Antes, porém, peço perdão por um lapso tipográfico que escapou na revisão do número anterior. No soneto a Nossa Senhora da Conceição, o terceiro verso do primeiro terceto (pag. 122) foi impresso: — "Medianeira dos nossos corações", quando no original se lê: — "Medianeira das nossas orações".

Por este motivo hei por bem reproduzi-lo na íntegra:

A NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Ó Virgem Santa Mãe Imaculada,
Excelsa Padroeira mui querida,
És um penhor seguro em nossa vida,
Para termos do céu a escalada.

Em nossos corações tens um altar
Consagrado, com fé, ao teu amor;
A tua imagem santa, com fervor,
Haveremos de sempre exaltar.

És Rainha dos nossos corações,
Dos nossos lares, Advogada e Guia,
Medianeira das nossas orações.

A cada passo está pensando em ti,
E em tua proteção, doce Maria,
Confia o povo fiel de Mauriti.

A forma correta do 4º verso do 2º quarteto do soneto "Creio Senhor" à página 120 é esta: — "Fazendo dentro em nós o vosso templo".

ITAYTERA

No último verso do soneto "Maria Caborê", à 121, há um artigo definido a mais.

A HERANÇA DE CRISTO

Nosso Senhor nos deu um novo mandamento: — "Amai-vos uns aos outros assim como eu vos tenho amado".

O amor é a herança que Cristo nos legou. Mas a isto se opõe o espírito do mundo que é ódio. O evangelho de S. João no cap. 15, versículos 18 e 19 nos mostra este antagonismo:

"Se o mundo vos odeia, lembrai-vos que me odiou antes. Se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria como ama o que é seu; mas, porque não sois do mundo e pelo fato de eu vos ter escolhido do meio dele, o mundo vos odeia".

Esta concepção também expressa no Sermão da Montanha, procurei estampá-la neste soneto:

Terás felicidade, assim diz Cristo,
Quando alguém te odeia ou calunia.
Enche-te, pois, de gozo e alegria,
Se, na terra, dos homens és malquistado.

Se fosses deste mundo, com certeza,
Ele, como bem seu, te estimaria;
O bafejo da fama, em romaria,
Aos pinaros da glória e da riqueza.

Em cortejo triunfal te levaria.
Mas se és seguidor da minha lei,
Não esperes amor nem honraria.

Se tu quiseste ser o meu herdeiro,
Não te esqueças de que já te ensinei:
— O mundo odiou-me a mim primeiro.

Pe. Raimundo Augusto
Crato, 1942.

A SANTA PECADORA

Ainda hoje perdura no mundo o espirito farisaico que Nosso Senhor tanto condenou. Há quem se escandalize e condene a Igreja quando ela, deixando o recesso da sacristia, sai a campo para condenar o mal e espalhar o bem como o Divino Mestre mandou aos discípulos: — "Ide até os confins da terra batizando as nações e ensinando-lhes a fazer o que eu vos ordenei".

A atitude de Maria Madalena escandalizou os fariseus, mas ela nos ensina como é possível a regeneração do pecador. Basta o amor e o arrependimento:

Em casa de Simão estava o Mestre
Fazendo a refeição bem calmamente.
Com surpresa geral vem de repente
Uma mulher em sua rica veste,

E tendo o coração cheio de amor,
Com os divinos pés se abraçando,
Em lágrimas lavou-os, e beijando,
Com as tranças enxugou. Mas, oh! horror!

Escândalo julgaram aquela cena
Que é profundamente encantadora
E que lhes pareceu antes obscena!

Sabei que ela não agiu à toa.
Enganai-vos julgando-a pecadora.
"Mais ama aquele a quem mais se perdoa".

Pe. Raimundo Augusto
Crato, 1943

O AMOR DO PRÓXIMO

O próximo, no sentido evangélico, é todo aquele que é a imagem e semelhança de Deus. Que possui um espirito dotado de inteligência e razão. Sabe falar e amar. Perdoa e esquece as ofensas recebidas. É nosso irmão em Cristo. São todas as criaturas humanas a quem o Criador concedeu o dom de servir.

Um exemplo de amor ao próximo Nosso Senhor nos apresenta na parábola do bom samaritano.

Estrangeiro, rejeitado pelos judeus ensimesmados, pára, olha e, decidido do adversário desconhecido a quem os compatriotas negam ajuda, pensa-lhe as feridas, toma-o em sua cavalgadura e leva à próxima estalagem. Ordena cuidarem do pobre coitado e no regresso paga todas as despesas.

Um homem que descia a Jerico
Caíra em poder dos assaltantes.
Perversos e malvados saqueantes
Deixam-lhe o corpo uma chaga só.

Passando pela estrada um sacerdote,
Da fé santa de Deus representante,
Olha o pobre estendido agonisante
E ao largo do caminho segue em trote.

Vem depois o levita, homem da lei,
De duro coração, sem caridade.
Enfim passa por lá o samaritano,

Considerado a escória, é verdade,
Mas foi ele que honrou a humana grei,
Mostrando o coração ter muito humano.

Pe. Raimundo Augusto
Crato, 1944

A PAZ — FRUTO DO AMOR

A caridade não é simplesmente dar esmola, socorrer o irmão necessitado. A esmola ou a ajuda ao pobre é uma consequência do amor. É o fruto da caridade.

A caridade é universal, não faz acepção de pessoa. Não escolhe o alvo a quem se dirige. Faz o bem sem olhar a quem.

S. Paulo, na sua 1ª. carta aos Coríntios, cap. 13 — 4 a 7, diz que "a caridade é paciente, a caridade é bondosa, não é invejosa; a caridade não é arrogante, nem orgulhosa. Ela não faz o que é inconveniente, não busca o seu interesse, não se irrita, nem se julga ofendida. Não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Ela tudo perdoa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta".

E Nosso Senhor, no evangelho de S. Mateus, cap. 5 — 46 a 48, nos mostra qual deve ser a nossa perfeição. "Com efeito, se amais os que vos amam, que recompensa mereceis? Os publicanos (os pecadores) não fazem também a mesma coisa? Se saúdaís apenas os vossos amigos, que fazeis de mais? Os gentios (os pagãos) também não fazem a mesma coisa? Portanto, deveis ser perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito". "Eu, porém, vos digo: — amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem".

A caridade é o vínculo da perfeição (S. Paulo — Col. 3, 14). A perfeição é o amor total.

É bom e encantador saber amar,
Como nos ensinou Cristo Jesus,
Que amou e perdoou até na cruz
A quem o sangue seu fez derramar.

Amar a quem nos ama é muito bom;
Não tem dificuldade, e tem sabor;
Dever de gratidão e, sem favor,
É isto natural, é de bom tom.

Porém a caridade não é isto;
É muito mais ainda; é estimar
Ao inimigo mau como fez Cristo.

Aprende a amar, se és capaz,
E o coração rebelde a dominar.
Assim serás feliz e terás paz.

Pe. Raimundo Augusto
Crato, 1945

TU ÉS AINDA O HOMEM VELHO

Este soneto dá sequência à mensagem do anterior.

Amor e perdão estão ligados. Um não existe sem o outro. A este respeito Nosso Senhor nos ensina no evangelho de S. Mateus, cap. 5 — 23 a 24: — "Por isso se estiveres para fazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro recon-

ciliar-te com teu irmão. Depois virás apresentar a tua oferta".

A prática da religião é incompatível com o ódio. Não admite o egoísmo, o orgulho nem a inimizade. Exige o perdão, a reconciliação e a paz — fruto do amor.

Veja como ele passa atrapalhado,
De ar contrafeito e duro, e vira o rosto,
Porque sentir não quer algum desgosto
De alguém ver, que não é do seu agrado.

Ó homem, se tu és do Cristo a imagem,
De sua santa lei propagador,
Se trazes no teu peito o seu amor,
Muda teu coração, se tens coragem.

Lês e pregas também o evangelho
E a reforma de vida interior,
Porém tu és ainda o homem velho.

Oh! sabe, pelo menos, meu rapaz,
Disfarçar, como fez no exterior,
O palhaço do Padre Antôï Tomaz.

Observação: — na linguagem do povo pronuncia-se Padre Antôï Tomaz, em vez de Antônio Tomaz.

MONSENHOR JOVINIANO BARRETO

No dia 05 de janeiro de 1950 foi lançada a pedra fundamental do Santuário de S. Francisco das Chagas em Juazeiro do Norte. Mons. Jovinião Barreto, o inspirador e patrocinador do movimento pró construção do Santuário, organizou a festa com um bonito programa litúrgico para a bênção da pedra dada pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano Dom Francisco de Assis Pires. Grande multidão, muita fé e entusiasmo. Já no final, à hora em que Sua Excelência se despedia, com chocante surpresa, um fanático roubou a preciosa vida de Mons. Jovinião com traiçoeira peixeirada sobre o coração. Sob a desagradável impressão daquela cena brutal, compus este soneto em homenagem ao mártir do dever:

Paladino da fé e da verdade,
Autêntico herói da disciplina,
A sua alma moldou na lei divina
Que cumpriu com leal sinceridade.

Foi modelo do bom educador,
Na cátedra foi mestre abalizado,
Sacerdote perfeito do Senhor,
Orador de talento consumado.

Cuidando das ovelhas com desvelo,
O caminho do céu lhes ensinava
Com acendrado e edificante zelo.

Quando do franciscano Santuário
A fundamental pedra se lançava,
Foi vítima inocente de um sicário.

Janeiro de 1950

LITERATURA A CAMARTELO

Voltando à fase estudantil. Certo colega, aluno bom e estudioso, fazia empenho de adquirir um estilo elegante e bonito. Para isto, lia, em voz alta, os trechos mais aprimorados dos autores seus preferidos, querendo assim educar o ouvido e habilitar-se a escrever com linguagem rebuscada e original que chamasse a atenção do leitor.

Dava muitas redações a um mesmo trabalho. Escolhia palavras, trocava expressões, reformava períodos, mudava a colocação dos termos da oração; ampliava, resumia, recomeçava, reconstruía, num trabalho sem fim.

Comentava-se a miúdo, nos recreios, que o moço fazia literatura a martelo. Daí este soneto :

Mestre Breira quer ser um literato,
E por fas ou por nefas ele escreve,
Reconstruindo a frase que não serve
Para ter, a seu gosto, o aparato

Dos grandes escritores que ele adora.
Do Cardeal Dom Leme ou do Amoroso
Ele quer o estilo primoroso
Imitar, sem sabê-lo muito embora.

Risca, rasga e rebusca a todo instante;
Cem vezes uma frase ele constrói;
Neste duro labor ele é constante.

Aspira, a todo custo, a um estilo belo;
Trabalha, cansa e arqueja como herói,
Mas faz literatura a camartelo.

Raimundo Augusto
Seminário do Crato, 1939

RETRATO DA SECA

Dandinha Vilar

Céu desnudo, profundo, descampado...
De nuvem ausente uns trapos voejantes!
Solidão pelo espaço, ar parado;
Troncos mortos em gestos suplicantes.

Folhas secas cobrindo o chão rachado,
Terra ardendo em brazeiro horripilante,
Mudas as fontes e o areal queimado
Se estorcendo a um calor angustiante.

No sagrado silencio das agruras
Retirantes aos grupos, sem destino,
Vagam errantes, se apegando à sorte.

Concentrados na dor das desventuras
Da fome, os animais em desatino
Buscando a vida vão achando a morte.

U M F I L H O

Dandinha Vilar

Eu que no ventre te guardei contente
E de uma dor te fiz nascer um dia,
Te aconcheguei ao colo docemente
Aos embalos de mística alegria.

Nos braços te apertando alegremente
Com carinhos e beijos te cobria
E ao te envolver com o meu olhar fremente
Não supões quão feliz eu me sentia.

E pouco a pouco com prazer fui vendo
Passar o tempo, e ao ver que tu crescias
O meu amor contigo foi crescendo.

Fiz de ti o altar dos meus amores
Onde bendigo as tuas alegrias
E de joelhos choro as tuas dores.

Depósito
N. S. Aparecida
"O Gigante do Crato"

de Valdemir Correia de Sousa

UMA GALERIA INTEIRA DE NOVIDADES...

Artigos para o Lar, Vidros, Cristais,
Prataria, Geladeiras e Móveis de
todos os estilos.

TELEFONE : 521-1413

Rua Dr. João Pessoa, 246 à Rua Santos Dumont, 39

CRATO--CEARÁ

Café ITAYTERA

SÓ TEM GOSTO DE CAFÉ

Processado e industrializado sob os
mais modernos métodos.



Máquina automática para empacotamento a
vácuo compensado, por aquecimento e
impulso, fotocélula e painel elétrico.



Moinho industrial e automático com
sistemas de refrigeração e ar gelado,
com separador de impurezas e de
montagem horizontal.

Por isso êle é mais puro... mais saboroso... mais café!

Agora em novas instalações, no
Conjunto Industrial Fenelon Lima

CRATO - Av. Pe. Cícero, Km. 3 - CEARÁ

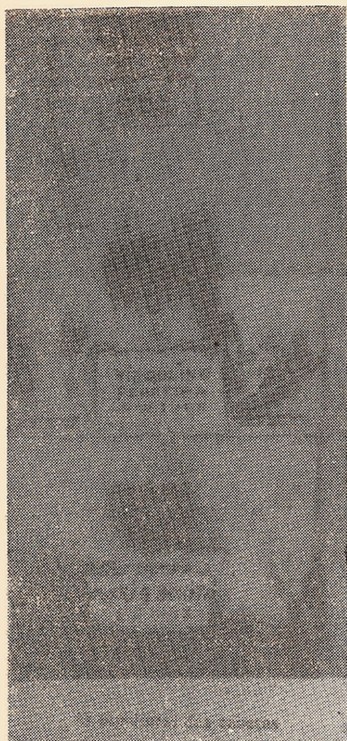
A
Tragédia
de
Angicos



Até então, o tempo não conseguiu esponjar da nossa memória, o acontecimento macabro, referente ao combate travado entre Lampião e o contingente policial sob o comando do tenente Bezerra, ocorrido no riacho

Ouro Fino afluente do São Francisco, no Estado de Sergipe.

Foi uma luta cruenta entre cangaçeiros e policiais, saindo vencedor o tenente Bezerra, devido o auxílio dos delatores e a estratégia que empregou



contra Lampião, por ter sido denunciado o seu esconderijo àquele tenente da PM de Sergipe.

Lampião era um homem dotado de grande estratégia e arrojado, não temia a morte e dizia que careta não lhe causava medo, comprovando através de inúmeros combates que travou, saindo sempre vitorioso.

Durante cerca de 20 anos, Virgolino Ferreira esteve à margem da lei, percorrendo as caatingas dos Estados da Paraíba, Ceará, R. G. do Norte, Bahia e Sergipe. Era tão arrojado que certa

vez tentou invadir Mossoró, não logrando êxito na sua tentativa.

Perdeu um rapaz do seu grupo na investida a Mossoró. A vítima tinha a alcunha de jararaca e era filho de Juazeiro do Norte, a quem o conheci de perto e também sua família.

Sempre foi previdente e tinha aguçada intuição, que o fazia evitar encontro com as volantes policiais que andavam em seu encalço.

Aconteceu várias vezes a ele chegar a determinado lugar, mandar preparar refeição para seu grupo e não esperar que ficasse pronta. Dizia que ia embora porque os "macacos" (soldados), estavam aproximando-se e retirava-se imediatamente.

O seu ato prenunciativo era positivo e realizava-se sem dilação, a polícia chegava ao local e não o encontrava. Assim, ele ia alongando o caminho da vida a percorrer, evitando combate.

Se Lampião não tivesse sido traído por alguém, que sabia o seu esconderijo, onde ele refazia-se do cansaço produzido pela andança nas caatingas, ainda teria vivido por mais tempo e dado muito trabalho aos homens da Segurança Pública.

Porém, o seu fim estava traçado para realizar-se ao amanhecer fatídico do dia 28 de julho de 1938, realizando-se inopinadamente.

Na noite que antecedeu a sua morte e de vários companheiros, Lampião reuniu os cangaceiros e os advertiu que tivessem muita atenção, estava com pressentimento que seria atacado. Isso foi revelado pelos cabras que conseguiram fugir do arrochado tiro-teio.

A sua intuição tinha cunho verdadeiro, porque já estava sendo vigiado pelo tenente Bezerra com seus soldados, esperando o clarear do dia para poder cercar a gruta de Angicos e meter bala nos cangaceiros.

Lampião não previa que o ataque ocorresse naquele dia, estava preparando-se para deixar aquela gruta no dia seguinte, tomaria rumo aos ermos

do Raso da Catarina.

O tenente Bezerra estava em Santana de Ipanema, quando foi informado pelos delatores de Lampião como poderia cercar a gruta, onde Virgolino Ferreira estava com seu grupo há vários dias descansando, lugar que ele era acostumado refazer-se da fadiga produzida pelas caminhadas nas caatingas.

Aquele oficial deslocou-se para Simibu e, dali seguiu com destino a Angicos, local da referida gruta. Saiu de Santana de Ipanema no dia 27, e ao amanhecer do dia 28 chegava às proximidades do esconderijo de Lampião.

Permaneceu afastado da gruta até o dia clarear suficiente, a fim de distribuir sua tropa para o ataque. Recomendou aos soldados que mantivessem silêncio absoluto, porque os cangaceiros tinham audição aguçada, qualquer descuido poderia resultar deastre à tropa.

Os traidores de Lampião foram os próprios indivíduos que lhe davam asilo, cientificaram ao tenente Bezerra que a ocasião propícia seria aquela, porque Lampião deixaria a gruta no dia 29 com rumo à caatinga, não deixasse passar do dia 28, porque daria uma viagem vã.

Consta-nos que Pedro Cândido, comerciante que negociava com Lampião às escondidas, chegou à gruta no dia 26 e fôra cientificado pelo próprio Lampião, que iria retirar-se no dia 29, estava com forte presciência que seria atacado, não sabia o dia certo e nem a hora.

Propalavam que Pedro Cândido permaneceu na gruta, em companhia de Lampião, de 26 para 27 de julho de 1938, e ao retirar-se fôra diretamente ao tenente Bezerra a fim de mostrar o escondedouro de Lampião, para ganhar dez contos de réis que era o prêmio oferecido para quem indicasse o local onde estava o rei dos cangaceiros.

Também divulgavam que Pedro

Cândido serviu de guia da volante do tenente Bezerra, para mostrar-lhe os pontos que deveria ocupar para desfechar fogo contra os cangaceiros.

O plano de ataque foi muito bem traçado, deixando Lampião sem nenhuma saída e exposto ao cruzamento de fogos. É tão provável que Bezerra contou com o auxílio de quem conhecia a toca, que não deixou recurso para Lampião escapulir.

Virgolino Ferreira não esperava ser atraído por quem lhe fornecia água para beber, era uma mulher moradora na caatinga que levava diariamente um pote d'água para ele e os cangaceiros, e também traído por aquele que negociava com ele, vendendo-lhe provisão de armamentos e outros artigos.

Sentia-se seguro naquela lapa que era verdadeira fortaleza. No caso de um ataque, tinha por onde escapulir sem precipitação, poderia fugir pelo lado da crista do morro ou por uma das bocas do riacho. Mas, Pedro Cândido indicou ao tenente Bezerra aqueles recursos que Lampião poderia dispor deles, que foram impedidos pelos soldados de Bezerra.

Mesmo assim, alguns cangaceiros furaram o cerco e conseguiram safar-se, parecendo que tinham reza forte contra bala, porque os soldados ficaram entinchados atrás de pedras e atirando de pontaria. Dias depois do ataque, distante alguns quilômetros do local do combate, pessoas sertanejas encontraram três corpos de cangaceiros, que já estavam completamente podres e inidentificáveis.

Há várias versões sobre a morte de Lampião. Uma delas é que ele e seus cabras foram envenenados. Existe outro boato que a tropa comandada pelo tenente Bezerra, era composta de 80 soldados.

Lampião e seus homens não foram envenenados, porque se isso tivesse acontecido, ele não teria disposição para enfrentar à bala seus atacantes. Bem assim, os cabras que fugiram do

cerrado tiroteio teriam morrido depois, pela ação do suposto veneno que haviam bebido.

O tenente Bezerra não tinha 80 soldados como o povo andou boatando. Aquele tenente comandava 45 praças bem aguerridas.

Aí vem o relato de Bezerra feito à imprensa, anos depois do acontecido: — "Chegando ao Rio Ouro Fino eu dividi minhas forças. O aspirante Ferreira Melo tomaria o riacho cortando a ligação das sentinelas do grupo. Eu tomaria a crista do alto, deixando a uns cinquenta metros as forças de Ferreira. Outro Grupo, comandado pelo cabo Aniceto, atravessaria o mesmo riacho e ficaria frente a frente à segunda tropa já em posição".

"Eu tomaria o riacho ficando assim o grupo de Lampião em um cerrado cruzamento de fogos. Toda a tropa teve ordem de avançar em marcha rastejante e aproximar-se o máximo possível do grupo. O aspirante Ferreira de Melo aproximou-se tanto que não pôde mais esperar. Subitamente achou-se às vistas dos bandidos. Rompeu fogo primeiro, logo em seguida pelas tropas de flanco. Neste momento o meu itinerário foi interrompido pelo grupo de José Sereno, homem de confiança de Lampião, cujo grupo chocara-se com a tropa, cinco metros distante, porque eu avançava para tomar posição e os cangaceiros avançavam com destino aquele lugar para desenvolverem a retaguarda contra a tropa atacante."

"Eu estava com 14 praças, verdadeiros homens de guerra que, ombro a ombro avançavam, na mesma proporção em que os bandidos recuavam. Avançamos sem parar até dentro do riacho num percurso de 30 metros passando por cima de seis cangaceiros mortos. Assim chegamos dentro do coito de Lampião, onde um soldado nos informou que Lampião e Maria Bonita estavam mortos, bem mortos."

Agora vejamos a relação dos cangaceiros que morreram na gruta do

riacho Ouro Fino: — Lampião, Maria Bonita, Enedina, Caixa de fósforo, Elétrico, Mergulhão, Sexta-Feira, Luís Pedro, Diferente, Cajarana, Azulão, Cangica e Zabelê.

A polícia decepou as cabeças das seguintes e mandou para Salvador: — Lampião, Maria Bonita, Azulão, Cangica, Zabelê e Enedina.

Vi as cabeças e fiquei penalizado diante daquela exposição pavorosa. Também vi o punhal de Lampião, tinha uma moesa na lâmina causada por uma bala de fuzil, que ao resvalar teria atingido a sua coxa esquerda.

O conjunto das feições do rosto de cada cabeça não era igual. Lampião e Azulão estavam com a feição carunculada, demonstrando que morreram irritados.

Maria Bonita e Enedina apresentavam semblante descontraído e simpático. Enedina era de cutis morena e M^a. Bonita possuía epiderme branca.

Dentre aquelas cabeças decapitadas e expostas em comemoração de vitória, havia dois rostinhos mimosos: Enedina e Maria Bonita companheira inseparável de Virgolino Ferreira.

Lampião conheceu M^a. Bonita por ocasião da primeira incursão que fez ao sertão sergipano, ela era casada com um sapateiro. Quando avistaram-se pela primeira vez, trocaram lance de olhos e cobiçaram-se mutuamente, daí nasceu a amizade entre os dois.

Por ocasião da passagem de Lampião pela segunda vez onde morava Maria Bonita, esta declarou a Lampião que o amava, e ele conduziu aquela mulher em sua companhia, que viveram tão felizes como se fossem casados.

Lampião tinha noção de fazer o bem, apesar de revidar dente por dente. Prezava acima de tudo o reverendo Padre Cicero, quando encontrava alguém que morava em Juazeiro, ou ia visitar aquele padre, deixava passar sem embaraço.

É prestigioso ressaltar que Corisco não morreu nesse combate. Com a

morte de Lampião torna-se o seu vingador e matando os seus delatores. Cortou a cabeça dos denunciadores e colocou num saco, enviou como dádiva ao tenente Bezerra, procedendo de modo idêntico ao que aquele oficial fez aos cangaceiros mortos.

Corisco, o "Diabo Loiro", braço direito de Lampião só viria a morrer dois anos depois, em 1940. Até aquele ano, Corisco ficou substituindo Lampião e lutando contra a polícia, acompanhado de pequeno grupo de cangaceiros.

A partir da morte de Lampião, a perseguição ao banditismo tornou-se muito aferrada. Então, Corisco compreendeu que não havia mais jeito para ele viver naquela vida sem sossego, dissolveu o grupo e cada um tomou o seu rumo. Ainda remanescentes do grupo de Lampião, por exemplo José Sereno que depois de cumprir pena foi para São Paulo onde está residindo, e Dadá companheira de Corisco que mora em Salvador.

O "Diabo Loiro" não teve sorte ao abandonar a vida de bandoleiro, ao chegar perto de Barra do Mendes-Ba, ele e sua mulher Dadá encontraram a volante do tenente Zé Rufino. Este abriu fogo contra Corisco que perdeu a vida, Dadá foi atingida por um balaço e ficou náfega, atualmente reside em Salvador.

Agora vejamos o ato praticado por aquele tenente, profanou o corpo de Corisco de modo desumano. Cortou-lhe a cabeça e seccionou o braço direito daquela vítima, à altura da espádua. Levou para Salvador aquelas duas partes do corpo de Corisco, conduzindo-as expostas em comemoração de vitória.

Pelo desenvolvimento do braço, tamanho da mão e grossura dos dedos, pude observar que Corisco era um homem com proporções de gigante.

Ao contemplar aquelas duas partes que pertenceram ao corpo dum ser humano, senti comiserção por aquele ato tão desumano, praticado por um

oficial em pleno século da luz, caso que só poderia ser executado pelos bugres que não sabem discernir o bem do mal, e não por um homem que aprimorou-se numa Academia Militar.

O corpo daquele cangaceiro ficou enterrado no município de Miguel Calmon. Dadá, sua mulher, anos depois voltou a Miguel Calmon e recolheu os ossos do cangaceiro para reuni-los à cabeça e ao braço, que estavam no Museu do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, em Salvador.

Depois de haver vários entendimentos com as autoridades, conseguiu receber a cabeça e o braço do seu marido, juntando-os aos ossos, e sepultando os despojos no Cemitério da Quinta dos Lázarus, 29 anos depois da morte de Corisco.

Lampião, Maria Bonita, Azuão, Cangica, Enedina e Zabelê, seus corpos foram enterrados à margem do riacho Ouro Fino, depois de putrefatos e faltando-lhes as respectivas cabeças. Estas foram conduzidas para Salvador e só receberam inumação 30 anos depois da tragédia, aos 5 de fevereiro de 1969.

O tenente Bezerra autor da morte de Lampião, ao término do combate, ordenou aos soldados que cortassem as cabeças de seis corpos, iria enviá-las a Salvador. Retirou-se com sua tropa do local da luta, deixando 13 corpos inânimes no leito do riacho Ouro Fino, sendo que seis deles estavam faltando-lhes as cabeças. Quem cortou as cabeças de Lampião e Maria Bonita, foi o soldado Sebastião Vieira Sandes.

Passados alguns dias, pessoas caridosas resolveram por conta própria, enterrar aqueles corpos que já estavam em adiantado estado de decomposição e estragos pelos urubus.

O tenente Bezerra suplantou o tenente Zé Rufino em ferocidade, porque além de degolar seis cangaceiros dos treze que matou, deixou os corpos daquelas criaturas humanas sem dar-lhes sepulturas, putrefaram e serviram

de repasto aos urubus por alguns dias.

Apesar das inúmeras tristezas que os cangaceiros causavam aos sertanejos, aqueles não eram totalmente obscuros ao bem, havia neles pequenina partícula de consciência.

O celebríssimo cangaceiro Corisco, antes de ingressar no grupo de Lampião, fora preso num dia de feira em Queimadas-Bahia. Os soldados que prenderam-no, ao chegar com ele à cadeia pública queriam dar-lhe uma surra. Um soldado que estava à parte no corpo da guarda, interferiu a favor daquele preso, não permitiu que fosse efetuado o espancamento.

Mais tarde, o soldado que evitou de Corisco ser maltrado com pancadas, foi incorporado numa volante para perseguir Lampião. Então, Corisco a esse tempo já estava fazendo parte do grupo de Virgolino Ferreira.

Por azar, a volante daquele soldado que fora o apadrinhador de Corisco, encontrou vestígios da passagem dos cangaceiros num determinado trecho da caatinga, passou a rastrejá-los com todo cuidado para não ser surpreendida por eles.

Mais à frente, o referido soldado teve necessidade fisiológica e tratou de atendê-la, e sua volante prosseguiu rastejando. Depois que terminou de defecar, apareceram inopinadamente alguns cangaceiros que estavam escondidos atrás das moitas nas proximidades daquele local, observando o movimento daquela volante perseguidora do banditismo.

Aquela súcia ao aproximar-se daquele soldado disseram-lhe: — "Te prepara macaco para morrer sangrado", tomaram-lhe o fuzil e a munição. Nesse ínterim Corisco foi chegando e reconheceu o dito soldado.

Em reconhecimento ao benefício que o soldado havia prestado a Corisco, quando este fora ameaçado de espancamento na cadeia de "Queimadas", o célebre Corisco também não consentiu que fosse efetuado o homicídio contra aquele que já havia lhe feito o bem.

Então, Corisco narrou para seus colegas, na presença do referido soldado que devia favor ao supradito, por este ter evitado dele sofrer esbordoamento quando esteve preso na cadeia de "Queimadas". Mandou-o retirar-se em paz sem a munição e o ferrolho do fuzil.

Recomendou ao soldado que ao juntar-se com sua volante, dissesse aos "macacos" que eles não eram bons rastejadores, porque haviam passado perto dos cangaceiros e não os viram. Quem revelou para mim esse acontecido, foi a própria vítima que já está com Deus na vida eterna.

Todo benefício que prestamos, quer aos racionais, quer irracionais, traz-nos conforto espiritual e material, dando-nos ampliação à nossa auréola e escudando-nos contra o mal.

O caso ocorrido entre aquele soldado e Corisco serve de espelho para nós. Se aquela praça não tivesse feito o bem a Corisco quando esteve preso em "QUEIMADAS", teria sido sangrado pelos cangaceiros. O favor prestado por ele o escudou contra o mal, evitando-o de ser sangrado.

Corisco ao ser posto em liberdade quando esteve preso em "Queimadas", jurou que vingaria a prisão injusta que os soldados daquele destacamento lhe fizeram seguida de empurrões. Tratou de ingressar no grupo de Lampião, a fim de por esse meio conseguir vingar-se.

Teve a sua iniciação naquele grupo de cangaceiros, obtendo do chefe Lampião inteira confiança por prestar-se como pau de toda obra.

Corisco convidou a Lampião para fazer uma visita a "Queimadas", a fim de promover uma desforra pela ofensa que sofreu. Indicou a Lampião os planos como deveriam obter bom êxito por ocasião da visitação ao lugar.

Virgolino Ferreira aceitou o convite feito por Corisco. O grupo fardou-se com fardamento igual o da polícia pernambucana da época, num deter-

minado dia ao escurecer chegaram a "Queimadas" e foram diretamente para o quartel.

Lampião estava fardado de capitão, identificou-se verbalmente que comandava aquela volante, andava a procura do bandido Lampião. Pediu informação como poderia encontrar-se com o rei dos cangaceiros.

Procurou saber se os soldados daquele destacamento estavam todos presentes naquele momento e a quantidade de praças lotadas, bem assim quem era o comandante.

Fora informado que a guarnição estava à vista, afora o sargento comandante. Então, Lampião ordenou a um soldado para ir chamar o sargento, a fim de entender-se com o capitão, pois, tinha algo sigiloso para informar ao referido sargento.

Até aquele momento todos estavam de boa fé que aquele oficial era verdadeiramente um capitão da milícia pernambucana, não havia desconfiança da parte dos soldados que o suposto capitão fosse o célebre Lampião.

Com a chegada do sargento ao quartel, Lampião e seus cabras renderam a guarnição, encurralando-a na cadeia. Danificaram o aparelho morse da estrada-de-ferro, cortaram os fios do telefone da referida estrada, e alguns cangaceiros ficaram de vigia nas imediações da cadeia.

Espalhou-se a notícia sobre a presença de Lampião no lugarejo, estava no quartel e havia prendido os soldados.

Uma respeitável senhora residente em "QUEIMADAS", mandou um portador ao quartel a fim de convidar Lampião para ir à sua residência, desejaria entender-se com ele e conhecê-lo pessoalmente.

Lampião ao receber o recado não se fez de arrogante, dirigiu-se à casa daquela dama acompanhado pelo portador do recado e um cabra do seu grupo. Os demais cangaceiros ficaram guarnecendo a cadeia e aguardando

ordem para executar os soldados que estavam presos.

Lampião foi muito bem recebido por aquela senhora, reconhecendo que se tratava de uma pessoa de fino trato. Ela, ao recebê-lo, fez-lhe convite para jantar com ela. A solicitação fora aceita e Lampião não demonstrava preocupação que poderia ser atacado, jantou com muita calma e boa palestra.

Por ocasião do jantar a referida senhora perguntou-lhe: — Capitão, o senhor o que pretende fazer aos soldados que estão presos? Ele, prontamente respondeu: matá-los.

Aquela senhora lhe pediu clemência para o sargento comandante do destacamento, alegando-lhe que se tratava dum militar íntegro no cumprimento do dever, além disso era crente fervoroso. Então, Lampião não teve ação contrária ao desejo daquela nobre mulher. Aquiesceu ao pedido que ela lhe fez, respeitando a vida do sgt. por tratar-se de um crente.

Daí, podemos observar que Lampião tinha conhecimento do bem, apesar de praticar o que prejudica ou fere.

Ao voltar do jantar e chegar ao quartel, falou para Corisco não matar o sargento, executar somente os soldados.

Corisco que estava ansioso para cobrar vingança, não teve tempo a perder, ia mandando seus colegas agarrar cada soldado de per si, trazendo-o ao corpo da guarda para ele sangurar.

Enquanto perdurou a matança, Lampião manteve-se à calçada da cadeia, depois que foi informado que havia terminado a chacina, entrou com muita calma para ver de perto os corpos estirados e muito sangue derramado.

Depois daquela crueldade, Lampião soltou os presos sem distinção de culpa, apoderou-se da munição e dos fuzis daqueles infortunados que foram sangrados.

No dia 10 de março de 1981, cheguei à primeira capital do Brasil e fui no mesmo dia à Quinta dos Lázara-

ros, onde foram inumadas as cabeças de Maria Bonita, Lampião, Azulão, Cangica, Zabelê e Enedina.

Permaneci defronte às sepulturas das cabeças daqueles desventurados, conservando-me em silêncio por alguns minutos, a fim de observar aquele quadro compungitivo formado de restos humanos, pessoas infelizes que retribuíram com a própria vida por oposição ao que realizaram a outrem.

Na identificação dos cangaceiros mortos houve um equívoco. Trata-se de LUÍS PEDRO, que não morreu naquele combate, confundiram-no com o corpo doutro cangaceiro morto no combate de Angicos.

Luís Pedro conseguiu escapular da investida do tenente Bezerra à gruta do riacho Ouro Fino. Depois que o grupo foi dissolvido por Corisco, Luís voltou ao Ceará e conseguiu ficar morando num dos sítios do município de Santana do Cariri, onde terminou seus dias de vida bastante alquebrado.

Aí está um pequeno relato de homens que se transformaram na vida, deixando de seguir o caminho inatacável que conduz à prática dos deveres para com Deus e a sociedade, rota que evita ao homem vingar uma ofensa com outra maior.

Juazeiro do Norte-Ce, abril de 1981

U M A C A R T A

Recife, 21 de março de 1979

Meu caro Lindemberg :

Agradeço sensibilizado as referências enaltecedoras que você fez à memória do meu Pai. Estou certo de que ninguém, mas ninguém mesmo, teria feito melhor. Hoje, principalmente hoje quando sou pai de um casal de adolescentes, compreendo melhor meu pai, suas angústias, decepções, mas, também sua crença permanente no ser humano.

Por ironia não tomei conhecimento do desenlace com tempo suficiente para me deslocar até o Crato e vê-los; meu pai, pela última vez, a cidade e os amigos. Somente hoje, por carta do meu irmão, tomei conhecimento do fim.

A vida me levou por caminhos diversos, quase sempre ásperos, algumas vitórias, inúmeras mágoas, mas esta viagem ao Crato, que eu nunca desejei, eu a teria feito, não fora o irônico designio.

Sinto que, pouco a pouco, estou me desvinculando das minhas raízes. Mas o curioso em tudo é que, nas minhas angústias, volto às origens. E me vejo sempre andando pelas ruas da minha cidade, mas com certa pressa. Creio que é por isso que nunca, nos

meus sonhos de retorno, reencontro velhos amigos, como você e poucos outros.

Muitas vezes as agruras aumentam. À noite, torno a ler ITAYTERA e volto, dormindo, a um longínquo passado. E quando o amanhã me traz de volta à realidade, como que me sinto frustrado. Mas esta é a vida. A lei do tempo é assim mesmo.

Penso que deve ter acontecido a mesma coisa com meu velho pai. Só que o sono que ele agora dorme não tem despertar. Ele foi embora, definitivamente.

Gostaria que o distinto amigo me conseguisse publicações do e sobre o Crato. E o seu livro sobre nossas Ruas? Fale, peça em meu nome, ao Jurandy Temóteo, alguma coisa.

Preciso voltar a pensar CRATO, terra para onde voltarei no dia final de minha origem.

Sei que você, naturalmente, não precisa. Mas, vindo a Recife, não deixe de me procurar, pois você é Crato, e deve sentir-se feliz por respirar esta cidade por todos os seus poros.

Receba, ainda mais uma vez, a confirmação do particular apreço do velho amigo,

Francisco de Assis Candêia
Jornalista

DISCURSO NA SUDENE

EGRÉGIO CONSELHO DELIBERATIVO DA SUDENE,
EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES;
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Perpassam-me o pensamento, nesta hora solene, as dúvidas e as incertezas que aquele grupo pioneiro tinha em mente, ao fundar, a 4 de janeiro de 1932, a Associação Comercial do Crato.

Somente um ideal sublimado dentro das mais legítimas aspirações e atendendo aos melhores anseios de nobres corações poderia ter conduzido aqueles cidadãos, ao desiderato que se propuseram; fundar, implantar e manter, em pleno interior, uma Associação Comercial, há meio século atrás.

O ano era particularmente difícil.

Exatamente como este ano cinquentenário, em que a incerteza de uma estação invernososa — baliza onde o Nordeste finca o seu planejamento para o ano — as dificuldades materiais e humanas, a carência de disponibilidade financeira e a perspectiva de uma sêca inclemente se juntavam ao desânimo, ao descrédito e a desconfiânça dos que poderiam ser os primeiros a estimular a idéia nascente.

Mas tudo isso foi vencido.

E admiravelmente vencido, pelo estoicismo daqueles pioneiros, pela lucidez e espírito público da Primeira Diretoria, pela pertinácia e pelo espírito de renúncia, e, sobretudo, pelo trabalho organizado, sério, criativo e incansável, dos que compuseram os primeiros quadros da Associação.

Rendo, pois, no início de minhas palavras, as melhores homenagens àquele grupo forte e viril, a cuja fren-

te se encontrava a visão de estadista de ALEXANDRE ARRAES DE ALENCAR, um espírito superior, destinado às grandes decisões que enobreceram a história da terra cratense.

BATISMO DE FOGO

Meus senhores:

A Associação Comercial do Crato teve no ano de 1932 o seu batismo de fogo. Logo nas suas primeiras semanas de atuação, o castigo de uma calamidade pública, com toda a sua seqüela de malefícios e desastres econômicos, abateu-se sobre o Cariri, especialmente sobre o Nordeste.

Era mais uma sêca, obedecendo ao calendário cíclico que se repetia, em anos diferentes, desde aquela primeira, que castigou a terra da Luz, na tentativa de povoamento chefiada por Pero Coelho de Sousa.

Todavia, aquele batismo de fogo reservado à nossa Associação Comercial, retemperou o ânimo dos que a formaram e fortificou a armadura moral de que ela veio revestida, desde o seu nascedouro.

E foi ela a primeira a posicionar-se, dentro daquele espírito de luta que vem caracterizando a sua vida. Organizou socorros, elaborou documentos, exigiu a atuação das autoridades, coordenou iniciativas a favor de milhares de camponeses, expulsos do campo ressequido e ingrato, tomou a frente nas medidas de proteção e amparo aos rurícolas.

Tão grande, tão marcante, tão prestígio e fundamental foi a sua atuação, que o Crato, naquela época, se transformou no centro geográfico e político das medidas governamentais de socorro e amparo aos flagelados, organizando-se aqui um campo-modelo para reuni-los, assisti-los e ampará-los, no então distante Buriti hoje um subúrbio da cidade-campo que teve a honra de receber, a visita do Ministro José Américo de Almeida e de outras autoridades federais.

Estava provada a tẽmpera inquebrantável de nossa instituição, que fincava, definitivamente, o seu marco de atuação fecunda, na terra que a vira nascer meses antes.

INTREPIDEZ MARCANTE, LUCIDEZ COMPROVADA

Meus senhores :

Cinquenta anos são decorridos, desde aquele triste e sêco ano de 1932, e, todavia, numa admirável pertinência, a nossa Associação Comercial prossegue a sua caminhada.

Os propósitos, sempre os mesmos. Os objetivos, sempre os mesmos. O espírito de luta sempre renovado, por força do sangue novo das diferentes Diretorias mas, acima de tudo, a lucidez de sua atuação, sempre comprovada e a intrepidez de sua presença, sempre marcante.

Poderia demorar-me horas, se fosse atentar para os benefícios que a Associação Comercial conseguiu carrear para o Crato e para o Cariri, mercê de sua inconfundível atuação.

Tantos e tamanhos foram eles, que a história registra uma série infundável de atuações marcantes da nossa ACC, visando, sempre, e, sobretudo, ao progresso, ao bem material, à elevação moral e social de nossa terra, à promoção do seu povo e ao bem estar das classes que ele congrega.

Posso dizer que ao longo dos seus 50 anos de existência, a Associação

Comercial, em tempo algum, fugiu a esses objetivos.

Todavia, cometeria uma omissão se deixasse de mencionar, neste instante, apenas alguns dos benefícios trazidos ao Crato pela nossa entidade.

A criação de uma Agência do BANCO DO BRASIL, conseguida 4 anos depois da fundação da ACC, em 1936, a ajuda à Diocese para a instituição do Hospital São Francisco e Maternidade Dr. Teles, a construção do Aeroporto em 1936, a consecução do sistema de iluminação, por meio da hidroelétrica do Lameiro, inaugurado em 1938 pelo então Prefeito e ex-presidente desta Casa, Alexandre Arraes; o primeiro sistema de abastecimento d'água, com captação e adução da fonte do Grangeiro, os entendimentos para a constituição do Rotary Club, a luta pela criação da Floresta Nacional do Araripe, para a defesa do patrimônio florestal de nossa região, o esforço para a formação do Instituto Cultural do Cariri, o apoio para a implantação da nossa primeira estação de rádio, do Colégio Agrícola, do Instituto de Ensino Superior do Cariri, os esforços para a vinda de mais Bancos, de criação de unidades industriais, de implantação de linhas telegráficas e telefônicas, de ajuda-gem, de rodovias que tirassem o Cariri do seu isolamento, a luta pela vinda da energia de Paulo Afonso ao Cariri, pela construção do açude Inxu, e pela justa e pronta indenização das suas terras desapropriadas, por campos experimentais de sementes, pela valorização da agropecuária regional, com a realização das nossas Exposições periódicas, a defesa intransigente do comércio, contra injustas medidas fiscais... Caixa Econômica, BNB, Banco do Estado do Ceará.

Poderia arrolar centenas e centenas de outros benefícios.

A pequena amostragem citada dá uma idéia, se bem pequena, do dimensionamento da Associação, dentro da comunidade em que atua.

Fato, também digno de nota, foi o posicionamento político que a entidade adotou, acima de quaisquer partidos ou facções políticas, com a marca de uma isenção que sempre caracterizou a Diretoria.

Foi graças a esse espírito superior, que a Associação pode vencer as duras procelas que se abateram sobre este País, ao longo de cinquenta anos, em que tivemos regime de exceção, estados de sítio, ditaduras e tempos de guerra sem que nada, mas absolutamente nada, abalasse suas estruturas ou perturbasse o seu funcionamento.

O profundo respeito aos seus estatutos e regulamentos, às Autoridades constituídas, às leis emanadas da União, do Estado e do Município, a sinceridade do bom relacionamento com autoridades, o espírito de cooperação e o sentimento de um dever de trabalho para com as classes que sempre representou, foram, sem sombra de dúvidas, fatores que evidenciaram a sequência de uma vida ininterrupta, devotada, sobretudo, ao bem estar coletivo.

UM CINQUENTENÁRIO FESTIVO, COM REFLEXÕES E ESTUDOS

Meus senhores :

Decidiu a Diretoria desta Associação Comercial do Crato comemorar o cinquentenário da entidade em meio a uma reflexão sobre o papel desempenhado por ela em favor do desenvolvimento sócio-econômico e cultural da cidade e da região. Para tanto, desejeu colocar como o ponto mais elevado destas comemorações esta Reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, em terras cratenses, com o intuito de chamar a atenção da opinião pública regional e mesmo nacional sobre o alcance do espírito associativista e participativo na dinamização da vida de toda uma região.

Para a celebração deste acontecimento de relevante importância na

vida caririense, contamos com o apoio decisivo do Cel. Virgílio Távora, Governador do Estado. Como pioneiro do planejamento administrativo no Ceará e a exequibilidade dos programas supõe comunidade de interesses, objetivos e valores entre Governo e Classes empresariais — Virgílio Távora mostrou-se sensível ao projeto de comemorações mais voltado para a análise e o estudo do que o ufanismo triunfalista que faz esfumar em sonhos delirantes excelentes oportunidades de trabalho.

Foi mais uma deferência especial de Virgílio Távora para com a Associação Comercial do Crato que já tem para com o Excelentíssimo Senhor Governador do Estado uma dívida que jamais poderá ser resgatada, porque contraída num relacionamento de alto nível e na busca persistente de objetivos convergentes.

A Associação Comercial do Crato encontrou sempre em Virgílio Távora apoio indefectível, solidariedade eficaz e pronto atendimento a todos os pleitos e a todas as reivindicações.

Deve a Associação Comercial do Crato ao Governador Virgílio Távora a implantação, no Ceará, de uma nova sistemática administrativa e de uma infra-estrutura básica, iniciada no Plameg, em 1963 e consolidadas pelas opções claras e de elevado alcance econômico social do Plameg II. Tudo isto possibilitou à nossa entidade realizar um trabalho mais profícuo e mais fecundo.

Meus senhores :

No Nordeste dos dias atuais, cuja estrutura aos poucos vai mudando graças a criação da SUDENE e sua benemérita atuação, o campo, hoje em dia, é muito mais propício do que o encontrado por esta Associação, em 1932.

Hoje há uma consciência coletiva de promoção do homem, de valorização da terra e de integração regional pela pesquisa, pelo estudo, pelo trabalho e

pelo investimento, que se faz em todos os setores, buscando redimir o Nordeste, secularmente esquecido, vítima de agressões de toda ordem, espoliado, maltrapilho e espeznhado.

É a SUDENE que vem propiciando esse panorama renovado.

Que se aprofunda no estudo dos solos, dos mares, das reservas hidricas, do espaço físico, da vocação desenvolvimentista de nossa terra, das possibilidades da produção, seja mineral, vegetal ou animal.

É a SUDENE que compõe esse panorama de alentadoras esperanças para uma terra que tem todos os recursos disponíveis e é abençoada por Deus, apesar de calcinada pela inclemência do Sol e da Sêca.

Honra-se, pois, a Associação Comercial do Crato, em ter presente, na festa do seu cinquentenário, a própria SUDENE, o maior conselho do Nordeste, a casa máxima das altas decisões interestaduais das unidades federadas que constituem o seu território.

INSUMOS PARA CONSTRUÇÃO DA PROSPERIDADE

Esta solenidade é uma ocasião, por demais propícia, para proclamar nossa crença no futuro, nossa confiança no Nordeste. Contudo, há que se fazer uma reformulação na vida nordestina. Para tanto, é necessário, antes de tudo, criar espaço onde a participação arrojada do empresariado possa contribuir para a correção de algumas distorções estruturais que comprometem o desenvolvimento econômico, o progresso social e a integração nacional.

Há que se adotar uma política regionalista agressiva no sentido audacioso de superação dos desníveis regionais, adotando metas e prioridades que acelerem o ritmo do crescimento nordestino para que possamos acompanhar o avanço da vanguarda brasileira que já se configura conforme os

padrões de abundância e prosperidade que caracterizam o mundo desenvolvido.

Medida indispensável na definição destas prioridades seria a reformulação da política tributária. No país dos nordestinos não podemos arcar com um ônus tributário tal como aquele que grava sobre as regiões prósperas e industrializadas do sul do país. Continuamos representando um bolsão de miséria e marginalização, apesar de todos os esforços. Nossas taxas de energia, os preços dos combustíveis, o imposto de renda, a tributação sobre produtos industrializados, os juros e encargos sociais precisam de uma diferenciação regional. Impõe-se uma política tributária mais atenta aos desníveis regionais, sob pena de fazer crescer o descompasso e, assim, o Nordeste soçobrar no esvaziamento econômico e na estagnação financeira, no contexto de uma situação social cada vez mais conturbada e ameaçadora.

O esforço da SUDENE será reconhecido pela posteridade e produzirá frutos de renovação e prosperidade na medida em que for implantado um tratamento diferenciado para o Nordeste, ansioso de integração e carente de suportes mais firmes.

Mais particularmente, esta é uma excelente oportunidade para que a Associação Comercial do Crato renove à Sudene os pleitos que considera fundamentais para a caminhada rumo à prosperidade com que sonha toda a Região.

É a caminhada da prosperidade que o Cariri precisa empreender, passa, inevitavelmente, pela consolidação do Distrito Industrial, já criado, à espera do indispensável apoio governamental e da ação pronta e inteligente dos investidores. As potencialidades industriais do Cariri aí estão, desafiando a criatividade do empresariado e reclamando a solidariedade governamental para a arrancada que nos há de redimir.

Um triênio de secas sucessivas deixou a descoberto a fragilidade da estrutura econômica da Região e do Município, exigindo, neste ensejo, medidas saneadoras tanto no que diz respeito à recuperação da agricultura como no que se refere à recomposição dos rebanhos dizimados pela falta d'água e pela carência de pastagens e alimentação complementar. Impõe-se uma ação governamental pronta e eficaz para minimização dos efeitos danosos deste renovado ciclo de estiagens, ponto de partida de uma nova arrancada para o crescimento tão sonhado.

A Região do Cariri assistiu traumatizada, nos meses ardentes do último verão causticante, a devastação da Floresta da Chapada do Araripe, última reserva florestal do Nordeste, consumida por incêndios que perturbaram a opinião pública nacional. Seria oportuno e urgente que os Governos do Ceará e Pernambuco, com a participação das respectivas universidades, sob a coordenação da Sudene, promovessem estudos visando a um conhecimento mais profundo para uma civilização mais racional das enormes riquezas que a Chapada do Araripe esconde nos seus mistérios e nas suas potencialidades.

A Chapada do Araripe é a monumental muralha que serve de fronteira para comunidades integradas pela história e pelos interesses comuns. É oportuno também lembrar aos Governos do Ceará e de Pernambuco o largo alcance econômico do asfaltamento das estradas estaduais que unem os dois estados, principalmente da Rodovia Crato — Exu, cuja concretização ensinaria uma realidade nova no campo econômico e social.

Nos programas das cidades de porte médio é urgente incluir a dinamização do processo de urbanização e humanização da cidade do Crato, através da elaboração de projetos tendentes a salvar o Morro do Seminário do corrosivo efeito da erosão permanente

e emoldurá-lo num quadro arquitetônico que expresse o zelo ecológico e o bom gosto artístico numa afirmação de telurismo e inteligência.

Neste sentido, é oportuno também conchamar a participação dos investidores e da ação governamental para a exploração racional dos recursos turísticos da região e da cidade. A estrutura rodoviária, o complexo das comunicações, as áreas de lazer, os clubes serranos e os apelos místicos da religiosidade popular precisam da complementação de uma rede hoteleira de categoria para acolher condignamente turistas e caravaneiros. A região do Cariri e a cidade do Crato precisam de maciços investimentos para que o turismo floresça como indústria, utilizando nossa mão de obra aproveitando nossas belezas naturais e gerando riquezas para melhorar nosso padrão de vida.

CONCLUSÃO

Somos gratos à SUDENE, pela histórica presença, pela primeira vez, no território histórico do Crato, de tantas tradições na vida da Nação.

Sua presença, aqui, é um testemunho do seu reconhecimento, ao inolvidável esforço que esta Associação tem feito, ao longo de 50 anos de existência pelo desenvolvimento integrado de toda a Região, sob a direção carismática de homens de envergadura moral de Alexandre Arraes de Alencar, Antonio Fernandes Teles, José Horácio Pequeno e Thomaz Osterne de Alencar.

Antes de concluir, cabe-me ainda solicitar os préstimos do Sr. Superintendente da Sudene, Dr. Valfrido Salmito, para que se faça portador das mensagens de agradecimento e da mais cordial saudação ao Excelentíssimo Senhor Ministro do Interior, Cel. Mario David Andreazza, cuja atuação à frente do Ministério o tem credenciado como Cidadão do Nordeste pela simpatia, pelo apoio, pela

dedicação com que tem olhar para nossa Região. Transmita, Senhor Superintendente, ao Excelentíssimo Senhor Ministro Andreazza, nossa mais efusiva saudação e o reconhecimento da Associação Comercial do Crato.

Queira também Senhor Superintendente, receber o testemunho da amizade e o penhor da consideração mais distinta da Associação Comercial do Crato. Sua atuação à frente da SUDENE o fazem merecedor das mais encomiásticas referências, bem como do preito mais sincero das nossas homenagens de reconhecimento. A Associação Comercial do Crato agradece a benevolência do Superintendente Valfrido Salmite pela prestigiosa presença da Sudene nesta festa cinquentenária.

A quantos contribuíram para o brilho desta reunião a Associação Comercial expressa o testemunho do seu reconhecimento. Por isso, tem uma especial palavra de gratidão ao Prefeito Arivaldo Carvalho, amigo certo de todas as horas, administrador de visão, que soube impulsionar em sua gestão que há de ficar na história, num ritmo de crescimento acelerado, o progresso e o desenvolvimento. Uma administração alcança seus objetivos precisamente quando sabe conquistar a simpatia das instituições comunitárias pela disponibilidade, pelo relacionamento cordial e pelo respaldo àquelas iniciativas, que como esta, engrandecem a Região e honram a tradição de sua gente.

Nossos agradecimentos também ao Senador José Lins Albuquerque, aos Deputados Adauto Bezerra, Ossian Araripe, Manuel Gonçalves e Wilson Machado pelo trabalho eficiente que realizaram, apoiando a realização deste magno Conclave aqui em Crato.

Aos Clubes de Serviço que tornaram possível este encontro memorável, Às Entidades de Classe, Federação das Industrias do Ceará, À FACIC e À Associação Comercial do Ceará, o penhor do nosso agradecimento

amigo e fraterno.

Aos meios de comunicação social que nos permitiram uma eficaz mobilização de opinião pública em torno desta reunião memorável, exprime a Associação Comercial do Crato o seu mais profundo reconhecimento.

Sente-se engrandecida a Associação Comercial do Crato com a presença de tantas autoridades, tantos convidados ilustres, as principais lideranças do Nordeste, entre as quais destacamos os Governadores do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Fernando de Noronha que aqui vieram participar das alegrias de nossa festa cinquentenária, pelo que nos confessamos profundamente gratos.

Pelo Presidência desta Casa, e em nome da sua Diretoria, do seu quadro social, e da coletividade empresarial da nossa cidade, trago abraço sincero de boas vindas e votos mais sinceros, ainda, de êxito na reunião de hoje.

Crato, cidade tradicional e hospitaleira, que sempre se caracterizou pela sua atuação vibrante, desde os tempos do Brasil-Colônia e Brasil-Império, que derramou o sangue dos seus filhos nos mais nobres ideais de liberdade, Crato, que mandou suas tropas às lutas pela unidade do Nordeste, aqui está, senhores, senhoras, a render sua homenagem às lideranças do Nordeste, que a visitam no dia de hoje, e reafirmar o seu espírito público de luta em favor de um Brasil melhor, mais justo, mais humano, mais digno e mais brasileiro, em que todos tenham iguais oportunidades de viver e de construir, para a posteridade, a Nação de que todos nos orgulhamos.

Discurso do Bacharel José Humberto Mendonça, Presidente da Associação Comercial do Crato, a 29 de Janeiro de 1982, por ocasião da 229ª Reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, na cidade de Crato, ao ensejo do Cinquentenário da ACC.

2
poemas
de
Correia
Coelho

"UM LUGAR AO SOL"

O homem na sua ambição desmesurada,
Malfazendo a "gregos e a troianos",
Imerso na ganância exagerada,
Não percebe que a outros causa danos.

O egoísmo é a senda disfarçada
Que o conduz aos seus malévolos planos;
Sempre impassível na sua caminhada,
Em exercendo feitos desumanos.

O semelhante, humilde, ao léu da sorte,
— E existem multidões neste seu rol, —
Suplica algum espaço do mais forte.

Qual navio andejo que busca o farol,
Procura e quer, como outros do seu porte,
Justo direito a "um lugar ao sol"!

CARTAS DE AMOR

(À minha esposa)

Velhas cartas de amor que te escrevi,
Esmacidas... e até já desbotadas...
Um dia deste, com surpresa, as vi,
Entre os teus objetos, bem guardadas.

Um festival de alegria eu senti,
Ao reviver tantas coisas passadas.
Frases e mais frases só para ti,
No enlevo de juras apaixonadas!...

Éramos, então, jovens namorados,
No calor ardente de amor-paixão.
E agora? Tantos anos já passados

De feliz convívio e doce união.
E eu te amo ainda, sem nada ter mudado:
Com toda a força do meu coração!

Um jovem do Baixo Leblon, daqueles monossilabos, longos cabelos e cuca virginal, fez-me um dia esta observação: "Os caretas reclamam contra nós, mas Jesus Cristo tinha cabelos longos. E aqui, no Brasil, Lampião e o pessoal do seu bando também usavam cabelos compridos, e nem por isso duvidam da sua virilidade."

Certo. Embora confesse não enxergar na frase algo de excepcional, concordo com o rapaz em não misturar cabelos fartos como expressão contestatória à virilidade ou símbolo de antimatachismo.

O que fiquei pensando, diante de tal argumento, e repito que nada tenho contra quem goste de usar cabeleiras femininas, foi coisa bem diferente. A cabeleira de Jesus era própria do seu tempo. Enquanto a dos cangaceiros era um pouco diferente: tinha muito a ver com a vida arriscada e difícil dos bandidos nordestinos, que, como todos aqueles que vivem perigosa e cabotinamente, não desprezam a teatralidade que alimenta a notoriedade de que carecem para impressionar a imaginação do homem comum, o eterno e explorado ingênuo deste mundo.

Como os nossos antigos cangaceiros, pensei comigo mesmo, certos escritores e artistas de agora "apelam" constantemente para toda sorte de tolices, na escrita, na oralidade, na gesticulação e na indumentária, a fim de fazerem-se notados e ganhar publicidade e dinheiro através de um variado exibicionismo. Nosso tempo riquíssimo de solidão, angústia e gatimônhas. Tudo em função do consumismo material e promoção do soi-disant intelectual.

Também me ocorreu outra idéia. Que me acudiu de uma frase lida, há tempos, num livro do ilustre professor Estácio de Lima, "O mundo Estranho

dos Cangaceiros", e que diz o seguinte: "Filho de cangaceiro não nascia na casa-grande de ricos." Exatamente o contrário do que acontece hoje em dia, com tantos jovens bem nascidos e que se dedicam a torpezas, tais como drogas e crimes sexuais, hábitos que os bandidos do Nordeste não seriam capazes de ousar.

Mestre Estácio de Lima, a propósito, analisando os motivos que levaram tantos adolescentes e até crianças a ingressar nas fileiras do bandoleirismo sertanejo recorda a frase clássica de Jolly: "Quando o adolescente mergulha no crime, não o faz pela metade."

O professor Estácio de Lima aflorou, em seu livro, hoje clássico, um assunto dos mais curiosos: a criminalidade das crianças sertanejas ao tempo de Lampião e seu bando, suas origens e motivações, em face da moderna marginalização da infância e da juventude urbanas, cujas fontes são bem diferentes da outra.

Os jovens bandidos do sertão não foram produtos, como o são os das grandes cidades, de malfeitores não coibidos durante a infância e a juventude.

Crianças como Volta Seca, Roxinho, Beija-Flor, Deus-Te-Guie e Saracura são produtos de outras situações. Cumpriram suas penas e voltaram reconciliados à sociedade. Pergunto: e o mesmo tem ocorrido com os jovens delinquentes urbanos, não raros nascidos em casas grandes, a maioria dos quais só passa por um cárcere como uma pequena curva de acesso a um bom e caro sanatório sofisticado?

É um tema que espero suscitar, breve, como um livro que pretendo escrever sobre Volta Seca e outras crianças e adolescentes que se deixaram arrastar pela vida criminosa de Lampião e seus bandoleiros.

Descobri que estou apaixonada por um Santo !

Sou uma pessoa romântica e apesar dos meus 51 anos bem vividos, ainda tenho alma jovem, como se fosse uma adolescente fazendo cursinho para o Vestibular.

Ainda acredito na beleza da vida, principalmente de uma vida vivida à sombra do poder de Deus, que se manifesta através do Espírito Santo sobre todos aqueles que aceitam e amam o seu Filho JESUS CRISTO.

Assim é que, tendo já dobrado o Cabo da Boa Esperança, estou vivendo atualmente um sonho maravilhoso, um grande amor platônico, lindamente espiritual, em que se refletem todas as maravilhosas alegrias com que poderia sonhar, neste dourado outono de vida !

Sou incapaz de viver sem amar intensamente e foi sempre amando intensamente que vivi este meio século de existência e não gostaria de viver os últimos 10 ou 20 anos que me restam sem amar esplendorosamente um descendente de Adão. Pode até ser que eu morra amanhã. Ou pode ser que o Senhor JESUS CRISTO volte em glória, com os seus anjos e santos, e me arrebate junto com os milhares de crentes, que lá em cima formarão a grande corte celestial que o acompanhará, quando ele voltar definitivamente à terra, para instalar o seu Reinado Milenar ! Pode ser que de repente meu coração — que tem um pequeno defeito na válvula mitral — pare de bater. Mesmo assim, estou aproveitando intensamente todos os minutos que me restam, para amar apaixonadamente e disso não abrirei mão, porque amar é essencial para mim. Não me basta amar o marido, os filhos, netos, irmãos, pais, amigos, empregados e clientes. É importante que eu ame alguém muito especial, a fim de me sentir viva e feliz. Não

é um amor egoísta que exija reciprocidade. É um amor tipo amor de mãe, que só deseja dar, sem pensar em retribuição, mas quando recebe algo de volta, exulta de alegria, porque recebeu sem esperar !

Meu primeiro grande amor platônico foi um padre, meu professor de inglês. Ele era muito santo e jamais me levou a sério, mas isso não teve a menor importância, porque eu o amava assim mesmo. Aliás, todas as minhas colegas do Ginásio estavam igualmente apaixonadas por ele, que era muito bonito. Mas acho que de todas elas talvez seja eu a única a ter coragem de admitir a existência desse amor, que ficou lindamente arquivado em meu coração, livre de qualquer sujeira, porque sempre foi um amor muito puro. Ele era 20 anos mais velho e soube tolerar o amor daquela menina de 15 anos e sempre me deu um carinho paternal, que eu sempre li de agradecer, porque ainda hoje somos bons amigos. Acontece que meu pai — que foi o mais amado de todos os homens de minha vida — estava traindo minha mãe naquela época e eu fiquei tão magoada com ele, que senti a necessidade de transferir para outro homem — tão bonito quanto ele — aquele amor de filha. E foi assim que amei o meu professor.

Quando terminei o ginásio fui para a capital do Estado e lá conheci um homem — 10 anos mais velho que eu — o qual seria durante muitos anos o meu grande amor. Amei-o durante muitos anos, com toda a alegria e felicidade que só um grande amor pode oferecer. Para ele escrevi um livro de versos — TROVAS DE SETEMBRO, que nunca cheguei a publicar. São poesias e trovas lindas que eu guardo como um tesouro, por-

que me fazem lembrar um grande amor, que também está arquivado em meu coração e jamais se apagará. Amei-o entre 1947 e 1955. Houve uma época em que eu morava no Recife e ele ia sempre me ver — no fim do mês — e ficávamos juntos alguns dias e era maravilhoso. Líamos Shakespeare, ouvíamos música e passeávamos à margem do Capibaribe. Ele tinha 1,50 m de altura e eu tenho 1,65, mas para mim ele era o mais alto, o mais belo galã de cinema. Um dia achamos que era tempo de terminar e de comum acordo, nos separamos, como bons amigos, e até hoje tenho-o no coração e continuo chamando-o DEAREST.

Em 1956 conheci o homem que seria durante pelo menos um quarto de século o meu amor oficial, porque no mesmo dia em que me conheceu pediu-me em casamento. Sempre tive por ele uma gama de sentimentos: de esposa, irmã, amiga, sócia, etc. Durante esses 25 anos temos levado o nosso barco, atravessado juntos todas as tormentas inevitáveis do nosso casamento e, com a graça e misericórdia de Deus, temos nos saído bem de todas elas. Diz Paulo Apóstolo em sua Primeira Coríntios 13 que o amor sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta... O amor jamais acaba! (Versos 7-8). Aquele grande amor dos primeiros anos já arrefeceu e em seu lugar existe uma amizade sólida, um companheirismo que nos garante a ausência da solidão. É um sentimento cheio de mútua compreensão: ele, para o meu azougado gênio de nordestina. Eu, para o etilismo típico dos germânicos. Assim, conhecendo as manias e os defeitos um do outro, cada um de nós vai se fechando em seu mundo particular e ao mesmo tempo deixando uma porta sempre aberta para a comunicação amigável de um casamento maduro. Ele gosta de música clássica, literatura e sessões do Rotary. Eu gosto de música sacra, teologia e festas de Igreja. É o ponto

de apoio dessa união a dois é o respeito mútuo. O traço de união é o amor pelos filhos e netos e à firma industrial que criamos do nada, com a ajuda um do outro. Somos dois velhos ranzinzas que se amam apesar de tudo e nos manteremos juntos, até que a morte nos separe. Mesmo porque não temos para quem ir! Ele já não se adaptaria a outra mulher e eu jamais poderia conviver com outro homem, acostumada como sou à sua organização e à sua pureza de alma!

E foi assim que o meu coração começou a murchar. Porque sentia a necessidade de um grande amor. Comecei a ficar triste, desiludida da vida e já nem me interessava mais pela aparência física, o que é um problema tendo em vista o meu ramo de atividades. Sou fabricante de produtos de beleza e se já não sou bonita, tenho pelo menos a obrigação de me apresentar arrumada diante dos clientes. Eu precisava amar alguém intensamente para que o meu coração despertasse e eu começasse a sentir alegria de viver.

É bem verdade que amo JESUS CRISTO acima de tudo e o tenho em meu coração, mas é um tipo de amor diferente. É amor da criatura pelo Criador, amor respeito, temor suave de filha que se sabe amada pelo pai. É que sendo JESUS aquele para quem, em quem e por quem todas as coisas foram criadas, é o Filho de Deus e da mesma essência do Pai e amar a Deus sobre todas as coisas é diferente de amar alguém acima de nós mesmos e abaixo de Deus. Eu queria amar um homem — não fisicamente, mas espiritualmente, mas um homem que tivesse defeitos como eu e que não se julgasse santo, mesmo que o fosse.

E foi assim que me apaixonei por PAULO DE TARSO. Ele viveu até o ano 67 depois de CRISTO, tendo sido degolado em Roma, por ordem de Nero, porque estava pregando o evangelho. PAULO Apóstolo foi sem

dúvida a maior figura humana na transmissão da palavra de Deus, não em sua época, mas hoje, porque suas Epístolas continuam a ser base de todo o Evangelho da Salvação. Eu vinha lendo suas cartas às Igrejas há mais de dois anos, duas a três horas por dia. Algumas até decorei, de tão lindas que acho e elas são a minha base de vida espiritual. Mas foi depois de ler a sua biografia escrita por Huberto Rohden, que descobri a grandeza desse Paulo Apóstolo, que os inimigos do Evangelho de CRISTO chamavam de "peste e promotor de sedições", porque não temia obstáculos e ia sempre avançando em direção à sua meta.


Paulo Apóstolo tinha estatura média, olhos amortecidos pela cegueira no caminho de Damasco. Mesmo após a imposição de mão feita por Ananias, quando lhe caíram umas escamas dos olhos, eles perderam o brilho intenso de antigamente, porque o encontro com JESUS CRISTO ressurecto neles deixou marca indelevel. Mesmo porque, enquanto seus olhos físicos se fechavam em consequência do forte clarão vindo do céu, seus olhos espirituais se abriam para a maior de todas as verdades: CRISTO VIVE!!!

Suas mãos eram calejadas pelo árduo serviço de tecelão de pêlo de cabra, matéria prima que ele usava na fabricação de tendas, que eram o seu meio de vida. Possuía inteligência fulgurante e uma grande cultura, que era ao mesmo tempo uma perfeita cultura judaica e uma perfeita cultura helênica.

AMO esse PAULO Apóstolo que já morreu há 1914 anos, porque ele está vivo em meu coração através de suas Epístolas. E até me preocupo mais com a aparência, como se ele pudesse me olhar lá de cima e controlar minha vida, até neste ponto. Suas cartas me ensinam tudo, inclusive como me comportar na Igreja, com o marido, com os filhos, com os irmãos, com as autoridades, etc. Como eu

gostaria de ser uma daquelas mulheres judias ou mesmo pagãs, que por vezes o acompanhavam em alguma expedição, de longe, porque ele não gostava de mulher alguma interferindo em sua vida. Não casou justamente por isso, porque ou se dedicaria a JESUS ou à sua esposa e filhos e preferiu ficar solteiro. Depois de estudar as pessoas que com ele conviveram naquela época, procurei me identificar com uma delas. Escolhi LIDIA DE TIATIRA, porque ela foi a primeira conquista de PAULO na MACEDONIA, assim como eu me converti lendo as epístolas de PAULO e sou a primeira pessoa que ele converteu na família MACEDO. LIDIA era comerciante de púrpura e corantes. Eu fabrico cosméticos e corantes, portanto mais um ponto de contato entre nós duas. Também, ALAIDE (meu nome correto) e LIDIA têm quase as mesmas letras. Finalmente, LIDIA amava PAULO Apóstolo e eu também o amo. Lendo o capítulo 16 de Atos dos Apóstolos, versos 14, 15 e 40, vemos que PAULO se tornou seu grande amigo e hóspede habitual, junto com SILAS, LUCAS e TIMOTEO. LIDIA colaborou na fundação da Igreja de Filipos, que foi a única de quem PAULO aceitou ajuda material, posteriormente. Como a púrpura é um tecido caríssimo, creio que LIDIA foi uma mulher de posses, tendo provavelmente herdado a firma do seu marido, pois alguns comentaristas dizem que ela era viúva. PAULO Apóstolo é o ELO espiritual entre a LIDIA de TIATIRA do primeiro século e esta LIDIA atual. Da mesma maneira como JESUS é o ELO DIVINO entre Paulo Apóstolo e esta LIDIA Século XX. O amor jamais acaba, diz Paulo na I Cor. 13:8. Então, o amor de LIDIA por PAULO continua através de mim e assim me sinto muito feliz e realizada. PAULO me deu alegria com a certeza da salvação em CRISTO e é o meu grande, maravilhoso e último amor outonal, até o grande dia!

**Com você
estamos vencendo o desafio
do desenvolvimento.**



**bnb BANCO
DO NORDESTE,
30 ANOS: A ORDEM
É PROMOVER
O PROGRESSO.**

MINISTÉRIO DO INTERIOR
bnb BANCO DO NORDESTE
DO BRASIL S.A.

Lídia de Tiátira

(Trabalho de ficção inspirado em Atos 16:14-15 e 40)

Depois da Carta Aos Filipenses, que tanto alegrou o coração de LIDIA, PAULO Apóstolo encontrou tanto serviço em ROMA, que ficou alguns meses sem escrever.

Acontece que LIDIA não sabe apenas lidar com púrpura e corantes, mas também com a LIRA, belo instrumento musical que os gregos tanto apreciam. Então, sentindo falta de PAULO, começa a dedilhar a sua LIRA, compondo versos assim :

De Paulo me despedi
há cinco meses, somente.
E esses dias não vivi,
mas vegetei, simplesmente.

Viver sem cartas paulinas
me alegrando coração
faz-me esquecer as doutrinas
que falam de salvação.

Vou pegar os pergaminhos
e lê-los, de uma só vez.
Memorizá-los todinhos,
do começo ao fim do mês.

Prá Cesar — PAULO apelando,
mostrou-se demais afoito.
E o verso 10 vou lembrando
de Atos capítulo 18.

E ia LIDIA assim, dedilhando a sua LIRA e pensando no Apóstolo amado do seu coração, por quem vivia em constante oração a Deus Pai. E relembrou as horas de alegria e empolgação que havia sentido na última

campanha do Apóstolo em ÉFESO, sentiu uma enorme saudade daquele homem pequeno de estatura e tão grande em sabedoria divina! E chorou muito por não poder acompanhá-lo em todas as suas viagens missionárias, como gostaria de fazer.

A solidão sempre inspira,
por minuto, uma trovinha,
e eu de trovas fiz a LIRA,
por estar sempre sozinha!

Quem poderia entender os sentimentos de LIDIA em relação a PAULO de TARSO! Ele é um santo homem, inteiramente dedicado ao serviço de Deus e ela uma senhora de meia idade, viúva e dona de uma próspera empresa comercial. JESUS é o ELO DIVINO naquele amor espiritual entre duas pessoas que se amam, mas O amam acima de si mesmas. PAULO ama LIDIA por conhecê-la bem. Foi ela a sua primeira conquista na MACEDÔNIA para as fileiras do MESTRE. LIDIA é mulher dinâmica, entende de vários assuntos e tem uma grande capacidade de comunicação com as pessoas, o que a torna simpática e amada aos olhos de PAULO. Ela tem mania de perfeição e é porisso que o ama tanto. Nele encontrou todas as virtudes masculinas que tanto havia procurado em seu marido, aquele rico comerciante grego, com quem fora casada por um quarto de século. Infelizmente, embora tivesse sido um marido gentil e amoroso, ele se preocupava apenas com a

parte material das coisas, não compartilhando com ela de suas necessidades espirituais, e isso a deixara incompleta.

LIDIA tinha viajado recentemente para ÉFESO e regressando a FILIPOS, achou tudo em ordem. Contou ao sócio no negócio de púrpura e corantes a verdadeira razão da sua ida a ÉFESO, que era ouvir as pregações de PAULO, mas este não se aborreceu. Os negócios foram bons e LIDIA trouxe tantas encomendas de púrpura, que o sócio YOHANNES até lhe sugeriu que fizesse mais vigens desse tipo, o que agradou demais o coração da purpureira. Quanto ao Bispo de ÉFESO, apelidado na intimidade de EBÊ, também não se surpreendeu, quando LIDIA contou porque havia ido a ÉFESO. E acrescentou: quando o coração nos pede algo que não vai de encontro à sã doutrina, podemos fazê-lo, a fim de nos gloriar-mos um pouco. Ao contrário de PAULO, que não se gloria a não ser na cruz de CRISTO! (Gl.6:14). Sendo LIDIA mulher ativa, de forte personalidade, deu graças a Deus pela compreensão daqueles dois anciãos, a quem tinha sempre de prestar contas dos seus atos e que, por sinal, eram muito severos. Temia que não entendessem a pureza do seu amor por PAULO Apóstolo. É AMOR-AGAPE, platônico, espiritual, de que tanto fala PAULO em suas cartas, como por exemplo na Primeira aos Irmãos de Corinto!

Lidia faz versos apenas por achar nisso prazer.
E as rimas brotam serenas, mesmo sem ela querer!

Diz ela que pode sobreviver sem PAULO, porque tem JESUS no coração e ELE preenche as suas horas de solidão e angústia. Mas justamente o faz, deixando-a dedilhar a LIRA e nela derramando suas mágoas e saudades.

SAUDADES do homem magrinho que fala de salvação e está guardando inteirinho e SALVO, em seu coração!

Como foi que LIDIA conheceu PAULO Apóstolo? Um dia, após haver concluído suas tarefas diárias, ela resolveu ir ao lugar de oração, à margem do rio, e ali se juntou às mulheres judias e glorificavam o Deus de Israel. PAULO chegou e, vendo as mulheres ali reunidas, começou a pregar a CRISTO, com aquele ardor que lhe era característico, colocado em seu coração pelo próprio JESUS, no caminho de DAMASCO. LIDIA ouviu-o e, num piscar de olhos, entregou-se a JESUS CRISTO. Seu coração ardia de amor pelo Filho Unigênito de Deus, agora revelado ao seu coração pela pregação de PAULO. E sentia também amor pelo Apóstolo, ao ponto de convidá-lo e aos seus acompanhantes SILAS e LUCAS, para se hospedarem em sua casa, deixando a modesta hospedaria em que se haviam precariamente acomodado. PAULO sentiu a sinceridade do amor de LIDIA por JESUS e por eles e prazerosamente aceitou o convite, passando a ser sempre o hóspede predileto daquela gentil senhora. Era isto que LIDIA recordava agora... Aquele primeiro encontro com PAULO, ali em Filipos, dando graças a Deus por ter deixado sua cidade de TIATIRA para vir morar em Filipos. E cantava ao pé da LIRA:

Eu amo alguém que nasceu num claro dia de março.
O meu pensamento é seu e o nome é PAULO DE TARSO !!!

E continuou o pensamento em prosa, porque a emoção lhe embargava a voz e já não podia cantar, apenas balbuciar para si mesma:

AMO PAULO porque ele ama JESUS e deseja ardentemente morrer por ELE.

AMO a sua paixão pelo Evangelho de CRISTO e a pressa que tem de pregá-lo, movido por seu amor, à compaixão pelas almas que se perdem, porque não sabem que "para a liberdade foi que CRISTO nos libertou e que não nos devemos mais submeter ao jugo de escravidão" (Gl.5:1), porque o sangue de CRISTO nos purifica det odo pecado (1 Jo. 1:7) e não as obras que praticamos.

AMO a sua inteligência brilhante e a sua cultura imensa, atestadas e reconhecidas até pelos seus maiores inimigos.

AMO a coragem indômita que o transforma no maior pregador da PALAVRA, levando, através de suas Epístolas e pregações, tantas pessoas às Sinagogas onde ele destemidamente prega a mensagem da salvação.

AMO o seu corpo castigado pelos sofrimentos e torturas físicas infligidos pelos sacerdotes judeus, através das autoridades romanas.

AMO as marcas de dor e sofrimento desse corpo, porque elas são "as marcas de CRISTO" (Gl.6:17).

AMO o seu rosto macerado pelo cansaço físico das constantes viagens missionárias e pela carência de alimentos. Quando escreve seus trabalhos teológicos, prefere fazê-lo em jejum, dizendo que as idéias fluem com mais naturalidade, como se o Espírito Santo preferisse agir num corpo mortificado pelo jejum. E assim vai ficando cada dia mais magro, quase diáfano, dentro da túnica folgada.

AMO os seus olhos embaciados pelo cansaço físico das longas vigílias, na oração e no estudo da PALAVRA DE DEUS.

AMO a condescendência com que ele sorri diante das minhas infantilidades espirituais, como se eu fosse uma filha muito amada ou uma irmãzinha mais nova, que está sempre fazendo bobagens perdoáveis!

AMO o amor-agape que ele esconde em seu coração por minha ínfima pessoa e que nunca se permite demonstrar, temendo que isso atrapalhe a sua meta de santificação em CRISTO JESUS.

Mas sei que esse amor existe. É uma plantinha subnutrida que vai se desenvolvendo precariamente. Pois recebe apenas alguns raios de sol, quando ele senta para me escrever. E algumas gotículas d'água, quando me sorriço! Nesses momentos, sem querer, ele está permitindo que a plantinha cresça naturalmente e um dia chegue a ser árvore. Porque, nas horas da VERDADE, das frias madrugadas de inverno, depois de escrever a sua Teologia, as vezes PAULO descança parcialmente numa entrega de ternura ao amor da sua LIDIA. Ai pega uma folha de pergaminho e vai deramando sobre a sua brancura palavras de ternura e agradecimento àquela que sempre o chama de BEM AMADO!

E LIDIA entende porque ama esse PAULO — peste e promotor de sedições (At. 24:5) — como o chama os judeus, inimigos do Evangelho de CRISTO. Sei que um dia PAULO e LIDIA morrerão pela sua fé em JESUS. Seu sangue molhará a terra e dela brotarão milhares de outros verdadeiros cristãos, que amarão a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmos, como ensinou o MESTRE. Provavelmente PAULO vai ser condenado por NERO, pois está preso em Roma, por causa da pregação do Evangelho. Mas diz que a PALAVRA DE DEUS não está algemada! (II Tm. 2:9) Quanto a LIDIA, conhecida como a principal hospedeira dos Apóstolos de JESUS, logo que surgir a primeira perseguição aos cristãos em Filipos, será jogada às feras ou queimada numa fogueira, o que dará origem à futura chamada "santa inquisição"!

J. Primavera, 04-06-81

Dr. Emídio Macedo Lemos

Advogado



Causas Cíveis,
Comerciais,
Trabalhistas
e de
Sucessões

ESCRITÓRIO:

Edifício Antonio Leite Tavares - Sala 4

FONE : 521 - 1617

Rua Sen. Pompeu esq. com Bárbara de Alencar

RESIDÊNCIA:

Rua Evangelista Gonçalves

FONE : 521 - 1594

CRATO • CEARÁ

ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE CRATO

"O ensino de 2º Grau deve ser o instrumento que prepara o jovem para participar do desenvolvimento, como fator básico de produção e como destinatário dos resultados do progresso, evitando, assim, a sua marginalização da força de trabalho".

A Escola Agrotécnica Federal de Crato — (EAFEC) prevê em sua estrutura organizacional, âmbitos de atuação polivalente que permitam a descentralização do trabalho realizado, gradativamente, numa Escola-Fazenda e uma maior sistematização da ação educativa.

Com base num planejamento prospectivo, pretende-se apresentar as diretrizes traçadas com vistas a um trabalho cujas metas vêm norteando, as atividades integradoras fundamentais na lei 5692/71.

Através dos mecanismos de execução procura operacionalizar os projetos inseridos no Plano da Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário — COAGRI, atendendo consequentemente, a Política Educacional do Governo.

Assim, é que, numa concentração de esforços, os que compõem a EAFEC, propõem-se à constante que exige de cada um a observância do "dever" embora com flexibilidade disciplinada pela orientação dos setores competentes, tendo como meta prioritária formação integral do Técnico em Agropecuária, seguindo o lema de "Aprender a Fazer e Fazer para Aprender".

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

A Escola Agropecuária Federal de Crato, situa-se no Município de Crato, localizada na Microrregião do Cariri,

sul do Estado do Ceará, no Sítio Almêcegas, à margem da CE — 96 — Km 06.

A orografia do Município onde está inserida a Escola Agrotécnica Federal de Crato, é geralmente acidentada, de natureza argilosa e constituída por vários tabuleiros. A serra ou Chapada do Araripe — seguindo da Serra da Ibiapaba, planalto extenso e de grande fertilidade constitui-se o principal acidente geográfico. Existem ainda as serras das Almêcegas (onde está localizada a Escola), Barbalha e os Montes Pintados, Juá, Carvoeiro e Alto do Leitão.

SÍNTESE HISTÓRICA

Foi criada pelo Decreto Federal de 10 de janeiro de 1947 e consolidada através de acordo entre o Governo da União e a Prefeitura Municipal de Crato, em 10 de abril de 1954. Teve sua origem na instalação do Curso Rápido de Tratoristas de Crato.

Atualmente, pelo Decreto nº 83.935, de 04 de setembro de 1979, passou a denominar-se Escola Agrotécnica Federal de Crato. Integra a rede de 33 Escolas Agrotécnicas Federais de 2º Grau subordinadas à Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário-COAGRI — do Ministério da Educação e Cultura — MEC.

Objetiva formar técnicos em agropecuária a nível de 2º Grau com a duração de três anos.

O nosso contingente escolar em 1980 foi de 369 alunos. Em 1981 foi acrescido para 375 e em 1982 contamos com 385 alunos distribuídos nas três séries em regime de internato e semi-internato.

INSTALAÇÕES :

A Escola em seu conjunto, compreende duas áreas distintas, uma destinada a Administração, setor Técnico Pedagógico Alojamento de Alu-

nos e Refeitórios. Outras, onde se localizam os setores de Carpintaria, Oficina Mecânica, Apiário, Cooperativa Escolar e de Trabalho dos Alunos.

PROJETOS IMPLANTADOS :

ZOOTECNIA :	. Avicultura :	Corte Postura
	. Suinocultura :	Cria
	. Bovinocultura :	Leite Corte
AGRICULTURA :	. Olericultura	
	. Fruticultura	
	. Silvicultura	
AGRICULTURA PROPRIAMENTE DITA :	. Cana de açúcar	
	. Mandioca	
	. Feijão	
	. Milho	

PROJETOS EM IMPLANTAÇÃO

- CAPRINOCULTURA — na sua fase inicial com (20) vinte matrizes e um reprodutor.
- APICULTURA — atualmente com (20) vinte famílias.
- PISCICULTURA — constando com (2) dois tanques de alvenaria com capacidade para 180 m³ d'água, destinada ao criatório da tilápia e camarão.

AREA DE ATUAÇÃO

A influência da Escola Agrotécnica Federal de Crato, se faz sentir em toda Região do Cariri, irradiando-se pelo Ceará e estados circunvizinhos.

Nossa Escola conta com o Serviço de Integração Escola/Comunidade — IEC, que muito tem contribuído para alargar esta influência.

O intercâmbio mantido por meio de Estágios, Visitas Técnicas, Cursos, Palestras, contratos com Empresas da Região e de Estados limitrofes, contribui para troca de Know-how que vem se processando de maneira evidente.

Ainda podemos salientar o fato de que grande número de nossos técnicos

desempenha suas atividades nos vários quadrantes do território Nacional.

ADMINISTRAÇÃO

A Escola Agrotécnica Federal de Crato-Ceará, teve como seu primeiro Diretor o Agrônomo Solon Pinheiro Teles, posteriormente, substituído pelo Agrônomo Hermano José Monteiro Teles e atualmente é administrada pelo Engenheiro Jorge Ney Leite Pinheiro, que está à frente do Estabelecimento desde 1975.

Este, com com a sua Equipe, procurou iniciar uma nova história na Educação Profissionalizante de 2º Grau na Região, tornando esta casa de Educação habitada pela crença do

homem, numa instituição laboratório, onde todos se educam mediatizados pelo mundo onde as mãos que se doam procuram construir. A ação dinâmica do seu Diretor, docentes, equipe técnico-pedagógica, funcionários numa coesão de ideal, de realização em realização, constrói uma nova história na Educação da Escola Agrotécnica Federal de Crato, onde o empenho e trabalho inspirados nas expectativas de novas esperanças e aspirações em pról da melhoria do ensino-aprendizagem se evidencia no dia a dia.

O TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA

O Técnico em Agropecuária é um profissional necessário ao desenvolvimento do País, pois contribui para a modernização da agricultura quando faz sentir sua ação diversos órgãos oficiais, em propriedades agrícolas, particulares e em outros, através do exercício de sua profissão.

SÃO ATRIBUIÇÕES DO TÉCNICO :

- a) prestar assistência técnica a agricultores e pecuaristas;
- b) organizar o trabalho em propriedades agropecuárias;
- c), proceder à análise, à experimentação, ao ensaio e à divulgação de trabalhos técnicos;
- d) desempenhar cargos, funções ou empregos em entidades estatais, paraestatais e privadas;
- e) elaborar orçamento de projetos agropecuários;
- f) proceder à mensuração, à padronização e controle da qualidade dos produtos agropecuários;
- g) executar e fiscalizar obra e serviço técnico, inclusive nas operações de crédito rural;

h) orientar equipes de instalações, montagem, operação, reparo ou manutenção de máquinas e implementos agropecuários;

i) executar esboços e desenhos técnicos de sua especialidade;

j) comercializar produtos agropecuários;

l) elaborar relatórios, pareceres e laudos técnicos.

O CURSO DE FORMAÇÃO:

O Curso Técnico em Agropecuária em nível de 2º Grau é reconhecido pelo Conselho Federal de Educação e prepara o aluno para o exercício de sua profissão.

A formação profissional dos Técnicos em agropecuária se faz mediante curso teórico/prático de três (3) anos, perfazendo um total de 4.230 horas.

Imbuídos no lema de que "sempre é tempo de educar" os que fazem a nossa Escola acreditam que amanhã haverá a continuação da história recriada do ontem e do hoje — o gesto de se fazer pela ação dinâmica e perpetuada com a palavra.

FUNCIONAMENTO

A Escola desenvolve atividades nos dois (2) turnos. Um destinado às Atividades de sala de aula e outro, no campo, para Atividades Técnico-Agropecuárias (ATA).

Estas se caracterizam por Projetos Agropecuários, dentro do Espírito de Escola Fazenda, permitindo ao aluno diversificado número de práticas, levando-o a participar de todas as etapas dos trabalhos, desde a elaboração do Projeto até a comercialização.

Podemos ressaltar que há um perfeito entrosamento entre o Setor Pedagógico e os demais que compõem a parte Administrativa — (Setores : Financeiro, de Pessoal, de Serviço;

Gerais, Cooperativa) o que permite o funcionamento harmônico da Unidade Escolar como um todo.

— Nossa Escola dispõe ainda de uma moderna Biblioteca contando com um acervo de 2.535 volumes para consultas do alunado e professores, atendendo também as pessoas da Comunidade que a procurarem.

ELEMENTOS DE BASE

Objetivando um trabalho integrado e cooperativo, os elementos de base da Escola Agrotécnica Federal de Crato, constituem verdadeiros suportes, cujo apoio vem consolidar o trabalho que aqui se realiza, podendo-se destacar como principais os Recursos Humanos e Materiais :

RECURSOS HUMANOS :

A Escola nos seus Quadros Docentes e Administrativo compõe-se de:

Professores de Nivel Superior	14
Professores da Área Técnica	09
Professores da Área de Cultura Geral	10
Professores Responsáveis pela Área Técnico-Pedagógica	02
Professores com Esquema I	09
Professores com Esquema II	02
Número de Servidores	83
Pessoal de Apoio	66

RECURSOS MATERIAIS

Os Recursos Materiais disponíveis, atualmente compreendem :

- equipamento,
- mobiliário,
- material de expediente
- máquinas e implementos agrícolas
- defensivos e corretivos indispensáveis a obtenção dos resultados pré-estabelecidos no Plano Integrado

de Atividades Escolares — PIAE da Escola.

CORPO DISCENTE

Devem ser proporcionados aos discentes experiências de aprendizagem que se aproximem tanto do objetivo da Terminalidade como da continuidade de estudos conforme as aspirações profissionais do alunado e as necessidades do setor ocupacional agrícola.

DEMANDA DE VAGAS

A N O	NÚMERO DE CANDIDATOS	NÚMERO DE VAGAS	RELAÇÃO CANDIDATOS X VAGAS
1978	163	108	1,5
1979	336	160	2,1
1980	464	80	5,8
1981	298	122	2,4
1982	471	182	2,5

REGIME ESCOLAR E SEXO / 1982

SÉRIE	INTERNOS		SEMI-INTERNOS		EXTERNOS		TOTAL GERAL
	M	F	M	F	M	F	
Primeira . . .	111	—	50	21	—	—	182
Segunda . . .	81	—	20	04	—	—	114
Terceira . . .	65	—	18	06	—	—	89
TOTAL . . .							385

SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA

O nosso alunado é oriundo de família de baixa renda familiar, em virtude de se tratar, em sua grande maioria, de filhos de proprietários de pequenas glebas de terra.

Acrescente-se a este fato o avultado número de dependentes, constituindo aproximadamente, uma média de sete para cada família, o que bem caracteriza um aspecto típico da Região Nordeste.

— EGRESSOS —

O mercado de trabalho tem absorvido em larga escala o número de EGRESSOS formados pela EAF-Crato.

Em sua grande maioria ingressam na EMATER-CE, empresa que vem contribuindo consideravelmente para a melhoria agropecuária da Região.

Outros, ingressam no Banco do Nordeste e no Banco do Estado do Ceará, outros em Empresas Particulares, o que vem comprovar a validade da Habilitação oferecida pela EAFC-Técnico em Agropecuária.

Colocando primordialmente a formação integral do educando como objetivo de suas atividades Pedagógicas a EAFC tem procurado desenvolver as potencialidades dos jovens como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo consciente da cidadania.

Esta triplice dimensão encerra a preocupação com o que é, no educando, individual, com o que é propriamente social.

Como colorário lógico dessa ação pedagógica esperamos que o nosso técnico ao concluir o seu curso deva estar preparado para agir e interagir no meio, contribuindo como homem e como profissional competente para o desenvolvimento harmonioso do Brasil como um todo.

O curso Técnico em Agropecuária deve despertar nos alunos de 2º Grau, interesse pelas ciências agrícolas, compreensão da natureza, do valor e das características da agricultura.

Estes aspectos devem ser encarados sob o ponto de vista do produtor rural, do profissional que trabalha para seu progresso social e econômico e do cidadão como consumidor de produtos agropecuários e do papel que representa na conservação dos recursos naturais renováveis.

ALUNOS FORMADOS

ANOS.....	FORMADOS
1979.....	70
1980.....	91
1981.....	135

O demonstrativo é uma amostragem dos Formandos em nossa Escola nos três últimos anos.

B. Bezerra
Comercial Ltda.

Uma sólida
e tradicional firma
do
nosso comércio de ferragens

•

INFINITA VARIEDADE DE ARTIGOS
PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

•

Rua Bárbara de Alencar, 850
FONE: 521-0275
CRATO • CEARÁ

A Poética do Espaço ou a Geometria do Devaneio

Num momento em que os teóricos da literatura se voltam para uma abordagem sociológica do fenômeno literário, mais precisamente para as reações do leitor (Estética da Recepção), parece temerário se falar em devaneio poético. No entanto, fica difícil se definir, num momento de criação, um limite onde termina o devaneio e começa a realidade ou vice-versa. Portanto é importante se conhecer melhor o devaneio poético, principalmente, onde ele melhor se efetiva, na poética do espaço.

Entre os que se preocuparam com a poética do espaço, tornou-se uma surpresa agradável, o surgimento das teorias de Gaston Bachelard (1884-1964). Neste ex-professor da Sorbonne, o que nos chama mais a atenção, é o fato do mesmo, sendo um historiador, um filósofo das ciências, enfim, um cientista, abandonar a diuturnidade científica pela noturnidade da fenomenologia do ato poético. É o fato de ter sido um pensador das ciências e um pensador da poesia, da razão e da emoção, do conceito e do símbolo, que o coloca entre os grandes pensadores deste século. É pena que sua "Poética do Espaço" (1952) tenha se limitado ao estudo da fenomenologia do devaneio poético, deixando de abordar qualquer aspecto social do fazer poético, numa época marcada pelos fenômenos sociais como a nossa. No entanto, na sua teoria há momentos de rara beleza quando é abordada a grandeza das imagens silenciosas e graves da originalidade do ato poético. Prova disso é sua poética da casa. A casa onde o repouso encontra situações

privilegiadas. E aqui caberia a pergunta: qual o poeta totalmente desvinculado de suas raízes? De sua casa, de sua terra?

Há uma integração psicológica do homem com sua casa: Não se pode negar que nossa alma traz em si a geometria de uma casa, talvez até do útero materno como primeira residência. Daí os sucessos da psicologia das profundidades e da psicanálise quando do trato da análise da pessoa humana através da fenomenologia da nossa intimidade com a casa. É importante é salientar que o basamento teórico para a tomada da casa como instrumento de análise está nos ensinamentos de Yung. Não é sem razão que este pensador sugere a análise da alma humana através de camadas. Através da topografia da casa se estabelecer uma topografia da alma. Seria o caso da "topoanálise" sugerida pelo mesmo Yung, para quem a casa se apresenta como um ser vertical com uma polaridade que possibilita estudá-la com a mesma verticalidade com que se estuda a alma humana.

Na casa-alma do homem há sótão, há porão mas há camadas abaixo do porão como os restos da casa pré-histórica que existe em qualquer aprofundamento sobre o repouso. Isso comprova termos em nós vários tipos de homem representativos de várias épocas. Seria o caso da "pré-noção" de Platão estar associada às proposições da topoanálise. No entanto, para devaneio poético o que mais interessa é o que está além disso tudo, ou seja, acima do sótão e abaixo do mais baixo porão. É o ilimitado, a poesia, porque

o limitado é romance. Por isso que a casa velha é mais propícia para o ato poético e o apartamento e a casa nova mais áridos para a imaginação criativa do poeta. Isto porque, o poeta vai mais além e descobre que o homem não se preocupou apenas em fazer sua casa. Ele também fez as casas das coisas: as gavetas, os cofres e os armários. Há toda uma estética do desconhecimento quando se trata da casa das coisas.

Cada coisa tem importância cósmica no universo da habitação do homem. É possível se estabelecer uma cosmologia a partir do simples pensar uma gaveta. Muito mais que isso é a fenomenologia do polir uma estante ou abrir um armário. Por isso não é sem razão que se diz que a mulher é a construtora da casa do seu interior para o exterior numa dimensão muito mais acentuada que do homem preocupado muito mais com a construção do exterior para o interior. É o homem construtor da casa material (Significante) e a mulher, construtora da alma da casa (Significado). Esta pode parecer uma visão machista, o que não nos cabe aqui resolvê-la, mas pelo menos é o que a cultura tem apresentado às gerações. A mulher tem sido muito mais arquiteta do repouso do que o homem. O ninho do homem, a casa, é uma continuação da mulher. E como o ninho é para o pássaro a continuação do ovo, assim a casa é a continuação do útero. E por falar em pássaro é interessante se observar também a fenomenologia de quando tentamos elucidar o interesse que se apodera de nós ao folhearmos um álbum de ninhos, casas de pássaros, e reencontramos a mesma sensação que sentíamos outrora quando encontrávamos um ninho de verdade. Descobrir um ninho nos devolve a uma infância que deveríamos ter tido.

Da mesma forma que o ninho dos homens, das coisas ou dos pássaros, é o ninho do molusco, a concha, produto de uma geometria animal. O fenô-

meno da formação e não da fome. A vida é a formação. é uma evolução. O produto acabado é a morte do sonho de acabá-lo. Como o molusco precisa viver para construir, também o sonho precisa da ação de construir para existir. A morte do sonho chama-se conclusão. A conclusão é a morte do molusco. Morrendo o molusco, fica a concha inerte, objeto, coisa, brinquedo. Fica o ato de se recolher conchas para lhes dar a vida da brincadeira e depois esquecê-la no canto. O canto como local de recolhimento das coisas, limbo dos objetos. Tédio. Pois é nos cantos onde as crianças curtem seus tédios.

Como a dialética do cheio e do vazio corresponde para sonhadores, a duas irrealidades geométricas, todos os cantos, ângulos, buracos, gavetas, armários, casas, ninhos, frechas e cofres estão cheios. Ou seja, são inimagináveis como coisas vazias. Como os cantos, todos são geometrias habitadas. Não importa a dimensão. Para o devaneio, as dimensões são imensuráveis: e foi a partir desse princípio que o mesmo Bachelard procurou traçar a dialética do pequeno e do grande sob o signo da miniatura e da imensidão, dois polos de uma projeção de imagens. Para isso aconselha-nos a "tomar o minúsculo como morada da grandeza. Tomar o minúsculo e o imenso como coisas consoantes". Depois justifica que "se olharmos um poeta num microscópio ou num telescópio veremos sempre a mesma coisa. No entanto se observarmos o poeta e o cientista sob a mesma óptica, notaremos quão diferentemente os dois se apresentam no momento de elaboração". Esta afirmação feita por quem passou a maior parte da vida como cientista e como poeta, terminou, merece consideração. Portanto não é sem razão que o mesmo observa que, o que o trabalhador científico observa, já viu, ou seja, a coisa nunca é vista pela primeira vez. No trabalho científico, inicialmente, digere-se psicológi-

Tipografia e Papelaria do CARIRI

TELEFONE :

521 - 1223

sente-se orgulhosa de estar a participar de mais uma edição de ITAYTERA.

Uma Revista que transmite o desenvolvimento cultural das letras carienses.

em IMPRESSOS, somos também de cultura...

Rua Dr. João Pessoa, 380/386

CRATO • CEARÁ

camente, a surpresa. O que o cientista observa está bem definido num corpo de pensamentos e experiências. Já para o poeta, o que mais vale é o que ele nunca viu. Isso faz com que o surrealismo tenha muito mais poesia para o poeta do que qualquer objetividade concreta.

Mas, aí surge uma dúvida. Depois de tanto abstrair, que há de se fazer com relação à expressão? Vem então o dilema da linguagem. Nem tanto da linguagem como fenômeno, mas sim da sua representação codificada e socializada.

A escolha da palavra certa para a mensagem poética certa. É importante que a linguagem na sua função poética se coadune com a mensagem do criador. E não são todos os poetas que conseguem esse milagre. Há no en-

tanto, momentos em Baudelaire em que presume que a perfeição tenha sido alcançada. Para isso caberia um estudo da atuação de certos vocábulos em certos poemas seus, especialmente a palavra "vasto". Há momentos em que esta palavra une o "vasto mundo e os vastos pensamentos" e através dela o homem se torna um vasto sonho. Há um casamento da imagem acústica com a imagem psíquica na produção signica. E apesar dos códigos modernos se tornarem cada vez mais arbitrários, a ponto de Saussure pregar que "todo signo é arbitrário", seria o caso de se procurar motivações no próprio espaço para melhor transmitir sua poética. Ou seja, quanto mais motivada (primitiva?) a linguagem, mais apropriada à poesia. Quanto mais fruto do seu espaço, mais representativa do homem, seu fruto.

ALVARO BOMILCAR

Álvaro Bomilcar da Cunha nasceu no Crato, em 14 de abril de 1874, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1957. Ainda em 1928, tentou a carreira das armas ao Rio, mas depois de estadas no Rio Grande do Sul, e em Mato Grosso, abandonou a vida militar e tornou-se funcionário público. Cultivou a poesia na mocidade, mas iria dedicar-se futuramente a sociologia e a política. Publicou Graciosa, de poesia e prosa (1901), Poemas Sentidos (1902) e uma Elegia (1906) à memória do poeta Álvaro Martins, além de inúmeros estudos de sociologia, discursos etc. Era do Centro Literário. Como ocorre com vários autores do fim do século XIX e início deste, sua obra não pode ser rigidamente dentro de uma escola: aproxima-se mais do Romantismo do que de outra corrente, mas já trai influências novas: "Mártir, do segundo livro, dedicado "À memória do inclito aeronauta brasileiro Augusto Severo", é vazado em alexandrinos, o que poderia conferir-lhe notas parnasianas, mas a sua eloquência é romântica, notadamente no terceto final. Já "Distinta", dedicada "A uma cearense", tem pelo menos em alguns momentos, leves traços que lembram a dicção parnasiana, como na penúltima estrofe. "Bíblia Verde", não figura nos Poemas Sentidos, transcrevemo-lo da coletânea Sonetos Brasileiros (2ª ed. 1915), de Laudelino Freire: trata-se do mais conhecido poema de Álvaro Bomilcar, reproduzido noutras coletâneas, em decassílabos, pelo tema ao Realismo embora alguém possa ver, nesse bucolismo, um traço romântico, é um poema que tem algo da escola de Casimiro de Abreu, mas que já se distancia dela visivelmente. Poeta, porém, nunca transpôs essa fase aparentemente transitória.

MARTIR

Ouve-se um canto Além, um anjo deixa o traço...
É a Glória (ela se esconde em regiões etéreas).
Severo enfrenta o Pax, o Pax enfrenta o espaço,
Pulsam os corações e gelam-se as artérias.

Sobe enfim o balão, e ascende passo a passo...
Do mísero Gusmão, finado entre misérias,
O Pax conduz o sonho — a nave aérea o braço
E a força do Brasil em paragens sidéreas.

Severo pressentiu a sorte que o levará:
E, calmo ante a explosão, espedaçado e exangue,
A voz de Deus escuta, a voz profunda e clara:

"Se a vida te pesou, vingará teu estudo,
Se a morte te seduz, bebe a França o teu
[sangue...
"Mártir eu te abençoo, Brasil eu te saúdo..."

DISTINTA

Comece em tom de graça, e em tom de
[graça finde-a.

A Poesia dirá o serafim que és tu,
Ó tu que tens no corpo as produções da Índia:
A canela, a pimenta o sândalo e o bambu.

Da canela te vem a cor que hoje me mata,
A cor que mais realça o teu perfil hindu:
Um tanto de cabocla e um tanto de mulata,
A lendária e gentil índia Paraguaçu,

Da pimenta meu Deus, o ardor que te consome
Esse ardor de quem ama e sente o ideal fugir,
Do sândalo o perfume, esse cheiro sem nome,
Que a tua boca exala, enquanto estás a rir...

Mas quando na banheira entre os reais
[serenos,
Divino o torso, erecto esplende airoso e nu...
Então tu tens a graça esplêndida de Vênus
E a solene altivez venusta do bambu.

A musa que te adora e se consome, finde-a.
A Poesia já disse o serafim que és tu,
Ó tu que tens no corpo as produções da Índia:
A canela, a pimenta o sândalo e o bambu.

Primeira Médica do Ceará nasceu no Crato

A Prefeitura de Fortaleza vem de homenagear a primeira médica cearense nascida na cidade do Crato, Dra. Amélia Pedroso Bembem, filha de Joaquim Pedroso Bembem e Ubelina Mo-

reira de Carvalho. Formou-se na Bahia em Medicina, no ano de 1891. Casou-se igualmente na Bahia, com o Dr. Julio Perouse Pontes, também médico. A homenagem constituiu-se da denominação de uma rua com o nome de Amélia Benebién, como era conhecida, no bairro do Planalto Aldeota.

A BIBLIA VERDE

Vive feliz, e morre como um santo
O campônio, o caipira, o sertanejo,
Que, à distância, talvez de um lugarajo,
Habita, em paz, bucólico recanto,

Pois, quando a noite estende o negro manto,
Dorme, sem Ambição e sem Desejo,
E quando o sol desprende o loiro beijo,
De manhã, se levanta sem quebranto

Feliz porque nasceu de pais obscuros,
E há de morrer na rústica pureza,
- Na boa-fé dos sentimentos puros,

Sem ciência, nem livros em que estude,
Só sabe ler, conforme a natureza,
- A "biblia verde" da existência rude.

Rodrigues de Carvalho, resenhando os Poemas Sentidos, na secção bibliográfica da Revista da Academia Cearense de 1902, afirmou: "O poeta conhece a arte, tem inspiração e originalidade. Canta o amor, as desilusões, a saudade e essa vaga nostalgia de um mundo que ninguém sabe onde existe, própria de certos temperamentos doentios por terem sensibilidade demais. Bomilcar é um romântico entre os decadistas".

Só esta última afirmação basta para demonstrar a dificuldade, já entrevista de se classificar rigorosamente a poesia de Álvaro Bomilcar. O que, de resto acontece com a poesia do próprio Rodrigues de Carvalho, e de muitos outros versejadores dessa época.

A Dra. Amélia Benebién foi a primeira mulher no Ceará a formar-se em Medicina e a segunda no Brasil. Seu pai, Joaquim Pedroso Bembem, era original e inteligente, proprietário do sítio Lopes, em Crato, localizado no pé da serra do Araripe e onde nasceram todos os filhos do casal Pedro Gomes de Matos (senior) e Josefina Pedroso Linhares, dos quais Joaquim Pedroso Bembem era bisavô.

HISTÓRIA

Sobre Amélia Pedroso Bembem, escreveu o farmacêutico J. Figueiredo Filho, por ocasião do "I Simpósio de História do Nordeste Brasileiro, realizado em maio de 1960".

"Naquela época, o chefe de família melhor aquinhado da fortuna encaminhava os filhos para a formatura nas capitais, ou então para o sacerdócio. Ordenavam-se os padres em Olinda, depois na respectiva capital da província, mais tarde transformada em Estado. Para Recife, seguiam os candidatos a bacharel, enquanto a velha Bahia de Todos os Santos era procurada pelos que queriam obter o cobiçado anel de esmeralda.

De Crato, escondida à sombra da Chapada do Araripe, quando no Brasil não se falava em reivindicações femininas, ainda na monarquia seguiu, para estudar medicina, a moça Amélia Pedroso. Parte do percurso até alcançar

os trilhos da estrada de ferro Salvador — Juazeiro da Bahia, fazia-se em lombo de cavalo. Formou-se em 1891 na capital baiana, sendo o segundo elemento do sexo feminino a receber diploma de médico no Brasil. Ocupa o primeiro lugar a sul-riograndense, Dra. Rita Lobato, formada no Rio.

Joaquim Pedroso Bembem, pai da Sra. Amélia, era uma espécie de Diógenes matuto, com filosofia à maneira da escola cínica grega, toda natural. Estudou no Recife, e meteu-se de unhas e dentes na vida agropecuária; dispondo de vastas terras nas zonas canavieiras caririenses, e de criação, em Pernambuco.

EPISÓDIO

Certa vez, quando conduzia a filha do Crato ao São Francisco, acompanhada de dois escravos de confiança, parou o cavalo de súbito em cima da chapada do Araripe. A atitude foi imitada pelos outros. Virou-se para a filha e disse:

— Menina, você vive na escola com rapazes brancos e bonitos, mas nunca se perdeu. Pode viajar sozinha com estes negros, sem nenhum perigo. Vou voltar. Retrocedeu, foi cuidar do engenho de rapadura, no seu sítio pé-de-serra — Bebiçá Nova.

A doutora casou-se na Bahia com o Dr. Júlio Perouse Pontes, cirurgião de ascendência francesa. Do apelido do pai Bembem — fez tradução em bilingüe, que lhe deu nome bem sugestivo. Tirou do latim Bene e do francês Bien. Passou a assinar-se Dra. Amélia Benebien Perouse.

Com a minha esposa, ainda a conheci velhinha a avenida Sete em Salvador. Foi em 1936. Viúva, não esquecia o marido, cujo salão de trabalho conservava com veneração. Encaminhou muitos parentes para a carreira médica. Dentre eles o Dr. Dário Peixoto.

Cantar do amor infindo

(À LUIZETE,
no seu aniversário)

José Júlio Pereira

O dia dezesseis do mês corrente

Assinala o teu aniversário

Que os límpidos raios, docemente

Iluminem o teu feliz fadário.

Mais um ano de tua existência

De plena juventude aureolado,

Singela flôr de singular essência

Que se desprende do bosque perfumado.

Que os clarins da Aurora te despertem

Na placidez etérea em que se revestem

Os teus sonhos doirados d'esperança...

São meus votos emanados de ternura

Mil desejos de amor e de ventura

Nestes versos que encerram uma lembrança...

Sua sobrinha-neta, Dra. Josefina Peixoto, é a 14ª. médica a formar-se no Brasil.

A Dra. Amélia não teve filhos, mas a casa, em sua velhice, transformou-se em hospedaria gratuita de parentes do sertão. Faleceu em 1953."

Dra. Amélia Benebien Perouse, foi a segunda médica brasileira a defender tese, em 1890, na Faculdade de Medicina da Bahia. Seu trabalho versou sobre um tema anatômico: "Disposições anormais do cordão umbilical".

(cit. pelo Dr. José Borges de Sales in "Bibliografia Médica do Ceará", 1978).

Fenelon Bomilcar

Cratense dos mais ilustres e que honrou, sobremodo, a terra em que nasceu, jornalista, poeta, latinista, professor, Juiz, ex-Presidente da Câmara do Crato, deputado provincial e secretário de Estado, FENELON BOMILCAR, hoje, é nome inteiramente desconhecido das novas gerações.

Muitos me perguntam a razão do seu nome numa das ruas da cidade, logo no elegante bairro Sossêgo.

Nossa juventude não lê. Nosso povo não pesquisa. Nossos professores não estimulam a pesquisa da história regional.

Dai nomes como o dele permanecerem no anonimato, quando deveriam ser amplamente conhecidos e divulgados, para orgulho dos cratenses de hoje.

Eis alguns dados a seu respeito:

FENELON BOMILCAR DA CUNHA nasceu em Crato em 04 de Junho de 1836 e faleceu em Fortaleza a 7 de Julho de 1884.

Era casado com Ana de Alencar Bomilcar da Cunha, ela, filha de Reinerio de Alencar, neta de dona Inácia de Alencar (por sua vez irmã da heroína Bárbara de Alencar e avó do Almirante Alexandrino de Alencar).

Do seu matrimônio, apenas 4 filhos: Dr. Alfredo Bomilcar da Cunha, magistrado; Artur Bomilcar da Cunha, intelectual de grande valor; Álvaro Bomilcar, poeta, escritor e sociólogo; Cel. Fenelon Bomilcar da Cunha Filho, oficial do Exército, catedrático do Colégio Militar e da Escola Normal do Rio de Janeiro.

João Brígido disse do mesmo, quando de artigo em 1910: "Fenelon Bomilcar da Cunha foi inteligência privilegiada que tudo sabia por intui-

ção, tudo aprendia com escassa e rápida leitura. Fez-se advogado, publicista e orador. Iniciou-se no jornalismo colaborando em "O Araripe", do Crato. Ali, depois de alguns anos, fundou "A Liberdade", tendo sido, por muito tempo, correspondente do "Cearense", de Fortaleza. Advogado pela Faculdade de Direito do Recife, Promotor Público, Presidente da Câmara Municipal do Crato, deputado várias vezes, e, em Fortaleza, para onde se transferiu em 1879, foi Secretário do Presidente José Júlio de Albuquerque Barros, falecendo como Secretário da Estrada de Ferro de Baturité".

Diz, ainda, João Brígido: Era grande cultor da língua latina. Nos seus memoriais encontram-se muitos assentamentos nessa língua. Sabia de cor páginas e páginas de Virgílio, Ovídio, Horácio e outros clássicos. Foi homem sem vaidades, modesto e quase dispersivo. Produziu muito, mas nada colecionava: versos, peças teatrais, modinhas (compondo ele mesmo a música, pois era bom músico)... foi poeta em sua mocidade, mas abandonou as musas como sempre acontece aos que são absorvidos pelos negócios públicos.

Tendo Fenelon trabalhado muito em sua curta vida e influido bastante no meio em que floresceu, depois de sua morte fez-se um grande silêncio sobre o seu nome. "Isso — diz Macauley, referindo-se a John Hampden, "é uma prova de que nem o ódio encontrou falhas em suas memórias".

Sobre o mesmo Fenelon Bomilcar muitas são as referências, no seu tempo, como homem de extraordinária inteligência e raciocínio, honestidade à toda prova, civismo e talento. →

DOCUMENTOS HISTÓRICOS:

PREFEITO ARIIVALDO CARVALHO NOMEIA COMISSÃO PARA O "ESTÁDIO"

Portaria N. 020/82 de 20 de Abril de 1982.

Ariovaldo Carvalho, Prefeito Municipal do Crato, no uso das atribuições que a Lei lhe confere,

RESOLVE:

DESIGNAR Dr. Emídio Macedo Lemos, Antonio Jorge Carvalho, Luis José dos Santos, José Gilson Ribeiro de Alencar, Eloi Teles de Moraes, Francisco Huberto Esmeraldo Cabral, Francisco Heron Aquino de Oliveira, Valmair Gonçalves de Oliveira, José de Paula Bantim, Francisco Tavares Barbosa, José Alci Pinheiro e Dr. José Egberto de Alcântara Esmeraldo, para, sob a presidência do primeiro, constituírem Comissão Especial destinada a estudar, coordenar, estruturar e levar a efeito a programação de inauguração do CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DES-

PORTOS GOVERNADOR VIRGÍLIO TÁVORA — Estádio Mirandão, adotando, para tanto, todas as providências necessárias, nos termos do que ficou acertado na reunião realizada na Secretaria de Comunicação do Estado (SECOM) em 19.04.82. Competirá, ainda, á mesma Comissão, Administrar a referida praça de esportes até que seja oficialmente constituída e instalada a Autarquia que vai gerir os destinos da mesma.

Registre-se.

Comunique-se.

Cumpra-se.

Prefeitura Municipal do Crato, 20 de abril de 1982.

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

Redatorizou, por muitos anos, a Gazeta do Norte, de Fortaleza, que lhe fez um belo necrológio.

Hugo Victor Guimarães diz do mesmo: "FENELON BOMÍLCAR DA CUNHA, descendente dos famosos Pereira da Cunha, estabelecidos no fim do Século 17 no Boqueirão do baixo-Jaguaribe... era filho de João da Cunha Pereira, por antonomásia, João Branco e sua mulher, não tendo o cognome Bomilcar nenhuma significação genealógica, sendo adotado por Fenelon consoante a moda do seu tempo" (Hugo Victor Guimarães, in "Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará").

"O Partido Liberal sofreu um rude golpe, perdendo esse lidador incansável, fiel e paciente. Como homem de

Provincia, era um dos mais notáveis da atualidade. Escrevia primorosamente e reunia a um estilo elegante e corretissimo, um propósito admirável, bom senso e critério nunca desmentido" (Gazeta do Norte, Fortaleza, Julho de 1884).

Outro dia, ao entrar no Cemitério de S. João Batista, em Fortaleza, topei logo à direita, na parede lateral da capela, sua lápide funerária, que diz:

Fenelon Bomilcar da Cunha

N. 04.06.1836 — F. 07.07.1884

Homem sóbrio, de fé e de cultura
Jornalista e poeta comedido

Exemplo de honradez e compostura
Viveu e quiz viver como esquecido".

A Ação — 30.4.82

RECURSOS DE ORALIDADE
E OUTROS ELEMENTOS DE
LINGUAGEM AFETIVA EM
FAUSTINA,
ROMANCE TRADICIONAL

I — Fonte da versão; versão:

Em vista do presente apontamento estilístico utilizamos versão gravada por nós, em março de 1981, em Aclimação — São Paulo. O romance foi cantado por Pedro Leandro, geólogo de procedência pernambucana, do litoral, que aprendeu quando menino, "de tanto ouvir sua mãe cantar". Segundo Pedro sua mãe canta este e outros romances, mas só o faz sob um sentimento particular, próprio, que ele liga a esta circunstância: "quando sente mágoa do meu pai".

Diria então que se "a grande verdade da poesia popular está em ser profundamente sentida" (T. Braga, Cancioneiro, t. I), conforme valoriza em epígrafe Celso de Magalhães, é que para de fato anunciá-la requer-se um sentimento, mesmo geral e difuso, sobre o qual a peça poética servirá de estímulo material para a ressonância afetiva. Em contrapartida, será necessário que o texto poético responda com suficiente generalidade às demandas fundamentais da alma popular, frente as quais a memória vai se exceder, e de tal modo que o sentimento ocasional (mágoa) resultará em mero pretexto ou ponto de partida, no âmbito restrito do individual. Pois em poesia popular o indivíduo é mero portador.

Em seu depoimento espontâneo, Pedro Leandro comentou que sua mãe proibia aos filhos repetir o romance ou qualquer trecho aprendido, chegando a zangar-se se a ordem fosse desviada. Para ela "aquilo" (o romance) "não prestava", "não prestava e ponto final", o que soava absolutamente insensato ao entender dos filhos. O fato é que Pedro, por achar "aquilo" bonito (e não pela atração sobre o proibido, do que pode duvidar-se) trouxe de cor esta e outras produções anônimas, mas segundo o mesmo cada vez que as reproduz só o faz na certeza íntima de que é sua mãe quem rege a interpretação, a qual não se daria satisfatoriamente na ausência de "algo" daquele sentimento e daquela memória (maternos), testemunhada.

Razões reais para a aludida proibição não foram elucidadas, nem creio haver, determinada, hipótese que a sancione; sabe-se porém que o mistério é condição de preservação e sobrevivência de sentido em manifestações populares, principalmente as de teor religioso; por outro lado o tema dos romances, o deste em particular, remetem a situações prototípicas (permissíveis ou não, socialmente), às vezes ao tabu: como o do incesto, no caso em apreço.

Este o romance:

- (1) Era um rei que tinha três filhas
Uma bonita como o sol
Outra bonita como a lua
Agradou-se de Faustina
Que das três era a melhor.
- (2) — Faustina, minha filha,
Sejas minha namorada.
— Deus permita, papai,
E a hóstia consagrada
Que em sendo sua filha
Não ser sua namorada.
— Vou mandar fazer uma torre
Uma torre muito alta
Pra prender Dona Faustina
Para lá ficar isolada.
- (3) Ao cabo de sete anos
Faustina desceu da torre
Encontrou sua mãezinha
Numa sala assentada.
- (4) — A bênção, minha mãe,
Pelo Deus que me criou
Mande dar-me um copo d'água
Que eu estou de bofe seco
Alma do corpo me aparta.
— Faustina, minha filha,
Eu não posso te dar água
Se eu te der um copo d'água
Minha cabeça é degolada
Entre sete carros de lenha
Eu irei ser queimada.
- (5) Seguindo a outra sala
Do castelo encantado
Encontrou Dona Faustina
Suas irmãs assentadas.
- (6) — Bom dia, minhas irmãs,
Pelo Deus que me criou
Mande dar-me um copo d'água
Que eu estou de bofe seco
Alma do corpo me aparta.
— Faustina, minha irmã,
Nós não pode te dar água
Se nós der um copo d'água
Nossa cabeça é degolada
Entre sete carros de lenha
Nós iremos ser queimada.
- (7) Seguindo a outra sala
Do castelo encantado
Encontrou Dona Faustina
O seu pai assentado.
- (8) — A bênção, meu pai,
Pelo Deus que me criou
Mande dar-me um copo d'água
Que eu estou de bofe seco
Alma do corpo me aparta.
— Faustina, minha filha,
Sejas minha namorada.
— Deus permita, papai,
E a hóstia consagrada
Que em sendo sua filha
Seja sua namorada.
- (9) Nesse instante veio do céu
Sete carros de anjos
Sete moços assentados
Sete flores mais bonitas
E levou Dona Faustina.
Faustina partiu pra o céu
O seu pai foi pro inferno.
E acabou-se a história
E eu só quero que você reze
Para Deus, pai eterno.

II — Fonte do romance; estrutura :

Grande número de versões do romance "Faustina" foi coligido em diversos Estados brasileiros por pesquisadores de várias épocas. Bráulio do Nascimento refere dispor de 133 versões deste romance cujo tema é o do "pai que queria casar com a filha". Trabalha 119 das versões disponíveis no estudo *As Sequências Temáticas no Romance Tradicional*, onde fornece mapeamento do mesmo, situando-o com seus diferentes nomes nas respectivas nações onde logrou-se colhê-lo: "Versões espanholas: Agadeta, Algarina, Angelina, Bergadina, Margarita, Silvana; portuguesas: Adelininha, Aldina, Claudina, Deladina, Delgadita, Deolinda, Faustina, Faustinha, Galdina, Galdininha, Idalina, Laurinda, Silvana, Silvaninha, Valdevina; brasileiras: Albininha, Bernardina, Eredergalda, Faustina, Ideglau-da, Maria, Miligrina, Silvana, Valdomira; argentina: Algamiá; cubana: Angarina; porto-riquenhas: Angelina, Silvana; judio-espanhola: Silvana" (p. 183).

Este painel de versões — e consideradas as variantes, obtíveis sob um mesmo título, dá a certeza da penetração ampla, garantia da popularidade e interesse despertados pelo romance, de provável origem portuguesa.

Referiremos linhas gerais do trabalho desenvolvido por Bráulio do Nascimento tanto por importar a quem noticia um romance como em virtude de uma hipótese a ser pontuada, e que pretendemos nomear a seguir. Para o autor o processo de variação do romance deve ser estudado sob duas vertentes: quanto à *estrutura temática* — esta praticamente notável e afetada somente pelo recurso da contaminação, e quanto à *estrutura verbal*, onde a variação se dá de modo contínuo, considerada cada versão e até mesmo cada momento em que seja cantada. O romance tradicional, em sua estrutura temática, se arrumaria a partir de segmentos temáticos mais ou menos autônomos, como se segue: uma descrição, um trecho de diálogo, uma afirmação ou conceito. Para o autor, "o fenômeno de variação se adstringe basicamente à estrutura verbal, sem acarretar forçosamente modificações na estrutura temática". (p. 160).

Num outro estudo, intitulado *Processos de Variação do Romance*, Bráulio do Nascimento determina a vigência de 14 processos de variação do romance, incidindo fundamentalmente sobre a estrutura verbal, cabendo referir-lhos: participação psicológica, anástrofe, supressão, justaposição, aglutinação, analogia, eufemismo, generalização, sinonímia, repetição, substituição, contaminação, atualização e adaptação. Seu trabalho se centra, diga-se de passagem, sobre o romance Juliana e d. Jorge, 47 variantes, e a nosso ver abre espaço, ao que ora nos interessa, à hipótese de que variações estilísticas devem operar-se, nas diferentes versões, em razão primariamente afetiva e segundo cânones próprios à oralidade.

Embora não assumindo, nestas notas, a referida hipótese, procuraremos apontar, no interior da versão única apreciada, recursos de oralidade evidenciáveis e outros elementos de linguagem afetiva, intercorrentes, que possivelmente valeriam para subsidiar aquela verificação hipotética mais ampla.

III — Estilo oral; marca afetiva no romance:

Seguindo a ordem sequencial dos versos sempre que possível, tentar-se-á proceder a leitura estilística do romance quanto às marcas de afetividade presentes. Compreendendo a oralidade como veio de linguagem afetiva por excelência. A numeração por estrofes facilitará a localização dos versos.

Já a primeira tirada do romance — "Era um rei que tinha três filhas" — se dispõe no bordão genuíno com que se costumam iniciar as narrativas orais. Muitas histórias de Trancoso começam assim: "Era (uma vez) o pai que tinha três filhos" — e no caso um deles (João) será fatalmente o mais devotado. O romance estudado tem alguma aproximação com Rei Lear, em que pese a trama incestuosa, explícita e central, ausente na tragédia. Melhor exemplo é "Pele de Asno".

No segundo e terceiro versos a utilização do adjetivo *bonita* atende à preferência oral, quanto à escolha no plano do paradigma. Dentre os adjetivos afins, *bonita* é o mais popular. O recurso de *comparação* (*bonita como o sol, ou "que nem" a lua...*) é mais próprio à fala oral.

"Agradou-se de Faustina" — o verbo, carregado de sugestão sensual, sintetiza o sentimento do rei numa expressão usual, conotada regionalmente.

A passagem da primeira para a segunda estrofe através da utilização do discurso direto, nos diálogos, dá idéia de representação, emprestado à

narrativa certa teatralidade. O processo repete-se três vezes ao longo do romance.

No verso "Faustina, (ó) *minha filha*," sublinha-se o vocativo, coloquial, próprio da oralidade, e que igualmente se repete, nesta e noutras formas ("A bênção, *minha mãe*") em quase todo início de diálogo. Merece notar-se que o vocativo possui função conativa, de cobrar a ação do destinatário.

"Sejas minha namorada" — revela erro na conjugação do imperativo (s: ou sede, conforme estivesse ou não atualizado o tratamento para a segunda pessoa do singular). Outros erros gramaticais típicos da linguagem falada se verificam, por exemplo: o verbo *permitir*, na segunda estrofe, por referir a sujeito composto (Deus, e hóstia consagrada), a rigor solicitaria plural. Oralmente é comum ir-se formando determinada frase sem controle do que virá depois. Na estrofe 4, o verso "Eu não posso *te* dar água" em vez de "eu não te posso dar água" ou "eu não posso dar-te água", ou seja, a ocorrência do pronome oblíquo solto entre os verbos de uma locução verbal é utilização sancionada oralmente, e tanto o é que em virtude de sua frequência e popularidade já é acolhida com simplicidade nos meios cultos. A mesma locução vem retomada na estrofe 6. O aparecimento, segundo o modo culto, do oblíquo, "Mande dar-me um copo d'água", é defensável através do valor de acomodação das sílabas métricas dentro do verso, isto é, o próprio dizer da métrica é que primariamente o sanciona, imprimindo-lhe preferência. Outros erros gramaticais podem facilmente ser notados nas estrofes 6, 8 e 9, justificáveis pela oportunidade ou oportunismo da linguagem popular, mais espontânea.

Retomando a sequência, cabe notar no terceiro verso da estrofe 2, uma frase optativa: "Deus permita, papai

constituindo-se em marca oral, referida à religiosidade, e reforçada pelo vocativo. Vale observar que o vocativo "papai" (de papá — reduplicação de sílaba) aproxima afetivamente a personagem Faustina do pai, perante quem faz-se criança, de modo a evitar conotação de moça feita e desejava. Mais próprio, sendo o interlocutor um rei, seria dizer "meu pai". Esta forma de tratamento mais distanciada se verifica em relação à mãe (primeiro verso da estrofe 4). Já no primeiro verso da estrofe 8 a expressão dita corresponde a essa forma mais adulta do dizer ("A bênção, meu pai") o que pode relacionar-se ao distanciamento efetuado pela separação obrigada pelo rei, em tempo e lugar, uma vez que neste passo Faustina retornaria de sete anos vividos na torre, em isolamento. A expressão afetiva "papai" retorna na segunda fala de Faustina nesta mesma estrofe, mas ao momento em que a personagem, vencida pela implacabilidade do rei, entrega-se aos designios do pai, sob a "permissão" de Deus e da hóstia consagrada.

Deve-se perceber, na estrofe 2, o par "Que *em* sendo sua filha/ Não ser sua namorada", onde a preposição "em" possui tonalidade causal (por ser), enquanto na estrofe 8 ("Que *em* sendo sua filha/ Seja sua namorada") a mesma preposição adquire caráter concessivo (embora). O verso em apreço, na verdade um torneio sintático erudito, deve corresponder a resquício ou traço do falar português de Portugal, cristalizado no romance.

No terceiro diálogo da estrofe 2 incide uma figura de repetição, dita *anadiplose*: a palavra "torre" no final de um verso e principiando o seguinte, opera ênfase, cujo valor afetivo contribuirá para a instauração de um peso dramático à situação do romance. É notável a opção pelo grau superlativo analítico ("Úma torre *muito alta*") contra o correspondente sintético (altíssima), que seria pertinente a

código mais elaborado. Curiosa, ainda, a forma de tratamento dispensada pelo rei a essa altura do texto: "Pra prender *Dona Faustina*" — o uso da terceira pessoa pela segunda denota aí distanciamento, dado pela autoridade e adequando-se ao pronunciamento de uma sentença: "Para lá ficar isolada".

"*Ao cabo de sete anos*" (ao fim de sete anos) encerra expressão idiomática de utilização corriqueira no falar do povo, e muito apreciada por poetas populares. A referência ao "sete", número cabalístico e presente seis vezes no romance, é de especial acolhida nas produções populares, pela sua significação mágico-religiosa e talvez estética. Do ponto de vista das superstições, o "sete" é a conta do mentiroso. Mas do ponto de vista simbólico o "sete" indica o sentido de uma mudança depois de um ciclo cumprido e de um renascimento positivo. É característico do culto de Apolo, Deus da Beleza (note-se que Faustina, das três filhas, era a mais bonita e foi levada por sete flores bonitas). Sua ampla e inesgotável simbologia o compreende como perfazendo um conjunto perfeito, abrangendo a totalidade do universo em movimento — totalidade da ordem moral, das energias e principalmente espiritual, simbolizando ainda as sete pétalas da rosa, as sete hierarquias angélicas e as sete moradas celestes. Ao que nos importa, Faustina cumprira no romance sete anos de isolamento na torre, como castigo à sua recusa a aceder ao desejo incestuoso do rei; constituindo o incesto, do ponto de vista da organização social, uma proibição tácita que insere o indivíduo numa ordem simbólica que pre-existe a ele, carecer-se-ia por certo de todo um ciclo que lograsse possibilitar, imaginariamente, a superação dessa lei. A solução final dada ao romance, à maneira de um "Deus ex machina", parece a única sancionável, eticamente: "Nesse instante veio do céu/ Sete carros de

anjos/ Sete moços assentados/ Sete flores mais bonitas/ E levou Dona Faustina".

Reenviando à sequência, intervém o narrador: "(...) Faustina desceu da torre/ Encontrou sua *Mãezinha*": sublinha-se diminutivo, por si carregado de afetividade, conotando ternura ou talvez piedade pela rainha, sendo recurso preferencial da linguagem falada.

No início da estrofe 4 a expressão "a bênção", forma de saudação religiosa, genúflexiva, própria do povo, é oração contraída (Me dê a sua bênção), objeto direto que aparece como oração elítica, valendo estilisticamente em função da economia vocabular, a render um diálogo entre mãe e filha que há sete anos não se avistavam, ambas, supostamente, em sofrimento. Também a frase feita "Pelo Deus que me criou", de invocação ou apelação (função conativa), é de gosto popular, encerrando igualmente compromissos religiosos.

O termo sublinhado na expressão "Que eu estou de *bofe seco*", nada eufemístico, é popular, correspondendo a tripa ou vísceras (noutras versões se diz que Faustina ficou sete anos alimentada com sardinha assada, daí seu pedido constante por um copo d'água). Já no verso subsequente — "Alma do corpo me aparta", onde a ausência de artigo empresta destaque à palavra "alma", lê-se um eufemismo de "morte" ou, mais amplamente, uma construção metafórica.

Adiante ("Se eu te der um copo d'água/ Minha cabeça é degolada"), tem-se o verbo no presente em vez de no futuro do presente (será); articulando-se ao verso final, com verbo no futuro ("Eu irei ser queimada"), organiza-se uma sequência melhor encadeada de ações — o degolamento e depois a queima, esta aliás já sugerida na construção metonímica "carros de lenha", interposta.

Na estrofe 5 ergue-se um "castelo

encantado", que representa um lugar comum às narrativas orais (contos de Encantamento), nas quais é constante. Neste passo do romance a menção à natureza encantatória do castelo não é gratuita, mas índice de antecipação àquilo que acontecerá em desfecho: um fato sobrenatural. Possui valor preparatório da atmosfera.

A oração contraída "Bom dia, minhas irmãs", forma de saudação é tipicamente oral, ocorrendo na linguagem escrita em situação ou contexto de diálogo. Enquanto nos versos "Nós não pode te dar água/ Se nós der um copo d'água/ Nossa cabeça é degolada..." verifica-se por assim dizer a reprodução da fala das princesas (que pressupomos cultas) na fala do narrador do povo, que continua a falhar em concordância: "Nós iremos ser queimada(s)", "Nesse instante veio (vieram) do céu", etc.

A repetição periódica dos versos "Pelo Deus que me criou/ Mandé dar-me um copo d'água/ Que eu estou de bofe seco/ Alma do corpo me aparta" tem interesse como recurso afetivo porquanto opera, à maneira de ladainha, jaculatória ou esconjuro o máximo de eficácia dramática pretendida.

Uma nova figura de repetição, dita *anáfora*, constituída pela presença de uma mesma palavra no início de cada verso, surge na última estrofe: "Sete carros de anjos/ Sete moços..." etc; é excelente o seu valor afetivo, propiciando o encarecimento pelo número encantatório, dito três vezes, na formação do "guindaste" celeste.

Merece relevo, ainda, a *antítese* cifrada nos seguintes versos: "Faustina *partiu* pra o céu/ O seu pai *foi* pro inferno"; o verbo *partir*, atribuído à circunstância da assunção de Faustina, deve traduzir-se obviamente por "foi levada", o que conota prêmio, elevação; já a frase-protótipo "foi pro inferno" deve corresponder a "mereceu o castigo", "danou-se", com visível repercussão no plano do estilo.

A finalização do romance sugere os ditos com que se costumam fechar as narrativas orais, verificando-se claramente a comunicação do narrador para com o ouvinte; mais uma vez o cunho religioso, católico, se manifesta, no recado do narrador: "É eu só quero que você *rcze*" (e não *ore*, que seria próprio à linguagem culta ou à linguagem oral do protestante)/ "Para Deus, pai eterno" (e não "a" Deus), o que de novo é língua solta, plena de oralidade. E saiu por uma perna de pato...

Consulta bibliográfica:

1. NASCIMENTO, Braulio do — *Processos de Variação do Romance* — RJ — Sep. da Revista Brasileira de Folclore — 1964.
2. NASCIMENTO, Braulio do — *As Sequências Temáticas no Romance Tradicional* — RJ — idem, Nº 15, 1966.
3. MAGALHÃES, Celso de — *A Poesia Popular Brasileira* — RJ — Biblioteca Nacional — Div. de Publs. e Divulgação, 1973.
4. COSTA, F. A. Pereira da — *Folk-Lore Pernambuco* — 1ª. edição autônoma — Arquivo Público Estadual, Recife, 1974.
5. ROMERO, Sílvio — *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil* — 2ª. ed., Editora Vozes Ltda. em convênio, Petrópolis, 1977.
6. LIMA, Jackson da Silva — *O Folclore em Sergipe* — RJ — Livraria Editora Cátedra, em convênio com INL/MEC — Brasília, 1977.
7. SALLES, Vicente — *Contos Populares da Área Amazônica* — (xerox) trab. apres. ao II Encontro de Folclore da Paraíba — João Pessoa, nov./77 — Brasília, 1977.

A Cidade do Pajeú

Raimundo Girão, escritor de nomeada, responsável por mais de 50 títulos na historiografia cearense, ele mesmo o maior historiador contemporâneo do Ceará, volta a presença das novas

8. CASCUDO, Luís da Câmara — *Contos Tradicionais do Brasil* — Ed. de Ouro, RJ, s/data.
9. CASCUDO, Luís da Câmara — *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 4ª. ed. Edições Melhoramentos em conv. c/ INL-MEC, 1979.
10. LAPLANCHE, J. Pontais, B. — *Vocabulário da Psicanálise* — 3ª. ed. Livr. Martins Editora Ltda., 1977.
11. Gheerbrant, Alain e Chevalier, Jean — *Dictionnaire des Symboles*, 9ª. ed., Seghers.
12. LAPA, M. Rodrigues — *Estilística da língua portuguesa* — Lisboa, Seara Nova, 1973.
13. BALLY, Charles — *El lenguaje y la vida* — Trad. de Amado Alonso, 3ª. ed. Buenos Aires, Ed. Losada, 1957.
14. JAKOBSON, R — *Linguística e Comunicação* — Trad. de I. Blikstein, 4ª. ed. revista, SP, Cultrix, 1970.
15. CUNHA, Celso — *Gramática do português contemporâneo* — B. H. Ed. Bernardo Álvares, 1970.
16. MARTINS, Nilce Sant'Anna — *Textos de aula mimeografados; anotações, do Curso "A Língua-gem Afetiva no Português"* — USP/1980.
17. CARVALHO, J. Herculano de — *Teoria da linguagem* — Coimbra, Atlântida Ed. 1973.

gerações com a sua velha tese, ampliada, refundida e mais argumentada, sobre a fundação e o verdadeiro fundador da cidade de Fortaleza. Um assunto que ele esgota e deixa a marca definitiva de uma sapiência e das suas pesquisas históricas.

A Cidade do Pajeú é um livro simpático, que a gente lê em apenas um dia, 124 páginas, editora Henriqueta Galeno, com prefácio do mestre Thomaz Pompeu Sobrinho, em que o assunto é esmiuçado com argúcia, com autoridade, com base e com dados irrefutáveis.

Mestre Girão é um amante da loura desposada do sol. Para ela, tem dedicado quase toda a sua vida de estudos e pesquisas. Por ela tem escrito muita coisa, e tem enfrentado os debates mais sérios.

Seu estilo, vasado na simplicidade e na coerência, não se deixa trair por modismos. Nem a reflexão se deixa ultrapassar por ilogismos. Os fatos vêm baseados, metodicamente disciplinados, coligidos, anotados e rebuscados, depois de consultada uma vasta bibliografia a respeito.

Em que pese a nossa simpatia por Soares Moreno e sua tentativa de colonização do Ceará, no fracassado forte da Barra do Ceará, saga que Alencar aproveitou o personagem para emoldurá-lo na dourada moldura literária de Iracema, o guerreiro branco não foi e nem nunca seria, por força do determinismo histórico, como o prova Girão, o fundador da Fortaleza. Essa glória cabe ao intrépido holandês Matias Beck — aliás já homenageado com uma avenida, na capital.

Raimundo Girão transcreve em seu

Um Tiro à Meia Noite

O Batalhão estava aquartelado em uma antiga fortaleza dos tempos coloniais. Apesar das remodelações feitas, a construção não perdeu o seu aspecto característico, relembrando em cada dependência feitos históricos, lances dramáticos, horripilantes torturas. A soldadesca se encarregara de passar de contingente a contingente, algumas narrativas fantásticas que ficaram fazendo parte do forte como a própria poeira secular depositada em suas paredes e tetos.

O velho Tenente recém-chegado à Guarnição, escalado de Oficial de Dia, acabara de render a parada diária do

pessoal de serviço. Quedara-se pensativo, acariciando o punho do revólver calibre 45 posto à cintura. Pertencera, outrora, à equipe de tiro de um Regimento e se destacara entre os melhores atiradores de sua Unidade. Agora, após vários anos, sentia uma espécie de prazer ao empunhar o instrumento do seu esporte predileto. Gostaria de atirar novamente. A prática do tiro ao alvo fazia-lhe bem aos nervos.

Os deveres de Oficial de Dia roubaram-lhe os pensamentos e os afazeres cotidianos do Quartel conduziram-no de volta à realidade.

belo livro as opiniões de Gustavo Barroso, Pe. Antonio Gomes de Araújo, Cruz Filho, José Aurélio Câmara e outros nomes igualmente respeitáveis. Prova e comprova sua tese. Torna-a irrefutável, irresponsável, à luz de documentos, transcreve plantas, diários, relatórios, certidões, correspondência do Brasil colonial, depoimentos. Esgota, repetimos, o velho assunto e define, para sempre, a seu lado, a polêmica formada anos atrás. Uma vitória incontestável do espírito de argúcia desse historiador maior.

Vitória que os depoimentos, transcritos no livro, enriquecem pormenorizadamente, como o do erudito Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, que diz, a certa altura do Prefácio: "Realmente, querendo minuciosa e detidamente, todos os documentos conhecidos referentes à matéria, nada encontramos que nos levasse a admitir Moreno como fundador de Fortaleza". Conclusão inapelável, partindo de quem partiu. Luis da Câmara Cascudo, outra voz insuspeita, em carta a Girão,

também vem em substancioso depoimento, a afirmar que: "Para mim, o forte Schoonemborch é a velocidade inicial de Fortaleza"... depoimento que o arguto Pe. Antonio Gomes, daqui do Crato, corrobora ao afirmar: "Não há para onde fugir a esta implacabilidade, a semente da cidade, lançada por Soares Moreno, converteu-se em nada... e cinco anos depois Matias Beck constrói um forte, "primeiro prédio, "construção nuclear", "edifício pioneiro", "o cristal estimulador da nucleação", a cidade de Fortaleza, capital do Ceará".

Não é possível que diante de tamanha argumentação histórica e documental, em boa hora levantada novamente por Girão, em favor do conhecimento das novas gerações, e com esse arrazoado de peso e medida, alguma voz ainda ouse se levantar para dizer o contrário. Será malhar em ferro frio. A verdade histórica já se sobrepôs a tudo e ela é eterna, onipresente e inarredável.

O Povo — 28.3.82

À noite, o pavilhão central ficou deserto. As sentinelas permaneciam nos seus postos de vigilância, enquanto os demais soldados de serviço noturno estavam no Corpo da Guarda. Após a última ronda, resolveu recolher-se. O alojamento reservado ao Oficial de Dia era uma peça pequena de cuja janela envidraçada vislumbrava-se o setor sul da cidade. A rua principal se estendia numa direção inclinada, parecendo juntar-se com uma outra que lhe corria paralela, num ponto de fuga distante. À direita, a torre da Matriz com seu enorme relógio quadrado. Deitou-se. Desafiveleu o cinto de guarnição e olhou para os pés. Jamais se acostumara, quando de serviço, a dormir calçado. O uniforme não o incomodava, mas aquelas botas... Pela janela aberta, soprava uma aragem amena refrescando a noite. Contemplou o pedaço de céu que a janela lhe permitia ver e procurou identificar as silenciosas estrelas. Como era bela a constelação do Escorpião!

Um salto rápido da cama foi a resposta pronta ao estampido seco que o acordou. Enquanto ajustava o cinto, olhou em direção à torre da igreja. Meia noite! As balas de sua arma estavam intactas. No alojamento nenhum vestígio suspeito. O Sargento de Dia aproximou-se correndo.

— Ouvi um tiro, Tenente.

— Eu também. Parece-me que foi aqui perto, dentro do pavilhão.

— Mandei o Cabo verificar os postos de vigilância e a Guarda está alerta, exclamou o Sargento.

— Vamos dar uma busca, retrucou o Oficial.

Os dois percorreram juntos todas as dependências do Forte. Em vão. Nada encontraram. Retornando ao seu alojamento, o Tenente preferiu acomodar-se em uma surrada poltrona. O tiro ficou envolto em tênue mistério. Não havia encontrado uma explicação lógica e isto o intrigava. Não acre-

ITAYTERA

ditava em fantasmas. Só enxergava a realidade de fatos concretos. Nada de lendas.

Os primeiros clarões do dia o encontraram semi-desperto, os olhos anuviados por uma vigília entremeada de sonhos ligeiros e pensamentos densos.

O corneteiro aproximou-se:

— Dá licença, Tenente? Posso tocar alvorada?

Levantando-se, o Tenente olhou o relógio:

— Pode tocar, respondeu encarando o Praça.

Em seguida, voltando-se para a janela, o seu rosto estampou uma expressão ao mesmo tempo perplexa e irônica. Afinal, ali estava a solução. Solução lógica, coerente, palpável. O vidro da janela estava fechado. Certamente, a guilhotina havia sido mal travada e a mudança de temperatura com o consequente esfriamento do desgastado metal havia provocado sua queda brusca, fazendo ecoar o ruído seco da batida como se fosse um tiro. Um tiro à meia noite. Restava explicar a coincidência da hora. Por que à meia noite? Bem... isto ficaria por conta do acaso.

Uma Tradição de
BEM SERVIR

no ramo de
REVISTAS.

Distribuidora ~~MAIA~~ de Livros
e Revistas Ltda.

Rua Dr. João Pessoa, 400

•

FONE: 521-0055
CRATO — CEARÁ

Postos de Gasolina e Lubrificantes
Revenda de Pneus
Baterias e Câmaras de Ar
Churrascaria, etc.

Organização

Antônio Almino de Lima & Cia.

Todo um complexo de serviços, bem montado
e às suas ordens, oferecendo um atendimento
refinado com máxima vantagem para você.

MATRIZ: Rua Almirante Alexandrino, 1.014
CRATO • FONE: 521-1104 • **CEARÁ**
FILIAIS: Juazeiro do Norte-Milagres-Barro

Romanceiro de Bárbara

Minha admiração por Caetano Ximenes Aragão vem da leitura que, faz alguns anos, empreendi no seu "O Pastoreio da Nuvem e da Morte". Já àquela época percebi estar diante de um autêntico poeta.

O questionamento telúrico-existencial levantado no livro de estréia, agregado à estrutura formal do texto, denunciava já o comprometimento do poeta com a revolução da palavra, e mais do que isso: a concepção revolucionária do verso ali se mostrava inconfundível, ao mesmo tempo que a temática abordada demonstrava claramente a preocupação do autor com o seu ofício de artista e com o sentido transcendental da existência humana.

Essa visão do mundo, calcada no grito de libertação do homem esmagado pelas engrenagens sociais e pelos sistemas desumanos de vida, já foi objeto de pronunciamentos por parte de alguns críticos literários da terra. Assim, não nos compete, aqui, entrar em detalhes mais pormenorizados com respeito ao prisma acima focado. O que nos importa, no momento, é ressaltar a superioridade poética de Caetano Ximenes Aragão em "Romanceiro de Bárbara".

Neste último livro, já senhor absoluto de sua arte inigualável, Caetano Ximenes Aragão cristaliza sua criação literária, produzindo um dos mais belos poemas já vindos a lume na gleba alencarina.

O assunto escolhido para o inventário do poema não podia ter sido melhor. Porém, acima mesmo do tema desenvolvido através das 119 páginas do trabalho em apreço, está a idéia central do texto poético em estudo: "Este poema é uma metáfora para a

liberdade", porque é alimentada pelo ideal da liberdade que a personagem central do enredo desenvolve em todas as suas manifestações.

Dona Bárbara Pereira de Alencar, heroína da Revolução de 1817, primeira presa política do Brasil, é protagonista do drama. Suas bravuras, sua resistência, sua fidelidade aos anseios de libertação, seu apoio irrestrito aos ideais republicanos da Confederação do Equador, seu apego às manifestações revolucionárias da Vila de Crato, combatendo ao lado dos filhos Tristão, José Martiniano e Carlos José — são como que a matéria-prima depurada e manipulada pelo autor para a elaboração da sua tarefa literária.

No poema, a criação poética confunde-se com o enredo da obra. A temática funde-se à arquitetura do verso. O artesanato do texto é, ao mesmo tempo, o crítico lúcido da arte, abrindo assim novas perspectivas para o poema, através do exercício do poder da palavra.

Aliás, dentro dessa concepção, está o poema, entretanto, a merecer melhor estudo, impossível de ser desenvolvido numa pequena nota ao público como é a presente. É claro que a apreciação manifesta da crítica já consagrou o poeta, porém sempre se tem algo a dizer de um poema como este de Caetano Ximenes Aragão. Publicado exatamente num momento de intensa produção literária, num meio onde muito se edita e pouco se mova em termos de criação artística, "Romanceiro de Bárbara" ficará como um marco imperecível na literatura cearense contemporânea. Sem a menor dúvida: o melhor livro de poesia, entre os muitos que vieram a público no Ceará em 1980.

F. J. Pierre & Irmãos

VARIADO SORTIMENTO DE
MÓVEIS
E ELETRODOMÉSTICOS

ONDE A TRADIÇÃO SE CASA
COM A QUALIDADE DOS
PRODUTOS.

Excelentes Preços e Condições de Pagamento

Rua Santos Dumont, 60

FONE: 521-0014

CRATO

•

CEARÁ

A Posição de IRINEU NOGUEIRA PINHEIRO na Historiografia Caririense

I — Dados biobibliográficos

Transcorreu, no dia 6 de janeiro de 1981, o centenário de nascimento de Irineu Nogueira Pinheiro.

Filho do bacharel em Direito Manuel Rodrigues Nogueira e de Irinéia Pinheiro Nogueira, nasceu no Crato, onde fez o curso primário. Realizou o curso secundário em Recife e Fortaleza. Coursou a Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, formando-se em 1919, quando defendeu tese de doutoramento sobre "Um Caso de Dixiocardia". Fixou residência no Crato, onde exerceu o cargo de Inspetor federal de ensino. Lecionou História Geral e do Brasil, Física e Química. Foi o primeiro presidente do Banco do Cariri. Dedicou-se à pecuária em sua fazenda às margens do rio Salgado. Praticou a medicina. Colaborou em jornais e revistas. Apresentou tese ao 1º Congresso de História da Bahia com o título de "Um Baiano a serviço do Ceará e do Brasil", logrando aprovação na sessão de 25 de março de 1949. Publicou "Juazeiro do Padre Cicero e a Revolução de 1914" (1948), "O Cariri" (1950), "José Pereira Filgueiras" (1952) e "Efemérides do Cariri" (1963, obra póstuma. Em colaboração com J. Figueiredo Filho, escreveu "Cidade do Crato", em homenagem ao centenário

da cidade, livro editado pelo Ministério de Educação e Cultura por interferência do deputado federal Antônio de Alencar Araripe. Permaneceu inupto. Faleceu em Crato, a 21 de maio de 1954.

II — Depoimento

Conheci Irineu em 1929, quando passei a estudar no Ginásio do Crato, fundado e dirigido pelo padre Francisco de Assis Pita. Tornou-se ele meu correspondente por indicação de seu irmão Antônio Pinheiro Nogueira, casado com Júlia Fiuza Nogueira, irmã de meu padrinho Augusto Fiuza Pequeno.

Fortes laços de amizade se estabeleceram entre mim e ele, reforçados por meu sentimento de gratidão diante de sua dedicação de amigo e médico, quando, em maio de 1931, adoeci gravemente de paratifo.

Crato constituía foco endêmico de paratifo. Naquele ano, a moléstia ceifou muitas vidas. Os médicos da cidade, havendo utilizado todos os recursos terapêuticos conhecidos, deliberaram consultar o Príncipe da Medicina do Brasil — dr. Miguel Couto — que recomendou a aplicação da injeção de terebentina, que formava abscessos. Ainda hoje, tenho as marcas dessa aplicação. A sua dedicação

inexcedível, aliada à de meu pai e de minha madrasta, contribuiu para salvar-me a vida.

Aos domingos, quando os alunos internos podiam passear pela cidade e passarem mesmo o dia fora do Ginásio, almoçava em sua casa à rua João Pessoa, em companhia de sua mãe-dona Irinéia e de uma irmã desta.

Antes do almoço, em alvas redes armadas em seu quarto, conversávamos sobre temas históricos. Tinha ele o hábito de embalar-se a certo cacoeite — o de desfazer com dois dedos da mão direita o entumescimento de uma das bochechas.

Ao deixar o Crato em agosto de 1931, só voltei a encontrá-lo em 1944, quando exercia o cargo de Promotor de Justiça da Comarca de Missão Velha. Retornava ele de sua fazenda. Foi encontro emocionante, pois eu o estimava sobremodo.

Ao publicar "Parlamentarismo, Presidencialismo e Patriarcalismo", tese de livre docência da cadeira de Teoria Geral do Estado, enviei-lhe exemplar, recebendo dele a seguinte carta, que é excelente contribuição à aludida tese: "Crato, 8 de outubro de 1952. Prezado Abelardo: Li sua tese que achei muito boa, bem feita e bem pensada. Continuo a meditar sobre os nossos problemas sociais, a estudá-los seriamente, da forma por que o vem fazendo. Penso, como você, que nós sempre tendemos para o patriarcalismo, para o caciquismo. Na Revista dos Municípios, que já deve ter saído aí, no sábado passado, leia o meu artigo, no qual escrevi o seguinte. "No século XIX, em seu começo, nos municípios, nenhum poder político se superpunha ao das Câmaras, que tudo faziam e desfaziam, a seu talante. Chegou a do Crato a confiscar bens de seus adversários em 1817, a convocar gente, a armá-la, organizar verdadeiros exércitos nas lutas da independência nacional, em 22 e 23, e na "guerra do Pinto", em 32. Exempli-

fiqueamos. Em 1822, empossou a Câmara do Crato, numa sessão extraordinária, ao Governo Temporário, presidido por José Pereira Filgueiras, o qual deveria depor, como depôs, ao Governo Provisório, julgando inofenso à nossa emancipação política. Tomou a Câmara todas as medidas necessárias à boa marcha das forças contra a capital da Província. Do triunfo do Governo Temporário resultou a expedição de Caxias, de tão benéfica consequência à unidade do Brasil. Em dezembro de 31, decretou a Câmara cratense o armamento da população contra o Jardim e seus chefes, o coronel Pinto Madeira e o padre Antônio Manuel de Sousa, estabelecendo diárias para os que se apresentassem armados ou desarmados. Mas o povo atendeu mal à notificação. Uns não compareceram ao chamamento, outros fugiram para o Jardim e engrossaram as fileiras dos inimigos dos políticos do Crato. Não vá pensar o leitor que, nos episódios acima citados, a Câmara atuou por si só, soberanamente, e que a plebe, apoiando-a em 22 e não a apoiando em 32, se portou de modo consciencioso, por espírito de civismo. Nada disso. Em 22 obedeceu a Câmara a chefes prestigiosos, do porte de Filgueiras, de enorme popularidade, e de Tristão Gonçalves, bravo, impetuoso, entusiasta. Em 31, a Câmara procedeu facciosamente, mas se o povo se lhe opôs, foi por não querer ir de encontro a outros chefes armados, no momento, o Coronel Pinto Madeira e o Vigário Antônio Manuel, o "Benze-Cacetes", da crônica caritense". Como você vê, a Câmara e o povo não só em 22 como em 32, obedeceram não a princípios, mas a caudilhos. Sempre assim foi e será ainda por muito tempo, dada a incultura de nossa gente. Dedique-se a esses estudos de caráter social, entre nós. Leia o mais que puder, é certo, mas busque sempre guiar-se por suas próprias observações. Desculpe esses conselhos que tomo a liberdade de

dar com a franqueza de nossa amizade. Meus parabéns por sua brilhante tese. Abraça-o cordialmente, Irineu Pinheiro”.

Na precitada tese, afirma-se que “jamais praticamos no Brasil o parlamentarismo à britânica, nem o presidencialismo à moda norte-americana. Esses sistemas de governo eram exaltados, apenas, por uma exígua minoria da classe superior, enquanto as classes inferiores não tomavam parte efetiva na vida política nacional por motivos de ordem social e econômica. O patriarcalismo é que sempre constituiu uma realidade brasileira, pois inegável é o predomínio do processo patriarcal — caudilhista através de nossa história”. As idéias e instituições personificam-se, encarnam-se. Toma-se o ideal, desse modo, mais concreto e assimilável pelas camadas menos cultas.

Consegui, em 1963, junto a Antônio Fiuza Pequeno e José Cardoso — herdeiros de Antônio Nogueira Pinheiro — os originais de “Efemérides do Cariri”, entregando-os ao então Reitor Antônio Martins Filho, que autorizou a sua publicação pela Imprensa Universitária do Ceará.

Timido, discreto, reservado, seguindo a orientação política do coronel Antônio Luís Alves Pequeno, era natural que tivesse adversários. Assim é que as más línguas não o poupavam, chamando-o de usurário.

Privei da intimidade do seu lar e posso afirmar que a sua mesa era farta, não faltando o bom vinho. Quantas vezes não fui alvo das atenções de dona Irinéia, que sabia avaliar muito bem o passadio de internato de colégio!

Zuleika Pequeno Figueiredo, sua prima, em artigo evocativo, esfolia devidamente a calúnia, enaltecendo o tratamento fidalgo que se recebia em casa dele (Itaytera).

III — Contribuição para a Historiografia do Cariri.

ITAYTERA

O valor econômico da insula cariariense reflete-se na sua historiografia. Já na década de 1850, surgia, no Crato, O *Araripe*, órgão liberal, no qual João Brígido dos Santos nos proporciona valiosos subsídios para a história da região. Eram estudos históricos pioneiros.

Só a partir das décadas de 1940 e 1950, os historiógrafos cratenses Irineu Pinheiro, padre Antônio Gomes de Araújo, J. Figueiredo Filho, general Raimundo Teles Pinheiro, Otacilio Anselmo, José Denizard Macedo de Alcântara, Nertan Macedo, Joaryvar Macedo, José Newton Alves de Sousa, João Lindemberg de Aquino e F. S. Nascimento passam a publicar os seus estudos.

A fundação do Instituto Cultural do Cariri, sugestão de Tomás Pompeu Sobrinho e Raimundo Girão a Irineu Pinheiro, contribuiu, poderosamente, para estimular a historiografia cariariense. O surgimento da revista *Itaytera* em 1955, como órgão daquele Instituto, possibilitou a publicação de pesquisas realizadas por aqueles historiógrafos. A criação da Universidade Federal do Ceará, o maior desenvolvimento econômico da região, a instalação de escolas superiores iriam incrementar as atividades culturais.

Foi principalmente na década de 1950 que os eméritos historiógrafos Irineu Pinheiro e padre Antônio Gomes de Araújo publicaram as suas obras, contendo as pesquisas realizadas sobre o povoamento do Cariri. Dúvidas foram dissipadas em grande parte e mais luz jorrou sobre a terra e a gente cariarienses.

Observa-se que os historiógrafos cariarienses se caracterizam pela afeição telúrica ao torrão natal. O que um deles disse do outro pode estender-se a todos: são abelhas da inteligência a serviço do Cariri.

Irineu não se considerava historiador. Certa vez, declarou ao padre Antônio Gomes que historiador é o

que narra à luz de uma teoria, quem teoriza. Ele não passava de um narrador ligeiro do resultado de suas próprias e pacientes pesquisas. Estabelecia, desse modo, a diferença entre historiador e historiógrafo.

Na opinião de Irineu, os carienses deviam conhecer, pormenorizadamente, a cooperação deles nos sucessos da História do Ceará e do Brasil. E ainda mais: deviam orgulhar-se dessa cooperação.

Os carienses foram os únicos que acompanharam Pernambuco na Revolução de 1817. Dona Bárbara Pereira de Alencar constituiu-se na primeira mulher republicana. O Cariri tem a prioridade no movimento da independência nacional. Pereira Figueiras e Tristão Gonçalves evitaram a secessão do Brasil, libertando Piauí, Maranhão e Pará do domínio luso.

Conclamou Irineu os historiógrafos a reverem e corrigirem o que se escreveu sobre o sul cearense. Assim é que reabilitou a memória de Pereira Filgueiras. Não pode ser considerado estúpido e quase irresponsável quem teve tão notável desempenho nos eventos do primeiro quartel do século XIX no sul do Ceará e além fronteiras provinciais. No concernente ao descobrimento do Cariri, fixou a data de 28 de fevereiro de 1972, à luz dos documentos existentes e consultados. Não descartou, porém a possibilidade de ter sido realizado pela poderosa Casa da Torre.

Reputava Irineu o Brasil um país de tradições frágeis, motivo por que se justificava a preocupação com a unidade pátria. Os estudos históricos constituíram o melhor meio de apertar os laços de união. Torna-se necessário, por isso, pesquisar e interpretar documentos, e conhecer os feitos dos antepassados na paz e na guerra.

Assim sendo, desejava despertar na juventude "O desejo de bem conhecer nosso passado no Ceará Colônia, Império e República". Estudou os mo-

vimentos rebelionários de 1817 e 1824. Louvou-os, mas se regozijou com a derrota dos mesmos, pois o seu triunfo teria destruído a unidade do Brasil.

A experiência é o conteúdo do passado. Reter na memória a recordação do passado é estar em condições de pensar melhor o futuro.

Pensava com Isócrates que o conhecimento da história é da maior importância na formação do homem. A história influi sobre o pensamento e a cultura. É fonte de conhecimentos para políticos e estadistas.

Explicar o que as cousas são pelo que foram, encontrar a justificação de seu estado atual em seu estado passado e conceber o futuro em função do presente e do passado, é o papel que a nossa civilização atribui à História, com a diferença de que nós pedimos à História razões para crer ou esperar não que o presente reproduza o passado e que o futuro perpetue o presente, mas que, ao contrário, o futuro seja diferente do presente da mesma maneira que o próprio presente difere do passado. (Lévy-Strauss em entrevista a *Nouvel Observateur*, em *O Estado de São Paulo*, edição de 20-7-1980).

Para escrever sobre temas históricos, é preciso ter consciência histórica, que é a consciência dos acontecimentos.

A consciência não deixa de expressar a existência. Daí Marx, mais radical, afirmar que a consciência é produto da existência e que o modo de pensar é um produto do modo de viver.

É indubitável que cada geração reescreve a história. Cada historiógrafo é ele e a sua circunstância orteguiana. As ideologias surgem da maneira de interpretar fatos e eventos sob o ângulo das classes sociais.

Como encarar dentro dessa ótica o desenvolvimento? Se o estudioso estivesse situado no *limbo*, naturalmente preconizaria uma desenvolvimento benéfica à nação globalmente considerada.

Ocorre que o historiógrafo pode estar envolvido nos choques de interesses, colocando-se sob o ponto de vista de uma classe social. Torna-se, então, difícil a imparcialidade da análise, a isenção de ânimo.

O historiógrafo, entretanto, como qualquer outro cientista social, não pode fugir à luta pelo desenvolvimento que empolga a nação. Há a própria aceleração geral da história, contraditando, como já se salientou, a falácia gradualista do desenvolvimento.

O historiógrafo deve estudar o processo histórico caririense inserido no processo histórico brasileiro, nordestino e cearense. Só assim, ele tem o senso da história, que consiste em apresentar o enfoque dinâmico das situações.

Ao historiógrafo caririense, compete manter ininterrupto o registro humano, já que representa a memória organizada do Cariri, memória maleável que se modifica com novas pesquisas que introduzem novos fatos e documentos no registro. Cumpre-lhe estudar "os mecanismos históricos persistentes de sua limitação", assim como discernir as forças ocultas das transformações. É isso não depende, só, da graça divinatória do historiógrafo, mas também de seu método, da imaginação sociológica. (C. Wright Mills, "A Imaginação Sociológica", pág. 158, Zahar Editores, Rio, 1965).

Apesar de ser imprevisível o rumo futuro dos assuntos humanos, já que no baralho psicossomático se deve em conta a presença do *coringa* — a liberdade da vontade humana em variar a resposta ao desafio idêntico em ocasiões diversas — não se deve concluir que o estudo da história é improfícuo. A experiência do passado, a sua luz sobre o futuro, pode ser valiosa, mesmo reconhecendo a imprevisão. (Arnold J. Toynbee, "O desafio de nosso tempo", págs. 17-18, Rio, 1968).

IV — Sadio Regionalismo

Isolado no vale, ligando-se mais aos

Estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí, o caririense, por duas vezes, manifestou-se favoravelmente à formação de um Estado independente. Não passava, porém, de simples protesto em face do isolamento, quando a região não recebia tratamento condigno por parte das autoridades provinciais e estaduais.

O caririense ama profundamente o seu rincão. Se o abandona em quadras difíceis, a ele retorna quando tem notícia das chuvas iniciais do inverno.

Considera-se o Cariri zona à parte no interior cearense. O caririense não se julga sertanejo. Ao contrário do sertão seco e semi-árido, o Cariri é fértil e rico com os seus brejos e águas correntes. É sertão mais feliz. Foi o desenvolvimento de sua economia, a expansão de sua riqueza que gerou a idéia da criação da Província do Cariri, tendo por capital a cidade do Crato.

Irineu Pinheiro tinha entranhado amor ao Cariri, a exemplo dos primitivos povoadores — os índios Cariris — que amavam o seu paraíso e lutavam continuamente contra os Coreús, Calabaças e Inhamuns, que tentavam roubá-lo, no dizer de João Brígido.

É inegável o amor de Irineu ao Crato, onde nasceu, viveu e morreu. Escreveu-lhe a história. Descreveu-lhe os costumes. Acompanhou a sua desenvolvimento. Sente-se a alegria e o justo orgulho que experimentava ao salientar o grau desse evoluer, o ritmo desse progresso. Da Missão de Miranda à progressista cidade do Crato, do "esconderijo de assassinos e vagabundos de toda espécie", na expressão de Gardner, ao centro de irradiação cultural, de vasto cassino de jogo de cartas em ativa oficina de trabalho profícuo. "De menino mal vestido, pouco lido e irrefletido", de que fala o seu velho amigo José Alves Figueiredo, em moço envergando fatiota da última moda. É inequívoco o seu sentimento de gratidão a todos os que contribuíram para essa evolução. A

João Brígido, que, ao se despedir do Cariri, garantiu, em *O Araripe* que os interesses da região seriam os seus próprios interesses e que jamais recusaria um favor a um filho do Cariri. Ao bispo D. Luis Antônio dos Santos, que elevou o nível mental e moral do clero, imprimindo pureza à vida do rebanho que apresentava. A seu avô — Antônio Luis Alves Pequeno o segundo deste nome — que, na derradeira metade do séc. XIX, cooperou "para o adiantamento moral e material do Cariri". Almejava que do Cariri saíssem para o resto do país não só pedintes devido a afecção de olhos, mas, acima de tudo, lídimos representantes das qualidades de inteligência e bravura do homem caririense.

Convenceu-se Irineu, por vocação e por gratidão, que a melhor maneira de servir a sua terra consistia em imergir a sua inteligência no passado regional, a fim de contar a história de sua terra e de sua gente, transformando-se em vigilante defensor de suas tradições, indormido cantor de suas glórias, no sacerdote ativo e eficiente de sacro regionalismo, no vulgarizador dos feitos de seus heróis.

Na transitoriedade da vida, na interinidade da existência, a permanência está na crença em algo indestrutível. Para Irineu, essa permanência se identifica com o seu amor ao Cariri. É servindo à região, lutando por seu engrandecimento, que o caririense, como individuo, deixa de ser simples "bolha transitória formada na superfície do impulso vital da espécie humana", para se transformar em agente de progresso, em força propulsora de civilização.

Há, portanto, na sua obra, o profundo amor à paisagem familiar, a identificação ecológica com a gleba nativa, enamorado que era da terra graciosa, ubertosa, molhada pe'as águas que jorram de fontes perenes no sopé do planalto do Araripe. Sentiu-se o sabor do pequi. Ouve-se o ruído das feiras. E surgem, diante de

nós, destemidos e heróicos, beatos e cangaceiros.

Ligava o seu amor ao Cariri ao dos primeiros habitantes — os índios Cariris — que talvez tenham sido os silvicultas que se opuseram mais violentamente aos invasores brancos. Havia, nesse amor, uma sensação paradisíaca, a permanente lua-de-mel do homem com a terra natal. Depreende-se daí uma tradição de bravura, audácia e temeridade que o homem do Cariri deve honrar e manifestar quando a pátria o convocar.

O bom regionalista é o homem compenetrado com o seu meio, a sua região, cujo amor produz, também, prodígios de virtude. Região é passado e presente a serviço do futuro. É tradição e progresso. A idéia de região está ligada à idéia do solo em que se nasce, onde primeiramente se contacta com a natureza. Escrever a história da região é transformá-la no celeiro onde se recolhem as colheitas de episódios, fatos, acontecimentos e exemplos.

Na dicotomia de Ingenieros, regionalismo ingênuo é o demarcado pelo horizonte geográfico, enquanto que regionalismo humano é o que abrange o horizonte cultural. Não se interessa só pelo espaço em que se deslocaram as gerações, mas pela história em que se fixaram os eleitos.

O regionalismo caririense é a união dos filhos do Cariri pelos laços das tradições do passado, pelos interesses do presente e pelas aspirações para o futuro. É a transformação da paisagem da natureza em paisagem de civilização pela técnica do trabalho humano.

V — A Volúpia do Pormenor.

Há, na obra histórica de Irineu Pinheiro, descrição e elucidação. O estudioso, porém, encontrará muito pouca interpretação. Essa lacuna se deve mais a seu temperamento, à sua visceral timidez e não a desconhecimento de método. Chegou, por isso,

a omitir episódios e fatos que conhecia muito bem, declarou-me, certa vez, numa de nossas habituais conversas praieiras, o seu irmão e meu amigo Antônio Nogueira Pinheiro.

Numa espécie de compensação, sentia Irineu a volúpia do pormenor, o orgasmo da minuciosidade. Significava, também, uma maneira de amar bilaqueamente com fé e orgulho a terra em que nasceu.

Gilberto Amado considerava o Brasil um país aproximativo, em que ocorre a falta de exatidão no detalhe. Irineu, porém, detalhava com precisão, evitando o pensamento impressionista. Só utilizava os fatos devidamente estabelecidos. Verificava escrupulosamente o material usado, colhendo-o na fonte, quando possível.

Para comunicar-se com o passado, seguiu o conselho de Silvio Romero; guiou-se pela tradição: as lendas, os mitos, os cantos, os rituais, as cerimônias, os velhos jornais, os informes dos mais velhos, os documentos dos cartórios e das igrejas.

Seguia o exemplo de Guizot, buscando salvar o que restava em arquivos e cartórios e a reaver, quando possível, o que se achava desaparecido por motivos diversos. Sabia que a história só se faz com documentos e não com hipóteses no ar.

Tinha a indignação schopenhaueriana por verificar que os habitantes das cidades históricas se acostumam com indiferença às recordações que pesam sobre elas. Queria, por isso, transmitir aos cratenses o amor ao passado para que tirassem as lições capazes de ajudá-los a construir o futuro.

Não é que ele pensasse que o mérito dos netos residisse no apego às tolices dos avós. O valor dos caririenses, porém, de certo modo, vinculava-se aos que, no passado, sofreram, lutaram e deram a vida pela liberdade, pela independência.

José Alves de Figueiredo afirmava,

ITAYTERA

contristado, que "a terra de Dona vultos proeminentes". Verberava "essa vultos proeminentes". Verbeava "essa clássica apatia pelos homens de espírito, vivos ou desaparecidos do cenário da vida, apatia essa enraizada na alma cratense". ("Ana Mulata", págs. 116-117, Instituto Cultural do Cariri, Crato, 1958).

Irineu desejava despertar o interesse e admiração pelos que, na região *bárbara*, realizaram a obra heróica da colonização, e, também, pelos que, na região *moral*, exerceram a ação civilizadora empunhando a cruz e o abecedário, o que implicava na não justificação da lealdade a certa tradição que "teria imobilizado o mundo nos erros de atrás", no dizer de João Brigido.

Escrupuloso e meticoloso na pesquisa histórica, evitando pronunciamientos que se não coadunassem com a sua índole tímida, estimulava as investigações sobre as origens da *gens* do caririense. Isso se depreende de sua correspondência com o padre Antônio Gomes de Araújo. Chega mesmo a confessar que assim agia por amor ao torrão natal.

Não concebia, portanto, a História como "forma retrospectiva de libelo". Não escrevia os seus livros para atender a um imperativo da justiça divina, mas pelo amor à região e à gente do Cariri. Queria deixar, por isso, a representação escrita de eventos, hábitos e costumes.

VI — Concepção herolátrica da História?

Escreveu Irineu a história de dois homens que fazem história no Cariri, considerando-os de maior prestígio pessoal no Ceará: José Pereira Figueiras e padre Cícero Romão Batista.

Procurou reabilitar a memória de Pereira Figueiras, guiando-o à posição de "árbitro da política caririense no período compreendido entre 1817 e 1824".

Pela força física e formas atléticas valentia e impetuosidade, bravura e ferocidade, granjeara Filgueiras o amor da gentinha. O vulgo só ama o que admira e só admira o que teme. Tornou-se ele a personagem mais popular do Cariri. Transformou-se em verdadeiro mito, assevera João Brigido ("Ceará — Homens e Fatos", págs. 96-97, Tip. Bernard Frères, Rio, 1919).

A influência de Pereira Filgueiras deve ser compreendida de acordo com a organização da sociedade colonial, com a correlação de forças atuantes.

A sociedade colonial caracterizava-se pela violência, pela dominação dos grandes proprietários de terra contra os quais o braço do governo raramente alcançava. Eram esses grandes proprietários que influíam nos acontecimentos.

Naquela época, predominavam o analfabetismo quase total e a fereza dos costumes. Os arquétipos não podiam ser os sábios e os cientistas, mas os homens afeitos ao gênero de atividade prevalente. Os que detinham maior soma de qualidades avaliadas pelos padrões consagrados constituíam os líderes que as massas rurais seguiam. Assim é que a força física descomunal de Pereira Filgueiras se identificava com o *ideal de força* dominante. A força física gozava de enorme prestígio. Constituía uma técnica na luta contra a natureza hostil e o meio agreste. Despertava, por isso, Filgueiras a admiração e o temor de mestiços e cabras "bons no cacete e na faca".

No seu estudo sobre padre Cícero, Irineu traçou o quadro histórico, o palco em que atuou o ator: a) a ignorância, a miséria e a ânsia do maravilhoso das massas sertanejas; b) o predomínio econômico e político do *coronel*; c) o baixo índice moral do clero.

Dispunha Irineu de elementos para o estudo da personalidade do padre

Cícero e de seu envolvimento nos milagres e na sedição de Juazeiro. A visceral timidez e os laços de parentesco e amizade devem ter pesado no espírito dele no sentido de não tentar uma abordagem menos superficial da interação entre o caráter, a capacidade inata do padre Cícero e as condições sociais, políticas, econômicas e religiosas.

Importante, entretanto, é, na qualidade de médico, não haver consideração aquele sacerdote um paranóico, mormente quando o conhecia muito bem. Na sua opinião, padre Cícero era um sacerdote virtuoso, dedicado ao apascentamento do rebanho. As excepcionais virtudes de pastor de almas é que o transmudaram na figura carismática das massas sertanejas inflamadas por messianismo enraizado na miserável situação material de classe.

No meu modo de pensar, padre Cícero e José Teles Marrocos resolveram transformar Juazeiro numa cidade-santuário. Utilizaram, para isso, a transmutação da hóstia em sangue durante a comunhão da beata Maria de Araújo. Esse milagre correu de boca em boca pelo Nordeste, atraindo peregrinos em romagens constantes. O povoado cresceu. Rebentou, porém, a questão religiosa entre padre Cícero e os defensores dos milagres de um lado, e o diocesano dom Joaquim José Vieira, que os condenava, de outro lado. Foi, então, que padre Cícero deliberou entrar na política para melhor defender-se dos adversários e levar a termo o seu projeto de transformar Juazeiro na Roma do Nordeste.

A obediência de padre Cícero à Igreja atinge as raias do martírio. Mantém o comando político, permanecendo no centro dos acontecimentos. Não é, assim, aniquilido pelas tensões resultantes do conflito religioso. Quanto maior o misticismo das massas sertanejas, mais prestígio ganha padre

Cícero, num processo de auto-acumulação. Estabelece, então, uma divisão de trabalho com dr. Floro Bartolomeu da Costa, que passa a cuidar dos interesses *terrenos*, enquanto ele zela pelos interesses *celestiais*. Montou a sua máquina de dominação com um mínimo de desgaste pessoal, mantendo o equilíbrio social dentro da ordem sertaneja representada pelos *coronéis*, que chegam mesmo, sob a sua liderança, a realizar, em Juazeiro, um pacto de harmonia política.

Os estudos de Irineu sobre Pereira Filgueiras e padre Cícero revelam concepção heróica da história? Estaria ele atraído pelo papel do indivíduo na História? A atividade política desses homens constitui o instrumento principal ou quase exclusivo do desenvolvimento histórico? Ou deve ser levado em conta todo o conjunto da vida histórica em geral?

Afirma Irineu que o povo não faz sozinho a revolução. Esta é forjada e preparada até o fim por intelectuais, pelas elites. A elite é o cérebro, e o povo é o braço executante. ("Efemérides do Cariri", pág. 543, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1963).

As massas incultas não se orientam por princípios que não estão em condições de compreender. Seguem os caudilhos, que elas conhecem. Não entendem o princípio monárquico ou republicano, nem o dogma religioso, mas se voltam, estrategicamente, num tropismo indesejável, para os que podem atender às suas necessidades.

O homem só faz História quando tem fim. O fim a que serve será formado dos fins que determina e realiza, afirma Sidney Hook ("O Herói na História", pág. 8, Zahar Editores, Rio, 1962).

Quer em José Pereira Filgueiras, quer em padre Cícero Romão Batista, apesar das situações históricas diferentes e das peculiaridades de cada uma das duas personalidades, defronta-se com o homem de ação em face de massas acrílicas.

Havia a necessidade psicológica de segurança, a ansia de justiça social, a aspiração de melhores condições de vida. O líder ou herói representa a esperança, a salvação. É do jogo entre os traços pessoais e as condições sociais, que resultam os efeitos históricos. O tipo de satisfação buscada deriva dos valores da cultura e da classe dominantes.

Os homens não fazem história apenas devido à força física. Se isso ocorresse, os homens fortes seriam heróis nacionais em vez de atrações de *vaudeville*. (Sidney Hook, obr. cit. pág. 31).

O herói cristaliza o sentimento já existente. Há uma predisposição pelas necessidades. Os predicados do herói se entrosam com as necessidades das massas. É a ansia de satisfação dessas necessidades que leva à mitologia do herói. É o que ocorre com o cavalo, o clavinote e a espada de Pereira Filgueiras, ou com a crença nos milagres do padre Cícero.

O indivíduo só é verdadeiramente importante na História na proporção em que contribui para o desenvolvimento das instituições e das condições econômicas. (Monod). Como isso não ocorre espontaneamente, mas exige a intervenção dos homens, surgem problemas sociais. Grande homem é o que concorre para a solução desses problemas. Grande no sentido moral, é todo aquele que sacrifica sua vida pelo próximo. (Pleranov). A análise da questão não deixa de sofrer a interferência ideológica.

ITAYTERA é a cultura do Cariri em Revista

Lojão das Construções

O máximo sortimento em material de construção e elétrico, com todas as facilidades para quem está construindo.

RUA TRISTÃO GONÇALVES, 296

FONES: 521 - 0301 e 521 - 1306

ELETRO - JUSTO

Móveis, Equipamentos Elétricos,
Eletro-Domésticos e Novidades

RUA DR. JOÃO PESSOA, esquina
com ALMIRANTE ALEXANDRINO

FONES: 521 - 2715 e 521 - 2716

Doas grandes Lojas de MARCONI JUSTO
CRATO -:- CEARÁ

Documentos Históricos do Crato

AUTO DE PARTILHA DAS AGUAS DO RIO BATATEIRA — que mandou proceder o juiz Municipal substituto Afonso de Albuquerque e Melo como abaixo se declara: Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e cincoenta e cinco (1855) aos vinte e um dias do mês de Junho do dito ano, nesta cidade do Crato, Cabeça de Comarca e provincia do Ceará, em casa de morada do juiz Municipal substituto Afonso de Albuquerque e Melo onde me achava eu escrivão do seu cargo abaixo — nomeado e assinado e sendo ai presente os partidores nomeados o Major Miguel Xavier Henrique de Oliveira e o Alferes Childerico Cicero de Alencar Araripe, pelo dito juiz foi deferido o juramento dos Santos Evangelhos em um livro deles em que cada um pôs de per si a sua mão direita, sob o cargo do qual lhes encarregou que com toda consciencia fizeram a partilha das aguas do Rio Batateira com todos os foreiros dos sitios mencionados nos termos de avaliação constantes destes autos, observando a igualdade e regularidade de direito recomendado no artigo 58 da Resolução Provincial nº 640 de 17 de Janeiro de 1854 e recebido por eles ditos juramentos afirmaram e prometeram cumprir e logo passaram a fazer a referida partilha da maneira e modo abaixo declarado, do que para constar mando o juiz lavrar este termo que assina afinal com os partidores e comigo Antonio Duarte Uiacinto Moura, escrivão que o escrevi. *Auto: Acharam o juiz partidores, presidente de Câmara Municipal que o Sitio Luanda tendo duzentas tarefas de terras regadias, e que as aguas com ele era*

regado hoje pertencem ao Major Vicente Amancio de Lima, por compra ao finado Joaquim Ferreira Pinheiro, lhe dão duas telhas das aguas do rio Batateira, contendo cada uma das ditas telhas vinte polegadas de circunferencia e para constar mandou o juiz lavrar este termo que assina com os partidores e o Presidente da Câmara, comigo Antonio Duarte Uiacinto Moura, escrivão que o escrevi. Albuquerque e Melo Pontes Simões. Miguel Xavier Henrique de Oliveira. Childerico Cicero de Alencar Araripe. *Acharam mais juiz e Presidente da Câmara e partidores que o Sitio S. João, Preguiça, Boa Vista, Mindoia, Corujas e mais três partes uma de Luiz Martins da Silva, outra do padre Joaquim Ferreira Lima Sêca e a terceira de João Moreira da Costa, contendo mais de trezentas tarefas, lhe davam três telhas d'agua para todos quantos tiverem parte nestes sitios, atendendo, que tem um olho d'agua particular, independente da nascente do rio, cujas aguas molham uma não pequena parte destes sitios no lado do poente, cujas telhas conteram cada uma vinte polegadas de circunferencia, e para constar mandou o juiz lavrar este termo que assina com o Presidente da Câmara Municipal, partidores comigo Antonio Duarte Uiacinto Moura, escrivão que o escrevi Albuquerque e Melo. Pontes Simões Miguel Xavier Henrique de Oliveira. Childerico Cicero de Alencar Araripe. *Acharam mais que o Sitio Lameiro de José Monte Furtado, contendo duzentas tarefas de terras regadias, e já tendo um outro olho d'agua que ajuda a regar as plantas do dito sitio lhe dão mais das aguas do rio Batateiras**

duas telhas d'agua de vinte polegadas cada uma, e para constar, mandou o juiz lavrar este termo que assinou com o Presidente da Câmara Municipal, os partidôres comigo Antonio Duarte Uiacinto Moura, escrivão que escrevi. Albuquerque e Melo. Pontes Simões. Miguel Xavier Henrique de Oliveira. Childerico Cicero de Alencar Araripe. *Acharam* mais o juiz, Presidente da Câmara e partidôres que havendo no mesmo Sitio Lameiro duas partes de terra, uma de Vicente Taveira dos Santos e outra de Inacio Caetano de Alencar Rosa Carvalho, que ambas contem cinquenta tarefas de terras regadias, dão a estas duas partes meia telha d'agua que contem dez polegadas de circunferencia, do que para constar, mandou o juiz lavrar este termo, que assina o Presidente da Câmara Mu-

nicipal, partidores e comigo Antonio Duarte Uiacinto Moura escrivão que o escrevi. Albuquerque e Melo. Pontes Simões. Miguel Xavier Henrique de Oliveira. Childerico Cicero de Alencar Araripe. *Acharam* mais o juiz presidente da Câmara e partidôres que o sitio Mizeria, de João Evangelista Cavalcante, Joaquim Lopes Raimundo do Bilhar e a chapada do Major Antonio Luiz Pequeno Junior, tendo duzentas tarefas de terras regadias, lhe dão duas telhas d'agua de vinte polegadas cada uma, e para constar, mandou o juiz lavrar este termo, que assinou com o Presidente da Câmara, partidôres e comigo Antonio Duarte Uiacinto Moura, escrivão que o escrevi. Albuquerque e Melo. Ponte Simões. Miguel Xavier Henrique de Oliveira. Childerico Cicero de Alencar Araripe.

Prefeitura Municipal do Crato

DECRETO N. 002/81 de 09 de Março de 1981

EMENTA: Decreta estado de calamidade pública na área total do Município do Crato e adota outras providências.

Ariovaldo Carvalho, Prefeito Municipal do Crato, no uso das atribuições que lhe são conferidas por Lei, CONSIDERANDO a situação climática local, terrivelmente agravada pela falta de chuvas e escassês de alimentos, com o que foi profundamente prejudicada a produção do Município; CONSIDERANDO as dificuldades sem conta pelas quais vem passando a nossa população, estigmatizada pelo flagelo da estiagem e sem meios ou recursos para ressarcir os prejuízos decorrentes da perda sucessiva de dois plantios;

CONSIDERANDO que jamais o Município do Crato atravessou problema de tal magnitude e as dificuldades de aquisição de água nas pe-

quenas propriedades rurais, a diminuição da produtividade, mesmo nos vales úmidos, a escassês do pasto para o gado, os problemas de crédito e outros agravantes;

CONSIDERANDO o que lhe faculta a Constituição Estadual em situações como a que presentemente atravessamos,

DECRETA :

Art. 1º: Fica considerada de CALAMIDADE PUBLICA a área total do Município do Crato, em face à difícil situação que o Município atravessa.

Art. 2º: A Administração Municipal fica autorizada a adotar todas as medidas concernentes ao apoio e amparo dos flagelados e retirantes deste Município, na medida de suas possibilidades e pelos meios que sejam considerados exequíveis.

Art. 3º: A duração do presente estado de CALAMIDADE PÚBLICA fica a critério da Administração Pública Municipal evidentemente condicionada à situação generalizada em todo o Estado do Ceará, até que sejam minorados os seus efeitos e sintam-se a volta à normalidade das atividades agropecuárias.

Art. 4º: Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal do Crato, 09 de março de 1981.

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

DECRETO N. 022/81 de 22 de Dezembro de 1981

EMENTA: Concede a Medalha do Mérito Bárbara de Alencar ao Dr. Antônio Macário de Brito e adota outras providências.

Ariovaldo Carvalho, Prefeito Municipal do Crato, no uso das atribuições que a Lei lhe confere,

CONSIDERANDO os relevantes e inestimáveis serviços prestados pelo Dr. Antônio Macário de Brito, à comunidade do Crato, em mais de meio século, atuando em diferentes instituições, associações de classe e no Hospital São Francisco;

CONSIDERANDO sua marcante e generosa atuação no setor médico, ao longo de 50 anos dessa atividade específica, desde o ano de 1931, quando fez da Medicina verdadeiro sacerdócio, tratando, operando e curando milhares de nossos conterrâneos, com o mais nobilitante exemplo de devotamento e caridade cristã,

CONSIDERANDO ainda, ser o mesmo um cidadão de bem, exemplo singular de honestidade de princípios, correção e dignidade, servindo de exemplo para as novas gerações e se constituindo um orgulho para o Crato, terra que lhe serviu de berço,

RESOLVE DECRETAR:

Art. 1º: Fica concedida ao Dr. Antonio Macário de Brito a Medalha do Mérito Bárbara de Alencar.

Art. 2º: A outorga dessa honraria será feita a 31.12.1981, ao homnagado.

Prefeitura Municipal do Crato, 22 de dezembro de 1981.

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

Justificativa

A concessão da MEDALHA BÁRBARA DE ALENCAR ao ilustre médico conterrâneo DR. ANTÔNIO MACÁRIO DE BRITO, afigura-se, ao nosso ver, como um ato de inteira justiça, num reconhecimento público aos seus serviços, como médico e como cidadão, prestados ao Crato e ao seu povo, ao longo de 50 anos de exercício da nobre profissão da Medicina.

Filho de Macário Vieira de Brito e Eufrásia Alves de Brito, o Dr. Antonio Macário é natural do Crato, contando 75 anos de idade, tendo se formado em Medicina, em Salvador, na turma de 1931.

Há 50 anos pratica essa honrosa atividade, com ilustração, espírito científico, devotamento e dedicação.

Somam-se aos milhares as pessoas as quais ele atendeu prontamente, sem perguntar a origem ou os bens, e sem visar recompensa.

Atuou em diferentes instituições locais, a começar do Hospital São Francisco, onde foi proibido e eficiente Diretor, no Rotary Club do Crato, onde foi Presidente e em outras entidades.

Toda a vida foi sempre um homem marcado pela honestidade, pela correção do trato e pela compostura moral, servindo de exemplo aos seus concidadãos.

RECORDAÇÕES

CRATO! Cidade situada ao sul do Estado do Ceará (zona caririense), terra onde nasci e onde passei a infância. Ao lembrar-me de ti, distante centenas de quilômetros, sinto profunda saudade! Um mundo de emoção martiriza-me a alma na contemplação simbólica do pensamento...

O destino implacável quiz nossa separação e bruscamente fui arrancado do teu seio acolhedor há mais de meio século, porém, guardo na lembrança e no sonho, aquela quadra da minha infância de menino pobre... Quanta recordação!...

Ao escrever esta crônica no silêncio do meu gabinete de estudo, lembro minha saudosa mãe, a casa onde nasci no bairro do Pimenta, os Colégio Diocesano e Ginásio do Crato onde estudei, os colegas e amigos do meu tempo. Enfim, um mundo de fatos e coisas se desenrolam no meu espírito, como fonte de inspiração...

O passado traz recordações...

Através análise judiciosa na evocação de minha saudosa Mãe, as lágrimas inundam-me a face.

* *
*

Eu te adoro cidade encantadora,
Cheia de luz, de encanto e de poesia
Em ti vibra minh'alma sonhadora
Num transporte de amor e de alegria.

Tu tens clubes... jornais... gente credora
De um progresso que avulta dia a dia
Na construção veloz e produtora
Que arrebatá, surpreende e extasia!

Eu me orgulho de ti, minha cidade!
Teus laranjais em flor me orgulham tanto
Que eu distante de ti sinto saudade!...

Jamais, hei de olvidar-te nesta vida
Onde eu sinto o teu ser e te decanto
Numa estrofe feliz terra querida!

Crato Tênis Clube tem novo Presidente

Em assembleia eleitoral, realizada no dia 9 de maio, o Crato Tennis Clube escolheu seu novo dirigente para o período 82/84, Dr. Luciano Brito Gonçalves, conceituado médico conterrâneo. A posse do novo presidente se deu a 29 do mesmo mês, encerrando-se com monumental festa, oferecida a todos os associados.

Nada mais justo e oportuno, quando ele completa 50 anos de carreira médica, a concessão dessa Comenda, a maior que o Município pode oferecer, e que se constitui um preito de reconhecimento ao homem digno, nobre e

inaugurado "O Mirandão"

Em meio a alegrias gerais dos desportistas de toda a região, particularmente, do Crato, foi inaugurado em maio último o Estádio Governador Virgílio Távora, ("O Mirandão").

Para esse evento, um movimentado jogo de futebol teve lugar, se enfrentando as equipes do Bangu, do Rio e do Ceará, de Fortaleza, cabendo a vitória ao "onze" carioca por 2 x 1.

altruista que sempre soube ser.

Prefeitura Municipal do Crato, 22 de dezembro de 1981.

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

Antiga lenda, história nova

Nada há de novo.

Até se diz que a história se repete,
qualquer que seja o povo.

E uma lenda existe (fábula ou mesmo crônica),
que às coisas atuais se amolda:
a do tumulo de uma rainha,
no qual,
quem entrar queria,
no seu pórtico,
a sua vontade
deixar devia.

Nos modernos tempos,
numa confederação de Estados,
governada por soldados,
este fato,
à nossa era ajustado,
se repete:

no templo destinado à construção das leis,
só entrar pode,
sem estorvos,
quem,
na soleira,
a sua vontade,
o seu direito de opinar,
também deixar.

3 POEMAS de Jefferson de Albuquerque

Gato Angorá

É meu aquele gato angorá.

Lindo,
vivo,
brincalhão.

Corre,
saracoteia,
sobe às árvores.

Depois,
às minhas pernas, ronronando, vem roçar.

Todos os dias, o meu gato vai à caça.

Quase sempre uma presa alcança

e,
logo,
a põe de lado.
Fazendo que descança,
em seguida,

deita,
disfarça,
falseia,
faz trapaça
para a vítima crer que livre está.

Mas,
quando escapar ela tenta,
ele,
rápido a empalma.

Saltimbanco,
alegre cabriola,
pula,
salta,
volteia.

Sadista,
logo a mata o saboreia.

Então,
o meu gato lembra
a contenda SISTEMA/PARLAMENTO
numa democracia relativa - liberal - pluralista - social...

Quem, no nordeste...

Dizem,
que só no céu
busco motivos pra versejar.

Mas,
quem no nordeste,
o céu não fita,
não busca,
não tenta
motivos pra sonhar?

Quem,
no nordeste,
não olha o céu,
nas madrugadas,
ou à tardinha,
para ver sinais de inverno,
imaginar furturas,
dias melhores?

Quem,
no nordeste,
não olha o céu,
estrelas cata,
como o cruzeiro,
que lhe diz se a seca acaba,
e o inverno cáe?

Quem,
no nordeste,
no mês de agosto,
não se deleita,
olhando a lua que embranquece o céu
e no amor não pensa,
não devaneia?

Um
Grito
de
Paz

O mundo sufoca e se corrompe diante de tantas atrocidades cometidas
E espera um salvador para seus problemas como se tudo pudesse ser perdoado
Num passe de mágica cujas barbaridades soariam apenas como um acaso
Entretanto por todos os cantos do mundo há um grito de paz a ecoar
Porque ainda há homens que acreditam que este grito é o único salvador
Cujas forças os tirem do enorme buraco no qual se encontra a deliciar-se
Há um grito de paz no choro de uma criança que vê tudo e nada pode fazer
Mesmo porque seu interior não pode compreender tal distorção do real
Significado que lhes cochicharam ao pé do ouvido sobre o mundo prometido
Há sempre um grito de paz no Injustiçado a clamar seu direito de falar
Porque traz nas tuas palavras a convicção de que jamais cometeu um erro
Mas se vê frustrado porque tua voz é apenas um grito na multidão a perder-se
Há sempre um grito de paz no nascer de um novo dia de primavera
Porque sabe que as estações serão por ele alterado com experiências
Que sempre reluz em perda de mais uma batalha contra a natureza
Cuja defesa é apenas a de deixar de oferecer ao homem aquilo que precisa
Há sempre um grito de paz no canto de um pássaro que ainda crê em Deus
Porque seu canto reflete o desejo do criador e que é desprezencioso
Mas que jamais deixará de entoar seu hino em louvor à natureza mãe
Há sempre um grito de paz no seio de cada homem que ainda possui fé
Porque sabe distinguir o que é certo e errado no meio de tanta injustiça
Porém não teme a reviravolta e acredita que a causa trará o efeito
Há sempre um grito de paz na chuva que cai e vê seus pingos poluídos
Porque constatou em seu leito a morte dos peixes que nada pediram
Mas esta chuva aconchega o seco deserto e ajuda-o a tornar-se menos rudo
Há sempre um grito de paz do moribundo ao leito da morte a despedir-se
Porque se prepara para enfrentar a grande verdade que ousou desacreditar
Mas por certo saberá que outras leis são infalíveis e imutáveis
Há sempre um grito de paz do pai que tanto luta para sustentar o filho
Porque deseja-lhe um mundo melhor e de menos sofrimentos que passou
Mas por vezes tira o direito do filho decidir-se no caminho da vida
Há sempre um grito de paz no coração da mãe tão preocupada com a sorte
Porque deseja a união da família e seu afeto é dedicado a todos os seus
Mas por vezes vê muitas coisas saírem dos trilhos e mudarem a rota
Há sempre um grito de paz na voz do poeta cantante e amante da natureza
Porque consegue dar vida e amor a tudo que vê dando-lhes forma e vida
Mas este poeta sofre calado por ver seus versos cantado e não praticado
Há sempre um grito de paz em todos nós que procuramos viver honestamente
Porque deseja ver triunfar a verdade imbatível que a tudo mudaria
Mas este grito de paz está dentro de nós mesmo e parece emudecer
Entretanto resta apenas ao homem fazê-lo acordar e ouvir tantos
Lamentos e ensinar-nos que o grito de paz é nossa própria consciência
E que este grito se tornará uno quando juntar-se ao grito de paz do universo

MONUMENTO AO CEGO ADERALDO É GLÓRIA PARA OS CANTADORES

Depois da Paraíba e de Pernambuco, o Ceará é o terceiro estado nordestino a erigir uma estátua a um cantador. Hoje, às 09 h 30 min, estará sendo inaugurada, em Quixadá, com a presença de mais de cinquenta cantadores, além de autoridades, intelectuais e gente do povo, uma estátua do Cego Aderaldo, o mais conhecido cantador nordestino, vulto de projeção nacional cuja fama corre todo o país. A idéia de homenagear, com um monumento, o cantador nordestino, no vulto do Cego Aderaldo, era acalentado de há muito pela associação da classe, sediada em Fortaleza, e, agora, na gestão do poeta Alberto Porfírio, o sonho foi materializado.

A ESTATUA

A estátua do Cego Aderaldo, aposta no largo da Rodoviária de Quixadá, ao lado da Av. Plácido Castelo, foi esculpida por João Bosco do Vale, um dos maiores escultores do Estado, e mede 2,70 m de altura, isto é, uma vez e meia o tamanho do homenageado. Na escultura Aderaldo está tal qual em vida, com a viola numa mão e a bengala na outra. O pedestal, uma pilha de granito de 16 m de diâmetro e 2 de altura, ostenta as figuras do Pe. Cícero, de Lampião e Aderaldo, num registro bem a propósito que assinala o bom relacionamento que havia entre os três nordestinos mais famosos da primeira metade do século. Circundando o supedâneo, algumas variedades de cactos característicos da região dão ao monumento um sinal a mais de Nordeste. A obra custou ao Governo Estadual Cr\$ 230.000,00, à Prefeitura de Quixadá Cr\$ 70.000,00 e à Associação dos Cantadores Cr\$ 150.000,00, segundo informação do poeta Alberto Porfírio.

O CEGO ADERALDO

Aderaldo Ferreira de Araújo, po-
ITAYTERA

pularmente conhecido por Cego Aderaldo, nasceu no Crato em 24 de junho de 1878 e morreu em Fortaleza em 29 de junho de 1967, 05 dias depois de completar 89 anos. Queremos aqui desfazer a confusão gerada por algumas obras biográficas, como o Dicionário e Enciclopédia Koogan Larousse por exemplo, que registra ter ocorrido o nascimento de Aderaldo em 1882.

Com um ano de idade Aderaldo foi trazido para Quixadá, cidade onde os seus pais, o alfaiate Joaquim Rufino de Araújo e Maria Olímpia de Araújo, juntamente aos seus três filhos, fixaram residência.

Provindo de gente humilde, vítima dos homens e da sorte, haja vista que o Sr. Joaquim Rufino ficou paralítico logo em 1880 e os seus outros filhos cedo morreram, o menino Aderaldo não pôde estudar em sua infância. Somente em 1896, aos 18 anos, iniciou seus estudos, na turma da noite da escola do Sr. Francisco Eusébio Camaru. Por desdita sua, no entanto, no terceiro dia que frequentava a aula, 25 de março, cegou completamente, segundo dizem, vítima de um derrame instantâneo, ocorrido no globo ocular.

A essa altura já era órfão de pai e pouco depois viria a perder a mãe.

Cego, impossibilitado de continuar trabalhando como ferreiro, Aderaldo virou o Homero dos sertões do Nordeste. Passou a criar meninos e rapazolas, 26 ao todo, com quem compunha uma banda de vários instrumentos, desde a viola até o clarinete, embora tivesse especial predileção pela rabeca.

CONGRESSO DE CANTADORES

Em 1948, levado por Rogaciano Leite, seu amigo e admirador, Ade-

raldo participou com muito sucesso do I Congresso de Cantadores do Brasil, realizado no Teatro Santa Isabel, em Recife. No ano seguinte, em excursão por São Paulo, exibiu-se para o então governador Adhemar de Barros de quem se tornou amigo. Inclusive, por intermédio do Sr. Adhemar de Barros, Aderaldo conseguiu junto ao Banco do Estado de São Paulo um emprego para o seu filho adotivo Mário Aderaldo, que até hoje ainda o conserva. Ressalte-se neste tópico que o velho menestrel, como um jogral de tempos idos, muito bem soube tirar proveitos de suas amizades com os altos figuras. De Juscelino Kubitschek, por exemplo, obteve uma pensão mensal de cinco mil cruzeiros.

Mas Aderaldo não foi apenas um cantor. Aderaldo foi "um veículo de cultura entre o povo de sua geração", como dizem Daudeht Bandeira e Benoni Conrado em último disco. Possuidor de um pequeno cinema doado por seus amigos de São Paulo, Aderaldo fez-se também vencedor de folheto de cordel e, assim, munido de livro e fita, varou o sertão, na troca da alegria pela imortalidade.

Era o que se poderia chamar de um homem enigmático e estrategista. Segundo seu próprio depoimento, fez-se poeta desde quando certa noite, já depois de cego, sonhou cantando. Este é apenas um exemplo.

Dentre os feitos memoráveis do velho Cego está o seu livro *Eu Sou o Cego Aderaldo*, impresso pela Imprensa Universitária do Ceará, numa promoção do Sr. Martins Filho, com apresentação de Rachel de Queiroz e orelha de Paulo Sarasate. Compõe-se de 179 páginas e veio a lume em 1962, quando o autor já tinha 84 anos. Contém as memórias de Aderaldo de menino a velho e, conforme está no livro. Foi o escritor Eduardo Campos que o redigiu e organizou.

DESPERTOU INTERESSE

Foi Aderaldo, até hoje, o cantor que conseguiu despertar maior inter-

resse junto aos biógrafos. Um informa o seu bom relacionamento com o Pe. Cicero Romão Batista, a quem visitou pela primeira vez em 1923; Outro diz da sua amizade a Lampião, para quem cantou, tendo sido presenteado pelo Capitão com uma pistola. Enquanto, por exemplo, Alberto Porfírio em seu livro *Poetas Populares e cantadores do Ceará*, na parte que lhe diz respeito, afirma que ele é merecedor de todas as homenagens "por parte do folclore nacional e das letras do Brasil".

Dos seus 89 anos, mais de 75 Aderaldo viveu em Quixadá. Em 1915, quando se ausentou do estado, temendo os flagelos da seca, entre saudosos e triste, onde foi entrevistado, disse "haver deixado em Quixadá seu coração". Naturalmente, não foram essas as únicas razões por que Alberto Porfírio escolheu Quixadá para sediar a homenagem a Aderaldo, embora sejam as mais importantes, bem assim não por considerar Aderaldo o maior cantor de todos os tempos, mas por considerá-lo um modelo a ser imitado, que o preto, ora prestado pelo Ceará ao cantor de viola, recaiu sobre o seu vulto.

Os demais vates nordestinos também homenageados com estátua ou busto, conforme nos referimos no início desta matéria, são Inácio da Catingueira, Antônio Marinho e Manuel Galdino Bandeira, respectivamente, em Piancó (PB), São José do Egito (PE) e São José de Piranhas (PB). Inácio da Catingueira foi o grande poeta escravo do século passado; Antônio Marinho, o maior humorista da viola de todos os tempos e Manuel Galdino Bandeira, menestrel de inspirada musa e grande fama, patriarca de um clã de poetas, todos de alto quilate. Aliás, Manuel Galdino não apenas tem um busto em sua homenagem, mas também uma praça, conforme nos informou recentemente o poeta Pedro Bandeira, seu neto.

Miguel Peixoto — (TC 5.8.81)

Comemora-se Centenário de H. FIRMEZA na Sede da A.C.I.

Às 17 h de hoje, na sede da Associação Cearense de Imprensa, em sessão especial que contará com a participação de jornalistas, familiares e amigos, será comemorado o centenário de nascimento de Hermenegildo de Brito Firmeza. Falará na ocasião o jornalista Luís Sucupira. Seguir-se-á na Paróquia da Paz a realização de missa solene, às 18 h 30 min, mandada celebrar pela família do ilustre confrade desaparecido.

O JORNALISTA

H. Firmeza, como se tornou conhecido não só na imprensa e na advocacia, mas também no magistério, nasceu na cidade do Crato, no Cariri, no dia 7 de maio de 1881 e falecido em Fortaleza aos 9 de março de 1961. Jornalista, advogado, professor e também juiz, não é fácil destacar qual a atividade que exerceu com mais brilhantismo, porque, em todas elas, o destemor, a inteligência e a cultura foram os traços mais característicos e visíveis.

Começemos pelo jornalista, esclarecendo que ingressou na imprensa no "Unitário", junto com João Brígido, produzindo artigos e notas de redação. Trabalhou no "Jornal do Ceará", no "Diário do Ceará" e fundou a "Folha do Povo", e, finalmente, exerceu as funções de Redator-Chefe do "Correio do Ceará", ao tempo de A. C. Mendes.

Ao lado de Waldemiro Cavalcante, Agapito dos Santos, Américo Facó e tantos outros, H. Firmeza constituía a trincheira avançada do jornalista oposicionista, exercendo uma militância efetiva contra a oligarquia que durante muitos anos dominou o Ceará, campanha finalmente vitoriosa.

Defendendo os pontos de vista de seu partido — o Partido Democrata — escrevia artigos de fundo político e simultaneamente, enfocando teses jurídicas, destinados, diariamente, ao "Correio do Ceará" (vespertino) e "Diário do Ceará" (matutino).

Depois de 1930 passou a escrever crônicas leves, dentro de um novo estilo, a partir de uma "conversa" com um hipotético verdureiro, como centro era a crítica aos fatos do cotidiano, particularmente os problemas que de modo mais direto, afligiam as camadas mais empobrecidas da sociedade. Nos últimos tempos de sua atividade, sua colaboração se fazia em "Gazeta de Notícias" e no "Diário do Povo", de Jäder de Carvalho.

O ADVOGADO

As atividades de H. Firmeza como advogado, tiveram início em 1901, na sua cidade natal, quando obteve do então Tribunal de Apelação a sua primeira provisão (23 de fevereiro), passando a atuar, igualmente, nas comarcas de Assaré, Barbalha, Iguatu, Icó, Senador Pompeu, Milagres, Jardim e Lavras da Mangabeira.

Em 1913, já residindo em Fortaleza, conquista nova provisão desta vez perpetua, junto ao mesmo Tribunal e sob a presidência do desembargador Francisco Antônio de Oliveira Praxedes (3 de outubro). Em 1933 inscreveu-se na Ordem dos Advogados.

Durante muitos anos foi chamado a patrocinar grandes causas, notadamente perante o antigo Tribunal de Apelação (hoje de Justiça), quando teve oportunidade de medir seus conhecimentos jurídicos e sua cultura geral, ombreando-se aos mais desta-

cados advogados do nosso Forum.

Dezenas de arrazoados de sua autoria foram publicados, debatendo os mais variados aspectos do Direito, inclusive as ações pelas quais lutou, na Justiça Federal, pleiteando reparação pelos danos praticados por jagunços quando da chamada revolução de Juazeiro.

O PROFESSOR

O "curriculum vitae" de H. Firmeza registra, como sua primeira atividade no magistério, sua nomeação para o cargo de diretor da Escola de Aprendizes Artífices do Ceará, em 1912 (20 de agosto), depois transformada em Escola Técnica Industrial. No dia 18 de novembro do ano seguinte, foi nomeado lente (interino) de História da Civilização do Liceu do Ceará. Efetivou-se por força de uma prova de habilitação e a comissão que o examinou era constituída dos professores Martinz de Aguiar, Ermínio Araújo e Eduardo Mota. Também foi designado para reger as turmas suplementares, incluindo-se as turmas de várias séries do Curso Noturno.

Em 1947, completando 35 anos de serviço público, aposentou-se nas duas cadeiras que ocupava. Martinz de Aguiar, reconhecendo sua capacidade, talento e cultura, chamou-o de "notabilíssimo professor".

A atuação política de H. Firmeza teve uma ligação muito estreita com o jornalismo. Muito combativo na imprensa e tendo contribuído, de modo positivo, para a deposição da oligarquia que dominava o Ceará, logo elegeu-se deputado estadual, escolhido, posteriormente, líder do Governo na Assembléia Legislativa. Desempenhou sua missão com dignidade e elevação, empenhando-se em campanhas políticas que marcaram época no governo de Franco Rabelo, na interventoria de Setembrino de Carvalho e no governo de Benjamin Barroso.

No governo Justiniano de Serpa, H. Firmeza foi eleito para a Câmara

Federal. Durante três legislaturas — de 1921 a 1930 — destacou-se entre os seus pares, tendo sido Secretário da Câmara e sempre que ocupava a tribuna o fazia em defesa dos interesses do Ceará e da política do Estado.

Deposto Washington Luís e fechado o Congresso Nacional, H. Firmeza retornou ao Ceará, reintegrando-se à atividade jornalística, sempre em oposição aos governos estaduais. Mais tarde (já então desfrutando das simpatias dos "tenentes"), resolveu abandonar a política, transferindo sua participação ao filho mais velho Pedro Firmeza, depois eleito deputado estadual, deputado federal, sem esquecer que exerceu a Interventoria no Governo do Marechal Dutra.

O JUIZ

Em 1930, depois da dissolução do Congresso, H. Firmeza retornou ao Ceará e, no ano seguinte passou a exercer uma nova e importante função pública — a de vogal (alheio aos interesses profissionais) no Conselho Regional do Trabalho, hoje Tribunal Regional do Trabalho.

No exercício dessas funções, manteve o mesmo espírito sereno que lhe era habitual, particularmente porque estava consciente da relevância social da justiça trabalhista, de cujos princípios se assenhorou, de modo a oferecer segura interpretação nos seus votos sempre bem fundamentados.

SÓCIO HONORÁRIO

H. Firmeza é o sócio honorário nº 1 da Associação Cearense de Imprensa. A homenagem lhe foi prestada quando da realização, em Fortaleza, de um Congresso Nacional de Jornalistas, quando todos os congressistas ficaram de pé. Pronuncia um eloquente discurso de encerrando agradecimento, naquele ato solene, sua vida jornalística, sua militância na imprensa. Tal fato ocorreu no dia quatro de agosto de mil novecentos e cinquenta e nove.

DESCENDENCIA

Filho de Manuel Rodrigues Firmeza e Antônia de Brito Firmeza, Hermenegildo Firmeza era casado com D. Bárbara de Brito Firmeza. Do consócio nasceram 14 filhos: Pedro Firmeza (falecido), formado em Direito, ex-deputado estadual e federal, ex-interventor federal no Ceará, Ministro do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro; Lígia Firmeza de Sousa, viúva do Dr. José Bonifácio de Sousa; Clóvis, falecido aos oito anos de idade; Milton de Brito Firmeza, servidor público, Mozart de Brito Firmeza (falecido) servidor público e escritor; Virgílio de Brito Firmeza, formado em

Direito, desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Ceará, Sandoval de Brito Firmeza (falecido), servidor público; Hugo de Brito Firmeza, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Vinício (falecido), servidor público federal; Olga, (falecida), solteira; Paulo (falecido), formado pela Faculdade de Odontologia do Ceará; Ruth Firmeza de Brito, casada com o servidor público federal Geraldo Carvalho Brito; Rui de Brito Firmeza, formado pela Faculdade de Direito do Ceará, e Nilo de Brito Firmeza (Estrigas), odontólogo, escritor e pintor.

O Povo — 7.5.81

O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE HERMENEGILDO FIRMEZA

Discurso proferido pelo Senador MAURO BENEVIDES na Sessão realizada em 7 de maio de 1981 no Senado Federal

O SR. MAURO BENEVIDES (PMDB — CE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

O Ceará reverencia, hoje, em meio a significativas comemorações, o transcurso do centenário de nascimento de Hermenegildo Firmeza, vulto exponencial de sua história, com marcante atuação, durante várias décadas, na política, no jornalismo, na advocacia, na judicatura trabalhista, no magistério.

O Congresso Nacional, a que ele pertenceu, como Deputado, nas legislaturas de 1921 a 1930, não poderia omitir-se no enaltecimento de sua memória, associando-se, desta forma, às manifestações que, no meu Estado, estão sendo levadas a efeito para assinalar um evento de tanta expressividade, que transcende os limites de uma programação a cargo de sua ilustrada descendência, para ganhar a

adesão das autoridades e da própria comunidade que ele sempre soube honrar e engrandecer.

Por assim entender a efeméride, foi que o eminente Senador Almir Pinto e eu deliberamos submeter à consideração desta Casa um requerimento para que o Expediente da presente Sessão se destinasse ao realce da vida e da obra de Hermenegildo Firmeza, na defluência do centésimo ano de seu nascimento.

A anuência do Plenário, para que se prestasse, aqui, o tributo do nosso reconhecimento ao inolvidável coetadano, sensibilizou-nos sobremaneira, valendo como merecido testemunho de gratidão a um brasileiro dos mais cultos e nobres, cujo talento privilegiado e cultura polimorfa sempre estiveram a serviço do Ceará e do País.

Deixando o Crato, sua terra natal, e o Assaré, onde viveu alguns anos, em demanda de Fortaleza, impregnado

de idealismo e força de vontade inextinguíveis, Hermenegildo Firmeza, trabalhando durante o dia e estudando à noite, impõe-se gradativamente diante da nossa sociedade, granjeando a admiração e o respeito dos seus contemporâneos e a consagração duradoura da posteridade.

Em todos os momentos de sua dinâmica trajetória, o *jornalismo* foi sempre a sua atividade preferencial, para cujo desempenho se sentia verdadeiramente vocacionado, escrevendo desde os artigos de fundo, no *Unitário*, de João Brígido, no seu *Folha do Povo*, no *Jornal do Ceará*, no *Diário do Ceará*, no *Correio*, do saudoso A. C. Mendes, até as notáveis crônicas, na terceira página da *Gazeta de Notícias*, redigidas em estilo ameno, que embevecia os seus numerosos leitores.

Os grandes instantes da política cearense refletiam-se no fulgor de sua pena, ora utilizado para causticar oligarquias dominantes, ora para defender os postulados do Partido Democrata a que se filiou, transformando-se em um dos seus líderes mais preeminentes.

Impelido a colaborar simultaneamente, no *Diário do Ceará*, de circulação matutina e no conceituado vespertino *Correio do Ceará*, era extraordinária a sua versatilidade na exposição de um mesmo tema, enfocado sob ângulo e argumentação diferenciados.

A convite de Jader de Carvalho escreveu algum tempo, no *Diário do Povo* e, atendendo ao apelo de Paulo Maranhão, permitia que os seus artigos fossem transcritos na *Folha do Norte*, editada em Belém do Pará.

Ao realizar-se, em 1959, na cidade de Fortaleza, o III Congresso Nacional de Jornalismo, com a presença de Herbert Moses, Hermenegildo Firmeza foi alvo das atenções de todos os participantes do Conclave, ao ser-lhe conferido o título de Sócio Honorário

nº 1, da Associação Cearense de Imprensa — láurea que o emocionou, após tantos anos de labuta continuada no periodismo alencarinco.

Falando, na ocasião, em nome da ACI, o escritor João Climaco Bezerra ressaltou lapidamente:

“A *Folha do Povo* foi a vossa trincheira. Nela vos revelastes o lutador intemorato, o homem invencível que não sabia recuar diante dos perigos e ferocidades dos dominantes. A oposição foi o vosso clima. Mas nem por isso deixastes de ser um homem de jornal no mais amplo e completo sentido da expressão. Vossos editoriais, artigos de fundo como se se chamavam então, que tanto deslumbramento causavam ao menino sertanejo, orientavam e dirigiam a opinião pública. E estabelecia-se com estímulo às vossas campanhas, aquela comunhão entre o jornal e o povo, o primeiro abrindo caminhos à inteligência e compreensão dos fatos e o segundo amando e seguindo essas diretrizes quase oraculares.”

João Brígido — que o teve ao seu lado por alguns anos — nunca deixou de acompanhá-lo de perto, estimulando-o a prosseguir na faina que se traçara, sempre dentro de normas éticas inarredáveis.

E a prova maior do seu grande apreço a Hermenegildo Firmeza nós encontramos na doação da *caneta* com que escreveu, por apreciável lapso de tempo, as matérias constantes das páginas de *Unitário*.

Diz João Brígido, na missiva datada de 27 de julho de 1910:

“Amigo H. Firmeza:

Suceda-me na posse deste brinde de honra, pois que me auxiliado em merecê-lo dos nossos amigos, assim pelo seu talento e esforço, como pela sua dedicação e lealdade. É você ainda o mais digno da sucessão, por isto que,

como eu, se fez por si mesmo do barro humilde que outros pisarão.

Aceite e se tenha em conta de merecedor de prova maior de estima e gratidão."

Como político de militância ativa, o homenageado desta tarde foi detentor de sucessivos mandatos, como deputado à Assembléia legislativa do Ceará e à Câmara Federal, cumprindo-os com exemplar proficiência, sempre em meio à irrepreensível dignidade e altivez.

À época de Franco Rabelo, de Setembrino de Carvalho, de Benjamim Barroso, a sua presença na tribuna parlamentar do Estado era assinalada pela segurança das intervenções e a altaneria dos posicionamentos, o que servia para consolidar o seu prestígio junto aos Pares e à opinião cearense.

Na gestão Justiniano de Serpa, Hermenegildo de Brito Firmeza viu-se eleito para a outra Casa do Congresso, iniciando em 1921 uma nova etapa de sua profícua jornada, interrompida com a Revolução de 1930.

Na Câmara despontou como um de seus membros mais atuantes chegando, inclusive, a compor a Mesa Diretora, na condição de 4º Secretário.

Ao ocupar a tribuna, prendia a atenção de seus colegas, que o apartavam e aplaudiam, em discursos que obtiveram repercussão na grande imprensa do País.

Quando do falecimento de João Brígido, fez-lhe o necrológio em palavras repassadas de emoção, como se infere do seguinte trecho, inserto nos Anais da Câmara (sessão de 17 de outubro de 1921):

"Como lutador, Sr. Presidente — são palavras de Hermenegildo Firmeza —, João Brígido foi um dos maiores que, na minha vida, pude conhecer. Era de ver como esse homem, de um talento maravilhoso, e de uma resistência

heróica, aos 90 anos de idade, ainda redigia, ele sozinho, um jornal de combate — *O Unitário* — que era um dos mais brilhantes panfletos que se tem publicado no Norte do País. Aos 90 anos, repito, deitado em um sofá, com as cinzas lhe cobrindo os olhos, porque estava completamente cego, ele ditava todo *O Unitário*, desde o artigo de fundo até ao mais simples noticiário.

Como lutador, João Brígido era inigualável. De uma feita me dizia ele: "Meias brigas não servem".

E brigas inteiras ele as teve em todas as fases de sua vida."

Comentando, na sessão de 7 de junho de 1923, um *suelto* sobre a política do Ceará, publicado em jornal do Rio de Janeiro, assinalava o nosso inesquecível conterrâneo:

"Felizmente para o meu Estado, eu digo em boa hora, nunca houve uma época em que a sua política se encontrasse tão consolidada, tão firmada como neste momento. Mas o referido *suelto* diz que o Presidente Serpa, "apavorado com as dificuldades que lhe poderia criar o partido que se opôs à sua candidatura (e é aí que se deve ir buscar o autor dessa perfídia), indicou para primeiro vice-presidente o cidadão que melhor encarnava a política de ódios e perseguições dos ominosos tempos dos salvadores".

Ora, Sr. Presidente, o cidadão que ocupa o cargo de Vice-Presidente do Ceará é assaz conhecido desta Câmara. É o Sr. Ildefonso Albano, que com muita honra para meu Estado já o representou nesta Casa, por duas legislaturas, emprestando sempre ao seu mandato o maior brilho, porque nunca se serviu dele senão para pugnar, aqui, pelos altos interesses da sua terra. Esse parti-

do, que se opôs à candidatura do Sr. Justiniano de Serpa, não podia, de modo algum, ocasionar o pavor a que alude a publicação a que me refiro."

Nas Comissões Técnicas da Câmara, em pareceres judiciosos, fez-se sentir o seu fecundo labor, ensejando-lhe o alicerçamento de invejável conceito como parlamentar criterioso e competente, identificado com os problemas vividos então pelo País.

Com a dissolução do Congresso, em 1930, voltou ao Ceará, reassumindo a sua cadeira de História da Civilização no antigo Liceu, hoje Colégio Estadual, transformando-se em mestre dos mais acatados de turmas sucessivas, das quais recebia permanentemente demonstrações de alta deferência e carinhosa estima.

As suas aulas transformavam-se em fórum de debates também de problemas da atualidade, vinculados a fatos do passado, dos quais eram extraídas percucientes ilações.

Como seu colega de Corpo Docente do Liceu, o filólogo Martinz de Aguiar costumava chamá-lo de "notabilíssimo professor", por sua fulgurante inteligência e abalizados conhecimentos de História Geral.

No exercício da advocacia — como incomparável autodidata — teve marcante atuação, inclusive junto ao Tribunal de Apelação do Ceará, debatendo com mestres do Direito assuntos jurídicos, fazendo-o sempre com invulgar desenvoltura e pleno conhecimento da matéria abordada.

Ao ser instituído o Conselho Regional do Trabalho, que se transformou no hoje Tribunal do Trabalho da 7ª Região, Hermenegildo Firmeza passou a integrá-lo na condição de *Vogal* alheio aos interesses profissionais, buscando, dentro da serenidade de seu temperamento, estabelecer o equilíbrio entre as partes litigantes, inspirado nos salutares princípios da justiça social.

Consoante com Dona Bárbara de Brito Firmeza constituiu prole numerosa, 14 filhos, aos quais legou, como patrimônio maior, uma vida ilibada, de sacrifícios e de glórias, lembrados palidamente nestas aligeiradas considerações.

São seus filhos:

Pedro Firmeza, seu filho mais velho, herdou a liderança política, sendo deputado federal e à Assembléia Legislativa, ascendendo à chefia do Poder Executivo Estadual, na condição de interventor, na fase que se seguiu à redemocratização, em 45; faleceu em 1965 como Ministro do Tribunal de Contas da União;

Lígia Firmeza de Souza, viúva do historiador e líder católico José Bonifácio de Souza, funcionário proibido do Banco do Brasil, que chegou a ocupar os mais elevados cargos da hierarquia funcional;

Milton de Brito Firmeza, destacado funcionário da Fazenda Federal, responsável, durante muitos anos, pela Exatoria de Caucaia, na área metropolitana da grande Fortaleza; genitor do Deputado Erbe Teixeira Firmeza, continuador da liderança política do seu avô;

Mozart de Brito Firmeza, servidor público e escritor de mérito consagrado;

Virgílio de Brito Firmeza, jurista notável, que, após escalonar brilhantemente pelo Ministério Público, foi alçado ao Tribunal de Justiça, exercendo a Presidência do Poder Judiciário com excepcional descortínio, da mesma forma como o fez no Tribunal Regional Eleitoral;

Sandoval de Brito Firmeza, antigo servidor da Rede Viação Cearense, na qual exerceu importantes chefias do setor de pessoal, falecendo recentemente;

Hugo de Brito Firmeza, médico, radicado no Rio de Janeiro;

Vinício de Brito Firmeza, servidor federal, desaparecido em 1941;

Olga de Brito Firmeza, inupta, falecida em 1950;

Paulo de Brito Firmeza, mestre da odontologia, professor de nossa Faculdade, já desaparecido;

Ruth Firmeza de Brito, casada com Geraldo de Carvalho Brito;

Rui de Brito Firmeza, bacharel em Direito, procurador do Tribunal de Contas do Estado, com prestígio nos círculos sociais, jurídicos e administrativos do Ceará;

Nilo de Brito Firmeza, odontólogo, escritor e pintor (sob o pseudônimo de Estrigas), com destacada atuação nas artes plásticas, de cujas entidades representativas tem feito parte em cargos de direção.

Todos os filhos de Hermenegildo Firmeza, com as respectivas famílias, unem-se, hoje, para cultivar a memória do saudoso patriarca, com a espontânea solidariedade da sociedade cearense, através de seus vários segmentos.

A Secretaria de Cultura do Ceará fez divulgar alentado esforço biográfico sobre a personalidade inconfundível de Hermenegildo Firmeza, no qual se inseriu longo artigo de Herman Lima sobre as suas crônicas escolhidas.

Ao terminar a sua lúcida apreciação, afirma Hermes Lima:

"Daí o interesse que nos despertam essas crônicas, ponto de partida para muitas lembranças de coisas e gente de um tempo que vai ficando já distante. Sua leitura renova assim o melancólico encanto de reviver dias idos, é sem dúvida uma das raras compensações de quem passou da casa do meio século."

Sr. Presidente:

Hermenegildo de Brito Firmeza — sob pena de cometer a bancada cearense nesta Casa falha imperdoável — não poderia deixar de ser lembrado, hoje, na transcorrência do centenário de seu nascimento.

O político clarividente e destemorado; o jornalista brilhante e intrépido; o professor abalizado e lúcido; o advogado criterioso e atuante; o juiz sereno e justo, encarnados no inesquecível cearense do Crato — tudo isso teria que ser repassado neste dia de recordação e de saudade.

O Ceará, Srs. Senadores, enaltece o seu ilustre filho, que tanto soube dignificar a nossa terra e a sua gente! (*Muito bem! Palmas.*)

SENADOR ALMIR PINTO DESTACA FIGURA DE HERMENEGILDO FIRMEZA

O senador Almir Pinto, do PDS, destacou no Senado da República, o centenário de nascimento do saudoso jornalista e escritor, Hermenegildo de Brito Firmeza, com o seguinte pronunciamento:

"Nas páginas setinosas do tempo, vamos encontrar o registro de nascimento, de uma das figuras que mais dignificaram o Ceará: Hermenegildo de Brito Firmeza, nascido a 7 de maio de 1881, exatamente hoje defluindo a

data centenária, se vivo ainda fosse! está envolto no crepe de incontida saudade.

Filho da cidade do Crato, no Ceará, muito jovem ainda, H. Firmeza, como era tradicionalmente conhecido, passou a dar asas à sua inteligência privilegiada, e a esboçar uma vocação que lhe parecia inata, a de lutar pelos direitos humanos, já àquela época, entendido por ele constituir patrimônio inviolável de pessoas humanas.

Iniciou-se, na advocacia, enfrentando as dificuldades da vida interiorana, onde o caciquismo medieval tinha raízes profundas, mas nem por isso, amorfina-lhe a energia de suas atitudes ou embassaria a sua fluente oração quando alterava a voz na tribuna do júri popular.

Desta primeira fase de sua vida, guardava a mais grata recordação, porque nela aprendeu o que de bom poderia tirar para as andanças futuras, tal a experiência e ensinamentos que o mundo lhe ofereceu.

Chegado à Metrópole, não tardou definir-se na vida pública, tornando-se político combativo e autêntico, pelo próprio temperamento que herdara dos seus ancestrais.

Ingressou no jornalismo, escrevendo nos principais órgãos da imprensa cearense, fundando jornal — A Folha do Povo — e tornando-se o apreciado editorialista do Jornal "CORREIO DO CEARÁ", de A. C. Mendes, cujos artigos se constituem em leitura obrigatória, pelos conceitos emitidos de ordem social, política e econômica.

Homem de oposição, contemporâneo de uma fulgurante inteligência do jornalismo cearense, o inolvidável João Brígido, formavam os dois, uma dupla de notável desenvoltura cultural, fonte onde abeberaram-se expressivas figuras da imprensa alencarina, e que tanto sucesso marcaram na vida jornalística do País.

H. Firmeza teve candente atuação na história política do Ceará, chegando à Câmara Federal, pela vontade dos seus coestaduanos.

Com a Revolução de 1930, voltaria à vida privada, integrando-se de corpo e alma ao magistério, sem abdicar ao jornalismo já que era um complemento de sua própria existência.

Conheci o jornalista — e o professor H. Firmeza. Nutria por ele profunda admiração e apreciava-lhe a compostura e a lhanesa de trato. O destino traria para mim uma supresa:

seria um dos seus filhos — Pedro Firmeza, como interventor Federal no Ceará, que me nomearia Prefeito Municipal de Maranguape, quando o País, na sua reconstitucionalização, tinha na Presidência da República a figura singular de um Eurico Gaspar Dutra, o General, que pelas suas peregrinas virtudes, constituiu-se uma das fulgurantes expressões do Exército Brasileiro.

Este registro o faço, para demonstrar que Hermenegildo Firmeza, ao se constituir em um grande patriarca, soube imprimir à sua prole, uma orientação segura, encaminhando os filhos para uma vivência compatível com a dignidade humana.

A quase todos conheci, e amigos de todos me tornei!

Destaco, neste instante, o nome do probo magistrado, desembargador Pedro Firmeza, que tanto honrou a mais alta Corte de Justiça do meu Estado.

E não omitiria o nome do Ruy Firmeza, um dos mais jovens rebentos da família Firmeza, aquele que mais de mim se aproximou e por quem nutro a mais sólida amizade.

Sr. Presidente e Srs. Senadores:

Neste singelo registro da passagem da data centenária de Hermenegildo de Brito Firmeza, e quando o Senado da República reverencia a sua memória, procurei, senão corresponder a expectativa dos meus ilustres pares, mas ao menos concorrer com o melhor sentimento que me vai n'alma, para esmaltar um pouquinho o brilho desta homenagem que a mais alta Câmara do País presta a um ex-parlamentar, que em vida tanto dignificou o Congresso Nacional.

Fui buscar no íntimo do meu ser, aquelas passagens que a imaginação fixou, da vida de um homem que foi um padrão de honradez a ser seguida pelos posteriores.

Afirmam os sábios que a verdadeira e legítima devoção aos sádios preceitos de uma existência natural, afigura-se

Instalação do "Banco do Cariry"

COPIA AUTENTICA DA ACTA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE
INSTALAÇÃO DA SOCIEDADE COOPERATIVA
DE RESPONSABILIDADE LIMITADA BANCO DO CARIRY.

Aos oito dias do mês de Setembro do anno de mil novecentos e vinte um nesta cidade do Crato, Estado do Ceará, no prédio número 49, à rua Senador Pompeu, às treze horas, compareceram quarenta sócios fundadores da Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada — "Banco do Cariry" que inscreveram os seus nomes no livro de presença; e Dr. Irineu Nogueira Pinheiro, presidente nomeado, assumiu a presidência e convidou a S. Excia. Rvdma. D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, presidente de honra da sociedade, de accordo com a letra dos estatutos, a presidir à sessão. Assumindo a pre-

sidência, S. Excia. Rvdma. convidou o snr. Ignácio de Loyola Alencar para secretário. Pelo presidente foi declarado que, devendo a Assembléia deliberar sobre a aprovação dos estatutos que já foram lidos na sessão solene de fundação e publicados pela imprensa e sobre a constituição da sociedade e ainda sobre a indicação feita dos nomes que constituem a parte dirigida da sociedade, submettia à discussão êsses assumptos e dava a palavra a quem della quizesse usar; e como ninguém a pedisse, foram os estatutos submettidos à votação e unânimemente approvados, bem como a referida indicação da Directoria. Em

como um sinal infalível, um caráter especial de predestinação, que distingue àqueles que hão de entrar um dia na posse indisputável da eterna bem-aventurança.

Acredito que Hermenegildo Firmeza, haja sido um predestinado, porque não se distingue em que ponto de sua vida, ele foi mais admirável: Bom esposo, bom pai, bom jornalista, bom professor e bom politico.

Muitos e grandes pecados, como pessoa mortal, poderia ter cometido, mas foram superadas pelo retilíneo proceder de homem cristão e cheio de fé.

Poder-se-ia dizer, que os homens immortalizam os séculos e as boas obras immortalizam os séculos e os homens, as boas obras que são o firme pedes-

tal da glória e a misteriosa escada do céu; isto porque, mesmo com o passar dos anos, nem o desprezo e nem o esquecimento conseguirão jamais apagar a memória ingente dessas almas adamantinas, que passando pelo mundo como os meteoros pelo espaço, deixaram após si um rastro de luz, fúlgido como o sol, e eterno como a verdade, o rastro de luz das suas boas obras.

Hermenegildo de Brito Firmeza, no decorrer de sua vida terrena, procurou sempre trilhar o caminho da dignidade, enfrentando com sombriância as vicissitudes da vida, procurando deixar aos descendentes, o rastro de luz do que de bom pode fazer pela família e pela Pátria".

Correio do Ceará — 03.06.81

seguida, o presidente declarou instalada a Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada "Banco do Cariry", a qual é constituída por quarenta sócios fundadores que subscreveram mil acções na importância de cinquenta contos de réis (Rs. 50:000\$000), tendo sido recebida já por conta dellas a quantia de dezesseis contos, seiscentos e oitenta mil réis (Rs. 16:680\$000) e mais duzentos mil réis (Rs. 200\$000) relativos às jóias de admissão cujas quantias foram recolhidas ao cofre da sociedade. Suspendeu-se a sessão enquanto se lavrou a presente acta; reabrindo-se em seguida, foi posta em discussão. Usou nesta occasião da palavra o snr. Pedro Albuquerque Uchôa, ajudante de Inspector Agrícola, congratulando-se pela criação do "Banco do Cariry" e felicitando S. Excia. o snr. D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, a directoria e demaes sócios, offerecendo aos agricultores os préstimos e serviços da Inspectoria Agrícola a seu cargo. E nada mais havendo a tratar, o snr. Presidente declarou encerrada a sessão. Eu Ignácio de Loyola Alencar, secretário, lavrei a presente acta que vae assignada pelo presidente de honra e o effectivo e demaes directores e sócios presentes e por todos approvada. aa) Dom Quintino Bispo Diocesano, Dr. Irineu Nogueira Pinheiro, Presidente, Pe. Joviniano Barreto, Vice-Presidente, José Alves de Figueiredo, Joaquim Alves Pereira, Antônio Fernandes Lopes, Antônio Esmeraldo, João Ranulpho Pequeno, José Bezerra de Britto, Pe. Vicente Sother de Alencar, Ignácio de Loyola Alencar, Antônio Soares de Alencar, Joaquim Caliope de Araújo, Juvêncio Barreto,

Antônio Leite da Silva, Sabino de Almeida Pires, Dr. Audálio Costa, Pe. Francisco de Assis Feitosa, José Leite Alvares Cabral, Raymundo de Norões Milfont, Pe. Manoel Feitosa, Pe. Francisco de Assis Pitta, Raymundo Duarte Pinheiro, Pe. Manoel de Alcântara, Mário Teixeira Mendes, Aurélio Belém de Figueiredo, Cirurgião Dentista, Antônio Fernandes Telles, Pela Diocese do Crato D. Quintino, Bispo Diocesano, Capella de S. Antônio de Missão Nova, por seu procurador, Pe. Azarias Sobreira Lobo, Paróchia de Sant'Anna de Iguaçu, por seu procurador Pe. Azarias Sobreira Lobo, Paróchia de S. Vicente Ferrer, de Lavras, por seu procurador Pe. Azarias Sobreira Lobo, Paróchia de N. Senhora dos Milagres, por seu procurador Pe. Azarias Sobreira Lobo, Paróchia do Sagrado Coração de Jesus, de Brejo Santo, por seu procurador, Pe. Azarias Sobreira Lobo, Paróchia de Sto. Antônio de Jardim, por seu procurador Pe. Azarias Sobreira Lobo, Paróchia de N. Senhora das Dores de Juazeiro, por seu procurador Pe. Azarias Sobreira Lobo, Capella de Nova-Olinda, da freguezia de Sant'Anna, por seu procurador Pe. Azarias Sobreira. Viúva J. Fernandes & Filhos, Philemon Fernandes Telles, Antônio Luiz Alves Pequeno, Pedro Augusto Pequeno".

N. R. — O Banco do Cariri posteriormente foi fundido ao antigo Banco do Juazeiro, formando o Banco Industrial do Cariri, depois Banco Industrial do Ceará. Dos que assinaram a ata somente resta vivo Joaquim Caliope.

Tipografia e Pap. do CARIRI

uma tradição em bons impressos...

Rua Dr. João Pessoa, 380/386 - FONE: 521-1223 - CRATO-Ceará

Romanceiro de Bárbara

Já tive a oportunidade feliz e honrosa de apresentar o livro de estréia de meu amigo Caetano Ximenes Aragão: "O Pastoreiro da Nvem e da Morte", título que, por si só, já diz do seu compromisso com os elementos poéticos. Volto a fazê-lo, já agora em relação à sua segunda obra: "Romanceiro de Bárbara". Ontem como hoje, são iguais os sentimentos, quase uma sensação de triunfo próprio. É que Caetano e eu somos irmãos espirituais, particularmente no plano da arte — em termos mais específicos, da poesia. E nada que aproxime mais os homens do que a comunhão de idéias. Vivemos ambos os mesmos desafios que a arte nos oferece: as suas perplexidades, o seu mistério, as suas indagações, as suas angústias. Eu, pelo menos, não esqueço a lição de Ciro dos Anjos: "O livro é uma délivrance, da concepção à crítica". Citamos autores, críticos, recorremos a definições, comentamos o último livro, sem que, todavia, possamos decifrar o mistério dessa mulher esquiva, que é a arte, as suas mil faces, a sua permanente cara de esfinge. E mais fazemos: enveredamo-nos pelos caminhos da infância (tão ricos de jogo lúcido) e recordamos experiências e vivências de um chão rude e honesto, de uma gente sofrida (ambos somos do sertão) que se cristalizaram na nossa sensibilidade, para expressão maior da nossa dor e participação.

Não aceitamos, os dois, a afirmação leviana de que a poesia está morta, porque isso seria proclamar a morte do próprio homem. Poetas somos, e seremos, todos nós, pelos sentimentos, pela emoção, ou pela obra expressa, que é privilégio de alguns, como acontece agora. Quando muito, admi-

timos que a poesia viverá uma crise, resultante de equívocos, de um pragmatismo exagerado, das conquistas tecnológicas da linguagem e crença dos economistas, tudo a culminar no robô, na bomba atômica, enfim, na cibernética. Mas a poesia é tão pródiga e eterna que recorre a esses mesmos desvios ou valores (em algum caso), para os transformar em mensagem ou vaticínio, porque o poeta é um profeta. Ela, a poesia, por assim dizer, se revigora, renasce das cinzas. Ai estão para comprová-lo o imenso crime de Hiroxima e o canto aos astronautas motivos insistentes da nossa literatura.

Essa poesia será talvez tanto maior quanto praticada por poeta-médico, como é o caso desta noite. É que o médico, por ofício, é um íntimo da dor, da angústia e da morte, e se sensível, rica será a sua denúncia. De resto, quanto a Caetano Ximenes Aragão (o que mais o engrandecerá), ele vê o doente, o paciente, no seu todo psico-social, na sua tragédia familiar ou coletiva, porque ele sabe que é o social que plasma, em princípio, os grandes desajustamentos. Ele cura a ferida, mas auscultará também a angústia e a solidão. Talvez por isso mesmo (imediatamente à parte), seja a literatura deste país tão rica de médicos, desde um Guimarães Rosa a um Pedro Nava, falar apenas dos mais recentes e de prestígio maior nas nossas letras.

Meus senhores: No livro que ora lhes apresento o canto de Caetano Ximenes Aragão é fundamentalmente à Liberdade, simbolizada na grande heroína Bárbara de Alencar. Não sou eu quem o diz, é o próprio poeta em versos magistrais:

"reencontrei Bárbara
sem estar perdida
que de liberdade
foi a sua vida".

Ou:

"Bárbara não tinha idade
tinha a idade da liberdade".

Ou ainda, nesta revelação poderosa:

"levem meu canto
em contra canto
ao último homem
que acreditar
que a liberdade
mesmo morrendo
um dia nasce
prá se cantar".

Por sinal, há no poema uma estrofe (transfiguração da liberdade) de que o autor faz refrão, como alician-te recurso ao início de cada canto. Ei-la:

"A ave da madrugada
canta de noite e de dia
é sua maldição cantar
cantares de rebeldia
e aquele que ouvir seu canto
nunca mais se concilia
será sempre um encantado
da ave da madrugada".

Tenha-se aí a madrugada como símbolo do que é livre, em sangue e luz, e renasce em cada manhã no coração dos homens.

Bárbara de Alencar foi a imagem desse acreditar perene ar da vida e campo largo, particularmente, para o exercício da arte abrangente, sem o qual, ela, arte, fenecerá, pois uma de suas funções é ainda denunciar a injustiça e a tirania vesga.

Bárbara de Alencar é a heroína, de certo modo, esquecida, mais que bem se alteia à grandeza de uma Maria Quitéria, Joana Angélica, Anita Garibaldi ou uma Ana Néri, como bem destaca o autor em registro histórico

apenso ao livro. Participou, aos 57 anos de idade e ao lado dos filhos mártires, da revolução de 1817, de inspiração libertadora e republicana. A primeira presa política de toda a história do Brasil. A escolha do tema é ainda uma originalidade do poeta tão rico de recursos renovadores: buscou assunto esquecido, para imortalizar quem, por justiça, pedia imortalidade. À sua honestidade o levou (bem o sei), a par da sólida bibliografia consultada, a seguir-lhe o roteiro histórico, feito de sangue, lágrimas e fé, do Ceará ao cárcere na Bahia, onde os próprios verduços se admiraram com a presença insólita daquela mulher única e afirmadora de um ideal.

Se ele, Caetano, se compromissa com o fato histórico, é livre na criação de sua arte, porque assim é necessário. Não teremos no livro o documento árido, senão a mensagem estética que é recriação, fala à sensibilidade, e não à razão.

Sem deixar de ser universal, pelo que recolhe da essência humana, o livro é telúrico: diz-nos de uma heroína nossa, deita razões profundas no nosso chão, recorre a processos poéticos que se confundem com os dos nossos cantadores, numa sugestão de cordel. Veja-se a parte final do poema, em que o poeta convoca os velhos bardos da terra (cego Aderaldo, Romano de Mãe-D'água, Inácio do Píancó, Neco Martins, Chica Barroso e tantos outros), para, pela sua própria voz, glosarem o mote de Bárbara: "que tendo sofrido tanto não seria a derradeira". Mais telúrico ainda quando, ao acompanhar o itinerário marítimo de Bárbara, na sumaca Santo Antonio do Legislador, até a Bahia, não lhe entrega o destino a Deus, mas àquela crença mais popular, do povo, e ali está lançã, "alma dos ventos", "ninfa poderosa".

"protegi Bárbara
em sua travessia".

HOMENAGEM PÓSTUMA A FIGUEIREDO CORREIA

(Discurso pronunciado na Sessão da Câmara Federal de 15-09-81)

Sr. Presidente, Srs. Deputados, comecemos as nossas reflexões evocando o pensamento que Farias Brito pôs no início do seu livro *Finalidade do Mundo*: "Filosofar é aprender a morrer".

Na sua liberdade de criação, em que os recursos são vários desde o heptassílabo ao verso livre, mas pleno de significação, o poeta não esquece sequer os amigos, que com ele comungam por identidade sensível. E ali estou eu, generosamente, e estão Braga Montenegro, Francisco Carvalho, Blanchard Girão, Raimundo Iran, Francisco Auto.

O verso é pleno de modernidade e achados. Aqui estão alguns ao acaso:

"Os mortos do povo
não estão mortos
estão guardados".

"As prisões fecham mais
do que se abrem

"Assistir a passagem
da escuridão à luz
imprimir nossa voz
implodir nosso grito
explodir nosso canto".

"As dunas do Mucuripe
amanhecem ao longe".

Ou ainda:

"Quanto mais funda a ferida
mais seu canto se ouve".

Se mais não digo é porque o livro não cabe numa breve apresentação. Sei apenas, que é água da fonte, pura e límpida.

Considerava o autor que se o nosso trabalho é uma luta constante, uma reação permanente às influências internas e externas, acumulando elementos para o combate da vida, a verdade é que vamos, do mesmo modo, seguindo para a morte.

Se viver é correr em direção à morte, enquanto se vive é necessário aprender a viver. Uma bela vida é sol no caminho de outras existências. E apanhando nas fontes da sabedoria antiga, veremos que aquele que enfrentou a vida com o conhecimento da morte soube ter coragem transcendental de superar a própria vida e subir às estrelas.

Joaquim de Figueiredo Correia soube aprender a viver e aprender a morrer. Enfrentou com sabedoria e resignação o conhecimento da morte.

Viveu no sofrimento calado as noites intermináveis de agonia. Mais vivas do que a dor, ali estavam presentes a esperança, a fé e, bem nítidos, os sentimentos do homem público exemplar, devotado à sua terra e à sua gente.

Com as palavras de afeto e de saudade, com que pretendemos homenagear o inesquecível companheiro, desejo lembrar uma passagem que vivi ao seu lado, no Hospital Albert Einstein:

"A dor lhe dilacerava o corpo e até parecia que sua agonia ia chegando ao fim. Com palavras entrecortadas pelo cansaço, perguntada, indagada, com insistência, pelo inverno, pelas chuvas que

não caíam em nossa terra:

"Está seco ou chovido o sertão?"

Esta a sua preocupação constante. Custava-me dizer ao companheiro que não havia mais nenhuma esperança de inverno. Para que falar no sofrimento da nossa gente, se, naquele instante, sofrimento maior do que o seu não poderia existir na Terra?

Parecia-me que sua alma queria se desprender, para voar até o Ceará, para ver e sentir o quadro de fome e desespero que se abatia sobre a terra martirizada. Na comoção que não continha as lágrimas, fiquei a repetir para mim mesmo o pensamento esculpido no pórtico da Terra do Sol: "O sertão chovido é terra de encantadoras pastorais" — "o sertão seco é palco dos grandes martírios coletivos."

Figueiredo Correia, Sr. Presidente, exerceu a vida pública como magistério político. Foi exemplar no cumprimento de todos os mandatos que o povo cearense, ao longo de 32 anos, lhe confiou; perfeito na devoção permanente à causa pública.

O Sr. Octacílio Queiroz — Nobre Deputado Paes de Andrade, em nome da Bancada do PMDB da Paraíba, associa-me à homenagem que se presta neste instante à figura inesquecível de Figueiredo Correia, homenagem que está muito bem traduzida através de sua palavra erudita e eloqüente e também da palavra do nobre orador que antecedeu V. Ex.^a, o Deputado Mauro Sampaio. Conheci Figueiredo Correia neste plenário e durante alguns anos de convivência pude admirar-lhe o talento, a serenidade, o equilíbrio e, ao mesmo tempo, o valor combativo de uma das figuras mais expressivas do nosso partido, inclusive no desempenho árduo de Vice-Líder da nossa bancada. A mim, particu-

larmente, na minha opinião, ligava-nos o interesse superior em nossas conversas, em nosso entendimento parlamentar: o amor à terra do Nordeste, o devotamento que ele tinha e que exemplificava de maneira tão clara e tão lúcida aquele seu empenho magistral e sua fulguração. Foi, na verdade, um dos expoentes mais brilhantes que a representação do Ceará já teve nesta Casa. Associa-me a esta homenagem, como paraibano e nordestino, a essa figura imortal de parlamentar que foi Figueiredo Correia.

O SR. PAES DE ANDRADE — Agradeço a V. Ex.^a, o aparte e o incorporo ao meu pronunciamento. O que posso dizer ao Deputado Octacílio Queiroz é que o Ceará haverá de guardar com orgulho, no relicário de sua honra cívica, o nome e a memória de Joaquim Figueiredo Correia.

O Sr. Paulo Lustosa — Permite V. Ex.^a, um aparte?

O SR. PAES DE ANDRADE — Com muita honra.

O Sr. Paulo Lustosa — Deputado Paes de Andrade, eu não tinha a intimidade e a amizade longeva de V. Ex.^a, com o professor Figueiredo Correia, não só porque as nossas gerações nos separavam, mas também porque a minha militância política ainda é recente. Mas acredito que talvez tivesse o que Goethe chamava de "afinidade eletiva", porque creio que eu e o Deputado Figueiredo Correia professávamos os mesmos valores, acreditávamos nas mesmas idéias e assumíamos os mesmos compromissos em relação à dignidade humana. Sei que V. Ex.^a, traduz, talvez mais que qualquer companheiro aqui, não só os sentimentos da intimidade longeva, mas desta "afinidade eletiva", porquanto V. Ex.^a, conviveu de perto em todos os momentos com este homem que foi, acima de tudo, um exemplo de dignidade, de seriedade e de compromisso com sua terra e sua gente. Ao associar-me às palavras de res-

peito, de admiração e de saudade que V. Ex^a., de forma tão brilhante, pronuncia nesta Casa, quero apenas dizer que talvez nos entristeça um pouco que homens tão dignos e valiosos, tão permanentes em termos de História, tenham o seu reconhecimento mais profundo depois do seu passamento e que, às vezes, em vida, não se lhes tenha dado aquilo que realmente mereciam pelas dimensões que representavam na construção da história da sua terra e da sua gente. Trago as minhas homenagens como seu ex-aluno, como alguém que o conheceu e o admirou e sabe certamente que a sua obra, as suas idéias e a sua imagem ficarão para os pósteros de maneira bastante indelével na história do nosso Estado e na história deste Parlamento.

O SR. PAES DE ANDRADE — Agradeço a V. Ex^a. o aparte repassado de muita emoção do ex-discípulo e do companheiro que aqui esteve ao lado de Figueiredo Correia e pôde constatar que o nosso homenageado de hoje honrou todos os postos exercidos nesta Casa.

O Sr. Milton Brandão — Permite-me V. Ex^a. um aparte?

O SR. PAES DE ANDRADE — Com muito prazer

O Sr. Milton Brandão — Ilustre Deputado Paes de Andrade, ouvimos com atenção as palavras de V. Ex^a. a respeito da doença pertinaz e do sofrimento que atingiu o nosso eminente colega Figueiredo Correia, o que se passou com ele nos hospitais, a sua preocupação permanente pela causa do Nordeste e pelo povo que representou nesta Casa com elevado sentimento público. Cearense de caráter sem jaça, afeito ao nosso meio, conhecedor dos problemas do Nordeste, por vezes conversávamos a respeito da situação das nossas populações sofridas, do seu deslocamento para outros pontos mais privilegiados do País, a sua sina em diversos períodos

da nossa História, o abandonar a sua terra, os seus entes queridos, a própria família em busca do pão de cada dia; conversávamos também sobre a agricultura e a pecuária e sobre os rebanhos dizimados pela fome. Via-se sempre, enfim, em Figueiredo Correia um homem interessado pelos problemas nacionais e, sobretudo, pelas questões cruciantes e angustiantes da nossa Região. Quero neste instante, compartilhando dos mesmos sentimentos de V. Ex^a. e da família cearense enlutada, da sua ilustre estirpe, dizer a V. Ex^a. que é com respeito que também prestamos, em nome do Piauí, a nossa homenagem sentida àquele inolvidável companheiro que tanto realizou pela causa do Brasil, pelo Nordeste e pelo Ceará.

O SR. PAES DE ANDRADE — Agradeço comovido a V. Ex^a. o aparte, que dá maior dimensão ainda à grande personalidade de Joaquim de Figueiredo Correia.

Ouçõ V. Ex^a. Deputado Manoel Arruda.

O Sr. Manoel Arruda — Nobre Deputado, V. Ex^a. está certíssimo em homenagear Figueiredo Correia, e nós, que pertencemos a uma família muito ligada à de Figueiredo Correia, amizade que começou por intermédio do meu irmão Francisco Vasconcelos Arruda, queremos em nosso nome pessoal, no dos meus familiares e no dos amigos do Ceará, hipotecar inteira solidariedade a V. Ex^a. pela iniciativa desta homenagem. Para ressaltar a grandeza do homem, vou somente lembrar um fato acontecido logo após a Revolução de 64. Um grupo de militares desejava que Figueiredo Correia fosse Governador do Estado, mas, leal a si mesmo, leal aos seus amigos e ao Governador Virgílio Távora, ele resistiu e continuou como Vice, permanecendo à frente do executivo estadual o então ocupante do cargo. Muito obrigado.

O SR. PAES DE ANDRADE —

Os sentimentos de honra e de lealdade, todas as virtudes excelsas armaram a personalidade de Joaquim de Figueiredo Correia. Agradeço a V. Ex^a.

Tem V. Ex^a. o aparte. Deputado Vasco Neto.

O Sr. Vasco Neto — Estou nesta tribuna de apartes para render homenagem, em nome da Bahia imortal, à figura imortal de Figueiredo Correia. Mais do que todos os feitos da sua vida de homem público e de homem corajoso, eu conheci a sua grande alma voltada para o céu, para Deus. Só os que têm crença, só os que caminham com a alma entranhada no amor e na fé de Cristo podem ter a firmeza e a coragem desse grande cearense que V. Ex^a. em tão boa hora homenageia. Que a alma de Figueiredo Correia, por sua lisura, encontre no céu a acolhida que os amigos da Terra, em oração permanente, a ela desejam.

O Sr. Epiácio Cafeteira — Nobre Deputado, o Maranhão queria estar presente, para registrar um fato que considero importante. Um caráter bem formado, uma boa semente produz bons frutos. E por isso Figueiredo Correia teve a família que teve. Da sua vida pública diz não apenas o discurso de V. Ex^a. não apenas os apartes que aqui foram dados; dizem os Anais do Congresso Nacional, diz a História do Ceará, diz a História do Brasil. Eu gostaria também de registrar neste momento a minha profunda admiração pelo homem e dizer que a Figueiredo Correia poderia caber perfeitamente a máxima: "O bom filho é um bom pai, é um bom esposo, é um bom amigo, é um bom cidadão". Obrigado.

O Sr. Freitas Nobre — Permite um aparte? Lembro em Figueiredo Correia a terra cearense, o cheiro forte do caju e aquele ar de terra quente molhada pela chuva. Lembro em Figueiredo Correia o sacrifício pelos in-

teresses superiores, a fé inabalável que o alimentava constantemente, onde imperava a lei do ideal e não do apetite. E lembro Figueiredo Correia, como se as palavras que Rui dissera, para ele próprio, pudessem ser repetidas pelo nosso companheiro: "Tenho o consolo de haver dado ao meu País tudo o que estava ao meu alcance: a desambição, a pureza, a sinceridade, os excessos de atividade incansável com que desde os bancos acadêmicos o servi". E como representante da bancada de São Paulo, mas cearense por nascimento, os laços que nos uniram são os mesmos laços da terra quente do Ceará e a lembrança daquele bairrismo que Clóvis Bevilacqua ressaltava: "A pátria pequena que a gente ama não eclipsa a pátria grande que a gente adora".

O SR. PAES DE ANDRADE — Ao Deputado Vasco Neto, ao Deputado Cafeteira e a V. Ex^a. o que eu poderia dizer, ao acolher os apartes, é que Figueiredo Correia foi, na realidade uma grande figura humana. Extraordinária vocação política, prestou os mais inestimáveis serviços à sua terra e à sua gente. O seu nome e o seu exemplo permanecerão no espírito e no coração do povo cearense.

Ouçõ, agora, o Deputado Antônio Dias.

O Sr. Antônio Dias — Nobre Deputado, na lembrança, na saudade do amigo, do Parlamentar, do homem público que foi Figueiredo Correia, de Minas Gerais, patriazinha, como dizia Guimarães Rosa, partem as curtas palavras deste grande escritor, que eu recorde para homenagear o grande colega: "Nossos mortos não morrem, ficam encantados". É este o meu sentimento, nobre Deputado.

O SR. PAES DE ANDRADE — Nobre Deputado Antônio Dias, agradeço a V. Ex^a. o aparte

Concedo o aparte ao nobre Deputado Celso Peçanha.

O Sr. Celso Peçanha — Deputado

Paes de Andrade, quando V. Ex^a. exalta a vida e a obra do Deputado Figueiredo Correia, quero, como fluminense, também prantear o seu desaparecimento. Sabia como ele queria bem a V. Ex^a. Ouvia por várias vezes, nesta Casa e também numa viagem, representando a Interparlamentar desta Casa na Alemanha, referências das mais elogiosas e amáveis a V. Ex^a. Na verdade, Figueiredo Correia viveu intensamente a vida pública na Câmara dos Deputados e, no Ceará, por certo, o seu nome era querido. Várias facetas de suas atividades políticas já foram descritas aqui, mas gostaria de fixar-me no cristão que presidiu o Grupo de Lideranças Cristãs e que, em suas orações, sempre elevava o pensamento a Deus em favor do Parlamento brasileiro, pedindo que orientasse a sua Pátria. Se o seu nome há de permanecer na lembrança dos cearenses, aqui haverá de ficar para sempre. Quero repetir, na oportunidade, o poeta fluminense Alberto de Oliveira: "Não se parte de todo quem fica na saudade". Figueiredo Correia estará eternamente na saudade da classe política brasileira.

O SR. PAES DE ANDRADE — Saudade, saudade, nobre Deputado, na expressão do poeta, é a presença dos ausentes.

O Sr. João Cunha — Permite-me um aparte, nobre Deputado?

O SR. PAES DE ANDRADE — Com muito prazer.

O Sr. João Cunha — Deputado Paes de Andrade, em nome de São Paulo também gostaria de trazer uma palavra de solidariedade à família e preito de homenagem ao Deputado Figueiredo Correia, no momento em que V. Ex^a., na tribuna do Parlamento, a mais bela conquista da civilização, procura dimensionar a figura humana do político que marcou presença no contexto da História moderna e presente. E é justamente nesse instante, em que peço o direito e a honra

de incorporar meu aparte, como Deputado de São Paulo, ao discurso de V. Ex^a., que gostaria de lembrar que, efetivamente, conheci Figueiredo Correia quando, nos corredores da Casa, dimensionava ele o poeta cearense Demócrito Rocha, lembrando que o "rio Jaguaribe era como que uma artéria aberta, por onde se escorria o sangue do Ceará" E acrescentava, como o poeta, dizendo que "o mar não se tingia de vermelho, porque o sangue do Ceará é azul". Foi uma convivência amena. Poeta, soube ser também, ao mesmo tempo, resistente político, nesses anos difíceis que nossas gerações enfrentaram. Dava permanentes exemplos de bom senso, na busca de soluções para os grandes problemas que têm afligido a nação brasileira. Aprendi a conhecer e admirar o homem e o político. Na vida, existe um tempo para viver e um para morrer. Para Figueiredo Correia, o tempo de viver passou e o tempo de morrer se definiu: mas, como o próprio Demócrito Rocha colocava, deu ele a esta Casa e à nação brasileira a verdadeira dimensão do que é o cearense, aquele que vai morrendo e resistindo, resistindo e morrendo, calcando com a mó as sementes e produzindo os seus frutos. Lamento que Figueiredo Correia não esteja conosco nos tempos futuros e muito próximos, quando veremos restabelecida do seu sonho a ordem constitucional democrática, de tal sorte que pudesse justificar, com a sua alegria, o trabalho de resistência de uma vida inteira. Creio numa transcendentalidade que ultrapassa os limites mesquinhos da vida e avança para outros espaços e planos, por isso, tenho certeza que ele espiritualmente estará conosco, antegozando o amanhã primaveril de um mundo de justiça, paz e liberdade, pelo qual tanto lutou e pelo qual continuaremos a lutar, nestes tempos difíceis que atravessamos.

O SR. PAES DE ANDRADE — Agradeço o aparte a V. Ex^a. Real-

mente, Figueiredo Correia, durante toda a sua longa vida pública, fez a sua profissão de fé no culto do Direito e da Justiça.

Com muito prazer, ouço o nobre Deputado Nelson Morro.

O Sr. Nelson Morro — Deputado Paes de Andrade, a presente sessão solene deriva algo que consideramos substancial à ação que desenvolvemos, como Parlamentares e como representantes do povo brasileiro, que é fazer-se justiça. Andou muito bem o ilustre Deputado Mauro Sampaio em requerer a realização desta sessão. No pronunciamento que antecedeu ao de V. Ex^a., e agora, quando o temos na tribuna, ouvimos a realidade, o espelho da vida de um ilustre Parlamentar, que, sem a menor sombra de dúvida, faz grande falta ao Poder Legislativo brasileiro. Homem profundamente cristão, excelente pai de família, possuía Figueiredo Correia grandes qualidades como Parlamentar. A lealdade de seu caráter, realçada por V. Ex^a., a finalidade a princípios, a amizade e a defesa dos interesses da região e do Estado que representava e do Brasil, tudo isso faz com que esta homenagem seja a mais justa. Gostaria de acrescentar qualidades que considero também importantíssimas em Figueiredo Correia, aquelas que o faziam um homem equilibrado, de bom senso. Em todas as suas intervenções e ações, contribuía decisivamente para que viéssemos a encontrar nosso verdadeiro leito, nosso verdadeiro caminho e superar os problemas que estamos todos a viver. Por isso, a Liderança do Partido Democrático Social nesta Casa não poderia deixar de associar-se à homenagem a Figueiredo Correia. Solidarizamos-nos com V. Ex^a., ao mesmo tempo em que expressamos nossa saudade, conscientes de que Figueiredo Correia nos deixou, mas seu exemplo haverá de estar sempre conosco, para que realmente possamos trilhar nossos caminhos, nivelados às

suas excelentes qualidades de Parlamentar e de cidadão.

O SR. PAES DE ANDRADE — Com muita honra, incorporo ao meu pronunciamento o aparte de V. Ex^a. Realmente, Figueiredo Correia exerceu com irreparável dignidade todos os mandatos que o povo cearense lhe confiou.

Ouçõ o Deputado Odair Klein.

O Sr. Odair Klein — Nobre Deputado Paes de Andrade. V. Ex^a. fala em nosso nome, por isso, não haveria necessidade de a Liderança da bancada acrescentar algo ao seu pronunciamento. Entretanto, nesta oportunidade, não me posso furtar a apresentar nossa solidariedade, pelo fato de prestar V. Ex^a. uma homenagem ao nosso extinto colega, que se caracterizou nesta Casa pelo seu temperamento afável e pela grandeza de caráter. Na condição de Vice-Líder, tive oportunidade, por mais de um ano, de conviver com ele, num Colégio de Vice-Líderes. Ali participamos de muitas reuniões e debates e sempre encontramos em Figueiredo Correia o equilíbrio, aliado à segurança e à firmeza, o desejo de servir à Pátria e de contribuir para que alcançássemos a almejada redemocratização. Neste momento em que a Câmara dos Deputados presta esta homenagem à sua memória, não poderíamos deixar de acrescentar uma palavra da Liderança da Bancada do PMDB, para dizer que nos devemos inspirar no exemplo daqueles que, com firmeza, segurança e grandeza de caráter, lutaram para que efetivamente engrandecêssemos o Congresso Nacional e buscássemos para esta Pátria dias melhores. Solidarizo-me, com V. Ex^a. pelo seu pronunciamento. Secundando V. Ex^a., que fala em nome do partido, também desejo apresentar à sua família a nossa solidariedade, exatamente neste momento de dor pela ausência daquela grande figura.

O SR. PAES DE ANDRADE —

Nobre Líder, retrata V. Ex^a. muito bem a personalidade exuberante e forte de Figueiredo Correia, exornada por excelsas virtudes. Era moderado, sim, mas altivo em todas as posturas cívicas.

Ouçõ o nobre Deputado Rogério Rego.

O Sr. *Rogério Rego* — Nobre Deputado, quero associar-me às palavras de tristeza e de saudade com que V. Ex^a. e a Casa homenageiam hoje a memória do Deputado Figueiredo Correia. Desejo enfatizar, quando reverenciamos a sua memória, precisamente um aspecto que me parece peculiar. Figueiredo Correia, de tratamento afável, mas de firmeza incontestável, soube ser bravo quando indispensável foi mostrar bravura. Nesta Casa, muitos conquistam a admiração dos seus Pares, mas são raros os que, ao lado da admiração, conseguem também o apreço de seus colegas. Esta estima, que beirava à afeição, Figueiredo Correia soube granjear de todos os colegas e de todos os partidos. É, portanto, com a emoção de quem conviveu com ele, de quem lhe sentiu as aspirações e o patriotismo, de quem perfeitamente se apercebia de quanto ainda ele poderia emprestar ao Brasil e ao Parlamento, é com essas palavras constringedoras que me associo à homenagem que V. Ex^a. e a Câmara prestam ao inesquecível Deputado Figueiredo Correia.

O SR. PAES DE ANDRADE — Meus agradecimentos a V. Ex^a. pelo aparte.

Ouçõ o Deputado João Herculino.

O Sr. *João Herculino* — Nobre Deputado Paes de Andrade, depois de ouvir o nosso Líder e V. Ex^a., sinceramente quase seria dispensável que nós outros, do PMDB, falássemos também. É costume nos necrológios dizer-se do vazio que o falecido deixou. Mas um homem do temperamento, da estatura moral, da dignidade, do comportamento de Figueiredo

Correia não deixa, definitivamente, nenhum vazio. Nós podemos vê-lo sentado aqui na nossa bancada; nós podemos vê-lo ao nosso lado em todos os momentos da luta partidária; nós podemos vê-lo em todos os momentos de nossa vida. Tenho a certeza de que a sua família pode vê-lo bem junto dela, no meio dela, a todo momento. Não há vazio, repito, quando falece um homem da estatura de Figueiredo Correia.

O SR. PAES DE ANDRADE — Muito agradecido a V. Ex^a. pelo aparte.

Com muito prazer ouçõ o Deputado Aldo Fagundes.

O Sr. *Aldo Fagundes* — Nobre Deputado, sei que esta Casa está ansiosa para ouvir a parte final do discurso no qual V. Ex^a. está traçando o perfil do nosso eminente colega Figueiredo Correia. Mas, à luz de tão diversos apartes, autorizado pelos meus colegas da representação gaúcha do PMDB, quis também consignar a expressão mais profunda e mais sincera da nossa solidariedade e a dimensão parlamentar de Figueiredo Correia que V. Ex^a. está traçando e que outros oradores também o fizeram de igual maneira. Mas destaco duas dimensões singulares na vida extraordinária que viveu este nosso eminente colega: a dimensão da família e a dimensão da fé. Nesses aspectos, o seu testemunho pessoal é exemplar, e quem vive marcado pelo dom da moral e do espírito deixa um rastro de luz como exemplo a ser seguido. São estas as dimensões que enfatizo no momento em que expresso a solidariedade da representação gaúcha do PMDB à memória do nosso eminente colega.

O SR. PAES DE ANDRADE — Figueiredo Correia era um homem marcado pela vocação de servir, pela vocação cristã da generosidade e da solidariedade.

O Sr. *Alvaro Dias* — Nobre De-

putado Paes de Andrade, neste momento as palavras nem sempre definem os sentimentos. No entanto, é mais um testemunho de quem com Figueiredo Correia conviveu no Colégio de Vice-Líderes do MDB, do qual era verdadeiro estandarte. Figueiredo Correia fez desta tribuna a passarela por onde fez desfilar os anseios, os reclamos, as angústias e as desesperanças do sofrido povo do seu Nordeste. Ele se foi, é verdade, mas os seus ideais e as suas idéias permanecem aqui, como que a ecoar por entre as paredes deste Congresso, robustecendo convicções de alguns e martelando na consciência de outros. Suas idéias e, sobretudo, o seu clamor permanecem vivos, invadindo os campos e as cidades do seu sofrido Nordeste. E, se a dor maior nesta hora é a dor da sua família e dos seus parentes mais próximos, podemos afirmar que parte deste sentimento também é nosso, dos seus colegas do Parlamento e do seu povo.

O SR. PAES DE ANDRADE -- Muito grato a V. Ex^a, pelas belas palavras cheias de sentimento e de solidariedade.

A devoção no seu enterro tornara-se um cortejo dos jamais vistos em Fortaleza.

Representantes desta Casa, membros de todos os partidos políticos, estiveram presentes ao Campo Santo de Fortaleza. Em nome da família, de Ivonete Figueiredo, de Francisco José, de Ana Maria, aqui presentes, e de todos os filhos, renovo ao Deputado Nelson Marchezan os agradecimentos pela permanente e afetuosa solidariedade que, nos momentos mais difíceis, soube dispensar como colega e como Presidente desta Casa do Congresso Nacional.

Suas origens estão plantadas no Cariri cearense, onde nasceu, em 4 de novembro de 1920, no Município de Várzea Alegre. Filho de José Correia Lima e de Maria Correia

Figueiredo, cedo conheceu as asperezas da vida rural, pois, falecido o pai, foi emancipado por sentença judicial. Cursou o ginásio e o colegial no Instituto São Luís e no Liceu do Ceará, em Fortaleza. Aos 19 anos, quando estudante de Direito, ingressou na vida pública como adjunto de Promotor de Justiça, e aos 20 era Inspetor Escolar.

Ainda quando estudante da Faculdade de Direito do Ceará, foi eleito Deputado Estadual, integrando a Constituinte de 1947. Seu espírito de liderança exercitou-se quando em 1943 se elegeu Secretário-Geral do Centro Estudantil Cearense. Foi Presidente desse grêmio em 1944, sendo reeleito em 1945, com 92% dos votantes.

Deputado Estadual pelo extinto PSD, de 1947 a 1962, exerceu as funções de Líder e de Vice-Líder do seu partido. Eleito Vice-Governador do Estado do Ceará para o período de 1963 a 1966, exerceu o Governo do Estado por diversas vezes.

Deputado Federal em duas legislaturas, Vice-Líder por mais de um período, Vice-Presidente da Comissão de Educação e Cultura — em todos os postos por que passou nesta Casa, deixou as marcas indeléveis de seu espírito público e da sua inexcedível correção.

Líder Estudantil, Deputado Estadual, Deputado Federal, Vice-Governador, Professor Universitário, Secretário de Estado, impôs-se ao respeito e à admiração de quantos fizeram, neste País, o seu culto de fé no Direito, na Justiça e nas instituições livres.

Aprisionada a Nação no cerco de ferro do árbitro, na hora de todas as violências e injustiças, subvertida a ordem jurídica, no Ceará, neste momento, encontra-se Figueiredo Correia no exercício do Governo do Estado, substituindo o então Governador Virgílio Távora. Certa noite, um grupo extremado de militares, incompatibi-

lizado com o Sr. Virgílio Távora, bate à porta de Figueiredo Correia. Queriam, pura e simplesmente, a deposição do Governador Virgílio Távora. Figueiredo Correia foi instado a aceitar o golpe e assumir o Governo. Com serenidade e firmeza, responde aos oficiais presentes.

"Fui eleito pelo povo cearense para exercer o cargo de Vice-Governador. Só exerço a governadoria nos impedimentos constitucionais do seu titular. Fora daí, só vejo o ato de força, a usurpação. Se os senhores querem depor o Governador Virgílio Távora e se têm condições para isso, não se esqueçam de que devem destituir, também, o Vice-Governador. Não me acumplicio com o golpe".

Esta, Sr. Presidente, a postura sempre vertical de Joaquim de Figueiredo Correia. Em todos os momentos da sua vida pública encarnou as melhores tradições de cultura, de civismo e de lealdade do povo cearense. Fez do mandato popular a sua verdadeira magistratura política.

O Ceará, Sr. Presidente, conternado, coberto de luto, prestou todas as homenagens póstumas, no dia 16 de junho, ao seu filho ilustre, Joaquim de Figueiredo Correia. Ali estavam homens do Governo e homens da Oposição, professores, intelectuais, estudantes, comerciários, bancários, trabalhadores do campo e da cidade, a gente simples do povo — ali estava, na força de sua representatividade, a alma da terra cearense, comovida e enlutada, para levar seu abraço de despedida ao Deputado que honrou a representação popular, que dignificou todos os mandatos que o povo cearense lhe confiou.

A sociedade cearense, por seus diversos segmentos, cercara o ataúde numa união generosa de lágrimas e de flores, levando a Figueiredo Correia as suas últimas despedidas.

Como disse à beira de seu túmulo e repetiremos agora: não sei se é hora de rezar ou de falar. Talvez seja preciso orar com o pensamento de Romain Roland que é prece, prece que se derrama sobre a Humanidade atribulada. "Suprimamos a barreira do tempo e ressuscitemos, no povo, os seus heróis. Não chamaremos de heróis os que triunfaram pela força, chamaremos de heróis, sim, os que foram grandes pelo coração".

Esta é a glória dos justos, cuja memória é eterna perante Deus e perante a História. Tem-na Figueiredo Correia, Sr. Presidente, Srs. Deputados, que foi grande pelo coração, pelos sentimentos de honra e de lealdade.

É preciso dizer que Figueiredo Correia, homem de Oposição, tinha a virtude da tolerância, o bom senso aliado à altivez e, conhecedor dos altos e baixos dos caracteres humanos, jamais perdeu o traço imanente da simpatia política, que abre as portas ao diálogo entre os homens, diz a sua franqueza sem ofensas e prossegue nos entendimentos com sabedoria política.

Figueiredo Correia foi sempre, entre nós da Oposição, aquele a quem se pode classificar como um político moderado, mas ativo na postura política. Perguntaram certa vez a um cego de nascimento de que cor era a coragem, e ele respondeu: "A cor da coragem chama-se prudência". Sua prudência não ia além da dignidade, que era o equilíbrio de seu mundo interior. Afeito ao diálogo, à troca de idéias, jamais admitiu, no entanto, a concessão que compromete e amesquinha. Possuía a sabedoria pela reflexão, conteúdo maior das experiências humanas.

Agricultor e criador, Figueiredo Correia era como aqueles líderes antigos, quando se recolhia ao trabalho da fazenda para recuperar as suas forças, vivendo no labor da terra os seus dias mais libertos e mais felizes. Foi um lutador pelos sertões, especi-

almente por sua terra, Várzea Alegre, terra que quisera sempre verde na ternura de seus olhos e na afetividade de seu coração.

Lembraremos aqui Goethe: "O homem mais feliz, seja ele um rei ou um camponês, é o que encontrou a paz em seu lar". Figueiredo Correia encontrou em seu lar a paz de Deus e dos homens.

"Como os ninhos que são a casa da ave" — diz Malheiro Dias — "e todos diferem consoante a ave que os fabricou e habita, a casa que o homem produz com fidelidade e vida, a ocupação, o caráter, o sentimento dos moradores".

O lar de Figueiredo Correia tem, como aqueles ninhos, uma fisionomia própria. Ali estão presentes todos os valores e virtudes de sua formação cristã, a transmitir-se em perenes exemplos de amor e de fraternidade. Neste instante, avultam em seu lar, no seio de sua família, todos aqueles sentimentos de terna e confortadora lembrança. "Saudade — presença dos ausentes: saudade — asa de dor do pensamento".

Figueiredo Correia sai de perto de nós, Sr. Presidente, deixou a representação nacional para perflorar regiões longínquas de outros espaços entre outras galáxias, a cintilar num céu muito azul, onde talvez só exista a da alegria e da bondade com que no Infinito nos contempla. Ele está no plano daqueles que, por sentimentos, idéias ou entendimentos valorosos, como diz o poeta, "se vão da lei da morte libertando..."

Realmente, para aqueles que crêem, os que se foram deste Planeta, deixando nobre exemplo, se libertaram da lei da morte, porquanto "a morte" — num pensamento de Marco Aurélio —, "como o nascimento, é mistério da Natureza, passagem de uma forma para outra do ser Infinito".

Rendamos ao companheiro que se foi a nossa homenagem num pensa-

mento de prece. Ele era, sobretudo, um amoroso da fraternidade. Que a inspiração de sua altivez e de sua bondade nos proteja e ilumine!

Finalmente, Sr. Presidente, Srs. Deputados, se tivéssemos de escolher o seu epitáfio outro não seria senão o canto de amor à terra — que se confunde com a força de sua religiosidade — voltada para as suas raízes, para o seu chão.

"Amamos a terra de que somos filhos, terra fiel, terra magnífica, terra de amor, ora queimada, ora molhada, onde se dorme o sono derradeiro, acalentado pelos cânticos dos ventos e sob o agasalho de uma cruz."

(Palmas. O orador é cumprimentado.)

HOMENAGEM...

Discurso pronunciado na Sessão
de 22 de junho de 1981

Sr. Presidente, Srs. Deputados, uma das reflexões que trazemos a esta Casa, na efervescência das contingências políticas, é a irreparável perda dos valores humanos, que se vão deste mundo, no momento mais preciso da luta em que vivemos.

O Ceará, Sr. Presidente, consternado, coberto de luto, prestou todas as homenagens póstumas, no último dia 16, a Joaquim Figueiredo Correia.

Ali estavam homens do Governo e da Oposição, professores, intelectuais, estudantes, comerciários, bancários, a gente simples do povo; ali estava, na força de sua representatividade, a alma da terra cearense, enlutada, comovida, para levar seu abraço de despedida ao Deputado que honrou a representação popular, que foi exemplar no exercício dos mandatos que o povo lhe confiou e inextinguível na devoção permanente à causa pública.

Como já disse, à beira do seu túmulo, não sei se a hora é de rezar

ou de falar. Talvez rezar, rezar com o pensamento do Romain Roland, que é prece, prece que se derrama sobre a humanidade atribulada: "Suprimamos a barreira do tempo e ressuscitemos, no povo, os seus heróis. Não chamo de heróis os que triunfaram pela força. Chamo de heróis, sim, os que foram grandes pelo coração".

Figueiredo Correia, Sr. Presidente, foi grande pelo coração, pela bondade, pelos sentimentos de honra e de lealdade, pela devoção às causas da sua gente e de sua terra.

Tenho a certeza de que o Ceará guardará, com orgulho, no relicário da sua honra cívica, o nome, a memória de Joaquim de Figueiredo Correia.

Sem pretender traçar-lhe a biografia, o que será feito em oportuna homenagem, diremos que de Presidente do Centro Estudantil Cearense passou a eleger-se Deputado Estadual, bem assim a Vice-Governador do Ceará, Deputado Federal em várias legislaturas, em todos os tempos forte, valente, no equilíbrio, na prudência e na fortaleza de espírito.

O Presidente Nelson Marchezan, o 1º Vice-Presidente Haroldo Sanford, o 2º Vice-Presidente Freitas Nobre, o Presidente do PMDB cearense, Senador Mauro Benevides, os Deputados Iranildo Pereira, Flávio Marcílio, Angelino Rosa, Pedro Lucena, Cláudio Philomeno, Claudino Sales; e outros integrantes das representações federal, estadual e municipal compareceram ao Campo da Esperança, a fim de levar o abraço derradeiro a Joaquim de Figueiredo Correia.

Ao lado do ataúde coberto de flores, as fisionomias carregadas de lágrimas. Os sentimentos de saudade e de amargura cercavam aquele lutador, que a divindade colhera nesta Terra, para a glória dos eleitos da imortalidade.

Figueiredo Correia, homem de Oposição, jamais perdeu o traço da simpatia política, que abre as portas ao diálogo entre os homens, para quem, no dizer retórico de Alves Mendes, "política é idéia e prova, teoria e prática, lição e vida, sumário de princípios e jogo de transações".

Figueiredo Correia foi entre nós, da Oposição, aquilo que se pode chamar de político moderado, reto, de postura sempre vertical. Afeito ao diálogo, à troca de idéias, jamais admitiu, no entanto, a concessão que compromete e amesquinha. Ele possuía a virtude de sabedoria que busca, pela reflexão, o conteúdo das experiências humanas; sabedoria aliada a uma outra, a da temperança.

Saiu de perto de nós, Sr. Presidente, deixou a representação nacional, para perلustrar regiões longinhas, a cintilar num céu muito azul onde talvez só exista a glória da alegria e da bondade com que o Infinito nos contempla. Ele está no plano daqueles que, por sentimentos, idéias ou entendimentos valorosos, como diz o maior poeta, "se vão da lei da morte libertando..."

Realmente, para aqueles que crêm, os que se foram deste planeta, deixando nobre exemplo, se libertaram da lei da morte, porquanto a morte, num pensamento de Marco Aurélio, "como o nascimento, é mistério da Natureza", ou como a definira um sábio — Humboldt — "ela é uma passagem de uma forma para outra do ser Infinito".

Sendamos ao companheiro que se foi a nossa homenagem num pensamento de prece. Ele era, sobretudo, um amoroso da fraternidade. Que a inspiração de sua altivez e de sua bondade nos proteja e ilumine!

Impressos? TIPOGRAFIA E PAPELARIA DO CARIRI
Rua Dr. João Pessoa, 380/386 — FONE: 521-1223 — CRATO-CE.

Cidadão do Crato *

* Discurso proferido na Câmara Municipal do Crato, em 25.06.1980, agradecendo a CIDADANIA CRATENSE que lhe foi conferida por aquela Casa.

DISCURSO DE TOMÉ CABRAL

"É com a mais intensa emoção que venho, de bem longe, falar-lhes, nesta oportunidade tão grata para mim e para todos de minha família.

Afastado das lides oratórias há cerca de meio século, venho agora, soprando a poeira dos tempos, tentar descobrir, para revelar-lhes, tudo quanto de agradável ou de emocionante a memória puder retratar.

Nunca fui tribuno desembaraçado, capaz de prender a atenção dos ouvintes. Os meus contemporâneos do Ginásio e da Associação dos Empregados, se aqui estivessem, poderiam confirmar o sacrifício que eu fazia para dar cumprimento às determinações dos mestres e superiores, em sessões cívicas ou nas reuniões literárias e outras promoções patrocinadas por elementos de classes sociais ou religiosas.

Um dever de consciência me aconselha a esclarecer que nem sempre o desempenho merecia as palmas da assistência, por culminar algumas vezes com desfechos pouco expressivos que a bondade dos ouvintes encobria com aplausos sem fundamento. Lembro-me, por exemplo, do primeiro desses discursos ou seja o da minha estréia. Foi numa sessão solene do grêmio da Associação dos Empregados, no dia 21 de abril de 1925, quando era celebrada a morte de Tiradentes. Designado pelo professor Bezerra — que, aliás, retocou todo o fraseado — li,

ou melhor, gemi o discurso de uma ponta à outra, com voz trêmula, abafada. Encontrava-me então ensaiando, no Banco do Cariri, aos 17 anos, os primeiros passos dos 44 de vida bancária. No dia seguinte ao da sessão, Manoel Nobre, meu colega e contador do Banco, me confidenciava que apreciara muito aquela oração fúnebre. E arrematou :

— Foi muito expressivo seu discurso... Você soube chorar o tempo todo, contando a desgraça do nosso protomártir...

Hoje, afastado da tribuna por tanto tempo, não me sinto animado a repetir fracassados arroubos, felizmente esquecidos por alguns dos vasqueiros ouvintes daquela época, que porventura estejam aqui no meio de nós...

x x x x

Sempre foi do meu feitio escrever coisas alegres e, quando tento discurrir sobre assuntos técnicos—ou áridos, a tinta escorre também na aridez de um deserto de idéias, ainda assim mal concatenadas ou — mais precisamente — mal-amanhadas. É esse o termo correto : mal-amanhadas...

Estou por isso tentando tornar mais alegre esta solenidade, pois na sisudez das coisas não faz mal despontar aqui e ali o tempero da singeleza e da alacridade.

x x x x

Procurando rever do passado acon-

tecimentos de que participei, fatos de tal monta que possam justificar esta maravilhosa solenidade, sinto-me envolvido num manto de decepções nada salutares, entre o pouco que fiz e algo mais que poderia ter feito. Só encontraria uma justificativa, se pudesse reunir essas migalhas e transformá-las num todo mais expressivo e solidificante. Senão vejamos :

1. Na mocidade, enchi o tempo com estudo disciplinado ou em lides oratórias, nas arenas dos grêmios literários, nas "horas de arte" ou, finalmente, no jornalismo, ensaiando maiores vãos nas folhas semanais ou mensais da cidade. Militei na Gazeta do Cariri durante uma década ou mais. E colaborei em quase todos os jornais e pequenos periódicos que de vez em quando surgiam e desapareciam com igual rapidez.

2. Na vida política, só me ocorre relatar um feito : logrei ser convocado para segundo secretário da Liga Eleitoral Católica pelo saudoso bispo dom Francisco, ocasião, em que fiquei ao lado do dr. Irineu Pinheiro, do dr. Joaquim Teles, do dr. Raimundo de Norões Milfont e de Antônio Esmeraldo. Como todos sabem, dessa turma só eu estou vivo. Poderia, pois, rememorar o feito, exagerando mesmo a minha participação, sem receio de contradita.

3. No setor religioso, ajudei a instalar a União dos Moços Católicos, fundando, inclusive, o seu jornalzinho "A União". Fiz também parte do conselho da Sociedade de São Vicente de Paulo, onde lidei como segundo secretário, ao lado do presidente Antônio Esmeraldo.

4. Ensaiei os primeiros passos como professor, ministrando aulas rudimentares de português, aritmética e história, na Associação dos Empregados no Comércio, onde, aliás, exerci as funções de secretário e bibliotecário.

5. Na vida militar, marquei passo

durante 3 anos, inicialmente na Escola de Guerra 278 e depois no Tiro de Guerra 118, até a chegada ao Crato da primeira comissão examinadora, que me concedeu o brevet de reservista de segunda categoria.

6. E no esporte? Aí, sim! Lutei com o entusiasmo que a mocidade e o tempo podiam permitir : futebol, atletismo, voleibol, basquete-bol, tiro ao alvo, boxe e até pingue-pongue... Figurei na primeira turma dos que implantaram aqui essas modalidades de esporte, à exceção do futebol. Mas foi neste esporte que lutei com mais denodo, culminando com a grande catástrofe, sem parelha na estória do futebol em terras caririenses : convicto da fama de goleiro insubstituível, organizei uma excursão a Fortaleza — a primeira e talvez a única de tal vulto em princípios de 1932. Era o goleiro, orador e o responsável... Nos quatro embates da temporada, logramos dois gols, um dos quais foi anulado... Enquanto isso, os três adversários — custa-me proclamar — conseguiram nos quatro jogos, nada menos de 26 goals... (Mas aguardem que algum dia — se conseguir publicar o segundo volume das memórias irei contar-lhes essa estória, bem contadinha...). Alás, só estou a dar-lhes conta disto agora, porque já me encontro de posse do título de cidadão cratense, sendo difícil, a esta altura, o cabuloso mas bem merecido anulação...

7. Finalmente, e por incrível que pareça, fui certa vez falso conferencista, por determinação do dr. Alvaro Madeira, àquela época presidente do grêmio literário da Associação dos Empregados. Foi dita em versos, rimando coisas da minha terra natal e da minha gente. Recordo-me ainda de algumas quadrinhas :

Nada convida a cantar
as graças da minha terra :
lá não há o azul do mar
nem as belezas da serra.

É triste...

No tempo das invernadas,
cái a chuva impertinente;
parece que as enxurradas
molham a alma da gente.

O capinzal, verde e brando,
se agita dolentemente;
geme triste, nos lembrando
toda a tristeza ambiente.

Fica no pé dos serrotes
uma casinha singela :
há muriçoca aos magotes
e a lama dá na canela.

Se a terra não tem lindeza,
se o céu também não tem graça,
merece cante a beieira
de tal gente, de tal raça :

Homens de corpos franzinos...
Parece que a seca inclemente,
bebendo a seiva da terra,
bebeu o sangue da gente.

Malmente o dia desperta,
já vão pro rabo da enxada.
Quando, então o frio aperta,
os dentes tocam chamada.

Dizem que lá dá mais frutos
do que, em São Paulo, café.
Sei não... Só vi dois produtos:
pereba e bicho de pé...

E quando, depois de agosto,
de chuvas não há vestígio,
jumento sobe de posto,
cururu perde o prestígio.

Vou pintar, pela metade,
as moças de lá como são,
pra que fiquem as da cidade
com inveja das do sertão :

Olhos grandes e rasgados
ninguém os tem mais bonitos,
pois vivem sempre enfeitados
de um batalhão de mosquitos.

A boca é ver uma rosa...
E, quando ri para a gente,
ah! boca, boca mimosa!
— Aqui e ali vê-se um dente...

De seu corpo sedutor
eu nem falo, que é pecado...
Fica, portanto, o louvor,
já um tanto desfalcado.

Às vezes, quando acontece,
cantar-se as graças de alguma,
eis de repente aparece
resposta que desapruma :

— Bons dia, cravo adorado,
qui fulora no meu peito!...
— Tem graça, seu intojado?
É mió dar-se ao respeito!...

Embora a intenção, como disse,
fosse de referência à minha terra e
à minha gente, nem todos me enten-
deram e tais exageros — é forçoso
confessar — valeram-me por algum
tempo justificável descrédito no meio
das garotas glamourosas deste nosso
Crato — cujas idades, hoje bem cal-
culadinhas, já devem ultrapassar a
barreira dos sessenta e lá vai pedra-
da...

x x x x

Vim para o Crato em 1912, aos
5 anos de idade, acochado pelos mal-
feitores e cangaceiros que, à sombra
de coronéis — com ou sem patentes
— empestavam o nosso sertão.

(É preciso esclarecer que, para re-
velar este fato, não é intenção minha
repetir ou fazer propaganda de meu
livro de memórias, que vocês acataram
com tanta benevolência. Estou con-
tando isso apenas para começo de
conversa e, se assim não fosse, nem
mesmo sei como iria dar cabo desta
incumbência, ao tentar explicar como
o Crato me acolheu e se eu fiz, de
fato, algo que pudesse merecer esse
acolhimento.

Antes de mais nada, quero apro-
veitar o ensejo para deixar aqui ex-
pressos fatos bem significativos que
consolidam minha gratidão a esta ter-
ra : dos meus oito filhos, seis aqui
nasceram e em certo pedaço de chão,
lá no velho cemitério, estão guardados

os restos mortais de dois bisavós, de uma avó, de meus pais, de dois tios e de outros parentes).

x x x x

Aqui encontrei paz e sossego. Quando o destino me levava para outras terras, voltava célere, sempre que a sorte me favorecia. E foi o que ocorreu, quando me afastei, em 1933, para servir no Banco do Brasil, em Aracaju: 3 anos depois, ao ter ciência da criação de uma agência desse banco, em Crato, pleiteei imediatamente meu aproveitamento e fui atendido com tanta rapidez que, quando aqui me apresentei, a agência contava apenas 5 dias de funcionamento. Isso ocorreu em princípios de outubro de 1936.

Casei-me um ano depois com uma filha de tradicional família cratense — a família Lima Verde — e por aqui fiquei até 1942, quando, por motivo de doença, fui forçado a transferir-me para Fortaleza, a fim de estar sob as vistas do serviço médico dali. Mas, logo restabelecido, voltei para o Crato, de onde, seis meses depois, fui transferido para Manaus, servindo ali quase dois anos. Consegui ainda, por portas-travessas, voltar aos velhos penates: nomeado para a gerência de Iguatu, trabalhei ali 3 anos, até que surgiu vaga na contadoria de Crato. Embora se tratasse de retrocesso de um degrau na carreira, não vacilei, candidatei-me, fui aproveitado e servi aqui mais alguns anos, passando de contador a gerente, até que, criada a Superintendência da Moeda e do Crédito, fui nomeado Inspetor, com área de serviço abrangente dos estados do Ceará, Piauí e Maranhão. A sede era Fortaleza, mas minhas vindas ao Crato, frequentes aliás, se davam no exercício das atividades de Inspetor ou em gozo de férias.

Durante essas ausências, a sede de aventuras fazia esquecer inicialmente o prazer de aqui ter vivido. Depois, a nostalgia da separação vinha aos

poucos voltando, nostalgia que nem o movimento dos grandes centros fazia desaparecer. Mas, quando voltava, o prazer de tudo rever — a terra, os parentes, os amigos — era latente. E, sempre nesses retornos, apenas uma coisa me fazia compreender a alegria das horas que passavam, sem ter sabido contê-las ou economizá-las: encontrava fisionomias mais envelhecidas; em compensação, o olhar mais carinhoso e o sorriso mais acolhedor, entre as rugas da face. Quando tento discernir ou interpretar isso, uma cousa curiosa e estranha me invade: vejo a velhice nos outros e até a comento. Mas esqueço-me de que devo estar também descendo, ladeira abaixo, a estrada íngreme da vida... Quantas vezes não saí daqui, de volta às minhas ocupações, carregando novo surto de saudade, mais angustiada às vezes, quando me foge a visão de um ou de outro amigo que desapareceu naquele interregno...

x x x x

Perdi amigos, caros amigos! E do ano passado para cá, num período de 16 meses apenas, foram-se repentinamente os três companheiros mais chegados. Amigos tão amigos, que mais parecíamos irmãos: Pedro, Raimundo Esmeraldo e, agora, Raimundo Siebra. Todos três cratenses de bom quilate. Éramos tão unidos que, nós próprios, nos apelidamos de "Os quatro cavaleiros do Apocalipse", para escândalo de alguns e talvez sem sabermos ainda o sentido original da expressão. Fujo da visão dos que se foram e corro a vista nos que, como eu, por aqui andam ainda e se arrastam, à espera infalível de ver chegar a sua vez. E, nessa pasmeira de expectativa sem fundamento, vou permanecendo encurralado, vendo os outros passarem, e curtindo um finca-pê sem paralelo, na esperança de poder ainda — daqui a meio século ou mais — sei lá! — voltar a narrar a seus netos e bisnetos como foi esta solenidade e perguntar-lhes que fim levaram todos vocês...

ou quase todos, Deus querendo...

Aí seria impressionante transformar-me na multiseccular múmia e ficar emparedado, mas bem vigilante, em qualquer sarcófago, para continuar a ver desfilar as gerações que me forem sucedendo...

x x x x

Para dar remate a esta desalinhada alocação, resta esclarecer, por um lado, o que fiz para merecer da Prefeitura Municipal o título de cidadania cratense, que a Câmara me está galar-doando. Nadinha, não. Minto... Lembro-me de que, certa vez, livreiro de passageiro entrave o então prefeito, coronel Filemon Teles. Vou contar o fato, com justo orgulho, embora de pouca ou nenhuma valia:

Estávamos em fins de 1936, mais ou menos um mês após a abertura da agência do Banco do Brasil. O coronel Filemon voltava do Rio, eufórico, por ter conseguido ali, na Caixa Econômica, um empréstimo de dez mil contos de reis, para aplicação em obras da comunidade, de caráter inadiável. Mas — não se sabe se de propósito — ao invés de cuidarem por lá de todo o papelório, recomendaram que a Prefeitura preparasse e remetesse devidamente autografado o mapa das amortizações, pela Tabela Price. A margem das instruções, vinha um bilhete de um funcionário ou de pessoa ligada a alguém de lá, propondo-se a tal relação por duzentos mil reis. Ora, o que estava aborrecendo o pessoal da Prefeitura não era o dispêndio dessa importância, mas a perda de tempo, pois, não havendo ainda serviço aéreo regular, toda correspondência era enviada por via marítima, o que implicaria numa demora de dois meses ou mais. Por essa época, não se falava ainda aqui sobre a tal tabela Price, mas, por sorte, eu estivera trabalhando, meses antes, na agência do banco em Aracaju, num setor de empréstimos hipotecários e de reajustamento do Governo Federal e estava,

portanto, afeito a essas operações. Como Pedro Norões era, a esse tempo, secretário da Prefeitura, ofereci-me ao Prefeito, por seu intermédio para fazer gratuitamente o tal serviço. Ele aceitou, exultante. Era num sábado, dia em que ainda se trabalhava nos bancos. Levei para casa máquinas de escrever e de calcular e na segunda feira pela manhã entreguei ao Pedro o mapa exigido, elaborado com o maior capricho e dentro das normas regulamentares.

Passou-se... passou-se... Eu nem me lembrava mais do caso e já me encontrava de volta ao Crato, cerca de 12 anos depois. Estava então empenhado na construção da casa residencial, ali no Pimenta, e levei, certo dia, a planta à Prefeitura, a fim de ser aprovada. A licença foi concedida imediatamente, com a estranha mas agradável notícia de que o Prefeito determinara a dispensa de impostos ou emolumentos devidos. Fui então agradecer e saber a razão da regalia. Por feliz coincidência, estava ocupando novamente o cargo o coronel Filemon Teles. Disse-me simplesmente:

— Você se lembra daquele favor que nos fez em 1936 e nada quis receber? Pois agora estamos lhe pagando...

E hoje, sem perceber isso, vem novamente a Prefeitura me conceder prêmio maior, com altos juros e correção monetária...

Ah! se todos os prefeitos tivessem tão boa memória...

x x x x

Numa solenidade como esta, eu gostaria de rever aqui os grandes e bons amigos, que me prenderam com sua amizade ou me ampararam com sua assistência. A memória está fraca, mas, como eram muitos, posso ainda relacionar alguns deles, vivos ou falecidos, desde as pessoas gradas, aos professores, colegas e até companheiros de vida esportiva. Dentre os pri-

Evolução Histórica da Tuberculose

Ao Dr. Sérgio Gomes de Matos, médico do Hospital de Messejana e chefe do Centro de Tratamento Intensivo da Casa de Saúde São Raimundo, em Fortaleza, o farmacêutico Pedro Gomes de Matos dirigiu a seguinte carta:

"Recebi o número 3 (outubro, 1981) de Ceará Médico, contendo o seu valioso trabalho sobre "Evolução Histórica da Tuberculose".

Trata-se de uma notícia digna de encômios sob todos os motivos.

Você perfilou, sem hipérbolos nem preciosismos, os grandes vultos da Medicina: os que tudo deram de si, indo alguns até ao sacrifício no sentido de identificarem as causas de uma enfermidade, como a tuberculose, que, ainda hoje, se constitui sério problema de Saúde Pública, a despeito dos recursos profiláticos.

As experiências dos que nos antecederam, seus desenganos, conquistas, e fracassos, são, em qualquer setor da pesquisa, notadamente da pesquisa histórica, um ponto de partida, ou, melhor, de referência para os que buscam conhecimentos novos.

Acertadamente andou Você em os nomeando.

Felizes, sem dúvida os que ficam, indelévels, na memória e no reconhecimento da humanidade.

Na verdade, caríssimo Dr. Sérgio, "só uma ausência é realmente triste: aquela que nasce da indiferença e do esquecimento".

(Peregrino Júnior)

Dentre os nossos, lamento tenha Você, ao lado de Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Manoel Bandeira... deixado de mencionar o nome de Augusto dos Anjos, o vate paraibano que, face às

repetidas hemoptises, se não cansava de dizer: "A cor do sangue é a que mais neste mundo me persegue".

Minado pela tísica precoce, vociferou:

"Escarrar de um abismo noutra abismo,
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia nesse escarro
Do que em toda moral do Cristianismo."

Por derradeiro meu caro Dr. Sérgio, estou em que a Medicina (técnica à parte e de um modo geral do ponto de vista terapêutico seria que afronto a verdade?) continua a mesma que, em 1885, Trudeau pôs no frontispício da instituição que fundou quando achou por bem, refugiar-se em meio as Montanhas Rochosas para viver ao ar livre em exclusivo contacto com a floresta e a Natureza: "Gauórir qualche fois, Soulangier souvent, Consoler toujours."

Dessa instituição — di-lo V. — vieram os sanatórios, por largo tempo tão em voga na prevenção e tratamento médico da tuberculose.

Seu primo muito amigo e muito admirador,

a) *Pedro Gomes de Matos*

Maranguape, 16 de fevereiro de 1982

P. S. — Pelo excelente transunto sobre "Evolução História da Tuberculose", apresento meus parabéns a Dra. Lucíola Rabêllo e a Dra. Márcia Alcântara, suas dignas colaboradoras.

Oportuníssima, sua referência a Rocha Lima. Quando ele morreu em 25 de março de 1885, escreveu Capistrano: "Apagou-se a mais fulgurante estrela do Ceará."

Era filho póstumo; corpo franzino, predisposição doentia.

Foi Rocha Lima a maior manifestação de crítico literário que o Brasil

O Centenário de Padre Rodolfo

O Ceará está comemorando entre as efemérides dos seus filhos ilustres dois centenários no corrente ano de 1980: o de Tomás Pompeu Sobrinho e o de Padre Rodolfo Ferreira da Cunha. O primeiro terá homenagens no próximo mês de novembro. O segundo, recentemente ocorrido será lembrado na próxima sessão do Instituto do Ceará a que ambos pertenceram e dedicaram o labor intelectual de suas vidas.

Padre Rodolfo Ferreira da Cunha é um dos humanistas do clero cearense que enobreceu com o seu talento a geração do seu tempo. Sua obra, nitidamente geográfica e de sentido telúrico, objetivo, seguiu de perto o roteiro de Pompeu Sobrinho. Decerto, ele filia-se à linhagem cultural dos escritores geopônicos do Ceará, entre os quais avultam os Tomás Pompeu, Rodolfo Teófilo, Ildefonso Albano, os quais reagiram pondo em evidência, naqueles tempos que precederam o desenvolvimento industrial, a confiança nos recursos naturais da terra seca, malsinada, injuriada pelos que insistem em castigá-la com a própria ignorância e descrença em seu destino.

Aquele que se integrou no prelúdio de uma consciência humanista operando com o suor de sua frente o barro plástico, moldado com ciência e fé dos seus ensinamentos tinha sublime vivência de observações e intuição pessoal. Pertencera a uma estirpe de origem rural. Nasceu a 26 de setembro de 1880 no povoado de Canaan, antiga

"Lavagem", do município de Trairi, que padre Rodolfo decantava como se fosse a sua geórgica, lembrando-nos o poeta: "Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha".

Com os amigos e parentes reunidos costumava desabafar saudades, dando as suas impressões dos sítios da "Lavagem" com o seu clima bom e águas claras, quase perenes; das frutas da "Lavagem" com a sua doçura e sabor jamais sentidos em frutas de outras terras; das rapaduras da "Lavagem", canas-de-açúcar e doces mil; do luar da "Lavagem", suas brisas e sol mui brando e um claro céu de puríssimo azul, sob o qual a Capelinha da "Lavagem" tão branca na planície por entre outros berços de palhoças humildes parece rezar piamente para que Deus venha mudar o comportamento dos indiferentes das cidades à sorte dos abandonados dos campos, e transforme em felicidades as amarguras do povo e as tribulações da guerra na paz do mundo... E falando assim, ia despertando em todos o amor à terra e um desejo estranho de voltar. Por isso, fez mudar o nome do seu povoado natal, para o de Canaan, na certeza de que a volta do homem à natureza era melhor.

Padre Rodolfo Ferreira da Cunha era filho de Raimundo Ferreira da Cunha e de D. Luiza Pires da Cunha, agricultores nas terras do Trairi e Itapipoca, onde possuíam vastos domínios. Seus avós, Tenente José Ferreira da Cunha e Maria Bezerra de

ainda possui. Sepultou-se em Maranguape. Seu corpo foi, depois, trasladado para o cemitério de São João Batista de Fortaleza. Faleceu moço. Seu livro "Crítica e Literatura", foi

reeditado ainda agora pela U. F. C. (ao que me consta).

Desculpe-me a digressão

P. G. M."

Menezes foram assim os primeiros habitantes, fundadores da antiga "Lavagem", onde a primeira casa data de 1830, inaugurada a Capelinha em 1876, construída com donativos do casal. O neto ordenou-se Presbítero, recebendo ordens sacras entre 28 e 30 de março de 1903 no Seminário da Prainha. Naquele tradicional instituto começou por exercer o magistério, num tempo em que a suas portas vinham bater jovens de todos os quadrantes do Ceará, filhos das principais famílias que habitavam fazendas e vilarejos. Desde então, Padre Mestre Rodolfo contribuiu com a sua inteligência para a formação de muitos jovens da sociedade cearense.

Orador primoroso, de palavras fácil, animada de estilo ameno e positiva linguagem, sabia tanto convencer como emocionar. Foi um entusiasta estudioso do Ceará e de seus recursos naturais, batendo-se pelo aproveitamento da terra no Nordeste cujas obras ameaçadas de abandono tiveram o incentivo de sua palavra falada e escrita, abordando temas da problemática regional apoiado no realismo das estatísticas e da pesquisa geográfica com sabedoria humanística.

Mestre foi não só do Seminário mas do velho e conceituado Liceu do Ceará, cuja cátedra conquistou por concurso em tese pioneira e realista — "O Vale do Jaguaribe", escrita, como instrui o nosso Prof. Osvaldo Riedel, Vice-Presidente do Instituto do Ceará, em linguagem entusiástica e sonora, apoiada por amplo domínio do idioma, síntese impressionista que convence".

Começa o autor por estudar o clima do Ceará e a extensão das secas no Nordeste numa configuração abrangente de todo o espaço regional, do Piauí a Minas Gerais, coincidindo com a área mais tarde adotada pelo Banco do Nordeste para constituir o Polígono das Secas. Estuda com apoio nos mestres de então as secas e seus reflexos na economia. Passa a examinar

as alternativas de soluções fixando-se na construção dos grandes açudes e subsequentes obras de irrigação. Remonta à bacia hidrográfica do Vale do Jaguaribe e potencial de suas terras de acordo com os especialistas nacionais e estrangeiros ao problema do aproveitamento agropecuário com apoio nos grandes açudes públicos. Invoca o testemunho e experiência de Pompeu Sobrinho e outros, oferecendo o quadro esboçado em seu tempo.

A tese entusiástica e realista de Padre Rodolfo nos mostra que ele não era um contemplativo, mas um deslumbrado com a composição realista das soluções objetivas. O que ele preconizara ontem, antes da construção das estruturas hidráulicas de grande e médio porte, é visto e tocado hoje, como necessário em 1980, em pleno centenário do seu nascimento.

Em 1922, por ocasião das comemorações do Centenário da Independência, e tendo em vista sensibilizar as atenções para a problemática do potencial hidrelétrico, publicava um outro estudo ainda de caráter geográfico sob a epígrafe, "Hulha negra e Hulha branca". Deixando Fortaleza, estabeleceu-se no Rio de Janeiro e percorreu no Oeste o Rio Araguaia, tendo escrito e publicado uma síntese descritiva do rio com o levantamento de alguns povoados à margem da região.

Não nos deteremos em outros aspectos do seu pensamento e reflexões, mas, diremos que seu espírito contemplativo fixara-se no amor aos pobres de sua terra natal a que se recolhera nos últimos dias de sua existência, tendo reformado a Capelinha de Canaan, ao pé de cuja torre seus amigos e parentes levaram em romaria seus restos mortais, que ali repousam, lembrando na lápide o cirio agreste, que ficou aceso no exemplo de sua vida, voltada para o humanismo cristão que deve se firmar entre a terra e os céus na bênção da paz e da fraternidade, sob o infinito azul...

O Povo — 08.10.80

O Beato José Lourenço e o Caldeirão de Santa Cruz

Durante muitas décadas um criminoso silêncio pesou sobre a história do Caldeirão. Três fatos sobressaem como causas deste silêncio. Primeiro: os agentes da repressão, a serviço das classes dominantes, que lograram a invasão e a destruição do Caldeirão, impuseram pelo terror, apoiados no "estado de sítio" reinante na época, o esquecimento compulsório. Foram presos, jornalistas e advogados que se insurgiram contra o massacre dos camponeses. Os jornais conservadores sensacionalizaram e mentiram sobre os acontecimentos; segundo — o temor de quem até hoje carrega consigo a memória do massacre e cala-se, temendo a repressão por parte daqueles que cometeram o crime e ainda estão vivos; terceiro — o orgulho, a estreita visão provinciana e a sede de glória de alguns pesquisadores, que detêm documentos e informações sobre o Caldeirão e os conservam inacessíveis, esperando que desapareçam os perigos de falar sobre o tema, para poderem, no futuro adiado, escrever sozinhos o "livro do século". A história ao povo pertence. Nas páginas de Nação Cariri, jornal de resistência cultural, tentamos resgatar, através deste pequeno ensaio, a história do Caldeirão. O tempo é chegado, a verdade se faz necessária e deve brilhar feito o gume de um punhal.

Para o povo nordestino tantas vezes massacrado e sempre renascido aprendendo a palavra resistência da boca do último morto.

Para Firmino Holanda, Osvaldo Barroso, Jefferson Júnior e Hermano Penna, que colaboraram em minhas pesquisas sobre a história e a cultura do Nordeste.

JOSÉ LOURENÇO CHEGA A JUAZEIRO — Na última década do século XIX, chegavam a Juazeiro do Norte, tangidos pela seca e pela miséria da exploração semifeudal, esperançosos nos milagres do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo, o cam-

ponês Lourenço Gomes da Silva e sua mulher, Tereza Maria da Conceição, acompanhados dos filhos Joaquim, Maria, José e Inácio (1).

Um dos filhos deste casal, José Lourenço, demonstraria desde muito novo o seu espírito místico. Em Juazeiro, participa de um dos inúmeros Grupos de Penitentes, seitas secretas que se autoflagelavam nos cemitérios abandonados, entoando benditos e pedindo aos céus clemência para as agruras da vida. Acompanhava, também, sem participação direta, as Cortes Celestes, seita mítica de camponeses que se reuniam no Horto (serra do Catolé), cujos membros se diziam santos, assumindo a identidade destes.

conforme rústica visão religiosa, e, nus, feriam os corpos sob os açoites das disciplinas. São José do Egito, Nossa Senhora, Maria Madalena, Santa Luzia eram alguns dos santos, pobres e miseráveis camponeses que seriam depois dispersados pela polícia, presos e torturados, por ordem de Floro Bartolomeu.

Por gozar da estima do Padre Cícero e considerado homem reto, José Lourenço é aconselhado por aquele a arrendar pequeno pedaço de terra e nele trabalhar com algumas famílias de romeiros, entre as inúmeras que incessantemente chegavam ao Juazeiro. Lourenço arrenda pequena faixa de terra no sítio Baixa D'Anta, no Município de Crato, de propriedade do Sr. João Brito, e lá se estabelece. A terra, então "árida e encapoeirada", é transformada pelo esforço coletivo e alguns anos depois já produzia muitos cereais e frutas: "Eram alguns milhares de laranjeiras, mangueiras, jaqueiras, limeiras, coqueiros, limoeiros, abacateiros, mamoeiros, bananeiras e cafeeiros, assim como uma invejável cultura de algodão, cereais e outras variedades de plantas hortaliças" (2). José Lourenço era o líder da comunidade, distribuía tarefas, dava conselhos, ensinava práticas rudimentares de agricultura e medicina popular. O produto da terra era repartido de forma igualitária entre os membros da comunidade que trabalhavam o dia inteiro e, à noite, se reuniam para as rezas, as novenas e as ladainhas.

O BOI SANTO — Por volta de 1900, o Padre Cícero encarregou José Lourenço de cuidar de um zebu que recebera de presente do industrial Delmiro Gouveia. O boi foi levado para Baixa D'Anta e, por tratar-se de uma raça desconhecida, manso e de muita beleza, além de ser propriedade do Padrinho do Juazeiro, impressionou aos romeiros que lá habitavam, tornando-se objeto de admiração e sendo tratado com exagerados cuidados. Conhecido tornou-se pelo nome

de Boi Mansinho. Conta-nos a tradição popular que um romeiro, para pagar promessa, oferece ao boi uma touceira de capim roubado e o boi recusa a oferenda, mugindo penosamente. O romeiro, acreditando tratar-se de um milagre, prostra-se por terra, e, depois, corre exaltado anunciando a santidade do boi. O boi andaria, a partir deste momento, em procissões, enfeitado de fitas, e os seus produtos naturais seriam usados como remédios infalíveis para curar um sem-número de doenças. Correm boatos sobre a veneração do "Boi Ápis", nos sertões do Cariri, a imprensa da Capital cearense estampa, nas primeiras páginas, notícias sensacionalistas e espalhafatosas. Os inimigos do Padre Cícero e do seu "alter-ego" Floro Bartolomeu, descarregam a fúria sobre o "antro de fanáticos" e o fato chega a ter repercussão na Capital da República. Para limpar o nome e a carreira política, Floro Bartolomeu tenta evidenciar o fato de que não suporta tais "excessos de fanatismo", manda prender José Lourenço. Em frente à cadeia, ordena que sacrifiquem o boi e tenta fazer José Lourenço comer da carne. Inutilmente, nem José Lourenço e nem o mais necessitado dos mendigos de Juazeiro ousaram tocar na carne do boi. Muitos dos romeiros choraram quando, sob forte machadada na cabeça, o boi caiu de joelho, com as patas dianteiras dobradas. Ora, do fundo do tempo "vinha este bovino prodigioso, do perdido mundo dos índios que vaguejam, maravilhosos, as primeiras boiadas; das cantigas dos tangerinos do II século, que ainda se recordam nos terreiros das fazendas e nos longos descampados do sertão (...), e quebrariam enfim, as peias com que o ataram os missionários e os padres das capelas das casagrandes. É impossível que seja São Boi, mas é, afinal, o Boi Santo" (3).

Morto o boi, José Lourenço é solto e volta para Baixa D'Anta, onde retoma o trabalho agrícola e a liderança

da comunidade. Na Sedição de Juazeiro, José Lourenço e sua gente não tomam parte nas batalhas, mas em 1914 o sítio é invadido por tropas rabelistas e os seus moradores obrigados a gritar: — Viva Franco Rabelo! Uma mulher que se recusa é esquarterada. Depois deste incidente muitos vão oferecer seus braços para a luta e participam da defesa de Juazeiro.

Em 1926, pouco tempo depois da morte de Floro Bartolomeu, o Sr. João Brito resolveu vender a Baixa D'Anta, incluindo na transação o pedaço de terra arrendado por José Lourenço. Para efetuar o negócio. "o comprador exigia a entrega imediata da parte beneficiada por José Lourenço". (4) O beato e os seus liderados entregam a terra sem nenhuma hostilidade. Perdem assim o resultado de quase duas décadas de trabalho árduo para domar a terra bárbara e fazê-la produtiva. Entregava, sem nenhuma indenização, as fruteiras, os pastos plantados, as roças semeadas, as cercas erguidas e as casas construídas. Entregou a terra e humildemente se retirou com a sua gente para o Juazeiro, onde ainda gozava de alguma estima do Padre Cícero.

O CALDEIRÃO — Em Juazeiro, José Lourenço demoraria dois anos e adquiriu fama de homem santo, passando a ser tratado por beato Zé Lourenço. Em 1928, retira-se, com algumas das famílias que como e'c moravam em Baixa D'Anta, para o Caldeirão dos Jesuítas, terra pertencente ao Padre Cícero, assim chamado pelo fato de ter uma depressão natural de pedra em forma de um caldeirão e de ali terem morrido dois jesuítas no tempo das perseguições pombalinas. O Caldeirão é "um lugar de topografia acidentada e muito pedregoso, cortado por vários grotões (...)" (5), mas todo de terrenos bons para a plantação de algodão. Estabelecido o beato com os seus seguidores, construíram as primeiras e pequenas casas

de taipa e, como a terra era seca, iniciaram também a construção de pequenas barragens nos grotões e socavões dos morros, garantindo assim razoável abastecimento de água para as épocas secas. Nas terras altas deu-se início à plantação de algodão, milho e feijão. Nas terras mais baixas, irrigadas e adubadas por processos primitivos, plantou-se cana-de-açúcar e arroz. Pequena engenhoca levantada nas imediações do pequeno povoado passou a produzir rapaduras, batidas e melado suficientes para o sustento da comunidade. A população crescia dia a dia e o Caldeirão prosperava. Em 1930 a comunidade já contava com população de mil pessoas. Nesta época, quando desencadeada a Revolução dos Tenentes, duas colunas de revolucionários marcharam sobre o Cariri. Em Juazeiro, a Coluna Ari Correia invadiu os domínios do Padre Cícero, seguindo depois para Recife. A outra coluna ficara em Crato, dando início ao desarmamento dos coronéis e senhores latifundiários. Numa destas investidas, tenta prender o beato José Lourenço, acusado de guardar armamentos. Avisado com antecedência, o beato foge e os revolucionários nada encontram no Caldeirão, a não ser camponeses e seus instrumentos de trabalho.

CRESCE O CALDEIRÃO — Em 1932, os flagelos da seca intensificam as emigrações e numerosos grupos de retirantes, magros e famintos, enchem as estradas nordestinas, em procissões macabras, clamando pela justiça dos homens e de Deus. Inutilmente. O Governo Central pouco faz e os políticos engendram a indústria da seca, desviando verbas e víveres destinados aos camponeses famintos. O Vale do Cariri, região fértil e privilegiada pela localização geográfica, é invadido pelas massas famintas e agrupados, pelas autoridades constituídas, em acampamentos precários, chamados pelo povo de "Curral do Governo". As poucas condições de higiene, a falta de ali-

mentação e de assistência médica prepararam terreno para as doenças e os surtos de peste dizimaram grande número de flagelados. Os corpos, esqueléticos e fétidos, eram carregados em carrinhos de mão e jogados numa grande vala, onde eram sepultados. Morriam de fome e de doenças, abandonados como animais. Muitos retirantes chegam, por essa época, ao Caldeirão. O beato abriu os depósitos de viveres da comunidade e a todos ofereceu comida e trabalho. Deu início à construção de dois grandes açudes, um no riacho Escondido e outro no riacho Caldeirão. Este, de maior porte, tinha a parede com 36 braços de comprimento, 18 de altura e 13 de base. Estes açudes assegurariam água para a localidade nos anos futuros e tornariam possível a irrigação rústica em maior escala. Durante a seca de 1932, segundo depoimentos de muitos remanescentes, no Caldeirão não morreu um só camponês de fome (6). Dos muitos que chegaram durante a terrível estiagem quase todos ficaram morando com o beato.

Se no início a mudança do beato José Lourenço com algumas famílias para o Caldeirão fora medida do Padre Cicero de "apurado raciocínio, que viu grave problema para Juazeiro, em consequência da afluência sempre crescente de romeiros àquela cidade" e procurava assim "o escoamento dos retirantes para o novo arraial" (7), além da migração intensificada nos períodos de seca, uma outra causa das constantes romarias ao Caldeirão foram as pregações messiânicas de Severino Tavares. Antes de chegar ao Caldeirão, por volta de 1932, Severino já perambulava pelos sertões nordestinos, levando vida mística e ascética, profetizando o fim do mundo, pregando os mandamentos do caminho reto, a união entre o povo, o respeito pelo sagrado, o desprezo pelos padres que fazem comércio das coisas divinas e a ida para o Caldeirão da Santa Cruz, lugar sagrado onde o povo deveria

trabalhar, rezar e preparar a chegada do Novo Tempo, anunciado pelos profetas que o antecederam. Severino dizia-se o Conselheiro, o enviado de Deus que viera para libertar o povo e conduzi-lo pelas sendas da salvação (8).

As romarias, no entanto, cresciam de forma alarmante a partir da morte do Padre Cicero, em 20 de julho de 1934. Privados da presença do "Santo Padim Ciço", que "fez uma viagem e deixou o Juazeiro sozimo", como reza o bendito popular, os romeiros passaram a enxergar no Caldeirão de Santa Cruz, como era conhecido, a nova terra da promessa, e no beato José Lourenço uma "espécie de reencarnação" do Padre, capaz de cumprir as promessas messiânicas feitas na época do milagre da beata Maria de Araújo. A partir da morte do Padre Cicero, todos os membros da comunidade passaram a usar roupas pretas, em luto fechado, como símbolo da enorme dor e tristeza causada pela morte do "Padim Ciço".

Em 1934, ano em que morreu o Patriarca do Juazeiro, o Caldeirão já contava com população fixa de mais de três mil habitantes e uma população flutuante em torno de seis mil pessoas. A vida social e econômica no Caldeirão foi organizada dentro de moldes socialistas. O trabalho tinha caráter santificado e era tido como "penitência", capaz de modificar o mundo e de preparar o advento do novo tempo. Às vezes o beato ia até as roças puxar benditos e incentivar o trabalho, que tinha jornada de oito horas, com intervalos para o almoço e merenda. A produção era armazenada em um grande prédio construído perto da barragem do açude e de lá repartida, através de Isaías, espécie de secretário do beato, com os chefes de famílias, conforme as necessidades. As famílias recebiam uma "comissão" de arroz, feijão, rapadura, café, açúcar, carne, leite, batata, macaxeira e milho, para consumo de uma semana. As mulheres

também trabalhavam no plantio, na limpa, na colheita, na alimentação dos animais domésticos, na confecção de tecidos e na modelação de barro. As beatas cuidavam dos afazeres domésticos e das coisas sagradas (9).

ORGANIZAÇÃO SOCIAL E ECONÓMICA — Desenvolve-se no Caldeirão um artesanato bem elaborado e diversificado. Com metais, fabricavam foices, enxadas, cavadores, estribos e pequenas peças de ferro batido. Com a madeira, faziam portas, mesas, oratórios, móveis domésticos e arados rústicos. O engenho de pau foi construído por mestres carpinteiros da comunidade. Com barro, modelavam as panelas, potes, pratos, tijolos e telhas e desenvolviam também a cerâmica lúdico-figurativa usada pelas crianças nos seus folguedos. Em tarefas primitivos teciam as fazendas necessárias para vestir todos os membros da comunidade, além de redes, lençóis e panos grossos para os sacos de armazenar alimentos. O pequeno curture oferecia sola para as selas, os arreios, os chinelos, as correias e os gibões. Com cera de carnaúba fabricavam velas para os cultos, da mamona extraíam o azeite para a iluminação e com flandre faziam as canecas, as bacias e os candeeiros. Não obstante a variedade de ocupações, a agricultura era cultivada por todos, havendo rodízios e remanejamentos. Depois de repartida com os membros da comunidade, o excedente da produção tinha uma parte armazenada para os maus tempos e outra comercializada com os povoados adjacentes e transformada em dinheiro, usado para adquirir objetos não produzidos pelos habitantes do Caldeirão, o que era pouco, posto que a comunidade era auto-suficiente. O beato incentivava o povo no seu trabalho e tinha idéias progressistas para a época. Por volta de 1935, entrou em contato com comerciantes do Crato, na tentativa de importar arados da Inglaterra, o que não chegou a ser efetuado.

Médicos populares, mestres no trato de preparados medicinais feitos com a flórá e nos segredos das rezas mágicas, asseguravam ao povo razoável nível de saúde. Não havia escolas, as crianças menores brincavam livres pelos terreiros e os mais crescidos acompanhavam os pais no rude e necessário aprendizado da sobrevivência. Aprendiam técnicas de trabalho, contos, provérbios, cantigas e ensinamentos da sabedoria tradicional, além da iniciação nos ritos e nas rezas da religiosidade popular.

VIDA RELIGIOSA — O beato José Lourenço, além de organizar a vida social, com Isaias e Severino Tavares, seus lugares-tenentes, era o líder religioso, gozando do respeito e da ascendência moral sobre os adeptos. Oficiava, todas as noites, as novenas, as festas de renovações, os ofícios da Santa Cruz e as pregações sobre o caminho do amor e da retidão a ser seguido pelos homens do rebanho de Deus. Dizia que o homem não deve roubar, não deve matar, não deve fazer mal ao seu próximo, que todos os homens devem viver em paz, pois são todos irmãos, todos iguais, todos filhos da mesma matéria e sujeitos à dor e à morte. Havia festas religiosas comemorativas aos dias santificados e no dia da Santa Cruz organizava rituais religiosos com rezas e cânticos e procissões, das quais participavam todos os moradores do Caldeirão. Na frente da multidão seguia o beato José Lourenço, montado no seu cavalo Trancelim, vestido com paramentos religiosos, e acompanhado em seguida pelos Doze Pares da França, cavaleiros iniciados na Irmandade da Cruz e que, nas festividades, vestiam-se com roupas coloridas e cavalgavam com os cavalos cobertos com mantas, bordados e enfeitados com flores e fitas multicores. Cabia ainda ao beato organizar os rituais de morte, a encomendação das almas e os ritos de passagens. As beatas, mulheres religiosas, na sua maioria érfãs criadas pelo beato, dedi-

cavam-se às orações, à participação nos rituais, cuidavam da alimentação do beato e do viveiro onde havia centenas de pássaros exóticos trazidos pelos visitantes dos mais distantes recantos do Brasil. Eram pavões, emas, papagaios, arapongas, canindés etc. Havia também criação de animais selvagens domesticados, veados, preguiças, mocós, antas, tatus, onças de bode, macacos etc. Defronte à casa onde habitava, o beato iniciou a construção de uma capela de grandes dimensões e fortes estruturas, com portas de cedro e altares esculpidos em madeira-de-lei por mestres carpinteiros e imagens de grande porte esculpidas por santeiros do Juazeiro e algumas menores, de gesso, compradas na Capital do Estado. A capela, no entanto, não chegaria a ser concluída. Sua construção seria bruscamente interrompida em 1936 e os seus objetos saqueados pela soldadela que participou da invasão. O beato, que não oficiava sacramentos reservados aos padres pela Igreja Católica, manteve no início bom relacionamento com o clero, a quem sempre convidava para rezar missas, fazer batizados e casamentos. Reservava-se o beato às pregações, aos rituais de penitência e aos ofícios religiosos rústicos de louvação a Deus. Em cima de um monte, em local estratégico, que permitia toda uma visão sobre o arraial, ficava a casa do beato José Lourenço, cercada de alpendres, com duas salas, quatro quartos, cozinha e despensa. Nesta casa recebia os visitantes e os encaminhava para a casa dos hóspedes.

RELAÇÕES COM OS VIZINHOS

Conhecido por sua hospitalidade e generosidade, José Lourenço era inigualável anfitrião. tratava com respeito e educação os visitantes e mandava servir-lhes fartas mesas, onde não faltavam queijos, vinhos franceses e outras iguarias. Mantinha o beato boas relações com os proprietários de terra

que o circundavam e ao seu amigo José Alves de Figueiredo, que certa vez lhe pedira uma ajuda de homens para um mutirão de limpa em suas terras, enviou quatrocentos homens com enxadas e foices e em apenas dois dias fizeram a limpa de mil hectares. Em troca, José Alves de Figueiredo mandou ao Caldeirão um carregamento com farinha, feijão e outros mantimentos. Seria José Alves de Figueiredo que ergueria a voz em defesa do beato nos jornais da Capital, quando da invasão do Caldeirão. Certa feita, o beato pedira a um proprietário de terras vizinhas mil folhas de palmeiras para cobrir umas casas e recebeu grosseira resposta: "Se você tiver em que levar, leve!" No dia seguinte a este curto diálogo, mil homens compareceram ao sítio, cada um retirou das palmeiras uma folha e depois seguiram em procissão, cantando hinos religiosos e dando vivas a Deus. Esta relação de amizade com os proprietários, porém, não duraria muito tempo. A crescente demanda de camponeses para o Caldeirão seria a causa da falta de braços para os senhores latifundiários das regiões mais afastadas e a reação não demoraria a vir de forma cruel e drástica.

A DENÚNCIA — Setores conservadores ligados à política regional, insuflados pelos proprietários de terra e pelo clero, encarregaram-se de espalhar boatos sobre o beato José Lourenço e os habitantes do Caldeirão. Diziam que o beato oficiava sacramentos reservados ao clero de forma bárbara e sacrílega, que vivia em concubinato com as beatas, possuindo harém de 16 mulheres, que explorava a ignorância e o fanatismo dos camponeses, usando a sua força de trabalho para enriquecer. A situação agrava-se quando os padres Salesianos, que herdaram as terras do Caldeirão do Padre Cicero, resolvem tomar as terras sem pagar aos seus habitantes nenhuma indenização. O advogado Norões Milfont, deputado

estadual pela Liga Eleitoral Católica — LEC, de tendência conservadora, foi constituído defensor da causa dos salesianos. Sem perda de tempo, Norões Milfont alardeou a tese de que o Caldeirão constituía uma nova Canudos, que o beato guardava armamentos e que o ajuntamento, além de constituir sério perigo para o Estado e a ordem estabelecida, tinha francas tendências comunistas. Nos sermões, os padres falam do perigo do ajuntamento de fanáticos e da infiltração de "agentes vermelhos" a serviço do totalitarismo ateu. Os boatos chegam aos ouvidos das autoridades estaduais.

De Santa Quitéria, na zona Norte do Ceará o delegado telegrafa para Cordeiro Neto, o chefe de Polícia, na Capital, falando de um homem magro e barbado, vestido com um roupão sujo e parecido com uma mortalha, que fazia pregações religiosas e conclamava o povo a ir para o Caldeirão. Era Severino Tavares em sua missão profética e milenarista. Por ordem de Cordeiro Neto, Severino é preso pela Polícia e escoltado para Fortaleza, onde é encarcerado, torturado, tosquiado e interrogado, constatando-se a sua ligação com o Caldeirão (10). Severino, que até então estivera preso em uma cela com prisioneiros comuns, é transferido para a cela onde se encontram presos Jäder de Carvalho e outros comunistas cearenses, por conspiração contra o Governo (11). Tentam assim incriminar Severino Tavares de ligações com os comunistas, acusando ainda Severino, que era rio-grandense-do-norte, de ter participado da Intentona Comunista em Natal, no ano de 1935, e ser agente de Moscou infiltrado entre os camponeses do Caldeirão.

O clero do Cariri une-se aos políticos e aos proprietários de terra e no ano de 1936 o interventor e Governador do Estado. Menezes Pimentel reúne o seu gabinete e é debatida solução para o Caldeirão. Desta reunião participam o Secretário de Esta-

do, Andrade Furtado, o deputado Norões Milfont, o bispo do Crato, Dom Quintino, e o chefe de Polícia, Cordeiro Neto (12). As autoridades são concordes quanto ao perigo do ajuntamento de camponeses do Caldeirão e decidem pela urgente ação militar e destruição da comunidade liderada pelo beato José Lourenço. O capitão José Bezerra foi enviado ao Caldeirão em missão secreta, disfarçado em comprador de algodão, para espionar o agrupamento. O beato o recebe como a todos os visitantes, fala que não pode vender o algodão, que é de propriedade comum, e mostra-lhe o Caldeirão nos seus mais diversos aspectos, apesar da desconfiança de Isaías. De regresso a Juazeiro, o Capitão José Bezerra, cuja cobiça cresceu quando constatou as riquezas da comunidade, escreve relatório dando conta do "fanatismo reinante e do terrível perigo comunista". Tomava o Caldeirão as proporções de nova Canudos, acontecimento ainda vivo na memória das classes dominantes e dos camponeses que se insurgiram contra a ordem estabelecida, tentando assegurar o direito a um árido pedaço de terra e o direito de viver libertos da exploração semifeudal.

A INVASÃO DO CALDEIRÃO
— No dia 9 de setembro de 1936, uma expedição da Polícia Militar, composta por uma Companhia de Fuzileiros e uma Seção de Metralhadoras Leves, sob o comando do Tenente José Góes de Campos Barros, segue para o Cariri. Para evitar especulações, o Chefe de Polícia, Cordeiro Neto, espalha a notícia de que a tropa dirigiu-se a Mossoró (13). Os soldados iam preparados para a luta, mas quando invadiram o Caldeirão, os camponeses, humildes e espantados, não ofereceram resistência. Todas as casas foram vasculhadas e tiveram os seus modestos objetos domésticos revirados e quebrados, no entanto não encontraram o que procuravam. Em vez de armas encontraram instrumen-

tos de trabalho : enxadas, cavadores, foices e arados rústicos. O beato José Lourenço, avisado com antecedência a aproximação da expedição militar, agira. O Capitão Cordeiro Neto aplicou para os camponeses o que queria fazer : acabar com a concentração de "fanáticos" e exigir que as famílias pegassem os seus pertences e voltassem para o seu Estado de origem. As famílias tinham um prazo de poucos dias para partir. Assustados e humildes, os camponeses explicaram que não poderiam partir levando consigo os seus pertences, posto que ali ninguém possuía nada, pois os bens eram de toda a comunidade.

De noite, o Capitão José Bezerra, embriagado e demonstrando arroubos de valentia, resolve quebrar o mito que envolvia o cavalo Trancelim, pertencente ao beato José Lourenço e só por ele montado, quando seguia em frente aos Doze Pares da França, nas procissões da Santa Cruz, ou quando ia em viagens visitar o Padre Cícero. Isaías, homem branco e com certa leitura, secretário do beato, implora : — "Seu Capitão, não consinta nessa desgraça, vai cair um castigo sobre todos". (14). O Capitão José Bezerra, que já tinha introduzido prostitutas no Caldeirão e querendo mostrar-se para as mulheres, não dá ouvidos. Monta no Trancelim e enfia-lhe as esporas, o cavalo dispara, riscando os cascos nas pedras. José Bezerra cavalga, sem dar-lhe trégua, por quase toda a noite e quando volta com o cavalo Trancelim, extenuado, coloca-o na estrebaria e volta à bebedeira. Trancelim morreria na madrugada, com os primeiros raios do sol. Tempos depois, em Fortaleza, o Capitão José Bezerra contaria para a soldadela como matara o cavalo Trancelim. Severino Tavares, da sua cela, lança uma ameaça profética : "O senhor, Capitão, vai pagar caro o couro do Trancelim!" (15).

No Caldeirão, instalou-se um campo de concentração : homens, mulheres e crianças foram amontoados em um

curral, sob coronhadas e pontapés da Polícia e lá ficaram, recebendo magras rações, por dias e dias, amontoados como animais. "Um velho de barbas longas, meio calvo, de olhar fixo e brilhante, erguendo para o alto as mãos sujas e esqueléticas, proferiu, dramático : "Vossa Mercê é poderoso, mas, acima de tudo, está o poder de Deus!" (16). Inutilmente falou, a Polícia dava-se, logo depois, ao crime de incendiar as choupanas e de saquear o armazém da comunidade e a casa do beato.

O bárbaro crime doeu até na consciência dos seus executores. O Tenente Góes escreve no seu relatório : "Deve ter sido doloroso, para o coração fanatizado daqueles pobres sertanejos, o espetáculo da primeira noite de ocupação; as suas inteligências simples nunca poderiam justificar semelhante violência; e a visão das primeiras casas devoradas pelas chamas, pontilhando os morros de clarões sinistros, ateou-lhes nalma a fogueira do rancor e da vindita" (17). Tão pavoroso era o crime que mais adiante o Tenente Góes tenta justificá-lo acusando os próprios camponeses de o terem executado e justifica a venda de parte dos bens da comunidade em leilões públicos, como sendo para evitar que estes bens tivessem sido destruídos pelos habitantes revoltados. Até as portas da igreja foram arrancadas e, tempos depois, apareceriam guardando a entrada de um cabaré em Crato. Os cavalos, os porcos, as aves, os bois, os legumes armazenados e outros bens pertencentes ao beato foram vendidos e pequena parte do dinheiro, para disfarçar o crime, entregue ao Juiz de Direito do Crato.

OS BENS SAQUEADOS — A população é dispersada e o Capitão José Bezerra fica como interventor do Caldeirão, que meses depois seria entregue aos padres salesianos. Os amigos do beato o orientam a colocar o caso na Justiça. José Lourenço constituiu os advogados Antônio de Alen-

car Araripe e Ademar do Nascimento Fernandes Távora seus procuradores e a eles entregou documento onde relacionava todos os bens da comunidade saqueados pela Polícia. Os advogados pediam, na ação judicial, a indenização de Cr\$ 400.000,00, o que na época constituía verdadeira fortuna. A descrição e a nomeação dos bens dá idéia do quanto o trabalho coletivo era progressista. Constam da relação de bens:

— "Doze casas de moradia, uma de engenho; dois açudes de terra; um cercado com 4 mil e doze braças de cercas de circunferência com mais de mil tarefas de algodão em produção; uma vazante de capim com 506 braças de extensão; uma capela em construção; quatro tarefas de cana-de-açúcar; 10 cancelões de madeira; e centenas de árvores frutíferas, nomeadas uma a uma.

— "Nomeia ainda 181 bois, 18 burros, três cavalos de campo com todos os arreios, quatro de sela (entre eles "o de fina qualidade denominado Trancelim); 90 cabeças de animais, entre éguas, burros novos, jumentos e potros; 200 cabeças de caprinos, 150 lanígeros, 1 mil e 500 de porcos, cinco pavões, quatro emas grandes, duas araras, 26 papagaios faladores, 1 mil 518 aves diversas, entre patos, marrecos etc., 150 galináceos e 2 mil mocós mansos.

— "E mais 600 arrobas de algodão, 300 quartas de farinha, 50 cargas de rapadura, 40 quartas de milho, 40 quartas de arroz com casca, 30 quartas de feijão, dois sacos de café, 30 sacas de sal; uma oficina de ferreiro completamente montada, com abundância de todos os seus utensílios necessários; uma outra oficina de carpinteiro, com tudo de necessário para o trabalho dessa arte; uma outra de flandheiro; e uma outra de sapateiro.

— "Além de uma infinidade de coisas, desde quatro máquinas de costura a vinhos e conhaques finos, o beato relacionou um relógio de parede gran-

de e da melhor qualidade e várias jóias; um quilo de ouro de lei em medalhas, moedas, correntes e objetos de adorno, assim como um relógio de bolso Patek Philip de ouro de lei, com corrente e medalha do mesmo metal, dois relógios Omega, 12 anéis de ouro de lei (um com brilhante e outro com rubi) (18).

O jornalista José Alves de Figueiredo escreve e publica no jornal "O Povo" um artigo em defesa do beato José Lourenço e por isto é preso. O próprio jornal "O Povo", periódico conservador, escreve no dia 11 de novembro de 1936 nota denunciando as transações ilegais pela Polícia dos bens do Caldeirão, para terminar com um apelo: "Cumpre, pois, ao Governo apurar os fatos em todos os detalhes, a fim de que se localizem as responsabilidades em torno dessa estranhável irregularidade" (19). Tais posições constituíam exceções à regra, a imprensa do Ceará mobilizou através de artigos sensacionalistas, a opinião pública (inclusive o jornal "O Povo"), as primeiras páginas traziam manchetes sobre o Caldeirão, "uma excrescência dentro do Estado" e um núcleo de "fanáticos brutos e ignorantes".

SEVERINO TAVARES RETORNA — Destruído o Caldeirão, Severino Tavares foi posto em liberdade com a recomendação de que voltasse para o Rio Grande do Norte. Severino deu a entender que cumpriria as recomendações das autoridades, ruma para o Rio Grande do Norte, mas no meio da viagem desvia-se do caminho e segue para o Cariri.

Com algumas famílias expulsas do Caldeirão, o beato José Lourenço se estabelece na Serra do Araripe, onde surgem as choupanas miseráveis, "verdadeiras casas de índios. Estas moradias sui generis são construídas esparsamente no meio do matagal, sem o conforto sequer de pequeno terreiro. O que se objetiva é o disfarce de verdadeiro esconderijo" (20). Severino chega ao Cariri e junta-se ao beato

na Serra do Araripe. Nova comunidade surgia, com extensão de quase dois quilômetros, entre a Mata dos Cavalos e o Curral do Meio. Previnindo-se contra outros possíveis ataques da Polícia, o beato José Lourenço espalhou "vigias" por várias cidades e localidades estratégicas da região. O beato tinha índole pacífica e tentava apenas se proteger e estar preparado para, se necessário, evacuar o seu povo para Pernambuco.

A LUTA NA SERRA DO ARARIPE — Se o beato preferia acomodar-se, o mesmo já não acontecia com Severino Tavares, que prega a revolta armada e consegue reunir sob a sua liderança um grupo com mais de trezentos homens armados. Ainda estava vivo no espírito destes camponeses o ódio pela Polícia que saqueara e destruíra o Caldeirão, principalmente pelo Capitão José Bezerra, que fôra espiar a comunidade, comandou as atrocidades e matou o cavalo Trancelim. Em 9 de maio de 1937, o Capitão Cordeiro Neto, Chefe da Polícia, recebia telegrama urgente do advogado e deputado Norões Milfont, comunicando que os fanáticos" invadiriam a cidade de Crato. De Fortaleza segue ordem para que a força policial sediada em Juazeiro, sob o comando do Capitão José Bezerra, atacasse o reduto dos "fanáticos" chefiados por Severino Tavares, localizado na Mata dos Cavalos, a quatro léguas de Crato.

No dia 10 de maio, o Capitão José Bezerra segue com 18 praças em um caminhão. Ao aproximarem-se da localidade seguem a pé, seguindo um guia que se oferecera para mostrar onde estavam Severino Tavares e seus homens. No matagal próximo o guia desaparece e os camponeses emboscam os soldados. Os sargentos Jaime e Brasileiro, que sobreviveriam ao massacre, relatariam depois na Revista Policial: "Foi um instante dramático. Surgindo do matagal, os fanáticos envolvem o Capitão Bezerra, que não

tem tempo sequer de sacar a sua pistola, como dos fuzis não puderam lançar mão os soldados. A luta corpo a corpo se trava violenta, entre o Capitão e seus soldados, de um lado e, de outro, cerca de 100 fanáticos, armados de rifles, espingardas, foices e cacetes sob a chefia de Severino Tavares. Os fanáticos pareciam visar especialmente o Capitão e dividiram-se em grupos de modo a isolar-se das praças" (21). Uma foçada na nuca, que decepou-lhe a cabeça, pôe fim à vida do Capitão José Bezerra. A pauladas foram massacrados o Sargento Anacleto, filho do Capitão José Bezerra, um cabo e um soldado. Os soldados feridos são recolhidos ao hospital do Crato. O malogro da força policial causa pânico entre os dirigentes do Estado. Segue imediatamente para o local o Tenente Assis Pereira com o restante da tropa sediada em Juazeiro, composta por trinta homens. De Fortaleza segue a 1ª. Companhia do 1º. BC da Força Pública, em um trem especial da Rede Ferroviária Cearense, sob o comando do 1º. Tenente Abelardo Rodrigues. O próprio Chefe de Polícia, Capitão Cordeiro Neto, consegue autorização do Ministério da Guerra e segue com três aviões (Paraíba, Chaco e C 83), sob o comando do Capitão-Aviador José Macedo, para o palco das lutas. No final da tarde do dia 11 de maio, chegavam a Juazeiro, na mesma hora em que chegava um caminhão, os corpos dos policiais mortos em emboscada da Serra do Araripe e de três camponeses cujos cadáveres, mutilados e amarrados, foram expostos à visita pública como sendo Santo Antônio, Santo Onofre e São Pedro.

Os aviões fazem vôos de reconhecimento, localizam o acampamento dos camponeses e no dia seguinte metralham e bombardeiam as miseráveis choupanas. Por terra seguiram as forças policiais, parte delas seguindo para Mata dos Cavalos, a outra parte ficando acantonada em Santa Fé, de

onde seguiriam para Mata do Rasgão. Deu-se o terrível massacre. Tomados de surpresa, os camponeses, na maioria homens pacíficos e que não tinham participado da luta que culminou com a morte do Capitão José Bezerra, não reagiram. As choupanas foram incendiadas e os seus moradores, ao saírem aterrorizados, eram recebidos com baionetas caladas, fossem eles velhos, mulheres ou crianças. O beato José Lourenço, com algumas famílias, consegue fugir para Pernambuco.

Segundo depoimento do Tenente Alfredo Dias, os soldados lincavam as baionetas com tal força que tinham que usar os pés para retirá-las (22). Os prisioneiros eram executados sumariamente e alguns tiveram a pele do rosto arrancada a golpes de facas, tal qual se tira o couro de um bode. Os corpos dos camponeses foram amontoados e incinerados com gasolina. Os fugitivos foram perseguidos por toda a serra do Araripe e luzilados. Muitos dos que conseguiram atravessar a divisa com Pernambuco foram massacrados pelas forças policiais pernambucanas que, avisadas pelo Governador do Ceará, Menezes Pimentel, estavam de prontidão. A chacina deixou saldo de mais de mil camponeses mortos. O farmacêutico José Geraldo da Cruz encontraria depois, em um só local, 16 crânios de crianças (23).

PAU DE COLHER — Severino Tavares, chefiando pequeno grupo de homens, consegue fugir, ludibriando as polícias do Ceará e Pernambuco, e vai estabelecer-se em Pau de Colher, no interior da Bahia. Nesta localidade, aliado ao beato Quinzeiro, iria liderar o movimento messiânico chamado de Circo dos Santos, em luta no ano de 1937. As autoridades baianas são alertadas. Dois batalhões do Exército e uma Companhia da Polícia Militar destruíram Pau de Colher, exterminando os "últimos fanáticos" e deixando saldo de mais de quatrocentos camponeses mortos (24).

ITAYTERA

SÍTIO UNIAO — Com pequena quantia em dinheiro, o beato José Lourenço compra o Sítio União, em Pernambuco, e lá estabelece-se com algumas poucas famílias. As autoridades, reconhecendo-lhe a índole pacífica e a não participação nas lutas da Serra do Araripe, deixam-no em relativa paz, mas sob constante vigilância. Tempos depois, o beato importaria da Alemanha algumas imagens de santos que faz transportar para o seu Sítio. Sob a alegação de que os caixotes traziam armas e que o beato desencadearia uma revolução, as forças policiais invadem o Sítio União, mas constatando que os caixotes traziam apenas os santos, nada fazem com o beato e sua gente, deixando-os com sérias advertências de que não se metam em complicações com o poder constituído.

A MORTE DE JOSÉ LOURENÇO — No Sítio União, o beato José Lourenço viveu até o ano de 1946, época em que morreu de peste bubônica, no dia 12 de dezembro, aos 74 anos de idade (25). O corpo, sepultado em Juazeiro do Norte, em um grande e belo túmulo que custou na época a quantia de 20 contos de réis. Era a última homenagem que lhe prestavam os camponeses e os miseráveis nordestinos que, sob sua orientação, erqueiram no Caldeirão, com esforço, amor, fé e trabalho de cada um integrado num processo coletivo, uma das mais positivas experiências sociais já realizadas no Brasil.

"Muito amor que se consulta
Lembra o refrão justo e raro:
— Quem a paca cara compra
Pagará a paca caro!"

JOSÉ CARVALHO

1872 — 1932

199

*Administração
Municipal
de
Jardim*

*Um governo consciente do
que fez pelo seu povo.*



Nossa saudação a intelectualidade cariense,
ao ensejo em que circula mais um número
da vitoriosa revista ITAYTERA.

Antonio Sampaio Couto
Prefeito Municipal

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

BALANÇO FINANCEIRO REFERENTE AO ANO DE 1981

R E C E I T A

	Cr\$	Cr\$
MOVIMENTO DE FUNDOS		
Saldo do ano de 1980		5.042,60
SUBVENÇÃO FEDERAL		
Recebida do Ministério da Educação e Cultura, através da Agência local do Banco do Brasil, subvenção de quotas de Parlamentares	100.000,00	
SUBVENÇÃO FEDERAL ESPECIAL		
Recebida da SEPLAN, através da Agência local do Banco do Brasil, consagrada pelo parlamentar cearense Dep. Hildo F. Leite	100.000,00	200.000,00
TOTAL GERAL		205.042,60

D E S P E S A

BIBLIOTECA		
Aquisição de livros		18.000,00
MUSEU		
Aquisição "fosséis" e filmagem documentos	6.000,00	
Frete aéreo um quadro pintor J. Pedrosa	986,00	6.986,00
SEDE SOCIAL		
Serviços de asseio e limpeza	3.775,00	
Consumo de energia elétrica	9.234,21	13.009,21
VIAJENS DO PRESID. E SECRET. A FORTALEZA, A SERVIÇO DO I. C. C.		
Despesas passagens transp. rodoviário e hotéis		17.961,00
CLUB DOS AMIGOS DO FOLCLORE		
Festa do "Judas" e compra vestuários típicos		45.000,00
HOMENAGEM A TÉCNICOS DA SECRETARIA DE CULTURA		
Despesas de um almoço		1.118,00
SECRETARIA		
Material tipográfico para escritório	12.495,00	
Despesas em cartório procuração a RELVAN	150,00	
Confecção de um carimbo	140,00	
Despesas postais-telegráficas	610,00	13.395,00
DESPESAS DIVERSAS		
Pequeno auxílio à Banda de Música Municipal	500,00	
Assentamento placa comemorativa nascimento escritor cratense Irineu Pinheiro	300,00	
Mo'dura retrato Dr. Nirson Monteiro	300,00	1.100,00
T O T A L		116.569,21
MOVIMENTO DE FUNDOS		
Saldo para o ano de 1982:		
Agência local do Banco do Brasil	86.830,27	
Agência local do Banco do Estado do Ceará	1.643,12	88.473,39
TOTAL GERL		205.042,60

Crato, 31 de dezembro de 1981

Prof. Plácido Cidade Nuvens
Presidente

Antônio Correia Coelho
Tesoreroiro

Francisco Hélio de Sousa
....Técnico em contabilidade....
Registros: DEC 270.839 CRC-Ce. 1645

I N D I C E

EDITORIAL — Mais um número de "ITAYTERA"	Pág. 3
1º. Ano do BNB em Crato	Pág. 4
Barão do Crato	Pág. 8
Pe. Neri Feitosa empossado na Cadeira Nº 3 do ICC	Pág. 9
Almirante Alexandrino de Alencar	Pág. 21
"Confissão" do Coronel Belém a Antonio Luiz	Pág. 27
Ti-Ti/To-To — Seu Antonio	Pág. 29
A Viagem do Boiadeiro	Pág. 37
Centenário de Pe. Rodolfo	Pág. 43
Reminiscências da Revolução de 1930	Pág. 47
O Crime de Cariús	Pág. 55
Fernando Gabeira: Da Subversão ao Best-Seller	Pág. 69
Poetas Sertanejos de Pio Nono	Pág. 73
O Crime de Cariús (Resposta)	Pág. 77
Caderno de Anotações	Pág. 77
Banda de Música de Crato	Pág. 79
Minhas Poesias — III	Pág. 83
A Tragédia de Angicos	Pág. 89
Discurso na Sudene	Pág. 97
Dois Poemas	Pág. 103
O Crime no Sertão	Pág. 104
Descobri que estou apaixonada por um Santo!	Pág. 105
Lídia de Tiatira	Pág. 109
Escola Agrotécnica Federal de Crato	Pág. 113
A Poética do Espaço ou a Geometria do Devaneio	Pág. 119
Alvaro Bomilcar	Pág. 122
Primeira Médica do Ceará nasceu no Crato	Pág. 123
Fenelon Bomilcar	Pág. 125
Faustina	Pág. 127
A Cidade do Pajeú	Pág. 133
Um Tiro à Meia Noite	Pág. 134
Romanceiro de Bárbara	Pág. 137
A Posição de Irineu Pinheiro na Historiografia Caririense	Pág. 139
Romanceiro de Bárbara	Pág. 167
Homenagem Póstuma a Figueiredo Correia	Pág. 169
Cidadão do Crato	Pág. 180
Evolução Histórica da Tuberculose	Pág. 186
O Centenário de Pe. Rodolfo	Pág. 187
O Beato José Lourenço e o Caldeirão de Santa Cruz	Pág. 189

SULCEPA

CIA. SUL CEARENSE DE PAPEIS

REGOZIJA-SE PELO
LANÇAMENTO DO

26.^o

NÚMERO DE

ITAYTERA,

SINAL DO VIGOROSO
ESFORÇO
DOS
INTELECTUAIS
CONTERRÂNEOS.

a ferragista

uma organização
tão cratense
quanto esta revista

Em 1950 começava no Crato a história de uma grande organização comercial.

Inicialmente com o nome de Casa Vitória, tempos depois (1966) mudado para A FERRAGISTA.

Essa firma cresceu e logo conquistou Fortaleza (1970), abrindo uma grande loja onde sediou a Matriz, conservando no entanto a loja do Crato e depois (1974) inaugurou a terceira loja, também na capital.

Da antiga Casa Vitória, fundada por Cícero Alves de Sousa, à organização de hoje, A FERRAGISTA, capitaniada desde 1962 por Edmilson Alves de Sousa, muito progrediu e muito orgulho deu ao povo cearense. Mas o nosso maior orgulho é ser tão cratense quanto a ITAYTERA.

a ferragista

A única fiel a origem do seu nome

Matriz: Sena Madureira - TEL.: 231-0655 - FORTALEZA

Filiais: Rua Dr. João Pessoa - FONE: 521-0058 - CRATO

Av. Gomes de Matos, 505/513 - FORTALEZA